

Anderson Dias Silveira

**DISPOSIÇÕES DE CLASSE SOCIAL  
NA COBERTURA JORNALÍSTICA DE HOMICÍDIOS  
PELO DIÁRIO CATARINENSE**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em Jornalismo da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do Grau de  
Mestre em Jornalismo.  
Orientadora: Prof. Dra. Gislene Silva

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silveira , Anderson Dias  
Disposições de classe social na cobertura  
jornalística de homicídios pelo Diário Catarinense /  
Anderson Dias Silveira ; orientadora, Gislene  
Silva, 2018.  
239 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. classe social. 3. crítica de  
cobertura noticiosa. 4. homicídios. 5. Diário  
Catarinense. I. Silva, Gislene . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Jornalismo. III. Título.

Anderson Dias Silveira

**DISPOSIÇÕES DE CLASSE SOCIAL  
NA COBERTURA JORNALÍSTICA DE HOMICÍDIOS  
PELO DIÁRIO CATARINENSE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Jornalismo” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.  
Florianópolis, 10 de setembro de 2018.

---

Prof.<sup>a</sup> Cárilda Emerim Jacinto Pereira, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Gislene Silva, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Terezinha Da Silva, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Rosamaria Luiza de Melo Rocha, Dr.<sup>a</sup>  
Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP



## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Gislene, pelos valiosos ensinamentos, pela orientação no desenvolvimento da pesquisa e pelo acolhimento humano e acadêmico;

Aos meus pais, Gil e Norma, pelas disposições pré-reflexivas inscritas no meu ser e que me fazem ver o mundo à minha maneira. Por todo carinho e por todos sacrifícios para que eu tivesse a oportunidade de estudar e lutar pelos meus sonhos;

À minha irmã, Adriana, pela amizade, pelo exemplo de batalhadora, pela transmissão afetiva de que é possível construir um futuro melhor através do estudo, e por converter sua ascensão socioeconômica em investimento na minha formação. Jamais vou esquecer de tudo que fizeste por mim: o custeio do transporte para que eu frequentasse a faculdade, a compra do notebook, a ajuda na alimentação, entre tantas outras ajudas, são manifestações de todo o amor e carinho. Obrigado por não desistir de mim;

Ao meu irmão, Alexandre, um batalhador brasileiro que segue amável e fraterno apesar de todas adversidades, violências e privações de liberdade. Te ver bem é o estímulo de que preciso para seguir acreditando;

Ao meu querido amigo e professor, Paulo Capela, que mesmo sem me conhecer, me abrigou em sua casa e dividiu o pão, o teto e a companhia quando a ausência da bolsa de estudos colocou em risco a possibilidade de seguir no mestrado. Solidariedade se comemora!;

Às minhas amigas, Raquel e Rosana, pela amizade, pelas agradáveis conversas e por contarem a minha história para o Capela. Sou grato por tudo;

Ao meu cunhado, Jorge, pela solidariedade em vários momentos da minha vida;

À minha namorada, Luciana, pela amizade, carinho e companheirismo na boa e na ruim;

Ao meu amigo e compadre, Rafael, pela amizade incondicional e pelo presente de ser padrinho da Lua, ser que nos trouxe alegria e novos motivos para lutarmos por um mundo mais justo e solidário;

Aos meus amigos, Pierri e Cris, pela amizade e por serem sempre verdadeiros;

Aos melhores colegas que eu poderia ter, Caetano e Jéssica, pela amizade e pelo acolhimento nos momentos mais difíceis dessa jornada. Eu posso esquecer da sensação do mar tocando minha pele e de tantas

outras coisas prazerosas da ilha, mas jamais vou esquecer dos abraços, das conversas e dos cafés que dividi com vocês;

Aos meus amigos, Samuel, Égon, Maicon, Bryan, Badih, Deh, Murilo, Marcelo e Rodrigo, que fazem do mundo um lugar com sentido para se viver;

Às minhas amigas, Helen e Patrice, pelas conversas e pedaladas que movimentavam meu corpo, minha mente e meu espírito;

Às minhas amigas, Patrícia, Márcia e Jessica Antunes, agradáveis e fraternas companhias;

À Lisa, psicóloga competente e dedicada, que me ajudou na administração de uma mente confusa, ansiosa e inquieta. Obrigado pelo cuidado;

Ao professor, Guilherme Carvalho da Rosa, pelas estimulantes aulas de Comunicação e Cultura na minha graduação, e que até hoje inspiram meus estudos;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC pelos valiosos ensinamentos e pela dedicação constante;

Aos técnicos administrativos e trabalhadores terceirizados da UFSC que, apesar da falta de reconhecimento, são fundamentais em nossa formação;

Ao pessoal da coordenação e da secretaria do PPGJOR, pela dedicação ao nosso programa;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa convertida em aluguel, comida, transporte, xerox, livros, segurança e tranquilidade para executar esta pesquisa;

## RESUMO

Esta investigação tem como objeto de estudo o tratamento jornalístico dos homicídios noticiados pelo *Diário Catarinense*, jornal do estado de Santa Catarina, Brasil. O objetivo da pesquisa é identificar, descrever e criticar as disposições de classe social presentes na cobertura jornalística de homicídios do periódico catarinense, com base no conceito de classe social de Jessé Souza (2003, 2009 e 2010). O período de investigação compreende as mortes violentas intencionais ocorridas no primeiro semestre de 2017 em Florianópolis/SC, observando as diferenças de tratamento de cada homicídio noticiado que evidenciam atravessamentos oriundos de nossa estrutura social. A hipótese é a de que as disposições de classe social influenciam no tratamento jornalístico dado aos homicídios e reforçam o desprezo para com as classes populares.

**Palavras-chave:** classe social; crítica de cobertura noticiosa; homicídios; cobertura jornalística, *Diário Catarinense*.



## ABSTRACT

This investigation aims to study journalistic treatment of homicides published by *Diário Catarinense*, a Santa Catarina Newspaper, in Brazil. The research goal is to identify, describe and criticize the social class arrangements present in the media coverage of homicides in Santa Catarina Newspaper, based on Jessé Souza (2003, 2009 and 2010) social class concept. The investigation period catches intentional violent deaths happened in the first half of 2017 in Florianópolis /SC, observing the treatment differences in each homicide published which shows our social structure crossings. The hypothesis is that social class provisions influence journalistic treatment of homicides and reinforce popular classes contempt.

**Keywords:** social class; journalistic coverage criticism; homicide; journalistic coverage, *Diário Catarinense*.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: números dos homicídios por unidade federativa de 2013 a 2016.....	54
Figura 2: números dos homicídios no primeiro semestre de 2017, Florianópolis .....	55
Figura 3: reprodução da página do DC do dia 29 de março .....	77
Figura 4: reprodução da página do DC do dia 29 de maio .....	81
Figura 5: reprodução da página do DC do dia 7 de abril.....	83
Figura 6: reprodução da página do DC do dia 29 de junho.....	89
Figura 7: imagem da Capa do DC do dia 6 de abril .....	93
Figura 8: reprodução da página do DC do dia 7 de abril.....	96
Figura 9: Reprodução que fiz da capa do DC do dia 2 de janeiro.....	104
Figura 10:reprodução da página do DC do dia 2 de janeiro .....	105
Figura 11: reprodução de parte da capa do DC da edição dos 04 e 05 de março.....	111
Figura 12: Imagem dos três primeiros parágrafos da notícia do dia 1° de junho.....	116
Figura 13: reprodução de parte da página do DC do dia 1° de junho..	118
Figura 14: reprodução da página do DC do dia 23 de junho .....	121
Figura 15: reprodução da notícia do DC da edição dos dias 24 e 25 de junho.....	122
Figura 16: reprodução da notícia do DC da edição dos dias 11 e 12 de março.....	123
Figura 17: imagens da reportagem sobre a morte de Jennifer no DC .	127
Figura 18: reprodução da página do DC do dia 02 de janeiro.....	133
Figura 19: reprodução da notícia do DC do dia 11 de maio.....	135



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>15</b>
<b>1. Por um conceito de classe social em suas dimensões imateriais ..</b>	<b>21</b>
<b>1.1. Contra a naturalização das desigualdades nas sociedades periféricas.....</b>	<b>21</b>
<b>1.2. As instituições e as classes sociais no Brasil .....</b>	<b>33</b>
<b>2. O jornalismo e o fenômeno social dos homicídios .....</b>	<b>51</b>
<b>2.1. O fenômeno social dos homicídios no Brasil e no mundo .....</b>	<b>51</b>
<b>2.2. Estudos sobre a cobertura jornalística de homicídios.....</b>	<b>64</b>
<b>3. As disposições de classe social na cobertura jornalística do <i>Diário Catarinense</i>.....</b>	<b>71</b>
<b>3.1. Decisões de método.....</b>	<b>71</b>
<b>3.2Análise crítico-descritiva .....</b>	<b>74</b>
<b>3.2.1. GRUPO 1: Vítimas de classes populares – notas superficiais e desinteresse jornalístico .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2.2. GRUPO 2: Vítimas de classe popular – notícias breves e outros contextos para reportar homicídios .....</b>	<b>80</b>
<b>3.2.3. GRUPO 3: Vítimas de classe popular – contagens como modo de apresentação dos homicídios e diferentes episódios aglutinados em uma notícia.....</b>	<b>84</b>
<b>3.2.4. GRUPO 4: Vítimas de classe popular – conflitos entre facções criminosas como objeto de cobertura jornalística.....</b>	<b>90</b>
<b>3.2.5. GRUPO 5: Vítimas de classe média – interesse e atenção na cobertura jornalística.....</b>	<b>102</b>
<b>3.2.6. Críticas sobre a cobertura jornalística destinada para as diferentes classes.....</b>	<b>129</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>143</b>
<b>Referências.....</b>	<b>153</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>157</b>



## Introdução

*E eu quero é que esse canto torto  
Feito faca, corte a carne de vocês  
Belchior*

O jornalismo trata de acontecimentos que envolvem a vida e a morte das pessoas. Em um mundo complexo e diverso, o gênero, a classe e a etnia, entre outras possibilidades e intersecções, podem influenciar no fazer jornalístico e na sua recepção, sejam nas características do ser que produz, do ser que é narrado ou do ser que lê, vê e escuta. Logo, as vidas perdidas em decorrência de homicídios podem ter tratamentos jornalísticos e leituras atravessadas pelos distintos, provavelmente injustos, modos de reconhecimento social.

Destaco que o Brasil é o país com o maior número de homicídios no mundo<sup>1</sup>. Em 2016 ocorreram 62.517 mortes violentas intencionais, maior número já registrado no país segundo os dados contidos no *Atlas da violência* (2018). Em média, sete pessoas foram assassinadas por hora no ano de 2016 em nosso território de acordo com o *Anuário brasileiro de segurança pública* (2017). No *Atlas da Violência*, desenvolvido em parceria pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), consta dados oriundos do Ministério da Saúde e de instituições policiais que informam que pela primeira vez em nossa história o país superou o patamar de trinta mortes por 100 mil habitantes, 30,3 (IPEA; FBSP, 2018, p. 20). Na última década, 553 mil pessoas foram assassinadas.

Em 2017 ocorreram 1.157 homicídios no estado de Santa Catarina e na capital, Florianópolis, 197 pessoas foram assassinadas, de acordo com meus cálculos a partir dos dados publicados no site<sup>2</sup> da Secretaria de Segurança Pública (SSP). No primeiro semestre do referido ano, Florianópolis contabilizou 104 homicídios e 53 destes foram noticiados pelo *Diário Catarinense*.

Diante da gravidade do fenômeno social dos homicídios no Brasil, busco perceber possíveis desigualdades de tratamento no jornalismo que reporta as vidas perdidas em decorrência de homicídios em Florianópolis/SC. Tomo como **objeto de estudo** a cobertura jornalística de homicídios pelo *Diário Catarinense* (DC), **com o objetivo de** identificar, descrever e criticar as disposições de classe

<sup>1</sup> Maior em números absolutos, não em proporção aos habitantes.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://portal.ssp.sc.gov.br/sspestatisticas.html>

social presentes na cobertura jornalística de homicídios publicados pelo *Diário Catarinense*, orientado pelo conceito de classe social de Jessé Souza (2003, 2009 e 2010).

O conceito de classe social que adoto nesta investigação não corresponde à renda ou à posição do sujeito em relação aos meios de produção. A partir do diálogo com os estudos do sociólogo brasileiro Jessé Souza, trabalho nesta pesquisa uma perspectiva de classe em suas dimensões imateriais. Essa perspectiva é fruto, dentre outros esforços, da união que o autor faz das teorias de Charles Taylor e Pierre Bourdieu, além dos resultados dos estudos empíricos de fôlego que realizou sobre classes sociais no Brasil.

Os dois autores utilizados por Souza percebem, cada um ao seu modo, um fenômeno comum que implica o desconhecimento das pessoas sobre suas próprias condições de vida relacionadas com a estrutura social. Na interpretação de Taylor esse fenômeno assume o nome de naturalismo e na de Bourdieu, doxa. Para ambos, existe nas sociedades modernas uma espécie de ilusão de sentido no cotidiano que provoca o desconhecimento de questões de nossa estrutura social e que faz com que as desigualdades pareçam legítimas. Além disso, as complementariedades e diferenças entre os dois estudiosos estão nos seus focos de pesquisa. O primeiro investigou como os fundamentos morais do Ocidente legitimam as desigualdades e o segundo se ocupou de perceber essas diferenças nas relações de poder a partir do conceito de *habitus*.

A partir das reflexões de Charles Taylor Jessé Souza discute o pano de fundo moral não tematizado pela maioria das pessoas e que orienta parte significativa das ações humanas. Esses fundamentos, ou hierarquias morais, do mundo ocidental foram ancorados institucionalmente em dois momentos da história e permanecem nos modos de ser e agir das pessoas em nossos dias. O primeiro momento refere-se à noção de interioridade, empregada pela igreja católica por Santo Agostinho e o segundo está relacionado com as transformações da vida cotidiana propiciadas pela reforma protestante. Essas mudanças criaram um tipo de sujeito – digno e produtivo – valorizado no atual estágio do capitalismo.

Nas reflexões de Bourdieu, Souza demonstra que esses fundamentos morais não são acessíveis se não forem aprendidos desde os primeiros momentos da socialização familiar, através do conceito de *habitus*. Na interpretação do sociólogo brasileiro falta em Taylor uma teoria contemporânea da luta de classes que em Bourdieu pode ser observada na “sofisticada análise da forma singularmente opaca e

refratada que a dominação, mascarando seu caráter de classe, assume na modernidade” (2003, p.86). Logo, Jessé Souza articula a proposição para a realidade brasileira e por conta de características de nossa sociedade desenvolve subdivisões internas no conceito de *habitus* para explicar as desigualdades sociais do Brasil.

Para Jessé Souza não é no campo econômico e material que se encontram as características de uma classe social, mas de forma mais determinante nas particularidades imateriais. É a partir das disposições valorativas e de comportamento constituídas desde tenra infância e ao longo da vida – do *habitus* – que o autor pensa as classes sociais. Essas disposições são pré-reflexivas, ou seja, não fazem parte das decisões conscientes das pessoas por seus modos de pensar e agir. As disposições de classe social estão inscritas no corpo das pessoas e fazem parte de toda uma complexa cadeia subliminar e subconsciente de capacidades e acessos distintos aos bens culturais e sociais.

As disposições de classe social são, em boa medida, perceptíveis no texto jornalístico e na sua recepção. Pois o *habitus* de classe se manifesta no uso dos repertórios culturais, nos modos de perceber a vida e a sociedade e, possivelmente, estão presentes no reconhecimento social das vidas perdidas em mortes violentas intencionais. Questões que podem estar naturalizadas devido aos fundamentos morais que hierarquizam o valor diferencial entre as pessoas. O jornalismo, pode-se afirmar, é atravessado pelos modos de reconhecer o mundo que pertencem aos sujeitos que produzem as notícias. As disposições de classe estão inscritas em nosso ser e também estão projetadas nas pessoas que compartilham conosco o cotidiano – inclusive nos sujeitos que, por algum motivo, se tornam notícia.

Para cumprir o **objetivo** desta investigação – identificar, descrever e criticar as disposições de classe social presentes na cobertura jornalística de homicídios publicados pelo *Diário Catarinense* – analiso as mortes ocorridas no primeiro semestre de 2017 em Florianópolis que foram noticiadas pelo periódico catarinense em sua versão digital idêntica a edição impressa. Nesse período, ocorreram 104<sup>3</sup> homicídios em Florianópolis e **53 destes foram noticiados na versão digital do DC**. Esses homicídios noticiados compõem o **objeto empírico** desta pesquisa, cujo **corpus** está estruturado em 62 notícias. As notícias na

---

<sup>3</sup> O *Diário Catarinense* noticiou que ocorreram 101 homicídios no primeiro semestre de 2017, porém, na minha observação dos dados do site da Secretária de Estado da Segurança Pública, contabilizei 104 homicídios.

versão digital, em formato PDF, são as mesmas da publicação impressa do veículo.

Quanto às decisões de método, estas não correspondem necessariamente a uma ordem rígida de etapas e procedimentos, pois em certos momentos o experimento acontece antes de seu anúncio por meio de uma técnica específica. Para fins de fornecer uma explicação descritiva das opções teórico-metodológicas organizo o caminho da pesquisa em quatro etapas. Na primeira, realizo a busca e registro das notícias de homicídios através da leitura de todas as edições do DC do primeiro semestre de 2017. Na segunda, faço uma releitura para identificar as disposições de classe social presentes nas notícias, e a partir da releitura divido e organizo os textos de acordo com suas semelhanças de composição. Na terceira, descrevo as notícias divididas em grupos de acordo com suas semelhanças de composição identificadas na etapa anterior. Por fim, na quarta etapa, faço uma crítica da cobertura jornalística de homicídios do DC com base nas disposições de classe social identificadas e descritas nas etapas anteriores.

Em termos de hipótese, no que circunda o tratamento jornalístico do fenômeno social das vidas perdidas em mortes violentas, parece haver uma espécie de desprezo pelas classes populares na cobertura de homicídios. Em geral, o tratamento protocolar das notícias, sem a presença de narrativa que dê conta de descrever o acontecimento e, em muitos casos, a falta de fotografias e outros elementos da notícia, parece impedir que um conjunto de pessoas sejam reconhecidas socialmente por suas características de identidade. O não reconhecimento é reforçado, em alguns casos, na menção da existência de antecedentes criminais da vítima para compor um desfecho para a notícia. Tais pessoas partilham de um não reconhecimento como vidas por conta, em certa medida, do tratamento protocolar e desinteressado do jornalismo que cobre o fenômeno social dos homicídios. O tratamento protocolar faz parte do desprezo pela classe chamada provocativamente por Souza (2009) de ralé estrutural. A **hipótese** é a de que as disposições de classe social influenciam no tratamento jornalístico dado aos homicídios e reforçam o desprezo para com as classes populares. O fenômeno da má-fé institucional, identificada por Souza e outros pesquisadores na saúde, na justiça e na educação, também parece existir no jornalismo – principalmente no jornalismo que reporta as vidas perdidas em decorrência de homicídios.

A dissertação organiza-se em três capítulos. No primeiro, retomo as discussões sobre o conceito de classe social no contexto brasileiro (SOUZA, 2003, 2009, 2010). No segundo, faço um esforço de revisão

de pesquisas realizadas sobre o tema do fenômeno social dos homicídios no Brasil e da cobertura jornalística deste fenômeno. O terceiro capítulo é constituído pela explicitação das decisões de método, pelo tratamento do objeto empírico e pela análise dos resultados.



## 1. Por um conceito de classe social em suas dimensões imateriais

*Oh! Mundo tão desigual  
Tudo é tão desigual  
Gilberto Gil*

Neste capítulo apresento o conceito de classe social no contexto brasileiro a partir das discussões de Jessé Souza (2003, 2009 e 2010). Início explorando a perspectiva de classe social em suas dimensões imateriais, através das bases teóricas que possibilitam o empreendimento de Souza. Em seguida, discuto brevemente como estão distribuídas as classes sociais em nosso país e suas relações com instituições como a família, a escola e a justiça. Concluo o capítulo expondo pesquisas que adotam a mesma teoria para pensar a comunicação.

O principal interesse no momento consiste em fornecer uma espécie de quadro referencial que nos ajude a compreender o conceito de classe social por uma perspectiva simbólica. Minha intenção é discutir como o reconhecimento social e as diferentes maneiras de apropriação dos diversos capitais (educacional, cultural, político, financeiro) permitem o desprezo e o abandono de setores da população. E, assim, demonstrar que estamos divididos em classes – em certa medida estáveis – com origem, reprodução no tempo<sup>4</sup> e destinos comuns. Dessa forma, trago as bases que possibilitam o empreendimento teórico de Jessé Souza e uma breve apresentação das classes sociais no Brasil.

### 1.1. Contra a naturalização das desigualdades nas sociedades periféricas

O trabalho do sociólogo Jessé Souza objetiva, entre outras intenções, demonstrar como “os reais conflitos sociais que causam dor, sofrimento e humilhação cotidiana para dezenas de milhões de brasileiros são tornados literalmente invisíveis” (2009, p.17). Seus estudos se concentram em tornar visíveis os mecanismos de manutenção e naturalização das abissais desigualdades sociais no Brasil. Nesse sentido, Souza retoma a discussão sobre as classes sociais em oposição às correntes personalistas e patrimonialistas que obtiveram a hegemonia

---

<sup>4</sup> O termo reprodução no tempo refere-se à manutenção das condições de uma classe através das gerações, pois os filhos permanecem na mesma classe social que seus os pais e assim por diante.

sobre a explicação do nosso país nas ciências sociais com ampla repercussão nos jornais e no ensino por cerca de 60 anos.

Antes de aprofundar o conceito se faz necessário explicar que a proposição aqui exposta não considera duas ideias comumente difundidas sobre o tema: a de que classe social corresponde à renda e de que há uma correlação direta com a posição do sujeito em relação aos meios de produção. A primeira, vinculada cotidianamente no noticiário tradicional e a segunda, alicerçada no marxismo vulgar, segundo Souza (2003). Ambas as visões não permitem perceber como atuam na naturalização das desigualdades os fundamentos morais do mundo ocidental e as relações de poder, baseadas na apropriação diferencial de diversos capitais desde os primeiros momentos da socialização familiar e ao longo da vida. Apesar disso, possivelmente a posição da pessoa no mundo do trabalho e a soma de rendimentos e bens encontrem confirmação na teoria que utilizo nessa pesquisa, porém essas perspectivas não são capazes de identificar as disposições de classe em suas dimensões imateriais. Ou seja, para Jessé Souza o caráter economicista torna invisíveis as tramas sociais que sustentam a incorporação diferencial de capitais simbólicos e seu reconhecimento social.

O economicismo liberal, assim como o marxismo tradicional, percebe a realidade das classes sociais apenas “economicamente”, no primeiro caso como produto da “renda” diferencial dos indivíduos e no segundo, como “lugar na produção”. Isso equivale, na verdade, a esconder e tornar invisível todos os fatores e condições sociais, emocionais, morais e culturais que constituem a renda diferencial, confundindo, ao fim e ao cabo, causa e efeito (SOUZA, 2009, p.18).

O potencial elucidativo do pensamento do filósofo canadense Charles Taylor e do sociólogo francês Pierre Bourdieu constituem os principais aportes dos estudos de Jessé Souza. Precisamente é da união entre duas perspectivas teóricas distintas que Souza, em *A construção social da subcidadania* (2003), elabora uma compreensão sobre a experiência da naturalização das desigualdades em sociedades periféricas como a brasileira. Apesar dos diferentes percursos teóricos de Taylor e Bourdieu, Souza identifica um ponto de intersecção decisivo entre autores. “Para ambos, a sociedade moderna se singulariza precisamente pela produção de uma configuração, formada pelas ilusões

de sentido imediato e cotidiano” (2003, p.164). Segundo Souza, esta compreensão comum se dá no que Taylor chama de *naturalismo* e do que Bourdieu denomina como *doxa*, pois tal percepção implica numa espécie de desconhecimento dos sujeitos a respeito das suas próprias condições de vida relacionadas com a estrutura social. Esse desconhecimento que governa nossa vida cotidiana para os dois autores é o que Souza (2003) chama de ideologia espontânea do capitalismo.

Em Taylor, essa empreitada assume a forma de uma tentativa de ressignificar e articular o contexto não tematizado que, na realidade, guia e orienta toda ação humana embora não tenhamos consciência dele na vida cotidiana. Sua luta contra o que ele chama de “naturalismo”, dirige-se precisamente contra a ilusão de sentido (ou a falta de sentido) imediato e implica na necessidade de reconstruir a prática não articulada, que comanda nossa vida cotidiana, e articular a hierarquia de valores escondida e opaca que preside nosso comportamento; daí sua empreitada de nomear e reconstruir as fontes da nossa noção de self. Para Bourdieu, o mesmo fato torna urgente uma desconstrução da grande *illusio* social, ou seja, como em Taylor, uma reconstrução do sentido imediato visto como produto de consolidações acrílicas de situações de dominação e opressão (SOUZA, 2003, p. 65).

As diferenças e complementaridades entre os dois autores estão nos focos de estudo de cada um, pois os estudos de Taylor tratam dos imperativos morais que legitimam as desigualdades e os estudos de Bourdieu focam em como se articulam as desigualdades nas relações de poder. É nesse casamento entre moralidade e poder que Jessé Souza pensa as classes sociais na modernidade periférica, ou seja, na realidade brasileira. Souza uniu as duas perspectivas, em outras palavras, juntou-as “de modo a torná-las operacionais no sentido de se permitir perceber como moralidade e poder se vinculam de modo peculiar no mundo moderno, especialmente no contexto periférico” (SOUZA, 2003, p.166). Taylor desenvolveu seus estudos para compreender a hierarquia valorativa moral do Ocidente e Bourdieu, a partir do conceito de *habitus*, percebeu como esses valores são incorporados e tornados disposições de comportamento.

A ênfase unilateral de cada um dos autores em certas dimensões, nomeadamente a ênfase tayloriana na reconstrução do pano de fundo moral de nossas ações e a ênfase bourdieusiana na dimensão da luta por poder relativo de pessoas e grupos, parece-me compensar deficiências recíprocas dessas teorias conferindo uma força peculiar à sua articulação combinada (SOUZA, 2003, p.66).

Para Jessé Souza, a influência dos estudos de Charles Taylor em sua intervenção no debate sobre o multiculturalismo<sup>5</sup> tem duas grandes contribuições para se pensar o reconhecimento das classes sociais na modernidade periférica: em primeiro lugar a hierarquia valorativa do Ocidente, através da suposta igualdade e universalidade da noção de dignidade, e em segundo lugar a ideia de expressão única e original dos indivíduos como promotora da ética da autenticidade. O primeiro recebe mais atenção do sociólogo brasileiro e, pelo menos em minha leitura de *A construção social da subcidadania*, é mais importante para o autor pensar as classes no Brasil<sup>6</sup>.

Nos termos da noção de dignidade e de concepções de mundo que influenciaram a genealogia da nossa hierarquia moral, Souza (2003) identifica na obra tayloriana dois momentos de ancoramentos institucionais das ideias que marcam a especificidade do Ocidente moderno. Esses momentos de ancoramentos podem ser traduzidos por períodos em que instituições sociais de grande penetração popular introduziram, fixaram e difundiram valores e ideias. A razão interiorizada, a partir do pensamento de Santo Agostinho, mas disseminada pela instituição da Igreja Católica e as consequências da reforma protestante são as duas fases de ancoramentos que lograram o êxito de ampliar as ideias que antes pertenciam a pensadores isolados.

Nesse sentido, é fundamental explicar o ancoramento institucional de ideias que vieram a marcar a especificidade do Ocidente moderno, dado que é a partir desse ancoramento que

---

<sup>5</sup> Em síntese, multiculturalismo é o primado das democracias liberais pela convivência pacífica entre culturas distintas em um mesmo ambiente, país, território.

<sup>6</sup> Creio que o tema da ética da autenticidade apareça de forma mais aprofundada nos estudos sobre as frações da classe média brasileira que ainda não foram publicados.

concepções de mundo, que antes só existiam na cabeça de pensadores isolados, logra efetividade social também para o grande número (SOUZA, 2003, p.68).

O primeiro momento refere-se à adoção, pela Igreja católica, via o pensamento de Santo Agostinho que depois vai ser empregado (ou pregado) em cada igreja católica do mundo, da virtude platônica de oposição corpo-espírito. Essa incorporação da virtude platônica está relacionada à outra importante noção: a de interioridade. A noção de interioridade possibilitou uma espécie de universalização da salvação por meio do controle racional dos afetos e das paixões da carne, controle do corpo através do espírito elevado, racionalizado e digno. Segundo Jessé Souza, essa oposição e suas ressignificações – inferior-superior, vulgar-nobre e assim por diante – são decisivas para o estabelecimento dos fundamentos morais do Ocidente moderno.

É pela “interioridade que somos capazes de chegar ao superior” (2003, p. 27) e é por essa noção que adquirimos a compreensão de pensar a própria existência. Ser responsável pela própria salvação e se diferenciar entre os seres que vivem, pois, além de viver e ter consciência disso há uma diferença qualitativa em relação ao simples vivente e à natureza. A interioridade é uma fonte de reconhecimento e de autoestima compartilhada por meio da oposição espírito-corpo ou mente-corpo, os que a possuem controlam seus impulsos por meio de um espírito elevado. Essa ideia permitirá outras formas de reconhecimentos baseadas nesta oposição. “Afim, não só a divisão entre classes, mas também a oposição entre minorias sexuais, raciais e culturais e a cultura dominante vai assumir a forma de oposição entre mente e corpo” (2003, p.81).

O segundo momento é a partir das consequências para a vida cotidiana da reforma protestante. Esse segundo período “se dá no contexto de uma transformação provocada pela revolução protestante e que Taylor chama de ‘afirmação da vida cotidiana’”, (SOUZA, 2003, p.68). A reforma protestante continua e radicaliza a hierarquia moral do Ocidente levando para a esfera de afirmação do trabalho ordinário a base significativa do reconhecimento social e autoestima dos indivíduos. A redefinição do caminho do bem e da salvação no cristianismo reformado, a partir do trabalho útil como fonte de dignidade aparentemente universal e suas variações incorporadas: autocontrole, trabalho produtivo e calculado, raciocínio prospectivo, entre outros, criam, em consequência, uma forma específica de ser humano

valorizado. Os dois momentos permitem que a virtude da dignidade que antes na história era uma faculdade dos nobres, clérigos e aristocratas seja “aburguesada como fonte moral por excelência para o ser humano comum” (SOUZA, 2003, p.29). Virtude que legitima o poder da burguesia como a primeira classe dominante que de fato trabalha.

“O controle racional pela vontade conduz a uma nova e radical maneira de auto-objetificação” (SOUZA, 2003, p.30). Essa dignidade única, fonte de autoestima, que recria nossos hábitos e normas, combinados com as transformações da ética da autenticidade, é o que Taylor chama de self pontual. Essa nova forma de se perceber internamente engendra uma série de concepções de bem e mal, certo e errado localizadas nas fontes de moralidade. Além disso, o self pontual equivale ao ideal de responsabilidade sobre si, que juntamente com as noções de liberdade e razão que o acompanham, possibilitam uma nova forma de dignidade vinculada às práticas modernas.

É esse o ponto que merece destaque no que tange a contribuição de Charles Taylor para se pensar as classes sociais por uma perspectiva simbólica. Os seres humanos que são reconhecidos socialmente e logram sucesso no mundo do trabalho, por exemplo, são aqueles que são disciplinados e que controlam os impulsos da carne. São pessoas que, via pensamento prospectivo, conseguem trabalhar, estudar e planejar uma trajetória que na sequência lhe trará resultados e não são influenciados apenas pelas necessidades humanas imediatas. É na valorização de um tipo de pessoa que tenha autocontrole, autoconfiança, raciocínio prospectivo, que se diferencia da natureza pela vontade humana racional, livre e digna que estão os suportes de uma concepção de mundo que nos habita – aparentemente fundamentos universais e acessíveis a todos. Dessa forma, as pessoas que não possuem esse conjunto de características, que na verdade não tiveram disposições para incorporar tais fundamentos como veremos a seguir, não são dignas de apreço social. As classes sociais vão se diferenciar por meio do reconhecimento de suas competências produtivas, dignas e “autênticas” no estágio atual do capitalismo.

Esses valores, a partir dos processos de ancoramentos, garantem significado social para uma ideia de moralidade e dignidade, supostamente, universais e igualmente acessíveis para todas as pessoas. O Estado centralizado e o mercado competitivo, as duas principais instituições sociais do Ocidente moderno, correspondem aos princípios desses fundamentos morais que também estão em sua gênese. Dessa forma, a lógica de mercado e Estado com suas práticas coercitivas, disciplinadoras e normativas representam a hierarquia moral do

Ocidente. Esse conjunto de valores simbólicos e normativos, não percebidos pelos sujeitos, é o que podemos chamar de ideologia espontânea do capitalismo – tema caro para Jessé Souza e também considerado nas articulações entre Taylor e Bourdieu realizadas pelo sociólogo brasileiro.

A gênese do self pontual em Taylor é passível de ser interpretada como a pré-história das práticas sociais disciplinadoras, das quais o mercado e o Estado são as mais importantes, fruto de escolhas culturais contingentes e que, de forma implícita e intransparente, mas de nenhum modo neutra, impõem tanto um modelo singular de comportamento humano definido como exemplar quanto uma hierarquia que decide acerca do valor diferencial dos seres humanos. É este modelo implícito e singular que irá, crescentemente, a partir do seu ancoramento institucional, premiar em termos de prestígio relativo, salário e status ocupacional os indivíduos que dele mais se aproximam e castigar os desviantes. (...) gerações que já nascem sob a égide das práticas disciplinadoras consolidadas institucionalmente, esse modelo contingente assume a forma naturalizada de uma realidade auto-evidente que dispensa justificção. Responder aos imperativos empíricos de estado e mercado passa a ser tão óbvio quanto respirar ou andar (SOUZA, 2003, p. 72).

O êxito do pensamento tayloriano, a partir da minha leitura de Souza (2003), é demonstrar como se constituíram os fundamentos morais do Ocidente e seu papel na preservação das desigualdades, uma vez que estão incorporados em nosso ser de forma não consciente. Ao tornar visível a hierarquia moral, o pensamento de Taylor permite que Jessé Souza explore como a ilusão da ideologia espontânea do capitalismo naturaliza as desigualdades e legitima sua manutenção. Demonstrar que esses fundamentos não são acessíveis se não forem aprendidos e que não são tão universais, igualitários e justos, como parecem ser ao grande público, é o que Jessé Souza faz na articulação com a teoria de Pierre Bourdieu.

A partir da compreensão da existência de fundamentos e hierarquias morais que operam em nossas vidas “o passo seguinte é vincular essa hierarquia a signos sociais visíveis que espelhem e

materializem essa hierarquia na vida cotidiana” (SOUZA, 2003, p.85). Se falta em Taylor, na interpretação de Souza, uma teoria contemporânea da luta de classes, “temos em Bourdieu uma sofisticada análise da forma singularmente opaca e refratada que a dominação, mascarando seu caráter de classe, assume na modernidade” (SOUZA, 2003, p.86). Para Souza, falta em Bourdieu a compreensão do contexto intersubjetivamente produzido no qual acontece essa disputa por poder relativo entre as classes por recursos escassos, contexto que Jessé Souza encontra em Taylor nos fundamentos morais do Ocidente ancorados em instituições sociais como mercado e Estado.

Jessé Souza traz para o debate uma série de questões<sup>7</sup> que envolvem o percurso teórico de Pierre Bourdieu, mas creio que o mais importante para pensar as classes sociais em suas dimensões imateriais é o conceito de *habitus*. O conceito de *habitus* refere-se aos conjuntos de disposições simbólicas, aos esquemas valorativos e avaliativos em relação aos vários sentidos da vida e do cotidiano. Tais disposições são pré-reflexivas, e não há escolha consciente, reflexiva e objetiva das pessoas por estas disposições de sentir, pensar e agir. Além disso, essas disposições de comportamento são incorporadas desde tenra infância pelas pessoas e são constituídas por estímulos e aprendizados reproduzidos pelo afeto ao longo da vida.

O conceito de *habitus* permite sair da prisão do realismo da estrutura na medida em que se apresenta como a forma pela qual a “necessidade” exterior pode ser introjetada, mais que isso, “encarnada” e “incorporada” pelos agentes. O *habitus* seria um sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, ou seja, um sistema de disposições duráveis inculcadas desde a mais tenra infância que pré molda possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas (SOUZA, 2003, p.43-44).

Nesse sentido, o *habitus* aproxima-se de uma espécie de segunda natureza e está presente em nosso ser de forma inconsciente. A internalização desses conjuntos de disposições – ora de questões práticas, ora de questões mais importantes e permanentes – está

---

<sup>7</sup> Tal como fez com Charles Taylor, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, desenvolvendo críticas e potencializando pontos fortes para desenvolver sua teoria da modernidade periférica.

relacionada com o nosso consumo e com formas específicas de relações sociais. As nossas escolhas, das mais cotidianas como escolher o local para jantar, até as mais decisivas, como a escolha da profissão e outros anseios da vida podem não ser tão conscientes quanto pensamos que sejam. “O *habitus* seria, portanto, um esquema de conduta e comportamento que passa a gerar práticas individuais e coletivas” (SOUZA, 2003, p.44).

Ainda que o conceito de *habitus* permita perceber as disposições de classe na estrutura social, essa perspectiva, na visão do sociólogo brasileiro, não contempla a complexidade da modernidade periférica. Para Souza, o sociólogo francês não percebeu uma série de aprendizados sociais e morais adquiridos em lutas políticas que ultrapassam as barreiras de classe. Aliás, é por conta da análise bourdieusiana contingente ao espaço-tempo pacífico de grandes tensões sociais (*Welfare State*) que Jessé Souza percebe as limitações do conceito de *habitus*. A França dos anos 1970<sup>8</sup>, estudada por Bourdieu, tinha atingido um patamar básico de cidadania e dignidade entendido aqui como uma configuração prática de um estado promotor de bem estar social, semelhante ao de outras sociedades desenvolvidas centrais, que nunca corresponderam à realidade brasileira. Esse consenso transclassista de dignidade e cidadania não é percebido por Bourdieu no seu estudo sobre as diferenças entre as classes sociais da sociedade francesa da segunda metade do século XX. Por isso, Jessé Souza diz que gostaria de:

propor uma subdivisão interna à categoria de *habitus*, de tal modo a conferir-lhe um caráter histórico mais matizado inexistente na análise bourdieusiana e acrescentar, portanto, uma dimensão genética e diacrônica à temática da constituição de *habitus*. Assim, a invés de nos referirmos apenas de *habitus* genericamente, aplicando-o a situações específicas de classe em um contexto sincrônico, como faz Bourdieu, acho mais interessante e rico para meus propósitos falarmos de uma “pluralidade de *habitus*”. Se o *habitus* representa a incorporação nos sujeitos de esquemas avaliativos e disposições de comportamento a partir de uma situação socioeconômica estrutural, então mudanças

---

<sup>8</sup> É possível que a sociedade francesa de nossos dias, por conta da tensão social em relação à migração, por exemplo, não seja percebida do mesmo modo que a França dos anos 1970 estudada por Bourdieu.

fundamentais na estrutura econômico-social deve implicar, conseqüentemente, mudanças qualitativas importantes no tipo de *habitus* para todas as classes envolvidas de algum modo nessas mudanças (SOUZA, 2003, p.165).

A proposta do sociólogo brasileiro ocorre no sentido de desenvolver noções aplicáveis para as condições da modernidade periférica. Nesse sentido, Jessé Souza propõem subdivisões internas no conceito de *habitus*. A lógica é a seguinte: se o conceito de *habitus* é a incorporação de esquemas de julgamentos e avaliações pré-reflexivas em determinado contexto socioeconômico é preciso repensá-las em outras condições. O conceito de Bourdieu foi cunhado dentro de uma série de condições sociais e econômicas específicas, quando se muda de sociedade é preciso readequar a teoria. É a partir da exigência de readequação para a realidade brasileira que Souza desenvolve uma pluralidade de *habitus*. Logo, em sua proposição de subdivisão interna surgem as categorias de *habitus* primário, *habitus* precário e *habitus* secundário.

A categoria de *habitus* primário equivale ao da proposição original de Bourdieu e considera os esquemas avaliativos e disposições de comportamentos incorporados em um contexto de cidadania e dignidade compartilhadas em toda sociedade. Nesse sentido, o consenso de dignidade em certa medida torna homogênea a economia emocional de um modo transclassista e não necessita ser tematizado para se observar as diferenças nas disposições de classe que se localizam nas distinções na esfera do gosto, como demonstra Bourdieu em *A distinção* (2011) e em *A economia das trocas simbólicas* (2007). É esse consenso de reconhecimento social que torna efetiva as ideias de dignidade e cidadania nas dimensões ultra e infra jurídicas, também em outras esferas da vida, na leitura de Souza.

O *habitus* precário, que no contexto brasileiro é uma espécie de herança da instituição social da escravidão, refere-se aos esquemas avaliativos e às disposições de comportamento que não contemplam em suficiência os fundamentos morais do Ocidente. Dessa forma, trata-se de pessoas, ou grupos, que não atendem as características produtivas valorizadas no atual estágio do capitalismo e por esse motivo não gozam de reconhecimento social. Assim, o *habitus* precário<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> Jessé Souza alerta para a existência de setores da população de sociedade centrais também serem reconhecidas e terem as disposições de comportamento

seria o limite do “*habitus* primário” para baixo, ou seja, seria aquele tipo de personalidade e de disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que, seja um indivíduo, seja um grupo social, possa ser considerado produtivo e útil em uma sociedade de tipo moderno e competitivo, podendo gozar de reconhecimento social com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas. (SOUZA, 2003, p.167).

O *habitus* secundário também tem seu limite no *habitus* primário, mas ao contrário do *habitus* precário, para cima. As disposições de comportamento e os esquemas avaliativos são considerados nos setores da nossa população que estão incluídos em esferas da vida como o consumo e o mundo do trabalho qualificado. O *habitus* secundário, assim como o *habitus* primário, teria nas disposições que compõem o gosto e na ética da autenticidade suas distinções, mas não apenas. Nesse sentido, o *habitus* secundário:

tem a ver com o limite do ‘*habitus* primário’ para cima, ou seja, tem a ver com uma fonte de reconhecimento e respeito social que *pressupõe*, no sentido forte do termo, a generalização do ‘*habitus* primário’ para amplas camadas da população de uma dada sociedade. (SOUZA, 2003, p.167).

Cabe destacar que o respeito e o reconhecimento do *habitus* secundário contemplam amplas camadas da população, mas não todas, como no *habitus* primário. O fundamento da distinção das pessoas que incorporam o *habitus* secundário em relação ao restante da sociedade está na apropriação que Jessé Souza faz da ideologia do desempenho - que corresponde à tríade de qualificação, posição e salário. A ideologia do desempenho permite a atribuição de respeito para os sujeitos valorizados como produtores e cidadãos, estimulados por um possível mérito referente ao desempenho individual. Nesse sentido, essa lógica “não apenas estimula e premia a capacidade de desempenho objetiva, mas legitima o acesso diferencial permanente a chances de vida e apropriação de bens escassos” (2003, p.169). As fontes de valorização contribuem para solidariedades definidas pela classe e estão, em grande

---

do *habitus* precário, mas que só nas sociedades periféricas é um fenômeno de massa permanente.

medida, nas mesmas fontes de valorização que atribuem e nutrem os mecanismos de distinção que possibilitam o desprezo pelas pessoas que não se aproximam dessa hierarquia moral e são individualmente culpadas por sua posição e consequente marginalização.

A partir da mais tenra infância constituímos e incorporamos nosso *habitus* de classe. Em outras palavras, é na sociabilização familiar que iniciam os aprendizados e a incorporação diferencial dos capitais imateriais. Por isso, a começar na apropriação dos diversos capitais simbólicos desde os primeiros momentos e ao longo da vida que se constroem as disposições de classe social. As classes sociais e as frações de classe compartilham de um mesmo modo de vida que permitem a absorção de conhecimentos específicos que correspondem ao universo de suas socializações. A família, como a primeira instituição social que temos contato em nossa vida, consiste na esfera de socialização fundamental para os primeiros aprendizados de uma classe. Portanto, as heranças de ordem imaterial e simbólica constituem e sustentam privilégios de uma classe e a manutenção do abandono para outras em um mundo onde o conhecimento é um dos principais capitais. Ainda assim, as famílias por si só não criam as disposições de comportamento, mas elas as constroem coletivamente com outras famílias e nas relações com instituições o modo de pensar e agir de classe.

O que se esquece é que as famílias não possuem, enquanto famílias, nenhuma matriz valorativa. Elas buscam a visão de mundo que implementam diariamente em “outro” lugar. Se não fosse assim cada família ensinaria coisas distintas aos filhos, o que, sabemos, não é o caso. Ao contrário, as famílias de uma mesma classe ensinam coisas muito semelhantes aos filhos, e é isso que explica que esses filhos de uma mesma classe encontrem amigos, namorados, e, depois, esposas e maridos da mesma classe e comecem todo o processo de novo (SOUZA, 2009, p. 44).

O que caracteriza algumas frações da classe média, por exemplo, é a transmissão afetiva, “imperceptível porque cotidiana dentro do universo privado da casa” (2009, p.19), das precondições que colaboram na aquisição e reprodução de capital cultural. Aliás, precondições que permitirão aos filhos dessa classe competir com maiores chances de sucesso no universo escolar e no mundo do trabalho. Assim, os exemplos cotidianos e a convivência na socialização familiar são incorporados pelas pessoas que nele convivem sem que seja necessário

esforço de aprendizagem. De forma naturalizada se constituem as disposições que definem, em boa medida, as possibilidades e impossibilidades das pessoas.

O filho ou a filha de classe média se acostuma, desde tenra idade, a ver o pai lendo jornal, a mãe lendo romance, o tio falando inglês fluente, o irmão mais velho que ensina os segredos do computador brincando com jogos. O processo de identificação afetiva – imitar aquilo ou quem se ama – se dá de modo “natural” e “pré-reflexivo”, sem a mediação da consciência, como quem respira ou anda, e é isso que o torna tanto invisível quanto extremamente eficaz como legitimação do privilégio (SOUZA, 2009, p.19-20).

## 1.2. As instituições e as classes sociais no Brasil

Não está entre os meus interesses nesse tópico descrever de maneira minuciosa as classes sociais, mas apenas contextualizar brevemente como elas estão organizadas em nosso país e como são reconhecidas. A classe média seria algo entorno de 20% da população, podendo ser percebida, no mínimo, em quatro grandes frações<sup>10</sup> pelo que pude observar em entrevista dada pelo sociólogo Jessé Souza<sup>11</sup>. Além do estudo teórico que embasa este tópico, *A construção social da subcidadania* (2003), fazem parte da discussão os resultados de dois estudos empíricos de fôlego sobre duas grandes classes sociais do Brasil: *Os batalhadores brasileiros* (2010) e *A ralé brasileira* (2009)<sup>12</sup>.

Em *Os batalhadores brasileiros* (2010), Jessé Souza desmistifica a ideia de que a entrada de aproximadamente 30 milhões de brasileiros de forma mais ativa no universo do consumo, na história recente, representa a consolidação de uma nova classe média. Pelo contrário, Souza demonstra no estudo empírico como as rotinas e os tipos de trabalho dos batalhadores são consideravelmente diferentes dos setores

---

<sup>10</sup> Souza ainda não descreveu as peculiaridades dessas quatro frações de classe média.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C9X4wXEXt0U>

<sup>12</sup> Cabe destacar que ainda não foram publicados os estudos empíricos sobre a classe média, ou pelo menos não tive acesso. Da mesma forma, o recém-lançado livro que discute o papel das elites na conjuntura brasileira (*A Elite do Atraso – da Escravidão à Lava Jato*) não está presente neste capítulo.

médios da população<sup>13</sup>. Dessa forma, é através das histórias de vida e do *habitus* dessas pessoas que percebemos que se trata de um novo estrato da classe trabalhadora entre nós no atual estágio do capitalismo periférico. Além disso, parte significativa dos batalhadores adquiriu autoestima, autoconfiança e pensamento prospectivo a partir da presença das igrejas pentecostais e neopentecostais em suas vidas que, entre outras coisas, difundem a teologia da prosperidade<sup>14</sup>.

No livro *A ralé brasileira* (2009), Jessé Souza e seus colegas também apresentam um denso trabalho empírico sobre a classe que representa cerca de um terço da população do país. Além disso, assim como em *A construção social da subcidadania* (2003), o sociólogo discute como a instituição social da escravidão e o patriarcalismo, em um primeiro momento, e o abandono e o desinteresse durante o processo de industrialização da era Vargas em diante, em um segundo, permitiram a constituição e a manutenção de uma espécie de subcidadão. Para Jessé Souza, a escravidão é a instituição social que marca a especificidade brasileira. Na perspectiva do autor, a herança escravocrata nunca foi realmente resolvida nos dois processos históricos de transformação do país, a abolição da escravatura e o projeto de modernização dos anos 1930. A escravidão e o poder dos senhores de terra e gente são os elementos fundamentais da formação social brasileira até a abolição. Após a abolição e durante os processos de modernização do país parte da população negra, descendente de escravos dos períodos anteriores e outros setores marginalizados, não foram incluídos na nova organização social.

A ralé brasileira é a classe que incorpora o *habitus* precário, conforme é possível ver nas histórias dessas pessoas no estudo empírico (SOUZA, 2009, p.125-305). As diferenças na socialização familiar, a falta de estímulos para a concentração e para o pensamento abstrato necessário no universo escolar e a autoestima para estas tarefas são substancialmente distintas entre as classes e, no caso da ralé, desestimulantes para atender as demandas de reconhecimento valorizado no estágio atual do capitalismo. Por exemplo, a recorrência da dificuldade que membros da ralé encontram para manter a concentração

---

<sup>13</sup> É possível que parte significativa dos batalhadores esteja entre os 14 milhões de novos desempregados noticiados pelos jornais de todo o Brasil.

<sup>14</sup> Em síntese, é uma doutrina religiosa que defende e dissemina entre os fiéis – em moldes semelhantes aos fundamentos da reforma protestante para o trabalho cotidiano – que a bênção financeira é o desejo de Deus, mas com uma relação de contrapartida financeira para a instituição religiosa.

nas atividades escolares é um indício de ausência de disciplina e autocontrole que parecem “naturais”, especialmente quando comparados aos setores médios. Ainda nessa questão, a baixa autoestima desses brasileiros quando questionados sobre o universo da escola e o mundo do trabalho qualificado evidenciam que a incorporação dos fundamentos morais do Ocidente não são tão universais como parecem ser ao grande público. Logo, as experiências no seio familiar oferecem parte significativa das disposições incorporadas que permitem, ou não, capacidades para o conhecimento escolar e para atividades no mundo do trabalho. É preciso salientar que a família nesse estudo não corresponde necessariamente à ideia da figura de pai e mãe biológicos, mas qualquer configuração familiar que assume o papel de educar e proteger. Assim, uma família estruturada é aquela “constituída por pessoas capazes de oferecer uma situação de vida segura, estável e emocionalmente equilibrada às crianças” (FREITAS, 2009, p.282).

A questão central para Jessé Souza (2009) é evidenciar que a ralé é uma classe social e, assim, poder revelar a trama invisível que se limita a expor a incapacidade no universo escolar e no mundo do trabalho como fracasso individual dessas pessoas. É preciso questionar a ideia de individualidade em vista da necessidade de pensar a classe social por uma perspectiva simbólica. Os seres humanos são percebidos como indivíduos com poder de decisão e escolha para uma infinidade de questões que atravessam suas vidas, dotados de características únicas e singulares – a ideia de que somos originais e autênticos. Na proposição de Souza, a individualidade despercebida de seus vínculos sociais cumpre o papel de esconder as tramas que articulam as relações de poder na manutenção das desigualdades em nosso país. Por isso, para compreender a teoria de Jessé Souza, é preciso entender que somos seres sociais constituídos em relação às inúmeras instituições que perpassam nossas vidas. Duas destas instituições, o Estado e o mercado, marcam a modernidade no Ocidente, e outra, a escravidão, foi decisiva para a formação da sociedade brasileira.

As pessoas não se relacionam diretamente com o Estado e com o mercado, mas com outras instituições que também compõem as nossas vidas e por isso é necessário compreender o indivíduo como alguém que faz parte de uma família, de uma classe e que se relaciona com a escola, com a justiça, com a polícia, com instituições de saúde e etc. Além disso, no meu entendimento da teoria de Jessé Souza, o reconhecimento social dos membros da ralé é marcado pelo desprezo e pode ser observado, especialmente, no tratamento dado nos dias de hoje pelas instituições aos brasileiros das classes populares. Dessa forma, as

características de nossa estrutura social se manifestam no papel exercido pelas instituições sociais na vida das pessoas, seja a instituição família, escola, saúde pública, justiça e, também, jornalismo.

Lorena Freitas descreve no capítulo 12 de *A ralé Brasileira - A instituição do fracasso: a educação da ralé* - os dois fatores fundamentais que constituem a relação dessa classe com o universo escolar: a desorganização familiar e a má-fé institucional. Para exemplificar as consequências no fracasso escolar e posteriormente profissional dessas pessoas, Freitas (2009) apresenta histórias de vida de dois jovens com rendas semelhantes, mas com socializações familiares distintas para também demonstrar diferenças entre frações de classe popular e a ralé, além do papel da má-fé institucional em suas trajetórias.

Em um dos casos, a trajetória do jovem Juninho, a desorganização familiar não ofereceu o sentimento de dever e responsabilidade moral com os estudos. Apesar de seus pais não se oporem às atividades escolares, o jovem não encontrou nos exemplos do cotidiano a fonte de autoestima e reconhecimento – copiar quem se ama. Além disso, o componente afetivo para o conhecimento escolar, que poderia vir como o “prêmio” através de elogios e incentivo era o oposto uma vez que na família o valor das atividades da escola não era celebrado, pelo contrário, o ambiente familiar foi marcado pela insegurança e violência doméstica constante. Desde a socialização pré-escolar e durante sua curta passagem pela escola o jovem não recebeu os estímulos necessários para um bom desempenho na escola, lugar cujas regras e valores ele não reconhece como seus. Assim, “só aqueles alunos que reconhecem a autoridade do sistema escolar e já incorporaram a ‘disposição para o conhecimento’ como parte fundamental de sua autoestima podem almejar os prêmios que a instituição oferece” (2009, p.289).

O outro caso, do jovem Anderson, o sentimento de dever e responsabilidade moral com os estudos foram semeados na socialização familiar, embora os exemplos práticos do cotidiano de sua mãe e de seu pai não contribuíssem para a incorporação das disposições para o universo escolar. A diferença em relação à Juninho reside no valor que a família de Anderson deu aos estudos, como questão central na vida de um jovem, conferindo uma carga afetiva que pudesse ser apreendido por Anderson como uma prática importante e aprovável pelos seus pais. Apesar da ausência de uma socialização que oportunizasse a incorporação de disposições para o sucesso no universo escolar, as famílias das frações de classe popular, como a de Anderson,

compreendem o valor do estudo e fazem o máximo que podem para estimulá-lo.

E o máximo que Seu Everaldo e Dona Mara [pai e mãe de Anderson] podiam fazer era vigiar as tarefas escolares dos meninos, regular seus horários para que tivessem um tempo reservado aos estudos e, o mais importante: sofrer com cada nota baixa no boletim, deixando transparecer para os filhos a alegria e o orgulho que sentiam quando eles iam bem no colégio, assim como a tristeza e a preocupação quando tinham dificuldades (FREITAS, 2009, p.283).

Esse componente afetivo que os pais direcionam aos filhos está presente na maior parte dos processos escolares bem-sucedidos de pessoas das classes populares, conforme os resultados obtidos nos estudos empíricos de Jessé Souza e equipe puderam demonstrar (SOUZA, 2009 e 2010). Anderson completou o ensino médio e não se sente confiante para seguir nos estudos, embora em seu trabalho exista o incentivo para que faça um curso técnico, e Juninho largou a escola na quinta série do ensino fundamental, ambos encontraram na má-fé institucional o fim ou dificuldades em seus percursos no ensino formal. A má-fé institucional marca o desfecho da trajetória escolar precária da ralé e também constitui um obstáculo quase intransponível para as outras frações de classe popular.

No que circunda o tema da má-fé institucional, Freitas (2009, p.281-304) discute as micro e macro relações sociais deste tema, das políticas de estado aos tratamentos cotidianos dados pelos agentes que trabalham nessas instituições de ensino. A má-fé institucional está tanto nas ações de governo quanto no cotidiano dos professores e outras pessoas que trabalham nas escolas.

Quando falamos de má-fé institucional, estamos nos referindo a um padrão de ação institucional que se articula tanto no nível do Estado, através dos planejamentos e das decisões quanto à alocação de recursos, quanto no nível de micropoder, quer dizer, no nível das relações de poder cotidianas entre os indivíduos que, dependendo do lugar que ocupam na hierarquia social, podem mobilizar de forma diferente os recursos materiais e simbólicos que as instituições oferecem (FREITAS, 2009, p.294-295).

No campo das macro relações, Freitas (2009) demonstra como a exclusão quantitativa da escola até os processos de industrialização do país e a segregação qualitativa, em nossos dias, demonstram a má-fé com que a ralé e frações de classe popular são tratadas. A pesquisadora apresenta dados para fundamentar sua reflexão sobre como os grandes contingentes populacionais que não ingressavam no ensino formal até os anos 1930 são os mesmos que hoje, no contexto da universalização do ensino básico, largam a escola sem concluir o ensino fundamental. Em uma breve perspectiva histórica, a pesquisadora menciona que na organização social do Brasil Colônia apenas uma minoria dos senhores de terra e gente “tinha acesso à educação, em contraposição a uma ralé composta por agregados e escravos condenados à exclusão” (2009, p.295). O caráter seletivo permanece pouco alterado com a independência política, pois além dos senhores de terra e gente, setores intermediários da população ainda minoritários se comparados com o restante da sociedade, influenciados pela urbanização e pelo rudimentar mercado interno, também obtiveram acesso ao ensino. A demanda por educação cresceu a partir da entrada do Brasil no capitalismo industrial nos anos 1930, introduzindo grandes contingentes das classes médias para o ingresso nas escolas.

(...)essa expansão se deu em limites muito estreitos, ainda que seja significativamente grande se comparada com o período anterior. Enquanto em 1920 a taxa de escolarização da faixa etária de 5 a 19 anos era de 9%, em 1940 ela já era de 21, 43%, subindo para 53,72% em 1970. Contudo, o alto grau de seletividade do sistema, consubstanciado em altíssimas taxas de repetência e evasão, “peneirava” a maior parte da população que nele ingressava, revelando a brutalidade da seletividade de nosso sistema educacional. (FREITAS, 2009, p.296).

O que em um momento era exclusão absoluta de uma grande parte da sociedade da escola, depois com a pressão dos setores médios e a crescente ampliação do sistema de educação se transformou em uma forma mais sofisticada de segregação. As características do universo escolar, com seus métodos de avaliação que contemplam apenas aquelas pessoas com as disposições de pensamento e comportamento que dialogam com os conteúdos e saberes abordados nas instituições de ensino, não promoveram a universalização real da educação. Essa forma mais sofisticada de segregação é de difícil percepção social porque

parece reprovar individualmente os sujeitos não aptos, e não uma classe inteira de pessoas. Ademais, o modelo de avaliação está baseado em uma educação que mede o quanto de informações as crianças e jovens possam reter – informações vazias de significado para amplas camadas da população que não possuem as “disposições necessárias para se engajar afetiva e cognitivamente no mundo escolar” (2009, p.296). Segundo a pesquisadora, a seletividade do sistema escolar está em não perceber, assim como outras instituições modernas, que os requisitos necessários ao bom rendimento precisam um tipo de socialização familiar específica para que as crianças possam desenvolver as competências que a escola exige. Desse modo, Lorena Freitas apresenta dados fornecidos pelo MEC<sup>15</sup>, estudados pela pesquisadora Otaíza Romanelli, para demonstrar a seletividade do ensino no Brasil:

Dos 1.681.695 alunos que se matricularam na primeira série do curso primário em 1942, apenas 40,44% atingiram a segunda série no ano seguinte. Dessa mesma matrícula, apenas 15,5% chegaram à quarta série primária, 7,14% foram para a quinta série, 3,44% ingressara no primeiro ano do ensino médio. Os dados referentes ao ano de 1960 mostram a continuidade desse processo: dos 3.950.504 alunos que ingressaram na primeira série do ensino fundamental, mais de 57% não ingressaram na segunda série, e apenas 14,41% foram para a quinta série do ensino fundamental. (...) No ano de 2005, 97,4% das crianças brasileiras de 7 a 14 anos frequentavam a escola. Contudo, ainda hoje temos que lidar com níveis altíssimos de improdutividade, consolidados nas taxas que indicam o baixo rendimento das escolas públicas. Isso significa que a exclusão atualmente deixou de ser qualitativa e quantitativa para ser enormemente qualitativa: todos estão na escola, mas esses alunos não aprendem nem a metade do que é esperado (FREITAS, 2009, p.297-298).

O fenômeno da má-fé institucional na educação não abrange somente as esferas de governo e direcionamento de políticas públicas, mas também as relações pessoais de poder. Nas histórias de Juninho e Anderson, apresentadas brevemente acima, alguns acontecimentos na trajetória escolar desses jovens demonstram o desprezo que muitas

---

<sup>15</sup> Ministério da Educação.

vezes pessoas de frações da classe média – professores nesse caso – dispensam aos membros da ralé e de frações das classes populares via castigos, punições e humilhações. Por exemplo: no estigma que acompanhou Juninho em sua trajetória escolar por não se enquadrar nas exigências escolares em um determinado ano e que posteriormente pré-definiram suas relações com os novos professores; e quando Anderson é chamado para resolver uma conta no quadro-negro em frente aos colegas que ele não sabia resolver e a professora o desprestigia em público.

Anderson recorda uma ocasião em que Dona Geiza o chamou ao quadro-negro para resolver uma expressão matemática extremamente complicada: “uma vez ela me chamou e falou ‘oh, agora cê vai ter que resolver essa conta aqui e agora! Cê vai ter que resolver tudo. Cê não vai sair daqui sem resolver!’ Eu fui fazendo, fazia errado, ela falou: ‘Não é assim, faz a conta direito! Cê sabe como é a regra!’” Anderson lembra de que não conseguiu fazer a conta, de forma que Dona Geiza acabou por chamar outro aluno, falando com ar zombador que “é uma vergonha mesmo” na frente de toda a turma (FREITAS, 2009, p.293).

Em alguns episódios na vida de Anderson e Juninho o desprezo dispensado pelos professores, travestido de indignação por uma suposta preguiça ou incompetência dos jovens, causaram sofrimento e terminaram por cancelar a inaptidão para o universo escolar deles. No caso de Anderson o sofrimento é elaborado numa esfera de culpa e fracasso pessoal por conta do afeto e responsabilidade moral que tem com os estudos<sup>16</sup>, no caso de Juninho o sofrimento não ganha forma pela ausência do sentimento de dever e responsabilidade moral com o mundo do ensino. Para a pesquisadora, essa diferença entre Anderson e Juninho marca a diferença entre as frações de classe popular e a ralé estrutural, respectivamente, quando se trata das disposições para o universo escolar e que permite pequenas chances de sucesso para a primeira e mantém a segunda à margem das demandas do atual estágio do capitalismo.

---

<sup>16</sup> Como mencionado acima, também pode oferecer a motivação para o sucesso escolar, pois se trata de um mesmo núcleo das disposições de comportamento que valoriza o ensino.

O fenômeno da má-fé institucional também é observado na saúde pública do Brasil em *A ralé brasileira* (SOUZA, 2009, p.305-327). De modo sintético, pode-se afirmar que no período da independência política, passando pela era Vargas e pela ditadura civil-militar, a promoção e o acesso à saúde pública era dividido entre os beneficiários da previdência e uma assistência médica precária para o restante da população. No bojo dos atendidos por contribuírem com a previdência social – em primeiro momento por profissionais da saúde ligados às empresas, depois pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e depois pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) – estavam as pessoas inseridas no mundo do trabalho formal. E no bojo dos não atendidos por este sistema – que na era Vargas foram contemplados com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (Mesp) – estavam os desempregados, trabalhadores urbanos e rurais informais e demais setores das classes populares e da ralé.

De acordo com a pesquisadora, após a redemocratização do país, a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) pela primeira vez em nossa história coloca como política de saúde pública uma proposta inclusiva e igualitária e de promoção à cidadania. Algo que não se concretizou plenamente por alguns motivos, dentre eles a crise fiscal dos anos 1990 e suas consequências para o financiamento do SUS em todo o seu alcance e efetividade e, também, a ausência de mobilização e interesse social (ou do reconhecimento da cidadania de seus atendidos) com força suficiente para exigir o cumprimento de todas as suas competências. Além disso, fazem parte da má-fé institucional, tanto na saúde quanto na educação, as condições precárias e estressantes para o trabalho, baixos salários, a falta de equipamentos e etc. Para completar, a formalização da saúde complementar<sup>17</sup>, em 1998, fez com que setores da classe média, trabalhadores com convênios médicos e outras pessoas com possibilidades financeiras viáveis para custear suas despesas migrassem para planos de saúde e outros serviços privados<sup>18</sup>, mantendo a divisão do acesso à saúde.

---

<sup>17</sup> Prevista na constituição de 1988.

<sup>18</sup> A utilização dos serviços privados pode ser momentânea, pois alguns usuários do SUS com possibilidades financeiras apenas utilizam a saúde complementar quando suas necessidades não são contempladas no sistema público.

Ainda sobre a má-fé na saúde pública, Lara Luna<sup>19</sup> (2009) explica que o desprezo com as classes populares, em especial com a ralé, assume muitas formas. Como o desprezo com as classes populares via o desinteresse da indústria farmacêutica em desenvolver medicamentos para “doenças de pobre”, como a tuberculose, que as fórmulas não sofreram grandes inovações medicamentosas desde as décadas de 1940 e 1950<sup>20</sup>. Doença que persiste em algumas periferias de nossas cidades, como, segundo Luna (2009), a favela da Rocinha no Rio de Janeiro com cerca de 50 casos por mês.

Além disso, em alguns casos apresentados no capítulo que discute a má-fé da saúde pública (LUNA, 2009), foi possível conhecer relatos de pessoas que vivenciam o cotidiano de hospitais e informam sobre maus tratos que pacientes das classes subalternas receberam de profissionais da saúde – como médicos, por exemplo – e também de pacientes da ralé e de frações de classe popular que assumem posições de subalternidade nas relações com estes profissionais. Há episódios de desrespeito no atendimento quando os pacientes chegam aos hospitais feridos em conflitos envolvendo armas de fogo, reforçando o estigma e desprezo com os sujeitos implicados na delinquência. Assim, a partir das disposições de classe de cada um dos envolvidos no contexto hospitalar, do *habitus*, a hierarquia social naturaliza relações de opressão e humilhação cotidianas. Um bom exemplo desse tipo de desprezo, ou seja, da má-fé institucional, pode ser lido no texto<sup>21</sup> da jornalista Eliane Brum quando descreve as circunstâncias da morte da primeira esposa do ex-presidente Lula, Maria de Lourdes, quando eles ainda eram desconhecidos oriundos das classes populares.

Uma das manifestações da má-fé institucional que mais dialogam com meus interesses de pesquisa é o do poder judiciário, em especial da justiça penal e do sistema criminal. A pesquisadora Priscila Coutinho (2009, p.329-352) contribuiu, a partir da perspectiva teórica de Jessé Souza, com o capítulo que trata das relações entre a justiça penal e

---

<sup>19</sup> Pesquisadora que contribuiu no livro *A ralé brasileira* com o capítulo sobre a má-fé da saúde pública.

<sup>20</sup> Lara apresenta a opinião do epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Eduardo Costa, que diz que a tuberculose é uma doença negligenciada pela grande indústria por não ter interesse em desenvolver produtos para as classes populares.

<sup>21</sup> Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/06/opinion/1488822564\\_205808.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/06/opinion/1488822564_205808.html)

sistema criminal com a ralé estrutural em *A ralé brasileira*. Desse modo, sua proposição de reflexão, por meio de entrevistas e análises de audiências e outros recursos da observação empírica, consiste em questionar a separação de Estado e sociedade e sua consequente explicação para os problemas do universo do direito estarem restritos às leis pouco rigorosas, aos processos lentos e ineficazes, às burocracias pouco modernizadas e à impunidade etc.

Neste texto, nos concentramos na tentativa de compreensão do Direito Penal porque acreditamos ser esse subcampo jurídico no qual os problemas estruturais do país influenciam de modo mais radical a aplicação da norma nas dimensões material e processual. Ou seja, pretendemos demonstrar que os maiores problemas da Justiça penal não estão ligados a procedimentos retrógados, ao excesso de leis, à má qualidade das leis ou à suscetibilidade à impunidade, mas ao fato de os conflitos de classe historicamente construídos na sociedade se estendem ao Estado e à aplicação do Direito Penal, de modo a determinar a falta de alternativas à reprodução da desigualdade social pelo sistema criminal (COUTINHO, 2009, p.330).

Priscila elenca dois níveis de interação de má-fé institucional da justiça penal e do sistema criminal: um na esfera das relações entre aplicadores do direito e réus, e outro nas características históricas de formação das instituições construídas sem considerar o contexto de profunda desigualdade social em nosso país. No nível das relações entre operadores do direito e os réus, em grande medida da ralé que é sistematicamente submetida à justiça penal, nota-se diferenças de classe visíveis na insensibilidade destes operadores com os contextos de vida dos julgados. Priscila localiza parte destes aplicadores do direito como pertencentes a alas mais conservadoras<sup>22</sup> do direito que dialogam com teorias personalistas de explicação do Brasil e de suas instituições.

A insensibilidade das pessoas que julgam e os conflitos de classe aparecem no momento de aplicação do direito penal, conforme Coutinho

---

<sup>22</sup> Compreendo estes operadores como membros de setores estabelecidos da classe média, de famílias “tradicionais” que mantêm seus descendentes em posições privilegiadas do Estado e do mercado sem grandes dificuldades por conta da transferência das disposições simbólicas necessárias para ingressarem nestes postos de trabalho.

(2009). Nas análises das entrevistas com os operadores do direito e das audiências a pesquisadora demonstra como o processo penal é orientado pelas hierarquias e os conflitos próprios da realidade social, “os quais determinam a escolha dos princípios e regras jurídicas usados na concretização do Direito” (COUTINHO, 2009, p.331). Para exemplificar essa insensibilidade, Coutinho descreve algumas situações em audiências. Em um dos casos, a promotora informa a jovem Simone, que cometeu furto, que ela teria uma remissão – uma espécie de perdão da justiça que possibilitaria a soltura de Simone – e a jovem responde que prefere ficar internada na casa de correção para meninas do que voltar para casa. A incompreensão do contexto social precário, este que faz com que Simone escolha a privação de liberdade à chance de ir para casa, pode ser observado na resposta da juíza nesse caso e em outros episódios semelhantes<sup>23</sup>.

A juíza opina: “Muito mimada, tá sendo beneficiada, pô. Muito marrenta, não tenho estômago pra isso não.” A mesma juíza que se mostrou impaciente e insensível à primeira história de Simone julga duas menores que roubaram a máquina fotográfica de um turista. “Pegaram a máquina do gringo por quê?”, pergunta a juíza. Elas respondem que tinham que comprar leite para os filhos. A juíza continua: “Roubar os outros não tem justificativa nem por filho nem porque está sem serviço. Tá sem serviço, vá procurar! Vocês são ladras? Vocês são ladras?” Elas respondem que não. “Tão tendo atitude de ladra!” Quando a juiz a pergunta se elas tinham uma faca, as meninas respondem que não, e a magistrada, explicitamente irritada, responde com a face ruborizada e com voz trêmula e estridente: “Vocês disseram: Senhor gringo, me dá a máquina, por favor?” Logo depois, repreende as meninas: “Que papel hein, as duas com filho. É esse o exemplo que vocês querem dar pros filhos de vocês? Não têm vergonha não?” Uma delas responde: “Jamais quero que meu filho passe o que eu tô passando agora.” A juíza diz: “Tiveram,

---

<sup>23</sup> Algumas audiências estão nos documentários *Justiça e Juízo*, ambos dirigidos por Maria Augusta Ramos. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=qUWZHNWcj7U> e <https://www.youtube.com/watch?v=xZfoIBSfPKI>.

agora segura o pepino!” (COUTINHO, 2009, p.332).

Priscila Coutinho ainda descreve as considerações do defensor público do caso, que pediu para juíza considerar qualquer decisão, pois a casa de internação não tinha condições de abrigar as jovens com seus filhos e que isso feria o direito das menores e das crianças. Na defesa, o defensor ainda completa o argumento explicando que manter as jovens internadas seria um desrespeito às normas constitucionais e ao Estatuto da criança e do Adolescente. Nos argumentos da Juíza abaixo, podemos perceber como as solidariedades definidas pela classe tornam o turista, a vítima do roubo, a preocupação central da magistrada. Estas solidariedades oriundas das disposições de classe social estão presentes nos julgamentos que não são exclusivamente técnicos e impessoais, mas carregados das características de nossa estrutura social.

A juíza responde: “[proporcionar] Condições adequadas pra elas e os filhos cabe ao Executivo, o Judiciário não tem nada a ver com isso.” E conclui: “Direito das crianças... eu tenho que ver o direito do turista de não ser importunado”, e tenta legitimar com a mentira que integra retoricamente o discurso: “e a necessidade de reeducação de ambas, de não cometerem outro crime.” A juíza sabe perfeitamente que casas de correção não reeducam e admite isso algumas vezes, como quando pergunta, ironicamente, a um menor: “Tá bom lá no Padre Severino?” (COUTINHO, 2009, p.332-333).

O fato de a juíza não considerar o contexto de desorganização familiar das meninas que é uma das influências de socialização que levam parte dos jovens da ralé a delinquir evidência, também, a incapacidade de perceber que a hierarquia valorativa moral não é distribuída do mesmo modo em toda sociedade. Na minha leitura, a magistrada consegue compreender melhor o drama de alguém que compartilha com ela as mesmas disposições de classe e que, por sua vez, define a solidariedade entre eles, nesse caso como um medo comum dos “bandidos” e a necessidade de fazer algo que pelo menos castigue as jovens, e que justifique suas decisões. Essa não percepção das condições de vida que levam as pessoas, muitas vezes, para o universo da criminalidade “demonstram a insensibilidade de um tipo de aplicador do Direito aos dramas da ralé, insensibilidade que compõe e reproduz o *éthos* de boa parte da magistratura brasileira” (COUTINHO, 2009, p.

333). A pesquisadora apresenta mais alguns exemplos das relações entre aplicadores do direito e os réus de classes populares e, também, faz uma descrição da teoria utilizada pela ala conservadora da magistratura brasileira antes de discutir o segundo nível da má-fé institucional da justiça penal e sistema criminal: as características históricas de nossa desigualdade na formação das instituições de justiça no país.

No segundo nível, dos aspectos históricos de formação das instituições, Priscila Coutinho (2009, p.348-350) discute que além da constatação das nossas abissais desigualdades, que estas desigualdades condicionam radicalmente a constituição e a ação do Estado em nosso país. Nesse sentido, a pesquisadora explica que a formação do Estado moderno no Brasil e sua entrada em uma lógica global de organização social de mercados competitivos e seus novos padrões de comportamento não incluíram as famílias de ex-escravos e sertanejos que deram origem à ralé. Exclusão que permeia a discussão de Jessé Souza em boa parte de seus escritos e que está contida, segundo sua proposição, em muitas instituições como as três que apresentei: Educação, Saúde e Justiça.

A reconstrução histórica de alguns traços gerais na constituição do nosso Estado de Direito nos serve aqui para entendermos como a formação do Brasil é parte integrante de um processo de mudança global de toda a vida social e do surgimento de um novo modo de ser gente. Essa mudança tem seu marco fundamental na quebra do estatuto colonial e importação de um padrão civilizatório baseado na expansão da ordem competitiva e na “generalização”, minimamente necessária, do trabalho assalariado. Esse processo instaurou novos padrões de comportamento humano exigidos para a adequação ao novo contexto social (...) O problema é que grande parte da população – as famílias de ex-escravos e sertanejos que deram origem à ralé estrutural – não atendia a esses padrões e não foi considerada seriamente na elaboração dos projetos que seriam levados a cabo por esses arranjos institucionais. Não foi avaliada a urgência e a importância de metas políticas no sentido de proporcionar aos marginalizados condições para o desenvolvimento das aptidões exigidas para o produtor socialmente útil. A falta de políticas que interferissem nos

processos de socialização primária produziu uma divisão social que marca o Brasil até hoje (COUTINHO, 2009, p.348).

Esse abandono de uma parcela da população, ou seja, o esquecimento da ralé nos projetos de sociedade constitui a gênese da má-fé institucional. E a distinção entre os incluídos e excluídos na nova organização social está nas diferenças de *habitus*. Em outras palavras, as pessoas que não possuem as disposições exigidas para incorporar autoestima e autocontrole e as formas de pensar e agir necessárias para adquirir qualificação profissional, respeito por normas e estima social – *habitus* precário – são produto de uma construção social. Construção que está presente em nossos modos de ser e em nossas instituições. Por conta da ausência de arranjos institucionais que tenham o objetivo de intervir nos processos de socialização primários, onde o destino da ralé é decidido, a “pressão social para o Direito Penal seja a base normativa não da proteção de direitos fundamentais, mas de uma política de controle social” (COUTINHO, 2009, p.349) parece o único caminho em uma sociedade que abandona uma classe social inteira. Logo, como lembra Coutinho, as penas alternativas também não surtem efeito por não existir metas políticas que possam interferir nos processos de socialização que levam as pessoas a delinquir. Além disso, segundo a pesquisadora, o *habitus* precário em muitos casos é um fator criminógeno, ou seja, algumas condições às quais a ralé é submetida pesam sobre a probabilidade de delinquir – como apresento no próximo capítulo.

“A má-fé institucional age de modo a legitimar o esquecimento da ralé enquanto classe e a punição de seus membros como indivíduos” (COUTINHO, 2009, p.350). Nota-se nas três manifestações da má-fé institucional que ela se dá sempre em duas dimensões, uma nas relações pessoais de desprezo com as pessoas das classes populares e outra no contexto de formação das instituições e da não percepção política da ralé enquanto classe. As duas dimensões compõem os imperativos de manutenção da nossa construção social da subcidadania, e estão presentes nas disposições de comportamento de pessoas que estão inseridas nas escolas, nos hospitais, nos tribunais e, possivelmente no presente estudo, no jornalismo que reporta homicídios. O questionamento de Priscila Coutinho, a partir das discussões destes dois níveis da má-fé, sustenta teórica e empiricamente que a separação entre Estado e sociedade não corresponde à realidade, pois seja na interação entre seus operadores e réus, seja nos aspectos de formação das

instituições, a existência da ralé enquanto classe não é considerada. Nem sequer sua gênese social e reprodução no tempo. A construção social da subcidadania possibilita uma sociedade onde uma parcela de pessoas está incluída na nova ordem social e compartilham de uma hierarquia valorativa comum e outra à margem, excluída e abandonada ao longo dos séculos e que se reproduz no tempo sem que suas vidas importem, ou nos termos de Judith Butler (2015), sem que suas vidas sejam passíveis de luto, vidas que não são consideradas vidas (ou vivas) e não gozam de apreço e de reconhecimento social.

O que me parece fundamental nesta breve apresentação, em especial sobre a ralé brasileira, reside no fenômeno que Jessé Souza e seus colegas chamam de má-fé institucional. Essa classe e suas relações com as instituições sociais se constituem em importantes reflexões para meus interesses de investigação por conta de um possível desdobramento da minha hipótese de pesquisa em diálogo com a teoria aqui exposta. A **hipótese** é a de que as disposições de classe social influenciam no tratamento jornalístico dado aos homicídios e reforçam o desprezo para com as classes populares. Por isso, acredito que nos casos das vítimas de homicídios em determinadas circunstâncias o lugar imaginado<sup>24</sup>, ou o reconhecimento, dessas pessoas na estrutura social seja a ralé. Portanto, o jornalismo também pode reconhecer de má-fé as classes populares. Penso que a partir dos exemplos de má-fé podemos levar essas questões para o jornalismo, enquanto instituição social, embora minha pesquisa esteja limitada ao contexto das publicações de apenas um veículo. De qualquer forma, considero que a pesquisa é válida para pensar a prática jornalística, pois em alguma medida o fazer jornalístico é similar nos principais jornais de nossas capitais, como o *Diário Catarinense*.

Cabe destacar que as lentes teóricas que utilizo para pensar a cobertura jornalística de homicídios já foram tratadas em outras investigações na área da comunicação. Alguns estudos evocam o conceito de classe social para pensar a mídia inspiram meus interesses de pesquisa. Destaco dois estudos que validam e colaboram com a transposição do conceito de classe social de Jessé Souza para o universo midiático. Os exemplos de Ana Carolina Escosteguy e Líríam Sifuentes (2011) e de Veneza Mayora Ronsini (2012) permitem o diálogo entre o conceito de classe social e a comunicação.

---

<sup>24</sup> Tanto para jornalistas quanto para os leitores que comentam sobre as notícias no Facebook.

Ana Carolina Escosteguy e Liriam Sifuentes (2011), em artigo publicado na revista da *Compós*<sup>25</sup>, fazem apontamentos teóricos sobre as relações de classe e gênero em práticas orientadas pela mídia. O artigo discute questões que norteiam o grupo de pesquisa *A visibilidade da vida ordinária de mulheres destituídas na mídia*. As pesquisadoras apresentam um entrecruzamento entre as categorias posição de classe e gênero. Trata-se, além da união das duas categorias, de um texto que tem como objetivo lançar bases teóricas para pensar as próprias narrativas pessoais de mulheres a partir das consequências que a mídia acarreta para os espaços sociais e práticas da vida cotidiana. Segundo as autoras, o estudo está localizado no tema das práticas orientadas pela mídia e não nos estudos recepção, representações e consumo midiático. Para pensar tais práticas as pesquisadoras trouxeram as discussões que Souza e seus colegas (2009) fazem sobre as classes sociais, com destaque para o caráter imaterial do conceito e descrições das ocupações no mundo do trabalho das classes populares.

No livro *A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre* (2012), Veneza V. Mayora Ronsini aborda a recepção da pobreza e desigualdade nas telenovelas das 21h da principal emissora de TV do Brasil. O estudo se vale do conceito de classe aqui adotado e discute, também, outras questões e autores e pode ser identificado dentro do campo dos estudos culturais. Duas instâncias de análises que problematizam as classes sociais em nosso país compõem a investigação: a apresentação das representações de pobreza e desigualdade nas telenovelas e o estudo de recepção com jovens de classe popular, média e alta sobre essas novelas. No estudo de recepção, através de entrevistas e de etnografia, a pesquisadora percebeu uma série de questões sobre a ideologia do mérito entre os jovens de três classes e constatou que a telenovela é efetiva em “harmonizar os conflitos de classe ao tratá-los como disputa entre indivíduos” (2012, p.299), apesar de haver leituras mais críticas pelos jovens<sup>26</sup> em alguns momentos.

Compreendo que o conceito de classe social em suas dimensões imateriais, proposto por Jessé Souza, pode ser pertinente para investigar o fazer jornalístico – ou melhor, o jornalismo enquanto instituição social, que, assim como outras instituições, atua para assegurar a nossa desigualdade social. Logo, o **objetivo** desta investigação de identificar, descrever e criticar as disposições de classe social presentes na cobertura

---

<sup>25</sup> Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

<sup>26</sup> Veneza percebeu que as meninas de classe popular fizeram leituras mais positivas que os meninos, algo não identificado em outras classes.

jornalística de homicídios publicados pelo *Diário Catarinense* pode aprofundar reflexões sobre o papel desta instituição na estrutura social. Os procedimentos para identificar, descrever e criticar as disposições de classe na cobertura jornalística do DC estão descritos no terceiro capítulo desta dissertação. Antes, discuto o fenômeno social dos homicídios e o jornalismo que cobre este fenômeno.

## 2. O jornalismo e o fenômeno social dos homicídios

*Como pode ser tragédia a morte de um artista  
E a morte de milhões, apenas uma estatística?  
Fato realista de dentro do Brasil  
Você que chorava lá no gueto, ninguém te viu  
MV Bill*

Neste capítulo busco contextualizar o fenômeno social dos homicídios e discutir estudos da área da Comunicação e do Jornalismo que tratam deste fenômeno. Na primeira parte apresento alguns dados sobre as mortes violentas intencionais em diferentes sociedades e os números referentes à realidade brasileira. Além disso, fatores de influência na incidência de homicídios e também a discussão sobre a posição de classe e possibilidade de delinquir integram o tópico. Na segunda parte deste capítulo discuto brevemente trabalhos que de alguma forma se aproximam da minha proposta de pesquisa. São investigações que dialogam ora com o objeto de estudo, ora com os objetivos desta dissertação.

### 2.1. O fenômeno social dos homicídios no Brasil e no mundo

Atualmente o mundo registra os índices mais baixos de homicídios da história, com reduções na Europa, por exemplo, que iniciaram na idade média e ganharam força com o surgimento dos estados democráticos de direito. Ainda assim, o fenômeno social dos homicídios supera as mortes em consequência das guerras de nossos dias, conforme é possível observar na série de quatro artigos organizados pelo Instituto Igarapé (EISNER, 2015, VILALTA, 2015, GARZÓN-VERGARA, 2016, WAISELFISZ, 2017). “A cada ano, estima-se que 475.000 pessoas morram no mundo todo em decorrência do homicídio intencional”, (EISNER, 2015, p.3). A série de artigos intitulada *Notas de Homicídios* utiliza dados do Observatório de Homicídios<sup>27</sup> que embasa parte deste tópico de capítulo. Embora os números absolutos estejam diminuindo, existem regiões do mundo que vivem o oposto e apenas 23 países concentram quase a metade dos assassinatos.

---

<sup>27</sup> Disponível em: [homicide.igarape.org.br/](http://homicide.igarape.org.br/)

Mais de 8 milhões de pessoas foram mortas em todo o mundo devido à violência interpessoal desde o ano 2000. Isso indica que o assassinato é uma causa de morte mais importante do que todas as guerras do mesmo período combinadas. Quase a metade de todos os homicídios do mundo é cometida em somente 23 países, que abrigam um décimo da população global (EISNER, 2015, p.1).

A partir das informações contidas na série de artigos podemos perceber que a América Latina, a América Central e o Caribe estão na contramão quando o assunto é a redução das mortes violentas intencionais. Enquanto continentes como África, Ásia, Europa e América do Norte apresentam reduções constantes e regiões como a Oceania mantém números estáveis, a América Latina, a América Central e o Caribe enfrentam o crescimento dos homicídios. Porém, ainda que a redução e o crescimento possam ser percebidos como globalmente localizados, existem realidades distintas entre países de uma mesma região ou continente. Tais diferenças também existem dentro de um território, de um país e também são notáveis em diferentes locais no espaço urbano das cidades. De qualquer forma, são importantes as informações que permitem observar um contexto global do fenômeno social dos homicídios e seu desenvolvimento com o passar dos anos. Estes dados servem, também, para refletirmos a respeito do reconhecimento social das vítimas dos homicídios em lugares diferentes do mundo – em outras palavras, pensar quem é passível de luto em termos globais. Pois, “somente quatro países – Brasil, Colômbia, México e Venezuela – respondem por um de cada quatro assassinatos cometidos no mundo” (EISNER, 2015, p.5). De 2000 a 2012 a média mundial anual dos homicídios ficou entorno dos 8.3 para cada 100 mil habitantes, a América Central somou 29.1, a América do Sul 18.6 e o Caribe 17.5 (EISNER, 2015).

No Brasil, em 2016, ocorreram 62.517 homicídios de acordo com dados do Ministério da Saúde divulgados no *Altas da Violência* (2018) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Segundo o documento, pela primeira vez em nossa história o país superou o patamar de trinta mortes por 100 mil habitantes, 30,3 (IPEA; FBSP, 2018, p. 20). Nos últimos dez anos mais de 500 mil pessoas foram assassinadas em nosso território.

Em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, segundo informações do

Ministério da Saúde (MS). Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, que corresponde a 30 vezes a taxa da Europa. Apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil (IPEA; FBPS, 2018, p. 3).

De acordo com dados disponíveis no site<sup>28</sup> do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) o estado de Santa Catarina (SC) apresenta na série histórica um dos menores índices de violência letal intencional do país. Em 2013 e 2014 o estado registrou as mais baixas taxas de homicídios para a cada 100 mil habitantes do Brasil, 12 e 14, respectivamente. Em 2015, com 14 mortes para cada 100 mil habitantes e em 2016, com 15, SC ocupou a segunda posição entre as menores taxas. Os números absolutos de 2013, 828 – 2014, 921 – 2015, 976 e 2016, 1038 demonstram um crescimento e podem ser observados na tabela abaixo e comparados com outras unidades federativas.

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/estatisticas/tableau-ocorrencias/>

Figura 1: números dos homicídios por unidade federativa de 2013 a 2016.

**Ocorrências letais - tabelas**  
 Utilize os filtros laterais para escolher a ocorrência, ano, UF e tipo de dado.

UF	Mortes Violentas Intencionais							
	2013		2014		2015		2016	
	Números absolutos	Taxa/100 mil habitantes	Números absolutos	Taxa/100 mil habitantes	Números absolutos	Taxa/100 mil habitantes	Números absolutos	Taxa/100 mil habitantes
Brasil	55.847	28	59.730	29	58.459	29	61.283	30
AC	215	28	204	26	234	29	368	45
AL	2.273	69	2.201	66	1.808	54	1.877	56
AM	985	26	1.201	31	1.447	37	1.177	29
AP	245	33	274	36	250	33	388	50
BA	6.026	40	6.366	42	6.273	41	7.110	47
CE	4.432	50	4.492	51	4.130	46	3.566	40
DF	743	27	767	27	694	24	659	22
ES	1.641	43	1.626	42	1.462	37	1.296	33
GO	2.774	43	2.851	44	3.054	46	2.934	44
MA	1.782	26	2.158	31	2.280	33	2.342	34
MG	4.240	21	4.421	21	4.360	21	4.367	21
MS	578	22	646	25	600	23	608	23
MT	1.130	36	1.402	43	1.226	38	1.172	35
PA	3.536	44	3.611	45	3.772	46	4.209	51
PB	1.537	39	1.513	38	1.502	38	1.322	33
PE	3.097	34	3.434	37	3.889	42	4.479	48
PI	551	17	734	23	673	21	704	22
PR	2.874	26	2.870	26	2.840	25	2.914	26
RJ	5.348	33	5.719	35	5.010	30	6.262	38
RN	1.624	48	1.762	52	1.659	48	1.976	57
RO	495	29	540	31	542	31	586	33
RR	107	22	78	16	102	20	102	20
RS	2.043	18	2.691	24	2.799	25	3.038	27
SC	828	12	921	14	976	14	1.038	15
SE	952	43	1.077	49	1.286	57	1.449	64
SP	5.472	13	5.818	13	5.196	12	4.925	11
TO	319	22	353	24	395	26	415	27

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)

Em 2017, de acordo com meus cálculos a partir dos dados publicados no site<sup>29</sup> da Secretária de Segurança Pública (SSP) de Santa Catarina, ocorreram 1.157 homicídios no estado, sendo que a capital contabilizou 197 mortes. Novamente o estado registrou aumento nas mortes violentas intencionais. No recorte espacial e temporal em que se insere esta investigação, o primeiro semestre de 2017 em Florianópolis, 104 pessoas foram assassinadas. Conforme a SSP, os números de homicídios por mês são: janeiro 20; fevereiro, 19; março, 19; abril, 21; maio, 14; junho, 11.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://portal.ssp.sc.gov.br/sspestatisticas.html>

Figura 2: números dos homicídios no primeiro semestre de 2017, Florianópolis

Tipo de Local	Local	Ano	Atualização: 12/04/2018					
Município	Florianópolis	2017						
<b>MORTES VIOLENTAS - Número de vítimas</b>								
CRIME	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho		
HOMICÍDIO DOLOSO	20	13	17	18	13	9		
LATROCÍNIO	0	2	0	0	0	0		
LESÃO CORPORAL SEGUIDA DE MORTE	0	2	1	1	0	0		
HOMICÍDIO EM DECORRÊNCIA DE AÇÃO DA POLÍCIA CIVIL	0	0	0	0	0	0		
HOMICÍDIO EM DECORRÊNCIA DE AÇÃO DA POLÍCIA MILITAR	0	2	1	2	1	2		
POLICIAL CIVIL MORTO EM SERVIÇO [1]	0	0	0	0	0	0		
POLICIAL MILITAR MORTO EM SERVIÇO [1]	0	0	0	0	0	0		
<b>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER [2] - Número de vítimas</b>								
CRIME	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho		
HOMICÍDIO DOLOSO CONTRA MULHER [1]	2	0	0	0	4	1		
HOMICÍDIO DOLOSO - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA [3]	0	0	0	0	0	1		
LATROCÍNIO CONTRA MULHER [4]	0	0	0	0	0	0		
LESÃO CORPORAL SEGUIDA DE MORTE CONTRA MULHER [5]	0	0	0	0	0	0		
<p>[1] Já contabilizado no indicador de homicídio doloso            [2] Crime praticado contra pessoa do sexo feminino            [3] Crime praticado contra pessoa do sexo feminino em situação de violência doméstica (Feminicídio). Já contabilizado no indicador de homicídio doloso contra mulher            [4] Já contabilizado no indicador de latrocínio            [5] Já contabilizado no indicador de lesão corporal seguida de morte</p>								
Fonte: Garantia de Estatística e Análise Criminal/Diretoria de Informação e Inteligência/SSP/SC								

Fonte: Secretaria de Segurança Pública (SSP)

Os homicídios ocorridos nos primeiros seis meses de 2017 em Florianópolis superaram os anos anteriores. Para se ter uma ideia do aumento, na análise do mesmo período nos últimos sete anos, o recorde de homicídios foi em 2011, quando 52 pessoas foram assassinadas de janeiro a junho. Em 2016, a capital teve 45 vítimas de homicídio, em 2015, 32 mortes violentas intencionais no primeiro semestre. Como é possível observar, a pesquisa se insere em um novo contexto do fenômeno social dos homicídios na capital do estado de Santa Catarina, com crescimento de assassinatos.

Na cobertura do *Diário Catarinense* é possível perceber que o novo contexto do fenômeno tem influência da disputa pelo controle do tráfico de drogas na capital, ou pelo menos o jornal noticia mortes em consequência de conflitos entre facções. Percebo como inadequada, e possivelmente incorreta, a forma como o noticiário implica a relação com tráfico para a maioria das notícias sobre homicídios. Na minha leitura, a disputa pela hegemonia na comercialização de drogas entre duas facções resultou na morte de pessoas que pertencem aos grupos; uma facção que atuava na capital sem grandes adversários, e outra que chega com pretensões de controlar o comércio na região. Contudo, não é a existência de grupos criminosos em si a causa do aumento dos homicídios, mas de outros fatores que tornam a questão mais complexa. De acordo com o pesquisador Juan Carlos Garzón-Vergara, autor da terceira edição da série *Notas de Homicídios*, “há pelo menos dois

fatores que parecem influenciar a relação entre crime organizado e violência. O primeiro está relacionado à posse de armas de fogo, e o segundo, às taxas relativas de impunidade” (GARZÓN-VERGARA, 2016, p.5). Nesse sentido, compreendo que a disponibilidade de armas e a impunidade geram condições para que as facções usem de força e violência para conquistar mercados e territórios.

O título do artigo *Qual é a relação entre o crime organizado e os homicídios na América Latina?* demonstra o contexto regional da análise de Garzón-Vergara. O autor afirma que a “possibilidade de que exista uma conexão robusta entre grupos criminosos e homicídios nas Américas não significa necessariamente que há menos grupos criminosos em outros lugares do mundo” (GARZÓN-VERGARA, 2016, p.3). E mesmo na América Latina existem conjunturas distintas quando se trata da presença de grupos criminosos e o número de homicídios. Regiões como Colômbia e Peru, ambas com presença do crime organizado, apresentam taxas significativamente diferentes de homicídios.

O mercado de drogas ilícitas serve como ponto de partida para entender a complexa relação entre o crime organizado e a violência letal. A região andina é líder mundial na produção de cocaína. Contudo, há um forte contraste entre a alta prevalência de violência letal na Colômbia (33 homicídios por 100.000 habitantes em 2012) e as taxas de homicídio comparativamente baixas no Peru (6,5 por 100.000) (GARZÓN-VERGARA, 2016, p.3).

Os níveis de violência e a prevalência de homicídios em territórios com a presença do crime organizado pode ser alta, em consequência de conflitos, ou baixa quando um grupo assume o controle hegemônico<sup>30</sup> de uma determinada região ou realiza acordos com concorrentes. Segundo o autor, no Brasil as disputas territoriais em zonas pobres próximas a bairros mais ricos constituem a face mais visível da violência relacionada às facções criminosas e milícias que atuam em algumas cidades.

A influência de redes criminosas nos padrões de violência na América Latina é apenas parte da

---

<sup>30</sup> Há suspeitas de que essa espécie de regulação da violência por parte da organização criminosa aconteça em São Paulo/SP, conforme é possível observar no *Atlas da Violência* de 2018.

história. A violência associada a disputas entre grupos, guerras declaradas por territórios e o uso da força para impor uma ordem informal sobre as comunidades é a manifestação mais visível destes mercados ilícitos. Entretanto, para compreender genuinamente a dinâmica dos homicídios na América Latina, é preciso levar em conta não somente os locais onde a violência é positivamente associada ao crime organizado como também os espaços em que a taxa de homicídio é baixa. Este fenômeno emerge quando as organizações criminosas controlam territórios ou chegam a algum tipo de acordo com potenciais concorrentes e rivais (GARZÓN-VERGARA, 2016, p.8).

O autor deixa claro que não é a existência de uma economia ilegal a causa direta de homicídios e tampouco a corrupção estatal em si, que em alguma medida existe em outras partes mundo, mas sim como os Estados enfrentam essas questões. A relação entre crime organizado e a violência ocorre, segundo o autor, no contexto de Estados fracos, que não conseguem aplicar a lei e manter governança responsável. Nestes casos, o enfraquecimento das instituições não impede que seus agentes possam ser cooptados por facções criminosas e nem corrobora para que os níveis de corrupção sejam relativamente baixos.

A partir das considerações de Garzón-Vergara, é possível compreender que a baixa taxa de resolução dos assassinatos tem relação com o crescimento do fenômeno social dos homicídios. Ademais, a chamada guerra às drogas, a repressão e a implementação de operações militares e policiais não parecem surtir efeito na redução dos assassinatos. Além disso, em alguns casos, intervenções podem resultar no crescimento das taxas de homicídios, pois no caso de prisão ou morte de traficantes, outras pessoas podem entrar em conflitos para ocupar os espaços de comercialização de drogas. Como consequência da implementação de ações militares e policiais, pode aumentar também a violência cometida pelo Estado. Uma das formas de mortes provocadas pelo Estado são os chamados autos de resistência, quando policiais alegam legítima defesa em situações que não há outra opção para deter o perigo oferecido senão abater o oponente. Esse tipo de ação de agentes policiais tem sido questionado<sup>31</sup> pela possibilidade de imprudência em

---

<sup>31</sup> Esse debate é tratado no documentário *Auto de resistência* (2018). Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5QJUPanVCUo>

sua aplicação em situações que não havia resistência por parte da vítima que implicasse na execução, e pelo uso do auto de resistência para encobrir assassinatos cometidos pelos agentes de segurança pública.

De acordo com dados do *Atlas da violência*, os homicídios constituem 50,3% das causas de mortalidade da juventude masculina (15 a 29 anos). Considerando apenas os homens entre 15 e 19 anos, esse indicador atinge a marca dos 56,5%. Além das consequências diretas para as pessoas que perdem parentes e amigos, esse fenômeno traz implicações na saúde, na dinâmica demográfica e no desenvolvimento econômico e social do país (IPEA; FBPS, 2018, p.21). Em 2016, 33.590 jovens foram assassinados, 96,6% homens. Há também diferenças no fenômeno social dos homicídios no Brasil de acordo com regiões e unidades federativas:

Houve aumento na quantidade de jovens assassinados, em 2016, em vinte UFs, com destaque para Acre (+84,8%) e Amapá (+41,2%), seguidos pelos grupos do Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte e Roraima, que apresentaram crescimento em torno de 20%, e de Pernambuco, Pará, Tocantins e Rio Grande do Sul, com crescimento entre 15% e 17%. Em apenas sete UFs verificou-se redução, com destaque para Paraíba, Espírito Santo, Ceará e São Paulo, onde houve diminuição entre 13,5% e 15,6% (IPEA; FBPS, 2018, p.32).

Ainda sobre os dados de 2016 sobre de jovens vítimas de homicídio, os estados de Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso do Sul apresentaram taxas menos elevadas do que as outras unidades federativas. Cabe destacar que estes dados citados não contemplam o ano de 2017, que pelo menos em Florianópolis registrou significativo crescimento dos homicídios.

O *Atlas da Violência* também apresenta dados que demonstram a desigualdade racial em nosso país. Segundo o documento, a concentração de mortes da população negra (pretos e pardos) supera em duas vezes a de não negros (brancos, amarelos e indígenas). “Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%” (IPEA; FBPS, 2018, p.40). No mesmo intervalo de tempo os assassinatos da população não negra tiveram uma redução de 6,8%. Além disso, e apesar do fenômeno ter como maioria vítimas homens, a

taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras.

Os homicídios, na grande maioria dos casos, são perpetrados por homens, assim como as vítimas também pertencem ao gênero<sup>32</sup> masculino (EISNER, 2015, p.3). Segundo Eisner, a maior parte dos homicídios cometidos por mulheres consistem em situações de defesa ou ataques contra crianças e bebês. Contudo, os contextos onde ocorrem as mortes violentas intencionais de homens e mulheres diferem significativamente. Apesar do número de mortes ser consideravelmente menor, geralmente as mulheres são vítimas de assassinatos cometidos por parceiros íntimos. Nas regiões onde o fenômeno social dos homicídios é alto, a proporção de vítimas do gênero masculino tende a ser maior do que nas sociedades onde o fenômeno é mais raro (EISNER, 2015, p.4). Em porcentagem, o autor apresenta os seguintes dados:

Há alguns padrões comuns associados à violência homicida. Por todo o mundo, a vasta maioria dos perpetradores de homicídios, entre 90% e 95%, são homens, com pouca variação entre as sociedades. (...) A maioria das vítimas, 79% em todo o mundo, também é de homens (EISNER, 2015, p.3).

Uma questão importante abordada no primeiro artigo da série *Notas de homicídios* é que alguns fatores geralmente relacionados ao crescimento e à redução de homicídios trazem evidências ambíguas e em muitos casos não correspondem a mudanças reais do fenômeno. Fatores como urbanização, desigualdade econômica e períodos de crescimento ou crise na economia nem sempre afetam a ocorrência de assassinatos (EISNER, 2015, p.8-12). Eisner comenta brevemente estudos que relativizam a relação entre crescimento urbano e o número de assassinatos e apresenta exemplos de sociedades intensamente urbanizadas que possuem baixos índices de homicídios como Japão, Suíça, Cingapura e Hong Kong. Sobre a desigualdade econômica não corresponder diretamente ao número de homicídios, o autor cita o exemplo dos EUA, que a partir dos anos 1990 teve um crescimento da desigualdade econômica e no mesmo período reduziu o número de assassinatos. Além disso, a ideia de que o crescimento econômico por si

---

<sup>32</sup> O autor usa os termos sexo masculino e sexo feminino, optei pela expressão gênero no lugar de sexo.

só reduz os homicídios pode ser refutada nos exemplos dos EUA, México e Brasil em períodos históricos distintos.

Com frequência, os índices de homicídio disparam durante períodos de sólido crescimento econômico e declínio da pobreza, como nos Estados Unidos na década de 1960, no Brasil na de 2000 ou na Colômbia no fim dos anos 1980 e começo dos anos 1990. Ao mesmo tempo, os períodos de crises econômicas raramente têm correlação com um aumento dos homicídios (EISNER, 2015, p.9).

De acordo com o pesquisador, outros fatores parecem mais influentes na incidência de homicídios como a estrutura demográfica e crises e instabilidades políticas. “A maioria dos homicídios é cometida por pessoas com idades entre 16-40 anos, e a maioria das vítimas está na mesma faixa etária”, (EISNER, 2015, p.12). Além da influência da estrutura demográfica, períodos de grave instabilidade política e transições de regimes políticos acarretam na alta de homicídios conforme os exemplos citados pelo autor sobre o fim da União das Repúblicas Soviéticas, o fim da ditadura civil-militar no Brasil e o fim do Apartheid na África do Sul. Nos três exemplos, os anos seguintes da transição política coincidiram com o crescimento do fenômeno social dos homicídios.

Três fatores combinados, segundo Eisner, influenciam na diminuição de assassinatos (EISNER, 2015, p.12-13). O primeiro está relacionado com Estados que estabeleceram boa governança e instituições inclusivas que apliquem as premissas de um estado de direito efetivo. O segundo fator refere-se aos conjuntos de tecnologias de controle social e monitoramento, com maior controle da conduta desordeira. E o terceiro consiste em coalizões oficiais entre diversos atores sociais como: lideranças comunitárias, filantropos e professores que enfatizem a importância do autocontrole, civilidade e respeito ao próximo.

Compreendo, a partir dos fatores elencados acima, que o aporte teórico utilizado nesta investigação pode nos dar uma reflexão complementar a respeito do fenômeno social dos homicídios no Brasil. Creio que temos realidades muito diferentes dentro do mesmo país, com classes sociais que partilham de valores e disposições de comportamento muito distintas. Por exemplo, o autocontrole é uma virtude partilhada e valorizada por determinadas classes que aprenderam isso na socialização

familiar e reforçaram na escola e em outras instituições sociais, ao contrário da *ralé* estrutural que não teve os estímulos necessários para o desenvolvimento desta qualidade imprescindível para muitas atividades no atual estágio do capitalismo, conforme discutido no capítulo 1 (COUTINHO, FREITAS, LUNA, SOUZA, 2009). Eisner (2015) enfatiza a questão do autocontrole, civilidade e respeito ao próximo, mas não discute como essas virtudes são socialmente estimuladas ou não. É sobre esta questão que dialogo com as reflexões de Priscila Coutinho, no livro *A ralé brasileira* (2009), a respeito da relação entre a posição de classe e a possibilidade de delinquir.

De acordo com Priscila Coutinho, podemos pensar o *habitus* como um fator criminógeno, em outras palavras, podemos perceber como a posição de classe pesa na possibilidade de delinquir. Porém, antes de afirmar que existe uma relação entre condição de classe e a possibilidade de delinquir é preciso esclarecer que não se tratam de discursos pouco rigorosos que culpam e estigmatizam a pobreza. Portanto, não é a renda em si que leva algumas pessoas a cometer atividades criminosas, mas como as “disposições constitutivas do *habitus* precário guardam afinidade com o tipo de comportamento que a vida delinquente exige” (COUTINHO, 2009, p.344). A autora alerta para este tipo de equívoco que estigmatiza a pobreza:

Esse tipo de interpretação não é capaz de explicar por que muitas pessoas pobres são “honestas”. Uma família de seis pessoas com uma renda mensal de dois salários mínimos e *habitus* precário é bastante diferente de uma família com o mesmo número de pessoas e com a mesma renda, mas que vive num ambiente doméstico estruturado, onde há respeito e ligações afetivas que proporcionam alguma segurança existencial e internalização de noções de dever e responsabilidade (COUTINHO, 2009, p.344).

Nesse sentido, são determinadas condições as quais um ser humano vive submetido ao longo de sua vida que tendem a influenciar no seu comportamento. Não se trata simplesmente da falta de recursos financeiros e materiais um fator causador da criminalidade. Ou seja, para colocar a vida em risco permanente e estar disposto a matar e a morrer, é preciso ter internalizado no *habitus* as disposições que ofereçam com “naturalidade” a possibilidade de viver situações no universo da criminalidade.

Diante da ausência do pensamento prospectivo, do autocontrole, do respeito a normas e de outras disposições incorporadas no *habitus* precário que alguns sujeitos percebem, na falta de opção, a única opção em que suas qualidades permitem uma possibilidade de sucesso e reconhecimento. Uma vida marcada pela carência de segurança existencial e material, somada à falta de alternativas confirmadas pelo fracasso escolar – como nos exemplos de má-fé institucional da educação que apresentei no primeiro capítulo – propiciam uma possibilidade traduzida em liberdade que acolhe a aventura no universo do crime, conforme explica Coutinho. Os membros da ralé que buscam reconhecimento em atividades criminosas transformam em coragem e aventura uma espécie de tentativa de busca e significado para a vida.

A necessidade é transformada em virtude, e a esperança de sucesso no presente e no futuro é ajustada às probabilidades objetivas desse sucesso. A falta de alternativa confirmada pelo fracasso escolar leva à entrega à delinquência – traduzida em liberdade – como o único modo de vida em que o jovem poderia construir uma identidade positiva, mesmo que positiva apenas nos limites estreitos de seu contexto de vida. O delinquente é o aventureiro, o “bicho solto” que não leva a “vida de otário” do trabalhador “honesto” da ralé estrutural. A linguagem do senso comum é invocada para legitimar sua falta de opção transformada em opção (COUTINHO, 2009, p.344).

Segundo a pesquisadora, no contexto da ralé estrutural existe uma resignificação da dominação masculina por conta da dominação de classe, e assim não há em determinados espaços formas sublimes de afirmação das masculinidades em atividades socialmente valorizadas como o sucesso profissional nos diversos estratos da classe média (COUTINHO, 2009, p.344-345). Por conta desta resignificação, o envolvimento em atividades perigosas cria formas de poder com o signo de virilidade e com o potencial de conceder aos homens da ralé uma forma de reconhecimento. Nesta busca de poder e reconhecimento, o delinquente da ralé acredita viver uma aventura. As reflexões de Coutinho indicam que muitas questões que envolvem o fenômeno social dos homicídios poderiam ser pensadas a partir do debate sobre masculinidades, porém me ocupo em discutir atravessamentos que

possam ser percebidos na cobertura jornalística de homicídios e que estejam contidas na perspectiva teórica que adoto nesta investigação.

Para Priscila Coutinho, as pessoas que pertencem à ralé que praticam atividades criminosas não estão vivendo uma aventura, pois a aventura seria um privilégio de quem tem uma vida não localizada na excentricidade da aventura. Assim, a aventura só é aventura para aquelas pessoas que podem escolher, que tenham uma história, presente e futuro que permitam outras possibilidades de vida. Dessa forma, a escolha pelo universo do crime para os membros da ralé “se encerra na totalidade de sua experiência e por isso deixa de ser aventura para ser uma vida marcada pela falta de opção e precariedade” (COUTINHO, 2009, p.345). De acordo com a pesquisadora, esta precariedade está contida nas relações com o tempo e sentimentos dessas pessoas e impede escolhas e avaliações fora dos contextos das atividades que oferecem risco permanente a suas vidas; que só uma vida minimamente segura poderia oferecer: esperança, pensamento prospectivo, senso de responsabilidade.

A dedicação ao crime é o que resta a muitos que sofreram violências recorrentes durante a vida e que por esse ou por outros motivos, que devem ser investigados em cada caso, não tiveram uma socialização capaz de efetivar a incorporação de disciplina para um trabalho honesto, mesmo que desqualificado, e para o afastamento de atividades disruptivas (COUTINHO, 2009, p.345).

Este tipo de afinidade que o *habitus* precário guarda com o universo da delinquência possivelmente pode ser observado em duas possibilidades recorrentes no fenômeno social dos homicídios noticiados: resolução de conflitos via atos que levem à morte e a entrada para grupos ou facções criminosas. Sobre as facções criminosas, gostaria de mencionar algo que me parece semelhante ao papel das igrejas evangélicas para algumas pessoas das classes populares a partir das discussões propostas por Jessé Souza (2009, 2010). Se a fonte de reconhecimento social, valorização, pertencimento de grupo e autoestima de algumas frações de classes populares – em especial os batalhadores – foram adquiridas no contexto das igrejas pentecostais e neopentecostais, suponho que algo próximo ocorra com os membros da ralé que entram para facções criminosas. Fiz essa correlação após

assistir uma entrevista<sup>33</sup> que Mano Brow, rapper e membro de um dos mais importantes grupos de rap do Brasil, Racionais MC's, deu ao jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*. Brow afirma que se “você pega um cara abandonado, sem família, sem ninguém e acolhe ele. Dá um nome pra ele, uma sigla pra ele defender (...), te dá um motivo pra viver”, isso produz autoestima nas pessoas que se sentem desamparadas. O rapper, que é um grande conhecedor da realidade das periferias do país, enfatiza o sentido que a facção ganha na vida dos jovens que optam pela entrada no crime organizado, pois eles (os jovens das facções) “ganham uma família para eles defender” e que também os protege.

Em síntese, a entrada de muitas pessoas para o universo da criminalidade em sociedades como a nossa é resultado, também, do abandono dos setores marginalizados da população. Coutinho coloca ênfase no aspecto estrutural e nos “processos sociais que conduzem efetivamente uma parcela considerável da população ao crime” (COUTINHO, 2009, p.346). Nesse sentido, podemos pensar a construção social da subcidadania, ou seja, a existência da ralé assegurada pela má-fé institucional, como um fator para o quadro de violência do Brasil de nossos dias.

## **2.2. Estudos sobre a cobertura jornalística de homicídios**

Este tópico de capítulo revê artigos, dissertações e teses sobre o jornalismo que cobre o fenômeno social dos homicídios. Compõem o tópico as investigações resultantes de um levantamento bibliográfico<sup>34</sup> realizado em bancos de dados da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e do catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre outros.

O levantamento teve como objetivo encontrar estudos com propostas semelhantes e/ou que tenham objetos de estudos próximos ao adotado nesta investigação. Destaco a preferência na consulta pela cobertura jornalística de homicídios em veículos impressos, suas versões digitais e seus sites. Foram excluídos do levantamento pesquisas que investigam esse tipo de cobertura no rádio e na televisão, pois essas

---

<sup>33</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=U\\_OsF4y4zuY](https://www.youtube.com/watch?v=U_OsF4y4zuY)

<sup>34</sup> O levantamento não corresponde à uma extensa e exaustiva pesquisa que, com exceção do livro *Mídia e Violência* (2007), refere-se aos últimos três anos de produções científicas.

mídias têm particularidades que não fazem parte das minhas decisões de pesquisa. Os aportes teóricos e metodológicos são, na grande maioria, diferentes dos que escolhi para esta pesquisa, mas apresentam reflexões e contribuições interessantes para o campo da Comunicação que se ocupa do papel da instituição social do jornalismo e suas relações com o fenômeno social dos homicídios.

Um dos estudos que mais se aproxima da presente pesquisa é a dissertação de Valéria Sinésio da Silva, realizada no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, *O lugar do crime no jornal: uma análise da cobertura policial do Jornal da Paraíba*. A pesquisa de Valéria (SILVA, 2016) tem proximidade com a minha proposta no que diz respeito ao objeto de estudo e ao corpus de pesquisa. O meu objeto de estudo é a cobertura jornalística de homicídios pelo *Diário Catarinense* (DC) e o da pesquisadora, sem utilizar os mesmos termos, a cobertura dos homicídios noticiados pelo *Jornal da Paraíba*. O meu corpus de pesquisa refere-se aos homicídios noticiados pelo DC, em sua edição impressa, nos primeiros seis meses de 2017 em Florianópolis; e a de Silva os homicídios “ocorridos no estado da Paraíba nos meses de março, abril e maio de 2010, e noticiados no veículo em sua edição impressa” (SILVA, 2016, p.14).

Há diferenças nos aportes teóricos e metodológicos. Silva (2016) combina Análise do Discurso e Análise de Conteúdo, e também fez entrevistas/questionários com os jornalistas que assinam as matérias para tentar compreender a cobertura policial. Suas decisões, de utilização de teoria e método, levaram a resultados em boa medida próximos aos identificados e descritos no presente estudo, mas com distintas interpretações e reflexões sobre o tema. Silva percebeu que existem duas categorias de mortes, a dos invisíveis e a dos ilustres, e interpreta os resultados de acordo com o lugar social das vítimas, embora não articule em profundidade possíveis motivações para as diferenças de tratamento, nem o que legitima tais desigualdades.

Compreendo que as diferenças de interpretação e significação dos resultados estão condicionadas às diferentes lentes teórico-metodológicas que utilizamos, pois, em linhas gerais, percebo grande similaridade entre os trabalhos que se utilizam de teorias e procedimentos distintos, mas que produziram resultados semelhantes. O trabalho de Valéria Sinésio da Silva corrobora com a minha hipótese de que as disposições de classe social influenciam no tratamento jornalístico e colaboram com o desprezo com as classes populares, apesar de a pesquisadora não discutir o conceito de classe social em suas

dimensões simbólicas e tampouco suas relações com as desigualdades em nosso país.

Outro estudo que pode ser relacionado com a minha pesquisa é o artigo *A Guerra Velada (mas nem tanto) a partir de uma leitura crítica da mídia* de Felipe Ferreira de Souza Fulquim, apresentado em um congresso da *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação* (Intercom). FULQUIM (2015) identificou no noticiário das editorias de Cidades e Mundo, de três periódicos impressos de Goiás, palavras que são sinônimos de guerra e que “atestam essa hipótese de que a mídia sustenta um discurso velado de que o Brasil vive em uma guerra” (FULQUIM, 2015, p.6). O pesquisador comparou palavras presentes em notícias sobre guerras e conflitos internacionais com as palavras em notícias de homicídios e outros episódios de violência em nosso país.

É interessante observar que o pesquisador utiliza em determinado momento a interpretação de Jessé Souza (2003) contida em *A construção social da subcidadania*, no diálogo com Charles Taylor e Pierrri Bourdieu, para explicar a ausência de consciência, e desconhecimento, dos sujeitos sobre suas próprias condições de vida. Explicação que somada a outras discussões teóricas e por meio da leitura crítica que fez de três jornais servem de alegação para defender o argumento de que vivemos uma guerra velada, que compreendo como adequada em vista da gravidade do fenômeno social dos homicídios no Brasil.

Em artigo apresentado no *14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo* a pesquisadora Lara Nasi (2016) analisou notícias sobre violência urbana – homicídios, assaltos, furtos, tráfico de drogas, roubo – em dois jornais de Ijuí, cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo de Nasi (2016) no artigo é observar a configuração das narrativas sobre violência em três meses de produção jornalística. O artigo traz algumas considerações sobre a ideia de jornalismo de proximidade, e sobre especificidades dos jornais analisados e da região pouco populosa em que estes estão inseridos. A pesquisadora, através da análise hermenêutica, observou as fontes acionadas pelo jornalismo e as estratégias para a produção de narrativas na cobertura noticiosa sobre a criminalidade.

Suas observações me parecem relevantes, principalmente no que diz respeito ao público a que se dirigem as notícias – a classe média, de acordo com Lara Nasi. Nesse sentido, a pesquisadora afirma que suas observações apontam para a construção de uma narrativa dirigida para a classe média como vítimas potenciais da criminalidade e também para

uma lógica de que o crime não compensa. Além disso, a pesquisadora identificou a utilização exclusiva das fontes de instituições policiais, e a partir disso a exaltação na narrativa da atuação policial e da punição dos criminosos.

Se estamos diante de uma narrativa de que o “crime não compensa”, também estamos diante de uma narrativa de alerta, dirigida à classe média consumidora de informações, que precisa prevenir-se do risco, adotar medidas de segurança, que passam inclusive pela demanda de punições mais severas aos criminosos, para que não cometam crimes futuramente (NASI, 2016, p. 10).

Outras constatações contidas no artigo que conversam com a presente pesquisa são sobre o que a pesquisadora denomina de personagens da narrativa: instituições policiais e seus agentes, e “as vítimas ou suspeitos, nem sempre identificados e raramente ouvidos” (NASI, 2016, p.5). Além disso, a pesquisadora interpreta na narrativa um caráter maniqueísta, de oposição entre bem e mal, ou seja, entre policiais e bandidos, e identifica a ausência de contextualizações sobre possíveis motivações sociais para a criminalidade.

O artigo<sup>35</sup> de Arthur Walber Viana (2017), *As Mortes das Mulheres e dos Homens Infames em Zero Hora: Uma Análise do Silêncio*, analisa como o jornal *Zero Hora* – de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul – relata as mortes de moradoras e moradores de rua. Viana localiza a discussão entorno do debate sobre critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Além disso, a partir da Análise do Discurso, os olhares do pesquisador estão “especialmente atentos aos silêncios e ao não-dito, que têm grande potencial significativo” (VIANA, 2017, p.8). É interessante observar o ponto de início do estudo. A partir das notícias das mortes de cinco pessoas que viviam em situação de rua publicadas no jornal *Boca de Rua*, periódico produzido e editorialmente voltado para esta população, que se inicia o processo de busca do material a ser analisado no jornal *Zero Hora*. Após ter conhecimento de cinco vidas perdidas e de características dos episódios e das vítimas, como os nomes e que tipo de ferimento causou as mortes, o pesquisador soube o que procurar no jornal, inclusive o que está ausente de sua cobertura para pensar o não-dito. Compreendo que o

---

<sup>35</sup> Artigo apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

raciocínio é próximo ao realizado nesta investigação para perceber as mortes ausentes do noticiário. Pois, os homicídios compilados por instituições que possuem bancos de dados com os números totais do fenômeno me indicam quais assassinatos não foram publicados. E contextualizam o fenômeno social dos homicídios na cidade escolhida. Nesta investigação, entendo que as mortes ausentes do noticiário dão pistas do desprezo com a ralé estrutural (SOUZA, 2003, 2009). Desse modo, as ausências marcam as primeiras pistas encontradas no processo de identificar, descrever e criticar as disposições de classe social na cobertura dos homicídios.

Ao analisar as notícias publicadas no jornal *Zero Hora*, o pesquisador percebe o predomínio das autoridades policiais na produção dos textos, o descaso em relação à população em situação de rua e como esses sujeitos vitimados não são humanizados na maior parte dos casos. Artur faz uma série de interpretações pertinentes de acordo com o pensamento de Stuart Hall, pensador relevante para os estudos do campo da Comunicação. E entre as suas conclusões, o pesquisador faz questão de mencionar que não é uma crítica aos profissionais que produziram as notícias, mas ao viés ideológico que perpassa todos nós. E conclui com a ideia de que “com frequência ouve-se referência a pessoas em situação de rua como invisíveis. Ora, o fato de não os vermos não faz deles invisíveis: faz de nós, cegos” (VIANA, 2017, p. 14).

Os estudos que apresentei até aqui analisam coberturas relativamente recentes em diferentes regiões do país. Em alguma medida todas as pesquisas, inclusive esta dissertação, identificam problemas no jornalismo atual sobre a cobertura de homicídios, como a subordinação quase exclusiva à fonte policial, por exemplo. Os estudos contidos no livro *Mídia e Violência – Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil* (2007), trabalho do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes, salientam que houve mudanças nos últimos anos e que já tivemos contextos piores. O “livro é o resultado de três anos de pesquisas sobre a produção diária de jornais e de entrevistas com 90 jornalistas e especialistas em segurança pública” (RAMOS; PAIVA, 2007, p.11), 64 profissionais da imprensa e 26 pesquisadores, policiais e/ou observadores. A pesquisa teve dois questionamentos centrais: como os jornais cobrem violência, segurança pública, crime e polícia? e Como é possível melhorar essa cobertura? E, além das entrevistas, foram avaliados 5.165 textos.

O livro reúne depoimentos de repórteres e editores e também artigos de outros pesquisadores sobre o cotidiano das redações e de

como os profissionais percebem a cobertura de criminalidade e segurança pública. Entre os relatos, destaco os de abertura do livro que proporcionam uma perspectiva histórica da relação de cumplicidade entre jornalistas e policiais. “Eu peguei o tempo em que o policial batia no preso e o repórter não falava nada”, comentou. Um outro jornalista, um pouco mais velho, replicou em tom de blague: “E eu peguei o tempo em que o repórter batia no preso!” (RAMOS; PAIVA, 2007, p.15). As pesquisadoras ainda mencionam o caráter desvalorizado que a editoria de polícia tinha em relação aos setores de economia, política etc. A editoria de polícia era o destino para profissionais menos experientes ou menos preparados.

Entre as mudanças consideradas positivas pelas pesquisadoras estão o abandono de recursos mais ostensivos de apelação e sensacionalismo, a retirada de fotos que mostrem cadáveres e seus ferimentos e o fim da editoria de polícia nos jornais. No caso do *Diário Catarinense* o nome polícia foi substituído por segurança. Em muitos jornais “os jornalistas que cobrem criminalidade e violência são repórteres do geral e, portanto, dedicam-se também a cobrir outras questões urbanas” (RAMOS; PAIVA, 2007, p.20). Mais do que as mudanças, o livro destaca o poder do jornalismo de mobilizar governos, justiça e sociedade civil para dar respostas em casos de extrema violência. Além disso, o papel da imprensa e de seu poder de agendamento de políticas públicas e assim promover justiça social.

Se, por um lado, é verdade que a imprensa frequentemente leva governantes e gestores a priorizarem as áreas mais ricas das cidades ao dar preferência a crimes que envolvem a classe média, por outro lado, a mídia tem desempenhado, em momentos históricos, um papel decisivo para definir como autoridades públicas respondem a acontecimentos emblemáticos de violência contra os setores mais despossuídos (RAMOS; PAIVA, 2007, p.22).

São apresentados exemplos de coberturas de grande repercussão que marcaram a história do país como os massacres do Carandiru<sup>36</sup>,

---

<sup>36</sup> Carandiru: Em 2 de outubro de 1992, uma briga de presos no Pavilhão 9 da Casa de Detenção, no complexo do Carandiru, zona norte de São Paulo, resultou numa intervenção



### **3. As disposições de classe social na cobertura jornalística do *Diário Catarinense***

*O crime individualizado choca e revolta. O crime coletivo, praticado repetida e interminavelmente, em uma cadeia contínua de carnes rasgadas e de dor, acaba por vencer esta revolta e trazer um entorpecimento à consciência dos que o conhecem. Imaginamos o assassinato. Não conseguimos imaginar o genocídio.*  
*Márcio Moreira Alves, em Torturas e torturados*

Neste capítulo explico as decisões de método, descrevo as notícias do corpus de pesquisa e faço críticas sobre a cobertura jornalística de homicídios com base nas disposições de classe social identificadas. As decisões de método estão organizadas em quatro etapas; (1) leitura, busca e registro das notícias de homicídios; (2) releitura e divisão das notícias em grupos por semelhanças de composição; (3) descrição das notícias de acordo com a divisão em grupos; e (4) crítica da cobertura jornalística de homicídios do DC com base nas disposições de classe social identificadas e descritas nas etapas anteriores. A descrição e posterior crítica da cobertura jornalística estão orientadas de acordo com as bases teóricas contidas no primeiro capítulo a respeito do conceito de classe social em suas dimensões imateriais (SOUZA, 2003, 2009, 2010).

#### **3.1. Decisões de método**

Adoto, entre as decisões de método, a escolha por organizar o percurso desta pesquisa em quatro etapas. As etapas não correspondem necessariamente a uma ordem rígida, pois são fruto de testes e experimentos realizados ao longo da investigação, mas que podem ser organizados em uma ordem cronológica de fases. Nesse sentido, a primeira etapa refere-se ao trabalho de busca e registro das notícias de homicídios que compõem o corpus de pesquisa através da leitura de todas edições do DC no primeiro semestre de 2017. Na segunda faço uma releitura para identificar as disposições de classe social presentes nas notícias, a partir da releitura divido e organizo os textos de acordo com suas semelhanças de composição. Na terceira descrevo as notícias divididas em grupos de acordo com suas semelhanças de composição identificadas na etapa anterior, com base no conceito de classe social de Jessé Souza (2003, 2009, 2012). Por fim, na quarta etapa, faço uma crítica da cobertura jornalística de homicídios do DC com base nas

disposições de classe social identificadas e descritas nas etapas anteriores.

Destaco que o contexto temporal e espacial da presente investigação também é uma decisão de método, porém não compreendo a necessidade de sua menção como etapa ou fase de investigação. Contudo, é a partir da escolha do período e do local, nesse caso os primeiros seis meses de 2017 em Florianópolis/SC, que podemos ter dimensão do número de assassinatos e o ponto de partida para o registro do corpus de pesquisa. Segundo dados oficiais contidos no capítulo 2, no primeiro semestre de 2017 ocorreram 104 homicídios na cidade.

A escolha por analisar o *Diário Catarinense*, outra decisão de pesquisa que não está contida nas etapas de investigação, não se dá por nenhuma característica específica do veículo, pois compreendo o jornal como semelhante aos outros jornais de referência de nossas capitais. A proximidade geográfica pesa na escolha pelo jornal catarinense, uma vez que o programa de Pós-Graduação no qual a presente dissertação é desenvolvida se localiza na mesma cidade da sede do DC, Florianópolis/SC. O DC foi fundado em 1986 e até o ano 2016 pertencia<sup>39</sup> ao Grupo RBS<sup>40</sup>, fundado pela família Sirotsky<sup>41</sup>, e tem abrangência estadual.

O jornal Diário Catarinense foi fundado em maio de 1986, em Florianópolis e tem uma abrangência estadual. Possui sucursal nas principais cidades catarinenses. De acordo com dados institucionais publicados no site do DC, o jornal circula em 243 municípios dos 293 que existem em Santa Catarina. Nos dias de semana, o jornal alcança uma tiragem de 38 mil exemplares. No domingo, esse número chega a 56 mil. Estes dados colocam o DC, segundo a página institucional, como o

---

<sup>39</sup>Notícia da venda das operações do Grupo RBS pode ser lida em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/03/rbs-vende-suas-operacoes-em-santa-catarina.html>

<sup>40</sup>O grupo RBS (Rede Brasil Sul) é um dos maiores conglomerados midiáticos do país, com emissoras de rádio, de televisão aberta e fechada, jornais impressos e digitais.

<sup>41</sup>Um exemplo de membros da elite brasileira. Classe pouco numerosa, porém, poderosa em termos de capitais econômicos e políticos.

jornal líder do mercado de veículos impressos em Santa Catarina. (DEROSA, 2013, p. 64).

A editoria onde estão contidas as notícias do corpus de pesquisa leva o nome de Segurança, tendência de muitos jornais do país como é possível observar nos estudos presentes no livro *Mídia e Violência* (2007). Ainda sobre o DC, é possível afirmar em vista da discussão teórica desta dissertação e do diálogo com o trabalho de Lara Nasi (2016), que o público alvo do DC seja a classe média. Assim, tanto os profissionais quanto público leitor, em grande número, pertencem aos setores médios de nossa população.

Na primeira etapa faço a leitura todas as edições do primeiro semestre de 2017 do *Diário Catarinense* na busca e registro de notícias de homicídios. Dos 104 homicídios ocorridos no primeiro semestre de 2017, 53 foram noticiados ou mencionados em notícias pelo DC, em 62 peças jornalísticas. Toda notícia de homicídio encontrada na leitura de cada edição do DC foi salva e está contida no corpus de pesquisa e anexada no final desta dissertação. Ao total, encontrei e registrei 62 notícias referentes a 53 homicídios ocorridos no primeiro semestre de 2017.

Na segunda, faço uma releitura para identificar as disposições de classe social presentes nas notícias, a partir da releitura dividido e organizo os textos de acordo com suas semelhanças de composição. Refere-se à uma releitura que observa a repercussão e os desdobramentos da cobertura para cada vida perdida em decorrência de homicídio. O interesse central desta escolha está em perceber como se dá a cobertura de cada vítima e assim identificar quais vidas são passíveis de luto e quais não são na cobertura do DC – escolha inspirada nas reflexões da filósofa norte-americana Judith Butler (2015), em seu livro *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Assim, organizo as vidas perdidas em decorrência de homicídios em grupos de textos de acordo com suas semelhanças de composição. O fôlego narrativo – o tamanho e o número de textos destinados para noticiar cada homicídio – além de elementos que indiquem a presença de repórter no local do assassinato, a presença ou não de fotografias, se as notícias apresentam fontes adicionais ou apenas a policial, entre outras características da cobertura, são os componentes que permitem realizar a divisão em grupos.

Na terceira, descrevo as notícias divididas em grupos de acordo com suas semelhanças de composição identificadas na etapa anterior, com base nas disposições de classe social. Nesta etapa, minha

preocupação está em descrever as notícias por semelhanças de composição e assim demonstrar a cobertura destinada às vítimas divididas em grupos de acordo com a repercussão e o fôlego narrativo dado a estas pessoas. No ato de descrever as disposições de classe social é que se torna demonstrável os atravessamentos de nossa estrutura social no jornalismo que cobre o fenômeno social dos homicídios. Descrevo as notícias em cinco grupos, quatro de classes populares e um de classe média: Grupo 1: Vítimas de classes populares – notas de um tratamento protocolar e desinteressado; Grupo 2: Vítimas de classe popular – notícias breves e outros contextos para reportar homicídios; Grupo 3: Vítimas de classe popular – contagens como modo de apresentação dos homicídios e diferentes episódios aglutinados em uma notícia; Grupo 4: Vítimas de classe popular – conflitos entre facções criminosas como objeto de cobertura jornalística; e Grupo 5: Vítimas de classe média – interesse e atenção na cobertura jornalística.

Na quarta etapa faço uma crítica da cobertura jornalística de homicídios do DC com base nas disposições de classe social identificadas e descritas nas etapas anteriores. Neste momento, faço comparações entre vítimas de classes sociais diferentes e trago reflexões a partir das discussões propostas por Jessé Souza para pensar o reconhecimento social das vítimas em relação à estrutura social brasileira.

### **3.2 Análise crítico-descritiva**

Nesta etapa apresento a análise descritiva das disposições de classe social presentes na cobertura jornalística de homicídios do *Diário Catarinense* (DC), com base na teoria de Jessé Souza (2003, 2009, 2010). Estão contidas nesta análise as disposições de classe social identificadas na leitura das 62 notícias sobre 53 assassinatos. Como demonstro neste capítulo, é possível perceber diferenças significativas na cobertura jornalística que evidenciam atravessamentos de nossa estrutura social em suas dimensões imateriais. Nesse sentido, faço a descrição numa espécie de gradação, do menor ao maior interesse dedicado pelo jornal catarinense aos homicídios ocorridos em Florianópolis no primeiro semestre de 2017.

Início por um tipo de tratamento jornalístico protocolar despendido para as classes populares divididos em quatro grupos (grupos 1, 2, 3 e 4), e depois sigo a descrição sobre a cobertura de um grupo (grupo 5) de pessoas de classe média que recebeu maior atenção por parte do jornal. Antes, porém, destaco que 51 homicídios dos 104 ocorridos no período não foram noticiados pelo DC. Compreendo como

homicídios noticiados a menção aos assassinatos na cobertura da editoria de Segurança, mesmo que de forma secundária nas matérias que informem sobre outras mortes violentas intencionais. Saliento, também, em vista da abordagem teórica que dialogo nesta investigação, a possibilidade de parte dessas mortes não serem publicadas pelo envolvimento de sujeitos oriundos da ralé estrutural (SOUZA, 2009). Em outras palavras, pessoas que internalizam o *habitus precário* e são percebidas pelo conjunto da sociedade, assim como pelos profissionais do jornalismo nela incluídos, como subcidadãos e não dignas de objeto jornalístico. Essas mortes ausentes do noticiário constituem as primeiras pistas das disposições de classe social quando se trata da cobertura jornalística de homicídios do DC no período estudado.

Considero que as vidas perdidas ausentes do noticiário indicam pistas das disposições de classe social através do desinteresse das singularidades de cada vítima e dos contextos de suas mortes. A relação de desinteresse com a ralé estrutural e outras frações de classe popular também podem ser identificadas, além do silêncio sobre as 51 mortes não reportadas, em formas escassas de noticiar os homicídios. O que as disposições de classe parecem demonstrar sobre estas vidas – ora como números estatísticos para compor notícias que repercutem o fenômeno de modo genérico, ora como conjunto de mortes aglutinadas em notícias com maior fôlego ou em pequenas notas – é que algumas pessoas importam e outras não para a editoria de segurança do DC. Entendo que o desinteresse na cobertura, via ausência de matérias que informem as 51 mortes, é próximo do tratamento protocolar despendido para as classes populares como demonstro no primeiro grupo de notícias abaixo.

### **3.2.1. GRUPO 1: Vítimas de classes populares – notas superficiais e desinteresse jornalístico**

A intenção de apresentar essas vítimas em um grupo corresponde à necessidade de demonstrar em uma descrição crítica que o tratamento protocolar e desinteressado pode ser destinado para uma classe social específica. Pois foi na leitura das 62 peças jornalísticas que identifiquei as semelhanças de composição de dez notícias neste grupo. De certa forma, pensar a posição de classe em termos simbólicos nos permite olhar para a cobertura jornalística do DC com atenção para as disposições imateriais contidas no *habitus* das pessoas que trabalham no veículo – ou de um *habitus* jornalístico, análogo ao que foi descrito por Jessé Souza e equipe (2009) sobre outras instituições sociais (justiça, saúde, educação). Assim, as disposições pré-reflexivas de classe que

constituem essas pessoas em atravessamento<sup>42</sup> com outras influências podem ser percebidas nos textos jornalísticos que produzem - principalmente quando o conjunto de textos indica atenções e solidariedades para com algumas pessoas e desatenção e desprezo para com outras. Podemos ver características de nossa estrutura social no jornalismo que produzimos.

Para fins de uma descrição detalhada, apresento duas vidas perdidas em decorrência de homicídios para melhor exemplificar esse tipo de tratamento do jornal e permitir uma comparação com as vítimas de classe média. No entanto, opto por não descrever as outras oito notícias neste tópico para evitar o tom repetitivo que seria a descrição das dez matérias deste grupo. Duas destas notícias são apresentadas e descritas no tópico de críticas do capítulo com o objetivo de comparação com a cobertura jornalística destinada aos sujeitos de classe média. Embora não descreva todas essas notícias com semelhanças de composição, todo o corpus de pesquisa se encontra anexado no final desta dissertação e pode ser objeto de contestação.

As dez notícias apresentam semelhanças de composição, tendo em comum a descrição bastante breve para informar sobre os homicídios. Neste conjunto de textos é possível perceber a inexistência de narrativa que contextualize o acontecimento de forma mais aprofundada. Também é perceptível neste grupo de notícias que os textos ocupam pouco espaço na página do jornal e, ademais, faltam informações que permitam compreender melhor o episódio. Além disso, a subordinação exclusiva à fonte policial, a ausência de fotografias e de interpretações do acontecimento dão pistas do não-comparecimento da ou do repórter no local onde ocorreu o homicídio.

Cada uma dessas mortes foi reportada em uma notícia. Nenhuma delas têm chamada ou qualquer menção na capa do jornal. Os dez homicídios foram noticiados em textos curtos que informam o gênero das vítimas e o lugar no espaço urbano onde ocorreu o assassinato. Além disso, não há nenhuma referência à ocupação ou algo que permita conhecer a pessoa que sofreu o homicídio – apenas uma descrição genérica que às vezes inclui o nome e em poucos casos a cidade de origem. Em alguns textos é mencionado a região do corpo atingida por disparos de arma de fogo, o número de tiros ou ainda outra forma de

---

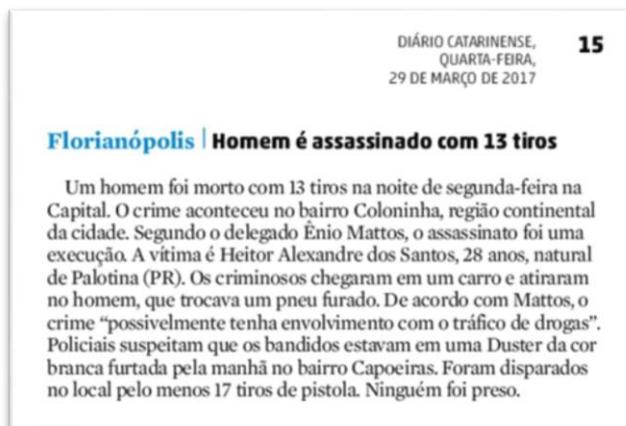
<sup>42</sup>Não é apenas as disposições de classe social que constituem as pessoas. Experiências e os inúmeros acasos da vida, a identidade de gênero, a nacionalidade, entre possibilidades e intersecções também estão contidos nos nossos modos ser, estar e observar o mundo.

agressão sofrida pela vítima. A seguir, descrevo dois exemplos de notas protocolares retiradas do corpus de pesquisa.

### **GRUPO 1-A: Vítimas de classe popular – 13 tiros em Heitor Alexandre dos Santos**

A primeira notícia de uma vida perdida em decorrência de homicídio das classes populares que descrevo é a de Heitor Alexandre dos Santos. A forma como a morte de Heitor foi noticiada é muito semelhante aos outros homicídios deste grupo conforme imagem da notícia de seu assassinato.

Figura 3: reprodução da página do DC do dia 29 de março



No dia 29 de março foi publicada a notícia da morte de Heitor Alexandre dos Santos. Neste texto é possível saber, além do nome, o local onde ocorreu o homicídio, a cidade de origem da vítima, o número de disparos, o que Heitor fazia no momento que foi surpreendido por seus executores e o possível veículo utilizado por eles na fuga. Todas informações contidas em um único parágrafo que ocupa um pequeno espaço da página do jornal. Também é possível notar que a fonte que predomina a notícia, ou a única, é o delegado Ênio Mattos que afirma a possibilidade de o crime ter relação com o tráfico de drogas.

Este tipo de formato recorrente da constituição das notícias nos permite perceber quatro questões. A primeira contempla a ação expressa pelo verbo que identifica o homicídio, a segunda está relacionada com o gênero e com a idade da vítima – a designação de gênero e o verbo geralmente presente nos títulos – O título “Homem é morto a tiros na

Capital” do dia 1º de maio e “Jovem é morto no Rio Vermelho” do dia 26 de maio são exemplos das duas primeiras questões. A terceira refere-se ao local do espaço urbano da cidade onde ocorreu o assassinato. Sobre a terceira, é relevante para a informação exatamente o bairro onde ocorreu o assassinato. Esta identificação faz com que, mesmo em uma rápida leitura da página, possa identificar a relação da violência urbana com determinados lugares da cidade. A quarta questão diz respeito à relação com o tráfico de drogas, que aparece como um tipo de desfecho ou explicação para o homicídio, como se o envolvimento ou relação com tráfico de drogas justificasse o assassinato.

### **GRUPO 1-B: Vítimas de classe popular – uma vida sem nome, gênero e história**

A notícia do dia 08 de fevereiro, “Polícia encontra corpo decapitado”, reporta a morte de uma pessoa que não teve a sua identidade divulgada e/ou reconhecida. A nota informa o local do espaço urbano da cidade onde a vítima foi encontrada e o estado do corpo, carbonizado e em pedaços, e que pela observação do delegado trata-se de uma morte ocorrida no ano de 2017. E mesmo sem informações que identifiquem a vítima, a única fonte que aparece explicitamente no texto da notícia diz que a morte possivelmente tem relação com o tráfico de drogas.

Das dez notícias deste grupo, em cinco é mencionado o possível envolvimento da vítima com o tráfico de drogas. Não é explicado nestes textos o que leva à vinculação da pessoa morta com o mundo do tráfico, apenas a afirmação subordinada exclusivamente à fonte policial. É provável, em virtude das características de algumas mortes e de alguns tipos de execuções - quando o corpo da vítima é queimado ou decapitado - que os ferimentos e agressões indiquem pistas de um modo de operar típico de grupos criminosos, mas não entendo que o envolvimento com atividade criminosa implique em culpa da vítima ou motivação para uma cobertura superficial e desinteressada por parte do DC. A relação com tráfico pode ser, por exemplo, de alguém que não está de acordo com normas estabelecidas por facções e por isso foi executada<sup>43</sup>. E, mesmo com relação direta com o tráfico, a cobertura jornalística deveria atribuir desfecho para a notícia por este motivo? Não

---

<sup>43</sup> Como no caso da turista Daniela que é descrita logo a seguir. Possivelmente o motivo da morte da turista seja o não cumprimento de uma norma para tráfegar de carro em regiões dominadas pelo tráfico - de baixar os vidros e ligar a luz interna do automóvel.

estamos, de alguma forma, confirmando lógicas de justiça fora das instituições competentes para punir e reinserir as pessoas na sociedade? Uma vida deixa de ser passível de luto por ter alguma espécie de envolvimento com atividade ilegal? Na notícia em discussão não é possível saber o gênero, a idade ou qualquer outra forma de identificação da vítima e mesmo assim é atribuído a relação com o tráfico. O trecho abaixo exemplifica esse modo de tratamento jornalístico.

Na tarde de ontem, a PM encontrou um corpo queimado e em pedaços. As informações preliminares são de que ainda não é possível apontar o sexo da vítima e a polícia trabalha para descobrir a identidade. Policiais afirmam que as primeiras suspeitas indicam que a motivação estaria ligada ao tráfico de drogas. (*Diário Catarinense*, 08 de fevereiro de 2017, p.8).

A pequena citação acima constitui mais da metade do texto da notícia. O restante da matéria informa sobre o local – comunidade do Maciço do Morro da Cruz – e o número de 26 homicídios ocorridos na cidade até aquele momento. Essa espécie de nota, pode-se afirmar, parece indicar um tratamento superficial e desinteressado, pois não há nada que aponte a presença do repórter no local e nenhum esforço para além de transmitir a versão da polícia. Dessa forma, é possível inferir que esse tipo de cobertura reforça o desprezo percebido por Jessé Souza e seus colegas com a ralé estrutural (COUTINHO, FREITAS, LUNA, SOUZA, 2009), pois não há interesse em investigar as circunstâncias que levaram à morte dessas pessoas sem nome, gênero e história por parte do *Diário Catarinense*.

Presumo que essas notícias indicam um tipo de desinteresse na cobertura jornalística do DC, pois a escassez de informações é algo próximo da ausência de matérias sobre as 51 mortes não noticiadas pelo veículo catarinense. Dessa forma, é possível afirmar que o tratamento protocolar e desinteressado despendido para algumas frações das classes populares se alterna do silêncio para pequenas notas. Principalmente se compararmos as mortes de pessoas que não tiveram suas identidades divulgadas - pessoas sem nome, sem ocupação, sem história - com os homicídios ausentes da cobertura. A escassez de narrativa não difere de modo significativo das notícias ausentes do noticiário, pois o modo precário de informar me parece insuficiente para noticiar uma vida perdida em decorrência de homicídio. Além disso, essas vivas perdas

não tiveram desdobramentos divulgados para além das notas que informam o acontecimento; não houve informações posteriores que noticiassem sobre fases de investigação e a identificação dos autores dos homicídios. Este tipo de cobertura, com notícias curtas que falam de vidas sem história e em alguns casos sem nome, parece revelar o desinteresse com grupos específicos de nossa população.

### **3.2.2. GRUPO 2: Vítimas de classe popular – notícias breves e outros contextos para reportar homicídios**

Foi observado no corpus de pesquisa algumas notícias de homicídios que reúnem um pouco mais de informações sobre as vítimas e os contextos de suas mortes se comparadas com as notas do grupo anterior. O tratamento jornalístico destinado para reportar esses assassinatos difere do grupo 1. São quatro homicídios noticiados de forma isolada. Essas vidas perdidas tiveram tratamento jornalístico com mais informações do que no grupo anterior, embora existam semelhanças no modo de noticiá-las.

#### **GRUPO 2-A: Vítimas de classe popular – homem é morto ao lado de shopping**

Na edição dos dias 4 e 5 de março o DC noticiou o homicídio de Marcos Eduardo Marcelino, de 22 anos. “Homem é morto ao lado de shopping” é o título da matéria que informa a segunda morte ocorrida no dia anterior, ambas à luz do dia e em locais de movimentação de turistas. A outra notícia teve ampla cobertura do jornal e está descrita no grupo 5 (vítimas de classe média). A notícia é um pouco maior do que as notas do grupo 1, no texto constam informações sobre uma provável motivação para o crime: “segundo informações preliminares da polícia, foi um crime passional”. O suspeito de ser o autor do homicídio é o atual companheiro da ex-namorada de Marcos. Conforme o texto noticioso, Marcos teve um filho com a antiga companheira e buscava reestabelecer contato com a criança e isso teria gerado o conflito com o suspeito.

Estão entre as fontes a Diretoria de Informação e Inteligência (DINI) da Polícia Civil e o tenente-coronel e comandante do 4º Batalhão de Polícia Militar, Marcelo Pontes. O DINI informou que a morte de Marcos é a 39ª na capital, e o membro da PM forneceu mais detalhes sobre as circunstâncias do assassinato e disse que guarnições estavam atrás dos autores do crime. Além das duas fontes institucionais, houve uma tentativa do jornalista de entrevistar familiares da vítima, conforme está explícito no final da matéria. “Enquanto o Instituto Geral de

Perícias (IGP) se preparava para recolher o corpo da vítima, familiares do homem chegavam bastante abalados ao local do crime. A reportagem tentou conversar com um deles, que preferiu não se manifestar”.

### **GRUPO 2-B: Vítimas de classe popular – morte em “confronto”<sup>44</sup> com a Polícia Militar**

Outra notícia que também contém mais detalhes sobre as circunstâncias do homicídio foi publicada no dia 29 de maio e noticia a morte de Júlio Cesar Lira Marques. Segundo a notícia, que utilizou a versão da Polícia Militar, uma viatura fazia rondas na região da Vila União, norte de Florianópolis, e Júlio teria fugido quando a guarnição se aproximou para abordá-lo. De acordo com o texto o homem pulou um muro na fuga e em determinado momento da perseguição sacou uma pistola. “Ainda conforme a PM, os policiais seguiram em perseguição ao homem, que não obedeceu a ordem e sacou uma pistola. Ele foi baleado e morreu no local”.

Figura 4: reprodução da página do DC do dia 29 de maio



Cabe destacar que além de noticiar a morte de Júlio, também é foco da narrativa o procedimento instaurado pela PM de investigar o caso. Prevalece a interpretação do tenente-coronel e comandante da Polícia Militar na região, Sinval Santos da Silveira Júnior, que argumenta que há previsão legal para este tipo de procedimento, pois “as características da morte correspondem a crime militar”. A outra fonte

<sup>44</sup> Coloco a palavra confronto entre aspas por desconfiar que tenha existido alguma espécie de reação da vítima.

explícita no texto o delegado da Polícia Civil, Ênio Mattos, não se opôs ao procedimento da PM e informa que sua instituição também instaurou inquérito para investigar o caso.

Por decisão do comando do 21º Batalhão da Polícia Militar, que abrange a região Norte da Ilha, o trabalho de apuração das circunstâncias da morte teve início na própria PM. Normalmente, investigações de ocorrências que resultam em mortes são lideradas pela Polícia Civil. – Foi uma atualização do nosso procedimento para aquele caso específico, que na realidade tornou tudo mais prático. Nossa corregedoria estava de plantão e tínhamos todo o equipamento e as pessoas disponíveis para fazer o trabalho de maneira mais ágil e eficiente – aponta o comandante do 21º, tenente-coronel Sinval Santos da Silveira Júnior. (*Diário Catarinense*, 29 de maio de 2017, p. 12).

O questionamento ao procedimento não está presente no título e nos trechos da notícia que não correspondem as falas das fontes. O tom de questionamento sobre o procedimento e a possibilidade de crime militar só aparecem em uma citação indireta do membro da PM e nas impressões do delegado da Polícia Civil, que “disse ter achado estranho a decisão da PM de apreender as armas e as munições recolhidas na ocorrência”. O delegado complementa que em sua avaliação que a tarefa caberia ao Instituto Geral de Perícias, mas não se manifestou sobre a possibilidade de crime militar. Destaco que mesmo sob indícios de possível crime militar, o texto noticioso não aborda o assunto ao contar o episódio, tal possibilidade só aparece nas citações diretas e indiretas de membros das instituições policiais. Presumo que a relação de proximidade entre jornalistas e agentes das polícias Civil e Militar, constitua um obstáculo para os questionamentos, porém, caso fosse uma vítima de classe média, o procedimento de apuração e produção do texto mudasse significativamente.

### **GRUPO 2-C: Vítimas de classe popular – Jefferson é assassinado dentro de penitenciária**

No dia 7 de abril a notícia “Detento é morto em penitenciária na Capital” informa a morte de Jefferson Conceição, de 23 anos. De acordo com a matéria o homicídio ocorreu durante o banho de sol dos detentos no Complexo Penitenciário da Agrônômica, em Florianópolis, e a autoria do crime foi assumida por outro interno, Evanaldo Carlos dos

Santos. A narrativa ainda conta sobre o momento em que familiares da vítima souberam da morte de Jefferson. “Familiares da vítima, que chegaram no complexo para mais um dia de visitas, souberam da morte ainda no portão da unidade prisional. A esposa de Jefferson recebeu de um funcionário a confirmação do nome do companheiro”.

Figura 5: reprodução da página do DC do dia 7 de abril



Encontram-se contidas na notícia uma fotografia de familiares e estão entre as fontes a Secretária da Justiça e Cidadania (SJC) e o Departamento de Administração Prisional (Deap). Além de noticiar a morte de Jefferson, a matéria informa que outra morte ocorreu na penitenciária na mesma semana. Alessandro Oliveira Gonçalves, de 43 anos, foi assassinado dentro da uma cela. Segundo o texto noticioso, houve um desentendimento entre Alessandro e outro detento que resultou no homicídio. A matéria ainda informa que Jefferson era natural de Florianópolis e Alessandro de Curitiba. Não foi divulgado porque Jefferson estava preso e no caso de Alessandro, consta que ele cumpria pena por assalto.

**GRUPO 2-D: Vítimas de classe popular – corpo de Nelson é encontrado durante demolição de casas**

A morte de Nelson da Rosa, de 43 anos, foi noticiada em duas edições do DC, na edição do dia 3 e na dos dias 4/5 de fevereiro. A quantidade de informações e o fôlego narrativo poderiam incluir a morte no grupo 1 desta investigação, mas por conta da publicação em dois dias acredito que a atenção seja um pouco maior do que as notas descritas no tópico anterior. No primeiro texto não foram comunicadas a identidade de Nelson e as causas de sua morte, na segunda matéria essas informações são divulgadas.

A primeira notícia menciona de forma secundária a morte de Nelson, pois o foco da matéria era a demolição de casas em uma área de preservação ambiental e alguns impasses de tal ação, como a legitimidade, ou não, das demolições sem ampla defesa dos proprietários das residências. A ação de demolição de casas irregulares na comunidade do Siri também está relacionada com o tráfico de drogas na região. No próprio texto noticioso é mencionado que região foi “palco de recentes confrontos entre facções criminosas” expondo essa possibilidade. Porém, “oficialmente, o critério divulgado pela prefeitura para a demolição é de que as casas foram construídas em Área de Preservação Permanente (APP)”. Durante a demolição das casas um corpo foi encontrado e a fonte policial consultada, Ênio Mattos, confirmou se tratar de um homicídio e não deu mais informações. Naquele momento ainda não tinha sido publicado o nome de Nelson.

No dia seguinte uma pequena nota de título “Corpo encontrado em dunas é identificado” informa o nome, idade e a causa da morte. Nelson foi morto a facadas provavelmente um dia antes da ação de demolição das casas na Comunidade do Siri. Além disso, o delgado ainda afirma, em citação indireta, que uma possível desavença com alguém da vizinhança seja a motivação para o crime. No texto noticioso é divulgado que Nelson não tinha antecedentes criminais.

### **3.2.3. GRUPO 3: Vítimas de classe popular – contagens como modo de apresentação dos homicídios e diferentes episódios aglutinados em uma notícia**

Diferentes construções noticiosas podem apontar como o fenômeno social dos homicídios é percebido por quem produz o conteúdo jornalístico e como são apresentadas ao público. Nesse sentido, a forma de informar sobre os homicídios pode dar pistas não apenas do que é de interesse de cobertura jornalística do veículo como, também, aquilo que o jornal e seus profissionais entendem que pode interessar ao público. Percebo que a decisão de dar destaque para contagens e números são escolhas jornalísticas para informar os leitores

da situação do fenômeno social dos homicídios. Essa escolha, na minha interpretação, é marcada por uma ambiguidade: pela importância das estatísticas e contagens em um fenômeno tão complexo como os homicídios e, ao mesmo tempo, pelo apagamento e invisibilidade que as contagens produzem sobre as singularidades das vítimas das classes populares.

Em quatro notícias deste grupo qualquer singularidade das vítimas é colocada em segundo lugar ou substituída, principalmente nos títulos, pela contagem dos homicídios ocorridos no ano. Em duas notícias os assassinados são informados de maneira aglutinada, mesmo que as mortes tenham acontecido em circunstâncias distintas. O destaque para contagens e números parece prevalecer em detrimento de informações que permitam conhecer as pessoas que foram mortas. As primeiras duas notícias que descrevo abaixo demonstram esse modo de aglutinar homicídios. As outras quatro exibem esse tipo de contagem que constitui as notícias utilizada pelo DC na edição de 6 de março e nos dias 26, 27 e 29 de junho.

### **GRUPO 3-A: Vítimas de classe popular – quatro mortos em quatro dias**

“Violência deixa quatro mortos em quatro dias em Florianópolis”, este foi o título da matéria publicada pelo DC no dia 28 de fevereiro. A cartola da notícia explica que “apesar dos crimes terem sido no período de Carnaval, nenhum dos casos aconteceu em lugares onde aconteciam festas populares”. Os quatro homicídios ocorreram em locais diferentes do espaço urbano da cidade: bairro Coqueiros, Capoeiras, Saco dos Limões e Rio Vermelho. Nenhuma das vítimas foi identificada. Sem citar os nomes e de acordo com o delegado Ênio Mattos, o texto noticioso expõem os possíveis motivos para os crimes.

No caso do homicídio registrado em Coqueiros, Ênio revela que o motivo da morte foi uma briga de família. (...) Um desentendimento também seria a causa do homicídio no Rio Vermelho (...). Os assassinatos registrados em Capoeiras e no Saco dos Limões (corpo nas margens da Via Expressa Sul), aponta o delegado, têm como motivação o tráfico de drogas em pequenas quantidades. (*Diário Catarinense*, 28 de fevereiro de 2017, p.10)

Além do delegado Ênio Mattos, o diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, Verdi Furlanetto, também é uma fonte explícita

no texto. A *Hashtag #SegurançaSC Essa causa é nossa* e os número de homicídios em Florianópolis até aquele momento, 33, são informados.

### **GRUPO 3-B: Vítimas de classe popular – balas perdidas, dois feridos e três mortes em Florianópolis**

A notícia “Balas perdidas, dois feridos e três mortes em Florianópolis” reúne uma série de acontecimentos derivados, segundo o texto, de conflitos entre policiais e criminosos. “Duas pessoas inocentes feridas com balas perdidas, três mortes na mesma noite, sendo duas delas em confrontos com policiais militares e uma das principais avenidas fechada para o tráfego de carros como prevenção” são as informações da abertura da matéria do dia 2 de março. As vítimas são Tiago Dias de Arruda, de 26 anos, Lucas Miguel Mendes, de 19 anos, e um homem não identificado. Compõem a narrativa noticiosa, uma foto do local, uma chamada na capa do jornal para a notícia, a *hashtag #SegurançaSC Essa causa é nossa*, e informações retiradas de uma nota oficial da PM assinada pelo tenente-coronel João Batista Réus, chefe de comunicação da corporação e única fonte explícita.

Vale ressaltar, em vista da dificuldade que tive em tentar compreender os episódios noticiados, a falta de clareza sobre as circunstâncias dos homicídios no texto. A notícia contém algumas informações difusas e destina mais atenção para duas pessoas atingidas por balas perdidas que não tinham relação com os tiroteios, além de mencionar que o DC já publicou reportagem sobre a situação da violência urbana nas proximidades do bairro Monte Cristo. Um quadro com os horários de alguns incidentes organiza as informações e ajuda a entender os contextos das mortes. Segundo a notícia, as 17h10min homens disparam contra PMs, que revidaram, e Tiago Dias de Arruda morreu no conflito; a meia noite Lucas Miguel Mendes foi morto, alvo de tiros, mas não foi informada a autoria; e a 1h50min o “Bope se deparou com homens armados que atiraram contra a equipe. Houve troca de tiros e um dos criminosos foi alvejado e morreu”.

### **GRUPO 3-C: Vítimas de classe popular – 42 homicídios no ano**

Na segunda-feira, 6 de março, a notícia “Com nova morte, Florianópolis registra 42 homicídios neste ano” informa sobre a morte de um homem que não teve seu nome e idade divulgados. A mesma informação do título abre o *lead* da matéria. O assassinato ocorreu no bairro Monte Cristo, região identificada como de moradia de pessoas de classes populares na parte continental de Florianópolis. A única fonte

nomeada no texto noticioso, o delegado Ênio Mattos, disse que a polícia só tomou conhecimento do caso com a entrada da vítima no hospital, pois a polícia não foi chamada para atender a ocorrência. “O pouco que se sabe, é que o rapaz estaria em uma festa e não houve troca de tiros”. Além das poucas informações sobre a vítima e dos números totais dos homicídios até aquele momento, outras cinco mortes são noticiadas, quatro delas na sexta-feira. Os homicídios citados são de Vilmar Souza Júnior, que será descrita no tópico sobre as vítimas de classe média, de um rapaz<sup>45</sup> morto na entrada do estacionamento do Floripa Shopping, de dois homens no bairro Monte Cristo e de outra vítima em Ratonas, norte da Ilha.

### **GRUPO 3-D: Vítimas de classe popular – Capital chega a 96 vítimas**

“Capital chega a 96 vítimas” foi publicada na segunda-feira, 26 de junho. O *lead* da notícia resume o foco narrativo: “Florianópolis chegou a 96º morte violenta neste ano. A marca foi atingida no sábado à tarde, por volta das 14h30min, após a polícia localizar um corpo envolto em plástico bolha e em um edredom”. Não consta no texto a identidade da vítima, apenas o local onde seu corpo foi encontrado, na Estrada Geral Cristóvão Machado de Campos, no bairro Vargem Grande, norte da ilha. Apesar de não ter maiores informações sobre a pessoa assassinada, a fonte policial consultada, o delegado Ênio Mattos, afirma que “o crime tem ligação com tráfico de drogas”. Além dessas informações, um duplo homicídio ocorrido na sexta-feira é informado no mesmo texto noticioso, Fabiano Ricardo Pacheco de Oliveira, de 32 anos, e Thomas Gonçalves de Macedo, de 18 anos, morreram baleados na mesma região da cidade. Segundo a notícia, os crimes não têm relação entre si, mas “assim como a ocorrência de sábado, a polícia suspeita que os assassinatos tenham ligação com tráfico de drogas e teriam sido motivadas por um acerto de contas”.

### **GRUPO 3-F: Vítimas de classe popular – mortes violentas chegam a 99 na Capital**

No dia 27 de junho a matéria com o título “Mortes violentas chegam a 99 na Capital” noticia a morte de Deyvid dos Santos Maranhão, de 21 anos. Segundo o texto noticioso, a morte ocorreu em

---

<sup>45</sup> O nome não foi informado, mas pelas características do crime, local e circunstâncias presumo que se trata de Marcos Eduardo Marcelino. O homicídio de Marcos foi descrito no grupo anterior.

um conflito com policiais após um assalto a um comércio na Cachoeira do Bom Jesus, Deyvid e outros suspeitos fugiram para a Vila União quando se encontraram com uma viatura do Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT) da Polícia Militar (PM) e ocorreu o confronto. O tiroteio aconteceu por volta das 17h, “horário de saída de uma creche e por isso houve correria”. A matéria ainda menciona que Dayvid foi preso em abril e solto por decisão judicial.

A fonte policial explícita no texto aparece apenas como PM. Além da PM, uma liderança comunitária, Tânia Aparecida da Rosa, e moradores da região não citados diretamente também compõem as fontes da narrativa noticiosa. Tânia e outras pessoas protestaram contra a violência e questionaram algumas ações da PM na região. Um infográfico com os números dos homicídios nos últimos anos e uma foto de um policial armado, com a legenda: “A PM instalou uma barreira na Vila União, onde deve permanecer por tempo indeterminado. A comunidade do local protesta contra a violência” completam a matéria.

### **GRUPO 3-G: Vítimas de classe popular – capital atinge marca de 101 assassinatos**

No dia 29 de junho o *Diário Catarinense* noticiou que após a polícia encontrar dois corpos enterrados, Florianópolis contabilizou 101 assassinatos nos seis primeiros meses no ano. “Policiais descobriram dois corpos enterrados na região do Papaquara, no norte da Ilha, após receberem um telefonema anônimo”. O foco narrativo são os números do fenômeno dos homicídios na cidade, pois no primeiro semestre a cidade registrou mais mortes que em todo o ano anterior. A matéria apresenta uma série de dados estatísticos sobre o recorde negativo, como gráficos que demonstram que as mortes no ano 2017 estão muito acima dos anos anteriores e que Florianópolis supera todas as grandes cidades do estado em homicídios. Além disso, a matéria tem chamada na capa, uma fotografia de policiais na região onde os corpos foram encontrados<sup>46</sup>, e a *hashtag* #SegurançaSC Essa causa é nossa.

---

<sup>46</sup> A legenda da fotografia e um trecho do texto relembram a morte da turista Daniela Scotto, assassinada nas primeiras horas de 2017. Em ambas as citações ela é mencionada como a primeira vítima do ano, um equívoco que abordo nas considerações finais deste capítulo.

Figura 6: reprodução da página do DC do dia 29 de junho

NOTÍCIAS | SEGURANÇA

DIÁRIO CATARINENSE  
29 de Junho de 2013

# CAPITAL ATINGE MARCA DE 101 ASSASSINATOS

COM DOIS CORPOS encontrados ontem, Florianópolis somou em seis meses nove mortes a mais do que o ano passado inteiro

#SEGURANÇA SC  
SEGURANÇA E BEM-ESTAR

REPORTAGEM  
www.diariocatariense.com.br

**C**riminalidade crescente nos ruas, guerra entre favelas e confronto entre polícia e bandalheiros levaram a Florianópolis a atingir uma estatística inédita: a cidade já soma 101 assassinatos desde janeiro. Não há registro de outro período marcado por tamanho volume morto em tão pouco tempo. A projeção do número cresce somente 10 meses a um período inteiro, quando a Capital já tinha de 90 homicídios até dezembro.

Os dois últimos acontecimentos foram encontrados ontem à noite. Publicista desarmado após compra anônima no região da Pajuçara, no Norte da Ilha, após se colocar uma telefonada anônima. Uma das vítimas é um homem que teria sido morto por um tiro no peito anterior. A polícia está fazendo buscas sobre o outro corpo, mas a suspeita é de que o morto tenha se suicidado. Há mais tempo dovido ao estado de decomposição.

Os corpos foram encontrados numa área de vegetação nos fundos do serviço de limpeza Machado. Trata-se de um caso facilmente analisado a partir da análise forense feita pelo Dr. Ricardo. Primeiro vítima de caso, ele foi atingido por um tiro disparado por um adolescente conhecido como o "valdeiro" de drogas. A morte do turista chegou a Curitiba e a vítima alertou sobre os altos índices de violência praticada na Capital.

No início, o registro do Praguense vítima ocorreu de forma atípica: policial, com as mesmas operações de combate ao tráfico e a ao porte de armas. A presença do efetivo, no entanto, passou a ser marcada também no resultado em que outros registros de Florianópolis também demonstraram maior atenção da polícia.

A Delegacia de Homicídios da Polícia Civil ainda não confirma a distribuição dos registros por região, mas o acompanhamento de reportagem indica que o maior dos casos se dá na zona do Norte da Ilha e a favela Monte Cristo, na parte continental. A polícia analisa a possibilidade de mortes ao confronto entre grupos rivais, tendo em consideração os últimos incidentes marcados por operações e prisões de bandalheiros armados.

— Sobre Florianópolis, quem se manifesta em homicídios têm relação com o tráfico de drogas. Nunca se esperava que isso chegasse a esse estágio no momento por

dois dos seus anteriores. Isso demonstra o aumento de tráfico e consumo, onde a região é o ambiente propício para conflitos e revolta, mas também é demonstrado pela presença de áreas de fuga que geram problemas diretamente no Estado — afirma o comandante geral da Póli no Estado, coronel Paulo Henrique Soares.

**INÍCIO DE CONFLITO EM COMUNIDADE AGRÍCOLA**

Além de registrar os próprios estatísticas, os mortos nos últimos seis meses são também colocados a cidade à frente de conflitos no registro de violência. Localizado pelas ruas próximas dos seus muros, a cidade do Norte do Estado somou 17 casos até ontem. São portões, 30 mortes antes de chegar a Capital.

Outras investigações policiais do Estado, como Blumenau e Chapecó, não foram capazes a maioria dos acontecimentos em dois meses corridos. Uma região de estatísticas em Florianópolis também se dá em um confronto entre policiais militares e suspeitos nos últimos meses. Ao mesmo tempo outras forças policiais por policiais militares entre parents e garças. Desde 2011, pelo menos, a Capital não teve tanta ocorrência em confronto com seu primeiro assassínio.

**MORTES VIOLENTAS**  
Principais cidades

2017	101
2016	95
2015	81
2014	50
2013	27
2012	68
2011	52
2010	49

De janeiro a dezembro

2013	92
2012	67
2011	65
2010	66
2009	68
2008	95
2007	87

Fonte: Conselho de Estatística e Médica Criminal, Polícia Civil, Secretaria de Defesa Social e Ministério da Saúde. Os registros de segurança pública são de caráter preliminar.

Comparação com as maiores cidades

- 17 CANGARÁ
- 21 BOMMEZINHA
- 77 BOMMEZINHA
- 101 FLORIANÓPOLIS

Cabe destacar que dos nove parágrafos que compõem a notícia, apenas dois tratam diretamente das duas mortes. O restante do texto aborda os dados preocupantes do fenômeno social dos homicídios na cidade. Na notícia, um tipo de investigação interpretativa por parte do jornalista a partir do acompanhamento dos assassinatos, o procedimento aponta que duas regiões concentram maior recorrência de assassinatos.

Outro dado presente na matéria é o aumento das mortes em confronto com policiais. Estão entre as fontes o comandante-geral da PM de Santa Catarina, coronel Paulo Henrique Hemm, dados da Gerência de Estatística e Análise Criminal (Geac) da Diretoria de Informação e Inteligência (Dini) da Secretária de Segurança Pública de Santa Catarina.

### **3.2.4. GRUPO 4: Vítimas de classe popular – conflitos entre facções criminosas como objeto de cobertura jornalística**

O *Diário Catarinense* cobriu com certo interesse e atenção conflitos que resultaram em 21 homicídios no período estudado. Essas mortes, geralmente tratadas em conjunto pois essas pessoas morreram em um mesmo conflito ou em consequência dele, foram objeto de uma cobertura que acompanhou os desdobramentos das investigações policiais e as respostas das instituições públicas para combater a criminalidade. A seguir, descrevo esse tipo de cobertura dividida em três séries de notícias sobre três conflitos entre facções que, segundo o noticiário, atuam no tráfico de drogas na cidade.

#### **GRUPO 4-A: Vítimas de classe popular – conflitos no norte da ilha**

Quatro notícias sobre seis vidas perdidas em decorrência de homicídios compõem a primeira série de textos. Os homicídios ocorreram no Morro do Mosquito, na Cachoeira do Bom Jesus e na comunidade do Siri, todos na região norte da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Neste grupo de notícias estão ausentes do texto informações sobre as ocupações no mundo do trabalho das vítimas, algo sempre presente na cobertura das vítimas de classe média como veremos a seguir, mas a existência de antecedentes criminais de três das seis vítimas é mencionada. Permeia a narrativa o conflito entre duas facções criminosas com atividades no tráfico de drogas, PGC e PCC.

A primeira notícia dessa série, “Três mortes em um só dia no norte da Ilha”, retrata os homicídios de Leonardo Morche Garcia, de 45 anos, Marcos Antônio da Silva Junior, de 26 anos e Fábio Menezes, de 27 anos. Os três homens, supostamente membros de uma facção criminosa local, o Primeiro Grupo Catarinense (PGC), foram mortos por membros do Primeiro Comando da Capital (PCC), facção criminosa que surgiu no estado de São Paulo logo após o massacre do Carandiru e que expandiu sua atuação por várias regiões do território nacional e outros países. Segundo o texto noticioso, Leonardo e Marcos estavam fugindo da região, pois sua família foi expulsa pelos integrantes do PCC após a

morte da Fábio, horas antes. Os homens assassinados tinham relações de parentesco. Esta notícia, de 16 de janeiro, tem como única fonte explícita no texto o delegado da Polícia Civil, Ênio Mattos. O delegado descarta a relação dos conflitos em Florianópolis com as dezenas de mortes resultantes do confronto entre facções criminosas em presídios do norte no país que ocorreram no mesmo período.

No dia seguinte, 17 de janeiro, uma matéria contextualiza o conflito interno e a preocupação das autoridades em relação ao descontrole do PGC. Nesse sentido, o texto noticioso explica que a transferência de lideranças da facção local para presídios federais desestabilizou o comando e, em consequência, aconteceram conflitos internos pelo controle do grupo criminoso. Além disso, a matéria destaca os confrontos entre PGC e PCC que iniciaram nos últimos anos na cidade de Joinville-SC e que agora possivelmente a Grande Florianópolis seja palco dessa disputa pelo controle do tráfico. As fontes, que segundo o texto noticioso são policiais experientes, estão em anonimato. Ainda nessa matéria, um subtítulo que aponta para a possibilidade de as mortes ocorridas no dia anterior não serem ordenadas pelos comandos das facções, mas atos isolados. Novamente é mencionado que os assassinatos em Florianópolis não têm relação com as mortes nos presídios no norte do país.

Em 23 de janeiro, outra notícia, com chamada na capa, informa sobre mais duas mortes no norte de Florianópolis, e que a região soma sete homicídios em 2017. A execução de dois homens - Eliton Pereira e Douglas Henrique de Andrade Faria – segundo informações contidas no texto noticioso, estariam ligadas aos conflitos e disputas do tráfico de drogas na região. A notícia cita que ambas as vítimas tinham antecedentes criminais. No texto os nomes de seis das sete pessoas assassinadas na região são mencionados. Além dos dois homens, Leonardo, Marcos e Fábio, mortos na semana anterior, são lembrados. A outra pessoa, a turista gaúcha Daniela Scotto, foi citada em outras notícias do corpus de pesquisa e tem uma cobertura destacada, conforme é possível observar no tópico sobre vítimas de casse média. Uma foto do local do crime, em que aparecem policiais, profissionais da área saúde, peritos e o carro onde estão as vítimas, com a legenda: arquivo pessoal, complementa a matéria.

Termina essa série a notícia “Polícia monta força-tarefa para coibir crimes no norte da Ilha”, publicada no dia 25 de janeiro. A matéria informa sobre o anúncio, por parte do governador do estado, Raimundo Colombo e pela cúpula de segurança, de medidas para combater os crimes na região. “Uma força-tarefa composta por até sete

policiais destinada a investigar especificamente assassinatos é a aposta da Polícia Civil para diminuir a onda de violência que atinge o norte da Ilha de Santa Catarina”. Além do anúncio, a atualização do número de homicídios na região, oito naquele momento, e outras informações sobre o conflito entre facções constituem o texto noticioso.

Na cobertura destas seis vidas perdidas em decorrência de homicídios não foi possível identificar o interesse em retratar singularidades de cada pessoa assassinada. O foco principal da narrativa esteve na ótica do conflito entre facções que disputam o domínio do tráfico de drogas na região e, também, das respostas das instituições públicas para combater a criminalidade. De certa forma, essa cobertura parece ser, também, resultado da repercussão da morte da turista Daniela, que será descrita no tópico que versa sobre a cobertura jornalística destinada para as pessoas de classe média. Antes, porém, descrevo mais duas séries de notícias da cobertura de conflitos entre facções que resultaram em homicídios.

#### **GRUPO 4-B: Vítimas de classe popular – cobertura da Chacina da Costeira**

Em quatro edições (dos dias, 6, 7, 8/9 e 10 de abril) o DC noticiou a cobertura do que denominou como “Chacina da Costeira”. O jornal tratou de quatro vidas perdidas em decorrência do conflito entre pessoas que atuam no mundo do tráfico de drogas e suas consequências, além de noticiar mais duas mortes que não parecem ter relação com o episódio. Nessa sequência de notícias não foram citados nomes ou siglas de facções, uma mudança percebida na continuidade da cobertura do fenômeno social dos homicídios em Florianópolis pelo *Diário Catarinense*.

A primeira notícia da série, do dia 6 de abril, informa que “três homens foram mortos e outros três ficaram gravemente feridos na noite de ontem após troca de tiros entre grupos rivais na Costeira, no sul da Ilha de SC”. Entre as fontes explícitas no texto estão o delegado da Polícia Civil, Ênio Mattos, policiais da Polícia Militar, profissionais socorristas do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) e pessoas que vivem ou estavam próximas do local onde ocorreram os assassinatos. A matéria teve manchete e foto na capa e outra fotografia, que registra o momento em que socorristas do SAMU colocam uma pessoa ferida em uma maca dentro da ambulância completa a narrativa noticiosa.

Figura 7: imagem da Capa do DC do dia 6 de abril

**DC** **DIÁRIO CATARINENSE**

**QUINTA-FEIRA**  
6 DE ABRIL DE 2017

SANTA CATARINA  
RUA XI Nº 12.234  
CENTRO - FLORIANÓPOLIS - SC  
R\$ 2,90 - 7 páginas

**ONG EXPLICA**  
**SC TEM BAIXO ÍNDICE DE MULHERES NA POLÍTICA**  
Participação é inferior à média do país para todos os cargos eletivos  
Notícias | 6 e 7

**CONTAS IBATINAS**  
**CAIXA ANTECIPA RESGATE DO FGTS**  
Nascidos em março, abril e maio podem sacar a partir de sábado  
Sua Vida | 25



**CHACINA NA COSTEIRA**  
Tirotoiro entre grupos rivais em comunidade marginaliza pelo branco deixa pelo menos três mortos e outros três feridos, em Florianópolis  
Notícias | 14

**SINAIS POSITIVOS**  
**EXPORTAÇÕES CATARINENSES CRESCERAM 22,44% NOS PRIMEIROS MESES DO ANO**  
Percentual foi puxado pela venda de aves, carne suína e soja na comparação com o mesmo período do ano passado, com volume chegando perto dos R\$ 2 bilhões  
Estela Benetti | 17

**pci classificados**  
Quintas e Domingos  
Para anunciar, ligue  
(48) 3216.3216  
dclassificados.com.br

Cabe destacar a diversidade de fontes que compõem a notícia. Além do delegado Ênio Mattos, uma das fontes mais recorrentes na cobertura do fenômeno social dos homicídios em Florianópolis no período estudado, e de policiais militares que também aparecem nas notícias com certa frequência, socorristas do SAMU e populares constituem as fontes para a construção do texto noticioso. No caso das

pessoas que estavam no entorno, nenhuma citação direta foi utilizada, mas serviram para produzir a narrativa noticiosa.

Relatos de testemunhas indicam que os criminosos estavam em três automóveis – um Astra e uma Zafira já foram localizados – armados com e pistola. Minutos após o episódio, moradores foram para as ruas acompanhar a movimentação policial. Muitas pessoas choravam sem saber se parentes estavam entre os mortos e feridos. (*Diário Catarinense*, 6 de abril de 2017, p.14).

A matéria informa que dois suspeitos foram presos e ainda contextualiza que o antigo líder do tráfico na região, Sérgio de Souza, o Neném da Costeira, cumpre pena no presídio federal de Porto Velho (RO). E que seu irmão, Danilo de Souza, foi preso na semana anterior acusado de mandar matar Vilmar de Souza<sup>47</sup> Junior, nas proximidades do Mercado Público de Florianópolis. A morte de Vilmar teve uma cobertura interessada e atenda, conforme é possível observar no tópico sobre as vítimas de classe média. Um texto opinativo sobre o episódio acompanha a notícia, porém a análise desse gênero jornalístico não está entre as minhas escolhas de pesquisa.

A edição do dia seguinte, 7 de abril, traz um conjunto de três textos noticiosos e uma entrevista com o delegado da Polícia Civil da Grande Florianópolis Verdi Furlanetto sobre o episódio do dia anterior. O conjunto de textos ocupa duas páginas do jornal, contém um infográfico, uma foto de policiais na região onde ocorreu os assassinatos, variadas fontes e a *hashtag*<sup>48</sup> *#SegurançaSC-Essa causa é nossa*. Novamente, o episódio teve chamada na capa do DC, mas desta vez sem foto e ocupando pouco espaço.

O primeiro dos três textos noticiosos menciona as mortes ocorridas no dia anterior como gancho temático para tratar dos números dos homicídios ocorridos na cidade de Florianópolis em 2017, até aquele momento. Tratam-se de 63 mortes violentas intencionais, mais

---

<sup>47</sup> Apesar de ter o mesmo sobrenome, Vilmar não tem parentesco com o suspeito de ser o mandante de sua execução.

<sup>48</sup> As *hashtags* são termos, ou palavras-chaves, que podem ser vinculados a um texto, foto e vídeo na internet, pois se tornam espécies de hiperlinks. As *hashtags*, palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#), são indexadas em sites de busca como o Google e em redes sociais, como Facebook e Instagram.

que o dobro na comparação com o mesmo período de 2016 (de 1º de janeiro à 6 de abril), superior aos números totais dos anos de 2013 e 2014 (60 e 61 respectivamente), e próximo dos números totais de 2015 (67 homicídios). Um intertítulo destaca que as mortes possivelmente estão ligadas aos conflitos entre facções criminosas. Estão entre as fontes explícitas na matéria o governador do estado de Santa Catarina, Raimundo Colombo; o professor de direito penal, especialista em criminologia e doutor em ciências jurídicas, Alce de oliveira Pinto Junior; a assessoria de imprensa da Secretaria de Segurança Pública (SSP); e dados da Polícia Civil e da SSP. Além disso, a notícia conta sobre dois assassinatos ocorridos em outros locais do espaço urbano da cidade. Um segundo texto noticioso informa que dois suspeitos de participar da chacina foram soltos após audiência de custódia.

Figura 8: reprodução da página do DC do dia 7 de abril

NOTÍCIAS | SEGURANÇA

# NÚMERO DE HOMICÍDIOS FORA DE CONTROLE

**COM CINCO ASSASSINATOS em menos de 24 horas, Florianópolis tem 63 mortes violentas até ontem, mais do que o dobro registrado no mesmo período do ano passado e um novo recorde negativo no Estado**

**#SEGURANÇA SC**  
UMA CIDADANIA ATIVA

**92** mortes violentas

**ESCALADA DA VIOLÊNCIA**  
 Mortes violentas em Florianópolis  
 ■ Mortes de 2016 ■ 01 de janeiro a abril

Ano	Mortes violentas
2012	25
2013	28
2014	44
2015	67
2016	130
2017	63

**Por falta de provas, Justiça manda soltar dupla detida após chacina**

Menos de 24 horas depois da prisão de dois homens suspeitos de participar de chacina na Costeira, a Justiça decidiu soltar os presos por falta de registros criminais de autoria, autoria de outro cadáver e deficiência no quesito pericial. A decisão de soltar a prisão em flagrante de Fernando Vitorio Zanatta, o Nado, e Ricardo Colla Gonçalves, o Corgi, veio à tarde em audiência de controle no Fórum da Capital.

Segundo o despacho judicial a que o DC teve acesso, os dois foram indiciados em liberdade porque não haviam provas e indícios suficientes de autoria das crimes de homicídio qualificado e associação criminosa em infrações locais pelo polícia condutor, o então delegado Marcelo Pontes. A magistrado citou também a ausência de representação de Ministério Público no âmbito do DC, entre em contato com o magistrado, mas o não fez por omissão.

O juiz também ordenou a suspensão de prisão de Fernando Vitorio Zanatta e Ricardo Colla Gonçalves, com o prazo de 30 dias para a apresentação de provas suficientes para a manutenção da prisão. O juiz também determinou a suspensão de prisão de Fernando Vitorio Zanatta e Ricardo Colla Gonçalves, com o prazo de 30 dias para a apresentação de provas suficientes para a manutenção da prisão.

**COMUNICADO PELOS PONTES DE TRÁFICO DE DROGAS**

A reportagem afirma que o grupo de chacina de um crime cometido na Costeira, no entanto, não se trata de um crime organizado, mas sim de um grupo de jovens que se reuniram para cometer o crime. Por volta de 10h, um delegado foi chamado ao Posto Policial de Copelão, onde ocorreu o crime.

**92** mortes violentas

**COMUNICADO PELOS PONTES DE TRÁFICO DE DROGAS**

A reportagem afirma que o grupo de chacina de um crime cometido na Costeira, no entanto, não se trata de um crime organizado, mas sim de um grupo de jovens que se reuniram para cometer o crime. Por volta de 10h, um delegado foi chamado ao Posto Policial de Copelão, onde ocorreu o crime.

O terceiro texto, de título “Comunidade com medo de novos ataques na Costeira”, traz de forma indireta a experiência e a preocupação de moradores depois dos assassinatos. Também compõem a notícia uma fotografia do local, que mostra policiais fazendo rondas na região onde aconteceram as mortes, e hipóteses sobre a motivação do conflito, segundo o tenente-coronel da Polícia Militar Marcelo Pontes. Na matéria é informado pela primeira vez os nomes das vítimas –

“Christopher Carlos da Rosa, que não teve a idade divulgada, Igor Mazonim Leite Soares, 20, e Samuel Rosa da Silva, 22”.

Cabe destacar, ainda sobre o terceiro texto da edição do dia 7 de abril, o papel das pessoas que vivem ou estavam na região dos assassinatos como fontes. Ao tentar trazer para a narrativa a experiência da população, alguns parentes e amigos das vítimas, o texto noticioso confere uma certa complexidade e humanidade raros na cobertura dos homicídios de pessoas das classes populares. Mesmo sem nomear as fontes, a notícia apresenta uma perspectiva do conflito que aproxima o leitor das circunstâncias do episódio.

Todas tinham medo de que entre os mortos e feridos estivessem um familiar, amigo ou conhecido. E em muitos casos havia. Enquanto o rabecão do Instituto Médico Legal (IML) se preparava para subir a íngreme Servidão Maycon Francisco Pereira, por volta das 22h, moradores recebiam nos celulares fotos das vítimas que circulavam em grupos de WhatsApp. O celular passava de mão em mão até que uma jovem de 20 e poucos anos, grávida, irrompeu em choro e gritos desesperados ao ver na tela do telefone o pai de seu filho – baleado e morto. Em choque, a mulher foi retirada do local e levada para atendimento médico. (*Diário Catarinense*, 7 de abril de 2017, p.9).

A entrevista com o diretor e delegado da Polícia Civil da Grande Florianópolis, Verdi Furlanetto, aborda as investigações e como impedir novos homicídios na capital. O lead da entrevista sintetiza as respostas sobre as sete perguntas que questionam se não seria possível evitar a chacina e a respeito dos resultados das investigações e ações para coibir os crimes. A oportunidade, na citação abaixo, refere-se ao ato de incendiar carros pela cidade que distraiu a PM e permitiu que o conflito ocorresse, pois, as prisões de lideranças do tráfico na região permitiu que outros traficantes disputassem o controle da região.

Mesmo sendo notório entre os delegados que a prisão dos líderes do tráfico na Costeira na semana passada pudesse desencadear consequências na localidade, como as mortes da noite de quarta-feira, o comando da Polícia Civil na Grande Florianópolis avalia que os bandidos aproveitaram a oportunidade para agir e tomar o

lugar dos que haviam sido presos. É o que afirma o diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, delegado Verdi Furlanetto nesta entrevista. (*Diário Catarinense*, 7 de abril de 2017, p.9).

Na edição dos dias 8 e 9 de abril a notícia “Pontos de vistas explicam prende e solta” - ocupa uma página inteira do jornal e tem chamada na capa - dá seguimento à cobertura do DC sobre as mortes na Costeira. A matéria reúne as divergências de entendimento sobre a necessidade, ou não, de manter os dois suspeitos de participarem dos assassinatos na Costeira presos. Estão contidos no texto noticioso o entendimento de duas juízas, Erica Ferreira e Alexandra Lorenzi, que tiveram interpretações contrárias do caso— a primeira decidiu por liberar e a segunda por manter em prisão preventiva os suspeitos. Além das magistradas, a interpretação do promotor de justiça do Ministério Público de Santa Catarina, Francisco de Paula Fernandes Neto, e uma entrevista com o cientista jurídico, Alceu<sup>49</sup> Pinto de Oliveira Júnior, compõem a notícia. Fontes policiais também foram consultadas, mas não opinaram sobre as decisões das instituições de justiça. Um quadro relembra a primeira notícia, do dia 6 de abril.

No dia 10 de abril uma pequena notícia, com chamada na capa, informa que uma das pessoas feridas no conflito no bairro Costeira, “Maico Ramos, 33 anos, não resistiu aos ferimentos e morreu três dias após o tiroteio”. A matéria relembra outros três mortos no conflito e menciona que outras duas pessoas feridas “Adalberto da Silva Junior, 23 anos, que tem mandado de prisão em aberto, e Felipe Machado, também com pedido de prisão em vigor”, estão hospitalizadas. Essa notícia encerra a cobertura sobre o que o DC denominou de “Chacina da Costeira”. O fôlego narrativo dos textos, seus elementos, fontes e informações são identificados na cobertura da série que descrevo abaixo e na das vítimas de classe média, que abordo após a última série de textos sobre as vítimas de classes populares.

#### **GRUPO 4-C: Vítimas de classe popular – cobertura do conflito na Vila União**

Nas edições dos dias 19, 20, 21 de abril e da edição dos dias 6 e 7 de maio o DC noticiou as mortes de nove pessoas, seis na Vila União, em consequência de disputas entre grupos criminosos que atuam no tráfico de drogas. O destaque dessa cobertura se deu pela ótica das

---

<sup>49</sup> Alceu aparece como fonte na cobertura da morte da turista Daniela, mas é designado como o especialista em criminologia e professor da Univali.

operações e respostas das instituições públicas de segurança, com pouca atenção jornalística para as vítimas desses homicídios. As fontes, na grande maioria dos casos, são membros destas instituições: Polícia Civil, Polícia Militar e Secretaria de Segurança Pública (SSP).

A edição do *Diário Catarinense* do dia 19 de abril noticia nove assassinatos na região norte de Florianópolis. Quatro textos noticiosos e uma entrevista informam sobre estes nove homicídios e suas repercussões nas esferas de governo e na Assembleia legislativa. Dois dos textos noticiosos, um deles a partir de uma declaração do secretário de segurança pública e outro com declarações de deputados, não são recorrentes na cobertura dos homicídios pelo DC. Além disso, um quadro relembra alguns episódios de assassinatos com um breve resumo e datas dos homicídios: Daniela (1º de janeiro), Vilmar (3 de março), Jennifer (10 de março) e a Chacina da Costeira (5 de abril).

O primeiro texto, de título “Dois ataques e nove mortos”, noticia que em oito dias nove pessoas foram mortas na cidade. Segundo a notícia, destas nove mortes, seis estariam relacionadas, quatro dos seis homicídios em um mesmo embate na Vila União, norte de Florianópolis. Pelo menos uma das vítimas morreu em confronto com policiais. Na minha leitura, o texto noticioso tem uma precisão menor para explicar as circunstâncias dos assassinatos em comparação com as notícias das duas séries anteriores. Uma foto do local completa a notícia.

A matéria relembra que após o episódio da Chacina da Costeira autoridades anunciaram ações de combate à criminalidade, mas que tais ações não foram suficientes para evitar mais um conflito entre traficantes. As únicas fontes explícitas neste texto são membros de instituições policiais. Foram publicados os nomes de três das quatro vítimas do conflito na Vila União, Luiz Henrique Camacho do Santos, de 19 anos, Wesley Rocha de Brito, de 20 anos e Adalberto Eduardo de Oliveira Barbosa, de 28 anos. Além deles, o nome de Fábio da Silva, de 19 anos, outra vítima de homicídio na região, que ocorreu no dia anterior e segundo a notícia tem relação com os outros assassinatos, foi mencionado. Nenhuma outra informação sobre as vítimas está contida nos quatro textos noticiosos e na entrevista.

O segundo texto noticioso da edição do dia 19 de abril, “Sensação de insegurança em comunidade do Norte da Ilha”, reúne impressões de moradores da região sobre o acontecimento. O nome de nenhuma pessoa aparece na notícia. Desse modo, são professoras, comerciantes e moradores os termos usados no texto, mesmo as citações diretas recebem esse tipo de designação. A única fonte nomeada é o comandante da Polícia Militar na região, Sinval dos Santos da Silveira

Júnior. Um gráfico demonstra que os números de homicídios de janeiro a abril em 2017 é de 75, mais que o dobro dos anos anteriores. Além disso, um texto opinativo completa a página, mas a análise desse gênero jornalístico – como explicado anteriormente – não faz parte das minhas escolhas de pesquisa.

“Grubba: ‘fazemos segurança para pessoas de bem’” é o título da notícia (terceiro texto da edição) retirada de uma declaração contida na nota oficial da Secretaria de Segurança Pública (SSP) sobre os homicídios em Florianópolis. A fala é do secretário da SSP, César Grubba, e a matéria trata de questionamentos de dois profissionais do direito e de uma liderança comunitária à declaração do secretário. Em certa medida, as opiniões das três fontes apontam que a declaração de César Grubba confere uma posição ao papel institucional que inclui uma parcela da sociedade como cidadãos de bem e exclui outras pessoas envolvidas no universo da criminalidade. Abaixo as contestações da defensora pública, Fernanda Mambrini Rudolf, do presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/SC, Sandro Sell, e do padre e líder comunitário, Vilson Groh.

A separação entre cidadãos de bem e outros que sequer são considerados cidadão é feita em valores, na moral, o que não é admitido em nosso direito, em nosso Estado. Quando um secretário se vale dessa classificação, admite isso como critério para legitimar mortes, para dizer que não vai agir em determinados casos – critica a defensora pública de Florianópolis, Fernanda Mambrini Rudolf. (...) o Estado tem o dever de proteger a todos, prendendo os que devem ser presos, mas jamais se conformar com mortes violentas ocorridas em seu território, seja quem for. [Sandro Sell] (...) Cidadão de bem são todos os jovens que moram nas periferias, que ao longo do tempo optaram por esse caminho, sem dúvida, em função de não termos gerado oportunidades suficientes numa perspectiva de políticas públicas [Vilson Groh]. (*Diário Catarinense*, 19 de abril de 2017, p.15)

Cabe destacar que as críticas da defensora pública, do advogado e do padre à declaração do secretário, caso excluídas o tom de personalidade (pois os três se referem ao secretário/gestão e não em relação ao modo institucional de operar que reflete estruturas sociais),

seriam observações próximas ao fenômeno da subcidadania e da má-fé institucional (SOUZA, 2003 e 2009). Esse modo de operar dos agentes das instituições, de secretários aos policiais, passando por outras instituições e profissionais, faz parte dos pressupostos teóricos desta investigação e que busco identificar e descrever na cobertura do fenômeno social dos homicídios em Florianópolis.

Uma entrevista com o Diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, Verdi Furlanetto, e uma pequena matéria encerram a edição de 19 de abril do DC. O quarto texto noticioso informa sobre a repercussão da crise na segurança pública nas falas no plenário de três deputados da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. A entrevista, com o título “É uma disputa entre facções criminosas por território”, contém cinco perguntas a respeito de possíveis ligações entre a Chacina da Costeira e o episódio na Vila União, e de como estão as investigações para identificar e prender os culpados. Nas repostas, o delegado garante que “há trabalhos de envergadura sendo executados” e que existem relações entre os homicídios ocorridos na Costeira e na Vila União, pois “foi a mesma facção criminosa que havia perdido espaço e agora está retomando de volta”.

No dia 20 de abril a notícia “Operação da PM apreende armas em local de chacina”, com chamada na capa do jornal, dá continuidade à cobertura do conflito na Vila União. A matéria informa que “quatro homens foram presos” e “foram apreendidas 13 pistolas, uma submetralhadora de uso restrito, uma arma de calibre 12, além de coletes e munições” após uma operação da Polícia Militar na região onde aconteceram os assassinatos. Segundo a matéria, “o crime é investigado como acerto de contas entre grupos rivais”. Além disso, uma foto das armas e munições e um texto opinativo complementam a notícia e, assim como na edição do dia anterior, nenhuma informação que permita conhecer as vítimas foi identificada.

Estão entre as fontes o tenente-coronel e comandante do 21º Batalhão da Polícia Militar, Sinval Santos da Silveira Júnior, em entrevista coletiva, e o secretário de segurança pública, César Grubba. A opinião do secretário está em um intertítulo: “Grubba reafirma declaração sobre segurança para ‘pessoas do bem’”, espaço onde César Grubba diz ter recebido manifestações de apoio e solidariedade pessoalmente, por telefone, e-mail e redes sociais a respeito das críticas que recebeu pela sua declaração. Na notícia ele reafirma: “volto a repetir: o Estado, como um todo, está presente para servir e proteger cidadãos de bem. Entre o bem e o mal, escolho sempre o bem”.

No dia seguinte mais uma notícia informa sobre resultado de uma operação contra o crime organizado em Florianópolis e outras cidades do estado de Santa Catarina. O texto não trata dos homicídios ocorridos na Vila União, mas relaciona de forma secundária com os conflitos na região. As ações atingiram o que o jornal denominou como grupo criminoso criado em São Paulo que disputa o domínio do tráfico com um grupo local. No dia 21 de abril o DC noticiou o que foi “considerada a maior ação contra o crime organizado em SC”. Nesta ação da Polícia Civil foram expedidos 112 mandados de prisão, 91 pessoas foram presas. Matéria com chamada na capa, ocupa duas páginas, contém foto e infográfico.

Na edição dos dias 6 e 7 de maio a notícia “Polícia Civil identifica autores de ataque” encerra a série de textos sobre os homicídios na Vila União. A matéria comunica que 10 dos 12 envolvidos nos ataques ocorridos nos dias 16 e 18 de abril (noticiados a partir do dia 19) foram identificados. O motivo dos ataques “por um acerto de contas entre facções rivais”. Os nomes não foram identificados e duas pessoas foram presas, os antecedentes criminais dessas pessoas foram divulgados no texto noticioso que encerra a cobertura do conflito na Vila União.

As três séries de textos possuem fôlego narrativo maior do que foi identificado na cobertura de mortes noticiadas de forma isolada, mas não aprofundam o tratamento jornalístico com fins de melhor informar sobre as vítimas. Pode-se dizer que em termos de número de notícias e de fôlego narrativo o tratamento destinado no grupo 4 é semelhante ao do grupo 5 (classe média), apresentado logo abaixo. Porém, no caso das vítimas de classe média, o fôlego da cobertura é individual. Nesse grupo, as 21 vidas não foram tratadas em suas singularidades. Não identifiquei nos textos noticiosos informações que permitissem conhecer melhor as vítimas, algumas tiveram seus nomes informados, outras não. Nada além de nomes e idade das vítimas foram comunicados.

### **3.2.5. GRUPO 5: Vítimas de classe média – interesse e atenção na cobertura jornalística**

Neste tópico descrevo a cobertura jornalística de cinco homicídios de pessoas de classe média. Neste grupo é perceptível uma diversidade de fontes e um fôlego narrativo maior que nas notícias descritas anteriormente, quando se trata de homicídios isolados. Outros elementos que compõem as peças jornalísticas deste grupo como fotografias e infográficos também são recorrentes na produção noticiosa, além de outros componentes que descrevo abaixo.

### **GRUPO 5-A: Vítima de classe média – a morte da turista Daniela**

A primeira edição do *Diário Catarinense* de 2017 destaca em sua capa duas fotografias e duas chamadas, uma “Começamos bem” e a outra “Começamos mal”. A segunda fotografia e o segundo título noticiam a morte de Daniela Scotto de Oliveira Sorares. A foto utilizada na capa é do carro, que em primeiro plano tem a marca de um tiro no vidro lateral traseiro onde a vítima estava quando foi atingida por um disparo de arma de fogo, conforme é possível ver na imagem abaixo. A legenda da segunda fotografia, que na imagem está com baixa definição, diz: “Assassinato de turista dentro do carro (foto) e atropelamento de três pessoas que curtiam a festa da virada no Norte da Ilha de SC fazem 2017 se iniciar de forma violenta”<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Sobre o atropelamento, ressalto que este acontecimento não está contido no corpus de análise por se tratar de um fenômeno distinto do que está em discussão nesta investigação.

Figura 9: Reprodução que fiz da capa do DC do dia 2 de janeiro



Além da posição editorialmente privilegiada de compor a capa do jornal, a notícia ocupa uma página inteira e tem um fôlego narrativo distinto das notícias descritas anteriormente. O texto contempla um conjunto de informações que permitem conhecer a vítima, sua profissão, seus planos futuros e outras informações sobre sua vida. Também estão contidos na matéria uma entrevista pingue-pongue com o comandante do 21º batalhão da Polícia Militar (PM) de Florianópolis, detalhes



de turista da vítima. Em geral, o tratamento jornalístico do *Diário Catarinense* designa as pessoas pelo gênero. Outros elementos que compõem a notícia como recursos gráficos<sup>51</sup> que destacam trechos da entrevista e o subtítulo: “Daniela Scotto foi atingida por um tiro na cabeça depois de sair de um jantar de Réveillon no bairro Vargem Grande”, com a presença do nome e de uma breve contextualização, fogem do tratamento habitual do DC. Ressalto, também, a presença de duas fotografias, uma da vítima e outra da operação da Polícia Militar em busca de suspeitos. O uso de fotografias de acervo pessoal, neste caso a reprodução do que parece ser uma foto do perfil da vítima em uma rede social<sup>52</sup>, não foi verificado quando as vítimas eram de classes populares. A segunda fotografia, da ação da PM, é recorrente na cobertura do DC quando fotografias são utilizadas, geralmente em episódios com mais de uma morte.

O texto traz, logo no primeiro parágrafo, informações que ajudam a conhecer Daniela e ações da polícia em busca dos suspeitos de cometerem o crime. Diferentemente da grande maioria das notícias, está presente nesta narrativa noticiosa pretensões e recentes conquistas pessoais da vítima. “A turista gaúcha Daniela Scotto de Oliveira Soares, 38 anos, terminou 2016 casada e com planos de ter filhos. Mas foi morta nas primeiras horas do ano ao entrar em uma rua na comunidade do Papaquara”. Na sequência, a matéria informa que “a promessa da corporação é de que policiais vão permanecer na região até prender os autores do crime”. Considero que ambas informações, de forma articulada, tornam a vítima passível de luto, pois o destaque por parte do veículo para a morte de uma inocente recém-casada e com planos de ter filhos, e a resposta da instituição policial, falam de uma vida que não deveria ser perdida, mas que pelo infeliz acaso de entrar numa comunidade violenta perdeu a vida.

Outros cinco parágrafos dão conta de contextualizar o acontecimento, informar sobre as pessoas que estavam com a vítima – “estavam no veículo também o marido, os sogros e um sobrinho, de sete anos” – e trazer a versão do cunhado de Daniela que contestou a ação da polícia após o assassinato. O texto também informa onde a vítima estava hospedada com o marido e onde estavam minutos antes do crime – em

---

<sup>51</sup> Falo do olho e do título na entrevista.

<sup>52</sup> Em estudo anterior pude comprovar que fotos semelhantes, no caso de pessoas de classe média, eram retiradas do perfil das vítimas em redes sociais, mas neste caso não encontrei perfil da vítima ativado no Facebook e não realizei buscas em outras redes sociais.

uma festa de Réveillon com familiares. Os modelos dos carros, o que Daniela se encontrava e outro que levava alguns parentes, e o aplicativo que utilizaram no smartphone para guiar o trajeto de carro são comunicados. Além disso, a matéria conta sobre a profissão, professora, e sobre o centro de yoga que Daniela abriu recentemente.

A ocupação e recentes acontecimentos de sua vida, mencionados na notícia, podem ser pensados em referência aos fundamentos morais do Ocidente que estão contidos no *habitus* dos setores médios da população. “Daniela casou-se em março de 2016. Natural de Porto Alegre, mudou-se para Sapucaia do Sul, na região metropolitana da capital gaúcha, onde abriu um centro de ioga”. Daniela, professora de yoga, seria passível de luto por ser uma pessoa produtiva e ter seu reconhecimento ligado ao fato de ter uma profissão. É possível afirmar que é através do trabalho útil e digno, substancialmente relacionado com as hierarquias morais do Ocidente, que a vítima ganha uma história de vida que mereça ser contada e que não deveria ser perdida tão precocemente. Seus planos, de ter filhos, e suas recentes conquistas, ter inaugurado seu próprio espaço de yoga, estão ligados ao pensamento prospectivo. Nesse sentido, podemos pensar que uma mulher empreendedora, com planos e conquistas no mundo trabalho, seja “o tipo de pessoa” valorizada no atual estágio do capitalismo e digna do apreço e da atenção do jornal.

O subtítulo dentro da notícia: “Cunhado critica atitude de policiais” provoca algumas questões relacionadas ao comportamento dos policiais. Pois, segundo a notícia, os policiais não atenderam ao pedido do cunhado da vítima para irem ao local procurar os culpados pela morte de Daniela. Soma-se ao texto noticioso uma entrevista, com seis perguntas sobre homicídio, feitas ao comandante da 21ª Batalhão da PM de Florianópolis, Sinval Santos da Silveira Júnior. Esse tipo de entrevista e a opinião de familiares, como fonte adicional e de contestação ao trabalho policial, é incomum na cobertura jornalística de homicídios do *Diário Catarinense*. É significativa a diferença na comparação com as matérias descritas até aqui, pois nas notícias sobre as mortes de pessoas das classes populares a fonte policial é a única, e geralmente entra sob a forma de uma declaração sem aprofundamentos e juízos sobre a vida perdida. No caso do assassinato de Daniela, não só temos a fonte policial contestada por outra fonte, como o comandante é questionado a esclarecer a contestação do cunhado da vítima e explicar por que o crime ocorreu.

O espaço dado para a fonte policial foge do habitual e a entrevista reforça o tratamento diferenciado que o DC destinou para Daniela. Entre

as falas do comandante, destacam-se duas que demonstram que as disposições de classe estão presentes além da cobertura jornalística, mas também na opinião de agentes da instituição policial. O comandante diz:

Quando o conflito é entre marginais, a sociedade, muito embora não aceite, entende. Mas, quando envolve cidadão de bem, fica a sensação de frustração (...) reforçamos e fizemos prisões justamente para limpar a área para as festas de final de ano. A gente lamenta, estou profundamente triste com a situação. (*Diário Catarinense*, 02 de janeiro de 2017).

A relação com o turismo é outro argumento central na notícia e motivação para que a PM “limpe o local” e para que “cidadãos de bem” possam aproveitar as celebrações de final de ano. Limpar o local, termo (ao meu ver) higienista e excludente, e cidadãos de bem indicam a mobilização de esforços e relações de poder nas esferas pessoais de policiais e jornalistas. Relações que demonstram tanto a atenção do jornal e do repórter, quanto da PM e do comandante. O fôlego narrativo, como decisão editorial e trabalho individual do jornalista, e a operação da PM de limpar a área e as declarações do comandante, me parecem revelar solidariedades definidas pela classe. Pois o papel institucional e de seus operadores converge para demonstrar que aquela vida importa. Assim, o veículo e a polícia, jornalistas e policiais, tratam de mobilizar os recursos materiais e simbólicos para, pelo menos, uma vez que Daniela foi morta, demonstrar luto por esta vida perdida.

Além da notícia descrita acima, mais cinco matérias reportaram os desdobramentos das investigações para encontrar a pessoa que cometeu o crime e outras ações da polícia relacionados com este assassinato. Nos dias 04, 05, 10, 11 de janeiro e 23 de fevereiro o DC publicou matérias sobre o homicídio de Daniela. Das nove notícias sobre homicídios publicados no mês de janeiro, cinco falaram sobre a turista, outras quatro matérias informaram sobre cinco pessoas mortas. Dos 20 homicídios ocorridos neste mês, apenas seis foram noticiados.

No dia 04 de janeiro o DC noticiou que o autor do tiro que matou Daniele já havia sido identificado e que a Justiça acatou o pedido da polícia de apreensão<sup>53</sup> do suspeito. As diferentes declarações de duas fontes policiais – o diretor da polícia da Grande de Florianópolis, Verdi

---

<sup>53</sup> Quando se trata de menores de 18 anos, o termo apreensão substitui a palavra prisão por conta das crianças e adolescentes não estarem sujeitas à normas do Código de Processo Penal.

Furlanetto, e o delegado, Ênio de Mattos – divergiram sobre a informação de que o suspeito era menor de 18 anos. Uma das fontes policiais preferiu não dar detalhes que pudessem atrapalhar as investigações e que resultassem na fuga do suspeito, dificultando a prisão. O outro policial responsável confirmou que se tratava de um menor de idade. Esse tipo de apuração jornalística, confrontando versões de agentes da mesma instituição, não foi identificado nas outras notícias do corpus de análise.

No dia 05 de janeiro, a notícia “Comunidade vive dias de tensão” usa como gancho temático a morte de Daniela para abordar a violência na comunidade onde ocorreu o crime. Fala de uma comunidade pequena se comparada com favelas dominadas de pelo crime organizado em outras regiões da Capital. A matéria ocupa uma página inteira do jornal e traz duas fontes adicionais, o especialista em criminologia e professor da Univali, Alceu de Oliveira Pinto Junior, e o presidente da Associação dos Moradores de Canavieiras, Sebastião dos Santos. Além disso, um infográfico demonstrando a área onde ocorreu o crime, uma fotografia de policiais no local e a *hashtag* #SegurançaSC Essa causa é nossa também estão entre os elementos da notícia.

No dia 10 de janeiro, a notícia “Adolescente que matou turista se apresenta e alega tiro acidental”, com chamada na capa do DC, dá sequência ao conjunto de matérias que informam os desdobramentos das investigações sobre o assassinato de Daniela. A idade, 17 anos, e a versão do suspeito constam na narrativa: “o jovem de 17 anos teria dito em depoimento que estava armado na noite do crime e que, como o carro em que Daniela estava era da cor preta, ele achou que pudesse ser um inimigo e apontou a arma, mas que o tiro teria sido acidental”. O nome do jovem e de seu advogado não foram divulgados. No dia seguinte, 11 de janeiro, outra matéria com um tom de questionamento sobre os procedimentos policiais é publicada, pois o jovem chegou a ser detido durante as investigações, porém foi solto por não ser suspeito do crime naquele momento.

O adolescente de 17 anos que confessou ter matado a turista Daniela Scotti, 38 anos, na madrugada de 1º de janeiro, havia sido apreendido pela Polícia Militar (PM) por porte de drogas um dia depois do assassinato. Naquele momento, após ser ouvido, foi liberado. Isso ocorreu, segundo a Polícia Civil, porque o rapaz ainda não era suspeito do homicídio (*Diário Catarinense*, 11 de janeiro de 2017).

A notícia do dia 23 de fevereiro “Justiça determina internação para jovem que matou turista” é a última da série que abordou o desenrolar das investigações. Na notícia consta a informação da sentença de internação como medida socioeducativa. Segundo o jornal, a medida de internação expedida pela juíza para o jovem autor do homicídio é a mais severa privação de liberdade prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Detalhamentos sobre os limites da medida de internação previsto no ECA, trechos da sentença e contestações por parte do advogado de defesa fazem parte das informações da matéria que, também, relembra o caso do assassinato da madrugada do dia 1º de janeiro. Além dessa cobertura, a morte da turista é mencionada em outras notícias do primeiro semestre, em textos jornalísticos que abordam as altas taxas de homicídios do período.

Considero que a diferença entre o *habitus* dos setores médios e de outros setores subalternos, próximos ao universo da criminalidade, terminam por impedir que exista uma gramática comum entre classes sociais distintas. Assim, a e o jornalista compreendem os dramas semelhantes ao de suas realidades de classe média – o medo da violência presente nos locais onde transitam e as pretensões que também partilham, como viajar nas festas de final de ano e abrir o próprio negócio. Por isso a morte de Daniela gera mobilização e todo o esforço jornalístico que vimos acima. O exemplo de cobertura jornalística da morte da turista gaúcha parece demonstrar a mobilização de recursos, materiais e simbólicos, percebidos no fôlego narrativo e no número de notícias, na preocupação do DC e de seus repórteres sobre esta vida perdida.

O estar em condição de turista aproxima a vítima da (do) jornalista e produz solidariedades por conta desta condição também fazer parte da vida de boa parte dos setores médios da população. Pessoas com empregos formais e com direito a férias. O jornalista se vê em relação de proximidade e empatia, pois é através do *habitus* que o drama da turista se torna algo injusto que poderia acontecer com qualquer inocente que se perde em uma grande cidade e pode encontrar no caminho um bandido que queira lhe roubar pertences e a vida. Sem grandes esforços, o sujeito de classe média consegue apreender o drama de Daniela, a necessidade de usar aplicativos com GPS para guiar o percurso de carro em cidades que não conhecem muito bem, o fato de aproveitar as festas de fim e início de ano na companhia de familiares numa cidade desejada. As solidariedades definidas pela classe terminam por enlutar uma vida e tornar outras apenas números e peças de um fenômeno maior que assusta a todos, principalmente a classe média.

### **GRUPO 5-B: Vítima de classe média - a morte de Vilmar à luz do dia no centro da cidade**

O homicídio de Vilmar de Souza Junior, noticiado na edição dos dias 4 e 5 de março, é uma das matérias com o maior fôlego narrativo identificadas nesta pesquisa. A notícia, com foto e chamada na capa, ocupa duas páginas do jornal e tem como fonte os familiares da vítima, o comandante do 4º Batalhão da PM, tenente-coronel Marcelo Pontes, e uma entrevista com o diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, Verdi Furlanetto – de forma semelhante ao caso da morte da turista Daniela, novamente uma entrevista pingue-pongue compõem a notícia. Além disso, uma fotografia do local onde ocorreu o crime e a *hashtag* #SegurançaSC Essa causa é nossa somam-se ao texto noticioso.

As circunstâncias do homicídio, inclusive com informações sobre a fuga do autor, são detalhadas na notícia. Os carros, o utilizado pelo executor e o que estava a vítima, e outras informações fornecidas pela polícia completam o conjunto de informações da narrativa. Ainda vinculado à peça jornalística está um texto opinativo, com o título “Um deboche às autoridades”, que não faz parte do gênero jornalístico analisado neste estudo. Abaixo a imagem da capa do DC.

Figura 11: reprodução de parte da capa do DC da edição dos 04 e 05 de março



A narrativa contextualiza o acontecimento de forma a explicar o ambiente no momento do assassinato - no mercado público localizado no centro da cidade, por volta das 11:30 da manhã. A chamada na capa, com a cartola “Morte no cartão-postal” e o título “Crime escancara a violência urbana em Florianópolis” demonstram que este homicídio parece ter sido interpretado de forma diferente dos demais por parte do

DC, possivelmente por conta da localização e do horário. Local e horário utilizado por milhares de pessoas, muitas delas turistas, e outras pessoas de classe média<sup>54</sup>, como o próprio texto informa.

Era 11h30 de sexta-feira, horário em que o mercado público, um dos principais cartões-postais de Florianópolis, está lotado de pessoas, muitas delas turistas aproveitando os últimos dias da temporada. Desta vez, porém, o lazer foi interrompido pelo barulho de tiros. Sete disparos atingiram Vilmar de Souza Junior, 29 anos, 38º vítima de homicídio neste ano na Capital (*Diário Catarinense*, 04 de março de 2017).

Me parece difícil não vincular a ameaça aos setores médios, por conta do lugar no espaço urbano e horário, o motivo da repercussão e da atenção jornalística. Pois, pensar que existe uma geografia que indique os locais e horários em que podem ocorrer homicídios é supor, também, quais vidas podem ser perdidas. Caso contrário, toda vida perdida em decorrência de homicídio em qualquer lugar do espaço urbano mereceria uma cobertura atenta dos jornais. É preciso ressaltar, em vista de agregar a este argumento, que homicídios ocorridos na mesma região, mas na madrugada e envolvendo pessoas em situação de rua (que vivem nas ruas e praças do entorno) não tiveram a mesma cobertura, como se pode verificar no tópico das conclusões deste capítulo.

Ainda a respeito da notícia do homicídio de Vilmar, identifico uma questão intrigante se compararmos com o restante dos homicídios a respeito das informações sobre o tráfico de drogas e antecedentes criminais das pessoas mortas. No terceiro parágrafo, a matéria apresenta a fala de familiares da vítima que afirmam que Vilmar não tinha envolvimento com tráfico de drogas e, no décimo parágrafo, o texto informa os antecedentes criminais da vítima e que ela estava em liberdade provisória. Esse tipo de construção textual que primeiro informa a possibilidade de não-envolvimento com o mundo do tráfico para atestar a inocência da vítima e depois complementa com os antecedentes criminais não parece ser uma narrativa inadequada, mas não é recorrente. Aliás, esse tipo de informação confere complexidade ao texto jornalístico e aproxima o leitor das inúmeras interpretações possíveis sobre o acontecimento. O que é recorrente na cobertura do DC é apenas a utilização dos antecedentes criminais e do envolvimento com o tráfico da vítima.

Outras informações que indicam a suspeita de execução pela proximidade de Vilmar com uma pessoa que conflitava com traficantes

---

<sup>54</sup> Essa afirmação é oriunda da minha experiência no local e de minhas observações pautadas na teoria de Jessé Souza.

e o fato da irmã da vítima ter sido advogada destes mesmos traficantes, também confere complexidade ao texto noticioso. Pois, é preciso ressaltar, existem nuances e complexidades nestes acontecimentos para além da dicotomia bandido-inocente. Nesse sentido, quanto mais informações estiverem disponíveis no texto noticioso, maiores serão as possibilidades de compreensão do episódio. Talvez por se tratar de um sujeito de classe média, que segundo a notícia trabalhava com a família em uma peixaria do mercado público e irmão de uma advogada<sup>55</sup>, as solidariedades definidas pela classe motivem a busca por informações que permitam melhor entendimento do homicídio. Possivelmente, essas solidariedades propiciam um voto de confiança do repórter na versão dos familiares de Vilmar e assim privilegia a fala deles antes de mencionar os antecedentes criminais.

O local e o horário do homicídio estão presentes no título da notícia – “Violência à luz do dia marca cartão-postal” – e na entrevista. A entrevista pingue-pongue com o diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, Verdi Furlanetto, reforça a compreensão do veículo da gravidade do homicídio por conta do local onde aconteceu. Dessa forma, é possível perceber em uma das cinco perguntas e também no lead que antecede a entrevista a importância do lugar no espaço urbano e do momento do assassinato.

Diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, o delegado Verdi Furlanetto admite preocupação com o assassinato em um dos pontos mais movimentados do Estado. Nesta entrevista, ele fala sobre o quadro de investigadores da Delegacia de Homicídios e que a resposta sobre o crime será rápida (*Diário Catarinense*, 04 de março de 2017).

Além do texto descrito acima, os desdobramentos da investigação da morte de Vilmar com a prisão de um suspeito, uma reportagem sobre as conexões dos traficantes responsáveis pela possível execução e outras citações são noticiadas pelo DC. No dia 28 de março, uma notícia, com chamada na capa, informa sobre a prisão do suspeito de ter mandado matar Vilmar. A notícia contém informações que permitem entender uma possível motivação do assassinato de Vilmar de Souza Junior, na citação abaixo designado pelo apelido Juninho.

---

<sup>55</sup> Se pensarmos a partir da teoria em diálogo, uma profissão simbolicamente valorizada.

A reportagem apurou que a morte de Juninho pode estar ligada a um outro assassinato em Florianópolis: a execução a tiros de Valdecir de Souza, o Nino, 44, em um posto de combustíveis da Costeira. Segundo policiais civis, Juninho não era investigado pelo crime, e teria apenas uma relação de amizade com um dos supostos autores da morte (*Diário catarinense*, 28 de março de 2017).

A proximidade da vítima com o suposto autor de outro homicídio relacionado com tráfico é explicada no texto jornalístico, mas é salientada o não-envolvimento de Vilmar nesses atos criminosos. Novamente, a relação com o tráfico e com os antecedentes criminais é relativizada em virtude das investigações e argumentos racionalizados expostos na notícia. Além disso, informações de que o suspeito também pode ser responsável por outra morte e sua posição na hierarquia do tráfico são mencionadas na matéria com objetivo de trazer mais detalhes e contextualizar os acontecimentos. No caso dos homicídios envolvendo vítimas de classes populares não foi identificado nenhum esforço para trazer esses tipos de possibilidades mais complexas de narrar as circunstâncias do assassinato.

A edição do DC dos dias 1º e 02 de abril apresenta uma reportagem que foca nas conexões entre os crimes praticados pelo suspeito de matar Vilmar. A reportagem recupera a notícia da edição dos dias 04 e 05 de março, do assassinato de Vilmar, e destaca as atividades no mundo do tráfico de drogas dos suspeitos. Acompanham o texto jornalístico infográficos, a *hashtag* #SegurançaSC *Essa causa é nossa*, a versão dos presos sobre os crimes de que são acusados e uma entrevista com o delegado Atílio Guaspari Filho. Além dessa reportagem e das duas notícias descritas acima, a morte de Vilmar é mencionada na matéria do dia 06 de março que noticiava o 42º homicídio do ano em Florianópolis.

### **GRUPO 5-C: Vítimas de classe média: morte dos policiais Elias Escobar e Adriano Antônio**

Na quinta-feira, 1º de junho de 2017, o DC noticiou a morte dos delegados da Polícia Federal (PF), Elias Escobar e Adriano Antônio Soares. A matéria com chamada na capa, ocupa duas páginas, contém uma foto do local onde ocorreu o tiroteio, fotos pessoais das duas vítimas e do suspeito do duplo homicídio. Acompanham o texto informativo, uma entrevista pingue-pongue com o diretor da Polícia

Civil na Grande de Florianópolis, Verdi Furlanetto, um texto opinativo, infográficos e um segundo texto noticioso sobre irregularidades no estabelecimento onde ocorreram os assassinatos.

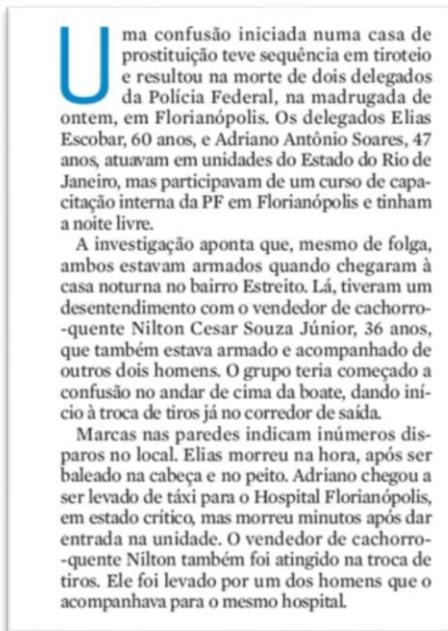
Cabe destacar que a matéria é assinada por cinco jornalistas, algo que não foi identificado em todo o corpus de pesquisa. O tamanho do texto noticioso e o fôlego narrativo são semelhantes ao caso de Vilmar, morto nas proximidades do mercado público de Florianópolis. A ocupação das vítimas, delegados da Polícia Federal, é mencionada na chamada da capa, no título da matéria e é o principal condutor da narrativa. Além disso, a ocupação do suspeito de ter cometido os dois homicídios e outras informações sobre sua vida são comunicados. Em certa medida, compreendo que a notícia não possui a precisão<sup>56</sup> quanto aos acontecimentos que ocasionaram as mortes dos dois delegados como nos casos das vítimas de classe média Daniela e Vilmar, mas é reconhecível o mesmo fôlego narrativo com numerosas informações sobre o episódio.

O título “Morte de dois delegados choca Florianópolis” e a cartola “ Discussão teria motivado tiroteio em casa de prostituição no bairro Estreito. Investigação vai apurar os motivos da briga” sintetizam o conteúdo da peça jornalística. Os primeiros três parágrafos da notícia relatam uma confusão em uma casa de prostituição envolvendo os dois policiais, o suspeito, identificado, e outros dois homens não identificados no texto noticioso. A matéria informa que os dois policiais estavam em Florianópolis fazendo um curso de capacitação interna da Polícia Federal, e que o tiroteio aconteceu em uma noite de folga dos delegados. Elias Escobar, morreu na hora, no corredor de acesso da boate, e Adriano Antônio faleceu no hospital. Um dos três homens envolvidos no conflito com os delegados, Nilton, o único identificado na matéria, também foi ferido e levado para a mesma unidade médica que Adriano Antônio.

---

<sup>56</sup> É possível que essa percepção da falta de precisão se deva a minha própria dificuldade de imaginar as circunstâncias dos homicídios a partir das informações contidas no texto. Algo que não ocorreu nas outras duas notícias de mortes de pessoas de classe média abordadas acima.

Figura 12: Imagem dos três primeiros parágrafos da notícia do dia 1º de junho



Na sequência da notícia o intertítulo “Dois homens ainda são procurados pela polícia” busca organizar o conjunto de informações que me parecem dispersas na matéria. No texto é explicado que um dos homens era funcionário de Nilton – no negócio de venda de cachorro-quente – e o outro era cliente. Ainda nesse trecho da matéria, é informado que entre as testemunhas de investigação estão as mulheres que trabalham no local, que confirmam a versão de um desentendimento e posterior conflito entre os delegados e o grupo de Nilton. Outra fonte, um funcionário do hospital - que preferiu não ser identificado - para onde Nilton e o delegado Adriano foram levados após o tiroteio, reafirma a mesma versão dos acontecimentos. Essa fonte diz que Nilton contou durante os procedimentos médicos que os policiais fizeram ameaças aos dois homens. Outro aspecto que merece ser mencionado é o espaço exclusivo para o contraponto por parte do advogado do suspeito Nilton Cesar. O espaço para o contraditório, uma espécie de box, também tem intertítulo: “O que diz o advogado de Nilton Cesar Júnior”.

O advogado afirma que o primeiro disparo partiu de um dos policiais e que seu cliente possui registro da pistola que utilizou no tiroteio.

A entrevista pingue-pongue busca esclarecer as circunstâncias do conflito que terminou com a morte dos dois policiais. As perguntas, além de buscar um entendimento do acontecimento, reforçam a hipótese de que a motivação dos homicídios foi o desentendimento e posterior conflito entre os envolvidos. Compreendo que as questões levantadas pela reportagem tinham o objetivo de conhecer a real motivação dos assassinatos e assim explicar que não se trata de uma execução “encomenda”, pois um dos policiais deu início ao inquérito sobre a morte do ministro do Supremo Tribunal Federal, Teori Zavaski. Essa informação, de uma possível execução por conta da ligação com a abertura do inquérito sobre morte do ministro por um dos delegados, circulou pelas redes sociais nas primeiras horas depois do assassinato e persistiu por alguns dias, conforme minha observação das manifestações no Facebook na época. A entrevista também destaca o número de disparos e as armas utilizadas. O título “Foram mais de 20 disparos” e questões sobre o paradeiro de uma das três armas, que não foi encontrada pela polícia, evidenciam essa preocupação da reportagem.

O infográfico cumpre o papel de apresentar a ordem cronológica dos últimos passos dos delegados e assim demonstrar o que era de conhecimento da investigação e o que faltava descobrir. Já o segundo texto noticioso informa sobre irregularidades na casa noturna e das investigações da polícia civil sobre o universo da prostituição no local. De certa forma, o infográfico apenas organiza informações contidas no texto, divididas em duas colunas – uma com o título “O que se sabe” e outra “O que falta descobrir”.

Para descrever características pessoais dos envolvidos, o DC utilizou um boxe para apresentar um pequeno perfil de cada vítima e do suspeito. Nesse espaço estão contidas fotos das três pessoas e um pequeno histórico das atividades profissionais de cada um. O recurso utilizado para demonstrar singularidades que nos permitam conhecer as vítimas e seu possível executor está baseado, em boa medida, nas atividades no mundo do trabalho dos três indivíduos e no caso do suspeito, outras características pessoais também são mencionadas.

Figura 13: reprodução de parte da página do DC do dia 1º de junho

**QUEM SÃO**



**ADRIANO ANTÔNIO SOARES**

- Delegado da PF desde 1999, era chefe da instituição em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, há oito anos. Em janeiro desse ano, deu início ao inquérito sobre a morte do ministro do STF Teori Zavascki em acidente aéreo em Paraty (RJ).



**ELIAS ESCOBAR**

- Elias Escobar era lotado na Polícia Federal em Niterói. Antes, atuou em Volta Redonda. Em 2014, uma mega-operação por ele chefiada prendeu oito policiais civis acusados de envolvimento com tráfico de drogas e extorsão no sul fluminense, em Minas Gerais e em São Paulo.



**NILTON CÉSAR SOUZA JUNIOR**

- O suspeito de matar os dois delegados é dono de um trailer de cachorro-quente, chamado Nilton Dog, há 10 anos, na avenida General Eurico Gaspar Dutra, no Estreito. Aos 36 anos, casado e pai de duas filhas, teve a ideia de vender o lanche em versões doces e foi tema de reportagem em rede de televisão nacional. Além do trabalho, o empresário tem como hobby a prática de tiro ao alvo. Tinha fotos de prática de tiro em redes sociais.

O boxe admite um conjunto de informações que nos permite conhecer o suspeito de matar os dois delegados. Estão conditas na matéria o nome, a idade e a ocupação (o tempo em que trabalhava nesta atividade) do suspeito – Nilton César Souza Junior, 36 anos, há dez anos é proprietário de um trailer que vende lanches em frente ao estabelecimento onde ocorreu o crime. Além disso, podemos também conhecer aspectos da vida pessoal do empresário, casado e pai de duas filhas, e seu hobby, praticar tiro ao alvo. Sobre a prática de tiro, vale ressaltar que a informação foi obtida através da observação de postagens do suspeito em redes sociais por parte da reportagem, conforme é possível observar no próprio texto noticioso: “Além do trabalho, o empresário tem como hobby a prática de tiro ao alvo. Tinha fotos de prática de tiro em redes sociais”. Presumo que este procedimento - de observar as redes sociais de suspeitos e vítimas - tenha sido feito nos perfis das três pessoas mencionadas nessa notícia e também no caso da morte da turista Daniela.

As informações sobre os dois delegados contam sobre suas atividades na Polícia Federal, as delegacias onde estavam lotados,

principais feitos de cada um na carreira. No espaço é descrito o ano de ingresso de Adriano Antônio na Polícia Federal, 1999, e seu cargo de chefia da instituição em Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro. O destaque do breve perfil de Adriano é sobre a abertura do inquérito para apurar a morte do ministro do STF Teori Zavascki. No perfil de Elias Escobar são mencionados sua última lotação na instituição, em Niterói, e uma operação que chefiou em 2014 que prendeu oito policiais civis acusados de envolvimento com o tráfico de drogas e extorsão em três estados brasileiros.

Além da notícia descrita acima, outras sete peças jornalísticas, em sete dias diferentes, noticiaram desdobramentos das investigações e outras informações sobre os homicídios dos dois delegados. A cobertura posterior também apresentou textos com grande fôlego narrativo. Os desdobramentos foram noticiados nos dias 02, 03, 08, 13, 22, 23 e 24 de junho.

No dia 02 de junho a notícia “Versões para a morte dos dois delegados” ocupa duas páginas do jornal, também tem chamada na capa, e apresenta fontes adicionais e trechos dos depoimentos das testemunhas dos assassinatos. O texto noticioso evoca as versões de dois taxistas, trechos dos depoimentos de cinco testemunhas e do advogado de defesa. Parte da narrativa busca reconstituir os acontecimentos. Nesse sentido, as percepções contraditórias das pessoas que presenciaram os homicídios, informações sobre a condição de alcoolizados dos dois delegados, e outras informações compõem a matéria. A notícia comunica que o fato dos dois delegados terem sacados as armas primeiro é um consenso entre as testemunhas, mas existem ambiguidades sobre quem atirou primeiro e como se desencadeou o conflito. Completam a matéria um quadro que relembra a notícia do dia anterior e um segundo texto noticioso com o título “Advogado pede diligências e imagens de câmeras de monitoramento”, onde questionamentos do advogado e informações sobre o estado de saúde de Nilton são expressados.

Integra a edição dos dias 03 e 04 de junho de 2017 do DC mais uma notícia sobre os desdobramentos das investigações. O texto noticioso informa sobre duas testemunhas dos assassinatos dos delegados da PF que prestaram depoimento à Polícia Civil, mas apenas um dos depoimentos é exposto na matéria, o outro não foi disponibilizado pela polícia ao jornal. A versão da testemunha Thiago Giongo, de 23 anos, que estava com Nilton antes e durante o conflito, é que um dos delegados atirou primeiro e que ele não viu Nilton efetuar disparos. Além disso, Thiago conta alguns detalhes do começo do

desentendimento na casa de prostituição e do conflito que resultou na morte de Elias Escobar no local e posteriormente de Adriano Antônio.

No dia 08 de junho a matéria “MPSC pede mais de 15 diligências sobre a morte de delegados da PF” dá seguimento aos desdobramentos do acontecimento noticiados pelo DC. Nessa notícia, está contida a interpretação do promotor Luiz Fernando Pacheco de que as provas não esclarecem as circunstâncias do tiroteio e seu interesse em melhor compreender o episódio. Pela insuficiência das provas explicarem o acontecimento, o promotor solicitou diligências ao Instituto Geral de Perícias e à Polícia Civil para elucidar o caso. Além disso, a notícia informa sobre o estado de saúde de Nilton: “estável do ponto de vista cirúrgico e hemodinâmico, aos cuidados da UTP”.

A notícia “Polícia faz levantamento onde morreram delegados”, do dia 13 de junho, apresenta uma das etapas de investigação que envolveu o Instituto Geral de Perícias, policiais federais e civis. A matéria informa sobre a utilização de um aparelho chamado de escâner de local de crime, que depois de posicionado em várias direções produz mapas em 3D (três dimensões) do local. Estão entre as fontes explícitas no texto jornalístico o diretor do Instituto Criminal do Instituto Geral de Perícias, Walmir Djalma Gomes Junior e o delegado da Polícia Civil, Ênio Mattos, que afirma a necessidade de ouvir novamente algumas testemunhas para tentar compreender se foi crime em legítima defesa ou homicídio doloso que ocorreu na casa noturna.

Na quinta-feira, dia 22 de junho, a notícia “Suspeito de matar delegados federais recebe alta na Capital” informa, além do término do período hospitalizado do principal suspeito dos homicídios, a manutenção da detenção provisória até a audiência de custódia, no dia seguinte. A matéria, ainda, menciona que Nilton será interrogado pelo delegado responsável do caso, e o pedido de revogação da prisão realizado por seu advogado. Em um intertítulo, “MP avalia que provas não esclarecem crime”, novamente o posicionamento do promotor Luiz Fernando Pacheco está contido no texto noticioso. Nesta parte do texto, está presente a interpretação do membro do Ministério Público sobre a insuficiência de provas e a necessidade de as testemunhas serem ouvidas outra vez para saber se houve crime ou legítima defesa.

Em 23 de junho o DC publica mais uma notícia sobre as mortes dos delegados Adriano Antônio e Elias Escobar, desta vez o foco narrativo é a versão do principal suspeito, Nilton Cesar Souza Junior. O título “Suspeito da morte de delegados fala sobre crime”, a cartola “Comerciante envolvido em tiroteio na Capital, em maio, dá versão sobre os dois assassinatos” e um bloco com trechos do depoimento



Figura 15: reprodução da notícia do DC da edição dos dias 24 e 25 de junho

NOTÍCIAS | SEGURANÇA

## Suspeito de matar dois delegados é liberado pela Justiça na Capital

**COMERCIANTE VAI RESPONDER** em liberdade a processo pela morte de agentes federais em maio

**OSCARO THOME**  
oscaro.thome@thomaz.com.br

**D**o comerciante Nilton César Souza Junior, 36 anos, suspeito de matar dois delegados federais em uma casa de prostituição no streito, em 31 de maio, foi solto após audiência de custódia no Fórum da Capital na tarde de sexta-feira. Agora ele vai responder ao processo em liberdade, aguardar a conclusão do inquérito policial – ainda terá uma constituição dos fatos – e tomar a posição do Ministério Público de Santa Catarina (MP-SC), se decidirá se oferece ou não denúncia contra o suspeito.

Nilton estava detido no prédio da Agrônômica desde a última quarta-feira, quando recebeu ita do Hospital Florianópolis, não havia sido internado desde madrugada do crime.

A audiência começou às 13h30min e teve a participação do comerciante, seu advogado, Marcos Paulo Silva dos Santos, do promotor Luiz Fernando Pacheco do juiz da Vara do Tribunal de Juri, Marcelo Volpato de Souza. Nilton chegou ao Fórum em uma van do Departamento de Administração Prisional (Deap) cerca de 10 minutos antes, coberto rosto e com dificuldades para andar – ele foi atingido por munição na perna durante a confusão com os policiais federais.

A reportagem não pôde acompanhar a audiência, que durou cerca de 50 minutos. O juiz não chegou a avaliar o mérito, mas coo Nilton preencheria requisitos, sem emprego e residência fixa, tem de família constituída e bon

feitas algumas perguntas pontuais, e o vendedor respondeu o que já havia dito em depoimento.

**NILTON TERÁ DE CUMPRIR MEDIDAS CAUTELARES**

Foram impostas algumas medidas cautelares, que caso não sejam cumpridas podem resultar em uma eventual novo pedido de prisão preventiva contra Nilton: comparecimento mensal em juízo para informar e justificar atividades, bem como eventual atualização de endereço; proibição de ausentar-se da comarca em que reside por mais de oito dias sem comunicar a Justiça; compromisso de comparecer a todos os atos processuais quando intimado; proibição de acessar e fre-

festas de qualquer tipo; recolhimento domiciliar entre as 20h e as 05h, com exceção de seu local de trabalho e respectivo trajeto até sua casa; suspensão da guia de tráfego da arma de fogo e munições do suspeito.

Antes mesmo da audiência de custódia de sexta-feira, o advogado de Nilton entrou com um pedido de revogação da prisão preventiva. O promotor Luiz Fernando Pacheco deu parecer positivo no sentido de que o suspeito aguarde o trâmite do processo em liberdade. Ressaltou, contudo, que, embora não comprovado que Nilton agira em legítima defesa, não há como descartar que o investigado tenha contribuído de alguma forma para o homicídio.

o Ministério Público entende que não existem razões para manutenção da custódia carcelar de Nilton César de Souza Junior, “podendo a prisão se substituir por medidas cautelares. Isso porque não há indícios de que Nilton terá fugido à aplicação da lei penal, ameaçar a ordem pública ou mesmo a instrução criminal, uma vez que além de não ostentar antecedentes, foi exaustivamente comprovado pela defesa que o investigado é pai de família, possui residência fixa e profissão definida”.

Ainda na sexta-feira, Nilton retornou ao Complexo Penitenciário da Agrônômica, agreste do alvará de soltura, recebeu seu pertencentes e deixou a prisão de



Vendedor de cachorro-queijo passa por audiência de custódia no Fórum de Florianópolis na tarde de sexta-feira

É preciso ressaltar o destaque na cobertura noticiosa para versão dos acontecimentos e o estado de saúde do suspeito Nilton, principalmente nas notícias dos dias 23 e 24 de junho. Não foi identificado tratamento semelhante em nenhuma outra notícia do corpus de pesquisa. De certa forma, a complexidade do caso permite que esse tipo de abordagem esteja presente na cobertura noticiosa, mas não é possível saber se em outros homicídios do período as circunstâncias dos assassinatos não motivariam questionamentos e dúvidas semelhantes, uma vez que a maior parte das mortes não teve suas investigações publicadas pelo DC.

## GRUPO 5-D: Vítimas de classe média: a morte da mulher trans Jennifer

Na edição dos dias 11 e 12 de março o DC noticiou em sua versão impressa<sup>57</sup> a morte da mulher trans Jennifer Celia Henrique, de 37 anos, vendedora de cosméticos. A matéria ocupa quase uma página do jornal, tem como fontes explícitas no texto o delegado da Polícia Civil, Ênio Mattos, o delegado-geral da Polícia Civil, Artur Nitz, a advogada e presidente da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/SC, Margareth Hernandez e o gerente de medicina legal do Instituto Geral de Perícias, Marcos Aurélio Lima. Ainda compõem a notícia uma fotografia, possivelmente de acervo pessoal ou de redes sociais da vítima, e alguns elementos gráficos, conforme é possível observar na imagem abaixo.

Figura 16: reprodução da notícia do DC da edição dos dias 11 e 12 de março

**NOTÍCIAS | SEGURANÇA**

**Transexual havia relatado agressões**

**JENNIFER CELIA HENRIQUE, morta a pauladas, chegou a registrar B0s em delegacias de Florianópolis por crimes de homofobia**

**QUIÉRETA VÍTIMA**

Nas redes sociais, antes a morte de Jennifer, foram comuns reações, amigos e familiares da vítima afirmam que já tinham sido alvo de motivações preconceituosas, insultuosas e até ameaças. Ela tinha forte atuação em movimentos de apoio às lésbicas, gays, bissexuais, transexi, transmulas e transgêneros (LGBTI), além de ser muito conhecida em Ingieres e Sarriñena, onde morava com seus pais. Seria tabuleira em uma lavanderia de uma marca de cosméticos. Seu corpo foi varado na noite-feira, na Capital Florianópolis do Brasil. O enterro está previsto para o domingo neste sábado (18). Um dos principais crimes do momento LGBTI é trans de odo. O Larência Lacerda Coimbra publicou em seu perfil no Twitter a morte de Jennifer. "Resgatamos. São assassinatos".

**Necropsia do IGP vai determinar causa da morte**

Artur Nitz, delegado-geral da Polícia Civil, afirmou que a vítima foi morta a pauladas. Questionado se o assassinato pode ter relação com a orientação de gênero da vítima, ele rebateu a hipótese. "Não tem nada a ver. Se tivesse a ver, não teriam levado para um canto escuro para matar. Mataram dentro de uma construção, como pauladas na cabeça. Foi uma trama mal acortada".

O delegado afirmou ainda que não tem suspeitos do crime e não sabe dizer se havia uma ou mais pessoas no local do homicídio. No momento em que falou com a reportagem, ele nega para iniciar tratar de outro caso.

Questionado sobre a identidade da vítima, Enio se expressou em dizer que "Jennifer é o nome de gênero". Depois, completou: "É um homem, não é mulher. É um homem". A vítima se autodenominava transsexual, era tratada pela família e amigos como Jennifer e ocupava os direitos de homossexualidade e transsexualidade.

O delegado-geral de Polícia Civil de SC, Artur Nitz, foi procurado para comentar as declarações de Enio e responder às indagações de quem se manifestou sobre o assunto.

De acordo com a advogada Margareth Hernandez, há dificuldade para a polícia caracterizar o crime de homofobia.

"Infelizmente, o crime de homofobia ou transfobia é muito difícil de provar, por isso a maioria dos policiais opta por não acreditar que esse crime existe", avalia.

Margareth colocou a comissão à disposição da família de Jennifer para acompanhá-la em investigações. A comunidade do Norte da Ilha fez uma manifestação neste sábado de encalço às autoridades locais.

**MARGARETH HERNANDEZ**  
Advogada e presidente da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/SC

**MARCO AURÉLIO LIMA**, gerente do Instituto Geral de Perícias (IGP), explica que foram feitos exames toxicológicos e de exame toxicológico em Jennifer. Ambos vão cumprir o exame de necropsia, que vai determinar a causa mecânica da morte da vítima. O exame já foi realizado e o resultado será na semana que vem para ser juntado ao inquérito previsto pelo delegado Enio Mattos.

"A gente faz o exame toxicológico e seletivo no laboratório sem exame toxicológico, com a retirada do sangue e da urina, se ela estiver consumindo".

<sup>57</sup> É provável que o veículo tenha noticiado a morte no dia anterior em sua versão digital e em sua página no Facebook.

Destaco que a repercussão e a cobertura atenta da morte de Jennifer possa estar condicionada às manifestações nas ruas e nas redes sociais de muitas pessoas, algumas ligadas aos movimentos LGBTs (movimentos que lutam pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Na minha proposta inicial de pesquisa existia o interesse em investigar os comentários no *Facebook* dos homicídios noticiados pelo *Diário Catarinense*, mas por conta de sugestões da banca de qualificação optei apenas por analisar apenas a versão impressa do DC. Nos primeiros experimentos para o registro dos comentários pude observar a repercussão da morte de Jennifer nessa rede social. Além disso, no próprio texto noticioso é informada a significativa repercussão:

Nas redes sociais, onde a morte de Jenni tem enorme repercussão, amigos e familiares da vítima afirmam que o assassinato teve motivações preconceituosas, intolerantes e de transfobia. Ela tinha forte atuação em movimentos de causas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), além de ser muito conhecida em Ingleses e Santinho, onde morava com seus pais. Jenni trabalhava como revendedora de uma marca de cosméticos. Seu corpo foi velado na sexta-feira (...) Um dos principais nomes do movimento LGBT e trans no país, o Cartunista Laerte Coutinho publicou em seu Facebook: “Assassinam. Nos assassinam”. (*Diário Catarinense*, 11 e 12 de março de 2017).

Outro destaque é o procedimento jornalístico de buscar uma segunda fonte policial para questionar as opiniões do delegado Ênio Mattos. Ênio é a primeira fonte policial consultada, e seus posicionamentos geraram polêmicas posteriores. Sua conclusão rápida sobre a motivação do crime que não seria relacionado à identidade de gênero, mas, nas palavras do delegado transcrita para a notícia, “uma transa mal acertada” foi objeto de contestação. Uma segunda opinião do delegado, também sobre a identidade de gênero da vítima reverberou em notícias posteriores. “Questionado sobre a identidade de gênero da vítima, Ênio se apressou em dizer ‘Jennifer é nome de guerra’. Depois, completou: ‘É um homem, não é mulher’”. A reportagem, assinada por Leonardo Thomé e Stefani Ceolla, procurou o delegado-geral da Polícia Civil do estado para comentar o caso, porém o superior de Ênio preferiu

não comentar as declarações e a rapidez em chegar à uma conclusão da motivação da morte.

O foco principal da narrativa noticiosa pode ser percebido no título “Transexual havia relatado agressões” e no subtítulo “Jennifer Celia Henrique, morta a pauladas, chegou a registrar BOs em delegacias de Florianópolis por crimes de homofobia”. Os dois boletins de ocorrência, em que a vítima relatou ter sofrido crimes de injúria, homofobia e agressão e as afirmações de Margareth Hernandes, advogada, militante e presidente da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/SC apresentam indícios de uma possível motivação para o crime. Deduzo que os acessos aos boletins de ocorrência tenham sido feitos a partir de pedidos via Lei de Acesso à Informação (LAI, Lei nº 12.527/2011 regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas) ou oferecidos por membros da instituição policial. Tal procedimento, a busca de fontes documentais, demonstra indícios de interesse jornalístico em investigar as causas da morte de Jennifer – que podem ser fruto do interesse dos repórteres, do veículo, da pressão oriunda das manifestações dos movimentos LGBTs ou da combinação de todos os interesses ou de dois deles.

Além da matéria descrita acima, outras quatro notícias e uma reportagem de fôlego divulgam os desdobramentos das investigações e outras informações sobre a vida de Jennifer. As notícias são dos dias 13 e 14 de março, e 24 e 25 de abril, a reportagem foi publicada no caderno Nós, da edição de final de semana do DC dos dias 18 e 19 de março. Duas notícias são sobre as manifestações e as polêmicas envolvendo as afirmações do delegado Ênio Mattos e outras duas referem-se aos desdobramentos das investigações e a identificação, e posterior prisão, do suspeito de matar Jennifer.

No dia 13 de março o DC publicou a notícia “Manifestantes protestam contra morte de transexual a pauladas”. A matéria tem fôlego narrativo semelhante ao observado no texto jornalístico anterior sobre a morte de Jennifer, mas dessa vez as fontes são pessoas próximas, ativistas e membros de associações e movimentos sociais ligados à causa LGBTs. Além disso, três fotografias, duas do protesto e outra de Jennifer com a legenda reprodução compõem a peça jornalística. Nessa notícia, uma das fontes explícitas no texto contesta as afirmações do delegado Ênio Mattos, outras falam do fenômeno social das mortes de pessoas trans por sua identidade de gênero – transfobia – e outras falam em um tom mais pessoal e emocionado da vítima. É possível perceber na matéria que a reportagem, em algum momento, acompanhou a manifestação que ocorreu após o sepultamento de Jennifer.

Em 14 de março a notícia “Caso de transexual terá novo delegado” informa a mudança do responsável pelas investigações do assassinato de Jennifer e que a Polícia Civil não descarta nenhum tipo de motivação para o crime. Possivelmente a repercussão negativa das afirmações do delegado Ênio Mattos e a pressão das manifestações surtiram o efeito de mudança, mas a afirmação do comando da polícia é que a mudança se deve por conta do novo delegado do caso também investigar outros homicídios na região. Uma fotografia da manifestação, o nome do delegado que assumiu o caso, a opinião do diretor da Polícia Civil, Verdi Furlanetto, de que nenhuma hipótese sobre crime está descartada e um intertítulo que relembra a polêmica.

A reportagem sobre a morte de Jennifer publicada no caderno Nós, do *Diário Catarinense*, é única no corpus de pesquisa. Não identifiquei nenhum desdobramento jornalístico semelhante nesta investigação. Compõem a reportagem as opiniões dos pais de Jennifer, amigos, ativistas, entre outras pessoas. Infográficos com números da violência contra pessoas trans no mundo, fotografias da vítima e de sua casa, de seus pais e do local do crime compõem o esforço jornalístico de profundidade e apuração típicos do gênero reportagem. Além disso, o contexto jurídico que não engloba tipificações específicas para enquadrar os crimes cometidos contra as pessoas trans no Brasil também é exposto no texto. Ao total, cinco páginas contam a história de Jennifer e o contexto de violência e preconceito vivenciado pela população LGBTs, conforme é possível observar nas imagens abaixo.

Figura 17: imagens da reportagem sobre a morte de Jennifer no DC



A narrativa se alterna entre os relatos de pessoas próximas que contam o drama de perder Jennifer e do fenômeno social da violência contra a população LGBT, em especial travestis, transexuais e transgêneros. A reportagem descreve as últimas atividades da vítima até desaparecer e ser encontrada morta. Detalhes sobre sua vida, a relação com seus pais, os episódios de violência e preconceito que sofreu na adolescência e na vida adulta também são relatados. A atividade no mundo do trabalho de vendedora, também é mencionada no texto com maior profundidade identificado no corpus de pesquisa.

“Polícia divulga nome e imagem de suspeito de matar transexual” é o título da notícia do dia 24 de abril. No texto noticioso constam informações de que a polícia utilizou imagens de câmeras de segurança do entorno do local onde ocorreu o crime e ouviu testemunhas para identificar o suspeito. Além do nome e imagem do suspeito, a matéria relembra o caso e disponibiliza números de telefones de instituições policiais para receber denúncias e outras informações.

No dia seguinte a matéria “Polícia prende suspeito de assassinar transexual” encerra a sequência de notícias sobre a morte de Jennifer Celia Henrique. Cabe destacar que o texto noticioso informa que o suspeito foi preso no domingo, 23 de abril, porém no dia 24 o DC publicou uma matéria que divulgava o nome e imagem do suspeito e informações de que o suspeito era procurado pela polícia. Entre as fontes explícitas no texto estão o delegado, Eduardo Matos, que substituiu o antigo responsável pelas investigações, e a ativista Kelly Vieira Meira. A notícia traz o contexto da morte de Jennifer, que após ter relação sexual com o autor do crime foi golpeada por ele com um pedaço de madeira. Nas palavras do delegado transcritas para o texto noticioso: “Eles tiveram uma discussão breve e ela ameaçou contar (sobre a relação) para os amigos dele. Em razão disso, ele teve a reação de golpeá-la com um pedaço de madeira na região do pescoço”. A fonte policial ainda afirma que o fato dos dois terem mantido relações sexuais exclui a possibilidade de crime de ódio ou transfobia. O argumento, segundo a notícia, é contestado por entidades e movimentos LGBTs, mas a única fonte consultada que aparece explicitamente no texto é a ativista e presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher em Florianópolis, Kelly Vieira Meira. Kelly diz que “No momento em que ele pensou que os amigos iriam começar a zombar, que a família iria condenar, achou justificável matar para não passar vergonha. É transfobia sim (...)”.

O interesse do veículo e dos repórteres me parecem fundamentais para que esse tipo de cobertura tenha acontecido, porém as mobilizações

de pessoas próximas e ativistas nas ruas e nas redes sociais influenciaram o tratamento do DC para o caso. Compreendo que a cobertura mais atenta para os desdobramentos das investigações sobre a morte de Jennifer, e assim tornar sua vida passível de luto, está possivelmente influenciada pelas manifestações dos movimentos LGBTs. Caso contrário, a apreensão do assassinato, por conta das circunstâncias – local, arma utilizada e posição no mundo do trabalho da vítima – deslocaria Jennifer para um outro tipo de cobertura. Talvez próximo do tratamento jornalístico despendido para as classes populares. Contudo, é preciso destacar que não está entre meus objetivos discutir outras demandas e lutas por reconhecimento como gênero e etnia, mas é inegável que esses atravessamentos também constituem as disposições pré-reflexivas das pessoas. Neste trabalho observo o empírico através de lentes que me orientam por uma forma de reconhecimento específica, a de classe social em suas dimensões imateriais.

### **3.2.6. Críticas sobre a cobertura jornalística destinada para as diferentes classes**

A descrição das notícias dos homicídios do **grupo 5** demonstram diferenças de apuração jornalística e de construção textual em comparação aos **grupos 1, 2, 3 e 4**. São significativas as diferenças de cobertura para essas vítimas em relação aos demais assassinatos noticiados. A preocupação que cada pessoa do **grupo 5** exigiu poderia constituir um padrão para todas as vítimas se estivesse incorporado no *habitus* dos profissionais do jornal o reconhecimento de todos como cidadão e, por tanto, incluídos em nossa sociedade em suas esferas materiais e simbólicas. Porém, o papel exercido na sociedade pelas vítimas do grupo 5 e suas consequentes valorizações no noticiário dizem muito sobre suas posições na estrutura social. Em outras palavras, suas posições no mundo do trabalho, mas não apenas isso, permitiram o interesse pela busca das singularidades de cada caso.

Quatro das cinco vítimas do **grupo 5** pertencem ao que podemos chamar de classe média – pessoas consideradas produtivas e dignas para o conjunto da sociedade. A partir da minha leitura das discussões propostas por Jessé Souza (2003), o fundamento da distinção das pessoas que incorporam o *habitus* secundário (frações da classe média) em relação ao restante da sociedade está relacionado à ideologia do desempenho, que corresponde à tríade de qualificação, posição e salário (SOUZA, 2003). Além disso, algumas frações de classe média possuem repertório cultural valorizado socialmente devido ao conjunto de capitais

simbólicos aprendidos desde tenra infância e ao longo da vida. Nesse sentido, essa lógica “não apenas estimula e premia a capacidade de desempenho objetiva, mas legitima o acesso diferencial permanente a chances de vida e apropriação de bens escassos” (2003, p.169). Esse acesso diferencial aos capitais simbólicos constitui em boa medida a valorização e reconhecimento social dessas pessoas e, quando vítimas de homicídio, as tonam passíveis de luto e objeto de atenção jornalística. Desse modo, as vítimas do grupo 5 – Daniela, empresária, professora e em condição de turista; Vilmar, que trabalhava no empreendimento da família no Mercado Público; Adriano Antônio e Elias Escobar, policiais federais – receberam preocupação nos processos jornalísticos de constituição das notícias e obtiveram maior visibilidade. A lógica de nossa estrutura de classes não apenas legitima o acesso diferencial aos capitais valorizados socialmente pela classe média, como torna seus membros as vidas que não deveriam ser perdidas no fenômeno social dos homicídios.

A outra vítima do grupo 5 que também teve significativa repercussão no noticiário foi Jennifer, porém considero que a visibilidade da cobertura seja em grande medida resultado dos protestos dos movimentos LGBTs associados aos amigos e familiares da vítima. Pois os movimentos e os familiares protestaram nas ruas e nas redes sociais, no ato de cobrar das instituições competentes o cumprimento de suas funções: investigar, identificar e aplicar os procedimentos para que o sujeito culpado seja punido de acordo com a lei. Esses protestos também surtiram efeito no tratamento jornalístico. A receptividade do DC, através do interesse do veículo e dos repórteres me parecem fundamentais para que esse tipo de cobertura tenha acontecido, mas as mobilizações de pessoas próximas e ativistas nas ruas e nas redes sociais influenciaram o tratamento do DC para o caso.

Compreendo que a cobertura atenta para os desdobramentos das investigações sobre a morte de Jennifer possa ser interpretada a partir das discussões de Judith Butler (2015) acerca do debate sobre reconhecimento. Na minha leitura, para uma pessoa ser considerada passível de luto é necessário que ela goze de reconhecimento social, neste caso ser reconhecida por movimentos que lutam pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. “Ser passível de luto é uma condição do surgimento e da manutenção de uma vida” (BUTLER, 2015, p.32-33). Uma vida precisa ser preservada por sua condição precária, pois é apenas se ela pode ser perdida que será celebrada, protegida e enlutada. Caso contrário, a apreensão do assassinato, por conta das circunstâncias – local, arma utilizada e

posição no mundo do trabalho da vítima – deslocaria Jennifer para um outro tipo de cobertura. Talvez próximo do tratamento jornalístico despendido para as classes populares.

Percebo uma espécie de potência dos movimentos LGBTs e de nosso momento histórico que merece ser mencionado, pois considero que está na força dos movimentos em tornar Jennifer passível de luto - com as consequências de uma cobertura atenta do jornal aos desdobramentos de investigação na busca dos motivos do crime - um sinal de como questionar a lógica da cobertura jornalística de homicídios. A quebra de uma lógica, mesmo que reduzida à uma vida perdida, dá pistas de meios para que toda vida seja considerada viva. O potencial dos protestos e contestações influenciaram o DC em fazer um esforço em sua cobertura do caso. Desse modo, impulsionaram o jornal para cumprir o papel – ora de observador das investigações, ora como porta-voz que leva cobranças e críticas dos movimentos aos agentes das instituições responsáveis – de ser o cão de guarda da sociedade.

Jennifer tinha atuação em movimentos LGBTs e possivelmente as relações pessoais oriundas dessa atuação tenham influência na motivação dos protestos. Porém, pelo o que é possível perceber nos textos noticiosos, nem todas as pessoas que participaram dos protestos conheciam a vítima. A luta por direitos de um grupo identitário, principalmente contra à violência sofrida em razão do gênero em que a pessoa se reconhece, me parece ser o motivo central de união dos movimentos e pessoas que usaram as ruas e as redes sociais para demonstrar que Jennifer é uma vida passível de luto. Jennifer tinha condição de ser reconhecida e seu reconhecimento a torna uma vida que merece ser enlutada, inspiração para que outras pessoas denunciem a violência que sofreu. A morte de Jennifer, uma mulher trans, permitiu que fosse observável uma espécie de força dos movimentos LGBTs na luta pelo seu reconhecimento como uma vítima passível de luto e, por esse motivo, objeto de uma cobertura jornalística interessada e atenta semelhante à cobertura destinada às vítimas de classe média que recebem maior atenção dos jornais. É a partir do reconhecimento que uma vida pode ser, ou não, passível de luto e ser entendida como lesada ou perdida. Caso não reconhecida, a vida é mais do que descartável, pois não é viva.

Cada vida perdida em decorrência de homicídio guarda singularidades que só uma cobertura atenta pode mostrar. Como foi possível observar no grupo 5. De certa forma, o que é semelhante na cobertura desses cinco assassinatos é a importância que as vítimas

receberam no tratamento jornalístico. Nesse ponto vale salientar que reconhecer uma vida como passível de luto pode significar a materialização de sua inclusão na sociedade como objeto de interesse por parte dos jornais. Os assassinatos dessas cinco pessoas foram acompanhados da atenção por parte do DC e de seus jornalistas.

Em um universo de 104 homicídios ocorridos na cidade de Florianópolis/SC no primeiro semestre de 2017, 53 foram noticiados pelo *Diário Catarinense*. Parte significativas dessas pessoas, 48 vítimas, tiveram na cobertura do DC publicações com poucas informações que pudessem permitir conhecê-las como é possível observar nos **grupos 1, 2, 3 e 4**. Apenas cinco vítimas dos 53 homicídios noticiados puderam ser reconhecidas em suas singularidades (atividades no mundo do trabalho, hobbies). Algumas mortes são objeto de interesse jornalístico em detrimento de outras. E essa distinção de tratamento produz apagamentos sobre outras vidas perdidas em decorrência de homicídios, distinção que parece estar baseada na ideia de dignidade através do trabalho produtivo, pois o que caracteriza, por exemplo, as notas do **grupo 1** é completa ausência de informações sobre atuações no mundo do trabalho das vítimas. Em dois casos a atenção destinada para as vítimas de classe média, as pessoas compreendidas como dignas e produtivas, produziu em consequência um tipo de apagamento a respeito dos assassinatos de pessoas das classes subalternas.

Um exemplo sintomático dessa espécie de apagamento é do assassinato da turista Daniela e de outra pessoa que ocorreram nas primeiras horas de 2017. Daniela foi a segunda vítima de homicídio do ano na capital e sua morte foi mencionada em outras notícias da editoria de Segurança como sendo a primeira pessoa assassinada na cidade neste ano. A recorrência dos desdobramentos das investigações e lembranças de sua morte na cobertura do fenômeno social dos homicídios em Florianópolis talvez tenha produzido uma espécie de apagamento do primeiro homicídio do ano. Em uma das citações posteriores, do dia 29 de junho, sua morte é mencionada como a primeira do ano, algo que não está correto e que o próprio jornal publicou na mesma edição que informou sobre a morte de Daniela pela primeira vez. A edição do dia 29 de junho diz:

Os corpos foram encontrados numa área de vegetação (...) Trata-se da mesma localidade onde a turista gaúcha Daniela Scotto de Oliveira Sorares foi assassinada na noite de Réveillon. Primeira vítima do ano, ela foi atingida por um tiro disparado por um adolescente envolvido com

o tráfico de drogas. A morte da turista chocou o Estado e serviu de alerta sobre os novos patamares de violência praticados na Capital (*Diário Catarinense*, 29 de junho de 2017).

O trecho acima faz referência ao homicídio publicado na edição do dia 02 de janeiro do *Diário Catarinense*. Esse equívoco na contagem, possivelmente, pode servir como exemplo das distinções de tratamento, pois duas pessoas foram assassinadas em diferentes locais do espaço urbano de Florianópolis no primeiro dia do ano e uma delas, Daniela, é lembrada ao longo da cobertura do primeiro semestre. A outra vítima, a que realmente foi a primeira de 2017, não teve sua identidade informada em um texto curto que indica apenas se tratar de um homem e o lugar onde ocorreu o homicídio, conforme a imagem abaixo.

Figura 18: reprodução da página do DC do dia 02 de janeiro



O equívoco na contagem pode ser um mero erro ou confusão, algo que parece não merecer destaque nas análises, mas pode, também, revelar disposições de classe social. A partir de uma cobertura extensa e de sua repercussão, observo uma espécie de construção que propicia um lugar de destaque para Daniela na cobertura do fenômeno social dos homicídios nesse período na cidade, e em consequência produz o apagamento da morte de um sujeito sem nome e sem história. Sujeito esse que foi morto em um local de moradia do espaço urbano identificado com as classes populares. Sua morte, para ser passível de luto e objeto de maior atenção jornalística devia ter o reconhecimento

social de alguém que tem um nome, uma ocupação e, assim como Daniela, ser considerada uma perda para as pessoas que dividiam com ela suas cotidianidades.

Além de o texto noticiar um homicídio de uma pessoa sem nome e sem história - e por isso sem papel produtivo na sociedade -, saliento mais dois elementos do texto que demonstram esse tipo de desprezo com as classes populares. O primeiro é fato de o texto noticioso dividir espaço com a informação sobre uma tentativa de homicídio em outro bairro de Florianópolis, e o segundo é sobre o destaque gráfico no título que anuncia que a morte é consequência do tráfico de drogas. Esse tipo de juízo precipitado, do segundo elemento, sobre a motivação do crime é questionado por integrantes do movimento LGBT no caso da morte de Jennifer. Questionamento que o próprio jornal reforça como informação relevante, mas que nas mortes das pessoas dos estratos subalternos de nossa sociedade não são levantados. O procedimento de questionar um superior do delegado por conta de sua rápida conclusão das motivações para o crime também poderia ser aplicado em muitos homicídios noticiados que fazem parte do corpus de pesquisa. A subordinação exclusiva à informação policial, quando se trata das classes populares, é considerada como perspectiva dominante – verdade absoluta na narrativa. Não há, no grupo de notícias semelhantes à deste homem sem nome e história, indagação sobre a versão oficial. Ao dividir espaço com outras informações e ter a fonte policial como exclusiva para a produção da notícia, o jornal acaba por seguir a lógica de desprezo com as classes populares existente em outras instituições sociais<sup>58</sup> e neste caso, considero, a percepção de que se trata de sujeito da ralé estrutural e que sua vida e as circunstâncias de sua morte pouco importam para o veículo.

Outro exemplo de atenção jornalística para algumas vidas perdidas em detrimento de outras pode ser observado nas mortes de Vilmar de Souza Junior e Carla Eliane Valiente de Oliveira. Ambos foram mortos no centro da cidade, mas em circunstâncias distintas. Vilmar foi morto nas proximidades do mercado público por volta do meio dia, horário e local frequentado por turistas. Sua morte teve cobertura atenta e divulgação dos desdobramentos das investigações. O assassinato da moradora em situação de rua, Carla Eliane, de 42 anos, noticiada no dia 11 de maio, faz parte do grupo de notícias com escassas informações – notas de um tratamento protocolar e desinteressado.

---

<sup>58</sup> Discuto a lógica de desprezo no primeiro capítulo desta dissertação sobre o fenômeno da má-fé institucional.

Figura 19: reprodução da notícia do DC do dia 11 de maio



É possível que exista um desprezo com a população em situação de rua que vive na região central da capital – creio que se trate do mesmo desprezo com pessoas da ralé estrutural<sup>59</sup>. O consumo de drogas por estas pessoas já foi objeto de notícias e reportagens, algumas do próprio DC. A menção ao fato das mulheres envolvidas no homicídio, a autora e a vítima, serem usuárias de drogas parece dar um desfecho para o crime como uma motivação implícita no texto. Algo semelhante identifiquei quando a notícia menciona os antecedentes criminais das vítimas, mas que no caso de Vilmar foi atenuado. Percebo, em outras notícias e relatos de pessoas, a preocupação com a imagem da cidade possa ser prejudicada<sup>60</sup> pela existência da população em situação de rua e usuária de entorpecentes no local. Nesse sentido, vale a pena retomar que a ideia de pessoas vagando pelas ruas é oposta ao valor dado ao trabalho produtivo, contido nos fundamentos morais do Ocidente, e pode ser um dos fatores que não permita o reconhecimento daquelas vidas como passíveis de luto na cobertura do DC. A ideia do cidadão

<sup>59</sup> Esse desprezo também pode ser observado no trabalho de Arthur Viana (2017) sobre a cobertura das mortes de pessoas em situação de rua.

<sup>60</sup> Tive oportunidade de conversar com pessoas que vivem na região e ouvi lideranças de movimentos sociais ligados à causa da população em situação de rua, ambos relatam um trato higienista que tenta expulsá-los do local, principalmente nas épocas de maior circulação de turistas na cidade.

digno e produtivo perpassa tantas relações dos sujeitos com o mundo que, possivelmente, impacte no valor-notícia dado para estas vidas.

Presumo que a ideia de cidadãos dignos e produtivos em conjunto com a noção de interioridade – ambas discutidas no capítulo 1 desta dissertação – marquem o critério pré-reflexivo para que uma vítima receba ou não preocupação no noticiário. Um critério subjetivo e arbitrário, mas que suponho que esteja incorporado no *habitus* dos profissionais do jornalismo. Os textos noticiosos dos **grupos 1, 2, 3 e 4** demonstram implicitamente, em matérias que não trazem nenhuma informação sobre atividades no mundo do trabalho das vítimas, que os sujeitos assassinados são e que sempre foram improdutivos. Nas notícias dos grupos 1, 2, 3 e 4, mas principalmente na minha interpretação das matérias dos **grupos 3 e 4**, por conta do caráter aglutinador de tantas mortes em poucos textos, um discurso que afirma a ausência de interioridade das vítimas transmitida na cobertura. Ou seja, a falta de controle racional dos impulsos e afetos dessas pessoas que as leva para um universo de violência, sem controle, e sem respeito às normas e a ordem.

A oposição espírito-corpo contida na ideia de interioridade legítima, como demonstra Souza (2003, p. 80-81), o fundamento do reconhecimento desigual entre classes superiores e inferiores – as que possuem a racionalidade, o conhecimento intelectual valorizado e as classes caracterizadas pelo trabalho corporal e muscular. Na minha leitura esse fundamento do reconhecimento desigual entre classes, juntamente com o desprezo com a ralé estrutural, permite preconceitos com as classes populares baseados na ideia de como são pessoas que apenas utilizam de seus corpos e por isso não são capazes de ter autocontrole em situações de violência. Tais estigmas são desconstruídos por Coutinho (2009, p.343-346) na discussão sobre o *habitus* como fator criminógeno, que em síntese explica que nós, seres humanos, aprendemos e incorporamos disposições de comportamento desde tenra infância que podem, ou não, guardar afinidades com o tipo de comportamento que a delinquência exige. Que na verdade o descaso estrutural com milhares de brasileiros os coloca nessas situações e não oferecem outras opções para suas vidas. Não é apenas a oposição entre classes que está baseada na oposição espírito-corpo, mas oposições como homem-mulher, branco-negro também estão fundamentadas na noção de interioridade (SOUZA, 2003, p.81). Oposição que implica uma série de preconceitos: coloca o europeu como racional e o latino-americano como afeito as paixões da carne, o branco como o ser que

privilegia o pensamento e o negro como subordinado ao corpo e à sexualidade.

Como fundamento da desigualdade de gênero também o homem é percebido como a instância calculadora e racional por oposição à mulher definida como o lugar do afeto, do emocional e da sensibilidade, da corporalidade enfim, numa diferenciação sexual que produz os mesmos termos da oposição de classe. O branco e europeu, do mesmo modo, passa a ser percebido, no contexto da luta intercultural, como o índice de virtudes intelectuais e morais superiores, enquanto o negro é identificado, como as mulheres, com o corpo e o sensual, ou seja, virtudes ambíguas dos dominados. (SOUZA, 2003, p.81).

Apesar de serem oriundas das disposições de classe social não conscientes por parte de seus profissionais, considero manifesta na cobertura do DC uma vontade de produzir nos leitores a ideia de que se trata de pessoas que não trabalham e são improdutivas; de pessoas que não controlam seus impulsos e, por isso, estão imersas na violência, nas “opções não civilizadas”, nos conflitos, nas facções. Quanto mais escassas as informações sobre as vítimas, e assim mais distantes dos fundamentos morais do Ocidente uma vez que nada que é valorizado socialmente está presente nos textos, maior o desprezo por suas vidas. Esse tipo de percepção sobre as classes populares, mais especificamente da ralé estrutural, pode ser interpretado a partir do fenômeno da má-fé institucional. Esse modo de agir dos agentes e das instituições marcado pelo desprezo com as frações subalternas da população. Aliás, entendo que a má-fé caracteriza a cobertura jornalística destinada as vítimas das classes subalternas assim como acontece na justiça, por exemplo. Nesse sentido, vale a pena recuperar o que a teoria e os estudos empíricos sobre a relação das instituições com as classes populares dizem.

Quando falamos de má-fé institucional, estamos nos referindo a um padrão de ação institucional que se articula tanto no nível do Estado, através dos planejamentos e das decisões quanto à alocação de recursos, quanto no nível de micropoder, quer dizer, no nível das relações de poder cotidianas entre os indivíduos que, dependendo do lugar que ocupam na hierarquia social, podem mobilizar de forma diferente os

recursos materiais e simbólicos que as instituições oferecem (FREITAS, 2009, p.294-295).

De certo modo, a instituição social jornalismo - neste trabalho entendendo o jornalismo como instituição social (GUERREIRO NETO, 2002) - parece se articular com a instituição policial na forma como percebem as vítimas no fenômeno social dos homicídios. Pois tanto em um projeto editorial pré-reflexivo do DC, como na conduta dos repórteres, a ralé estrutural é desprezada. Algo que presumo também ocorrer na polícia, nas estratégias do comando na alocação de recursos e na atuação dos agentes. Um exemplo deste tipo de modo de operar das polícias, que raramente é explícito, pode ser observado nas afirmações<sup>61</sup> do tenente-coronel Ricardo Augusto Nascimento de Mello Araújo, na época comandante da Rota, a tropa de elite da PM (Polícia Militar) de São Paulo, quando afirmou existir modos distintos dos policiais tratarem as pessoas em zonas periféricas e regiões nobres da cidade (ADORNO, 2017).

A má-fé institucional é o modo como diversas instituições sociais (Escola, Justiça, Saúde) tratam os membros da ralé estrutural e de outras frações das classes populares (SOUZA, 2003, 2009). Determinadas circunstâncias fazem com que a (o) jornalista, a (o) policial e os profissionais de saúde imaginem, ou percebam, a classe social da vítima. Esta percepção guiada pelas disposições de classe influencia no tratamento da vítima, que no caso do jornalismo recebe o desprezo de uma cobertura protocolar e desinteressada sobre a história de vida e o contexto de sua morte. A existência da ralé estrutural entre nós, construída socialmente, produz um tipo de subcidadão que além das disposições do *habitus precário* que o impossibilitam de acessar alguns capitais simbólicos valorizados em nossa sociedade, faz com que o desprezo seja a principal marca de reconhecimento social vinda dos setores médios.

Jessé Souza (2003) usa como exemplo da diferença e da distância entre sociedades que produziram consensos transclassistas de cidadania e a sociedade brasileira um suposto atropelamento de uma pessoa no trânsito. Em sociedades onde há o consenso transclassista, com o pleno exercício do *habitus primário*, as pessoas são reconhecidas socialmente em suas esferas institucionais. Isso significa que “um alemão ou um

---

<sup>61</sup>Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da-rota.htm?cmpid=copiaecola>

francês de classe média que atropela um compatriota das classes baixas seja, com altíssima probabilidade, efetivamente punido de acordo com a lei” (2003, p.174). Algo que não ocorre em nossa sociedade por conta da existência do *habitus precário*, pois em um suposto atropelamento de uma pessoa oriunda da ralé estrutural as chances de uma efetiva aplicação da lei são muito baixas. Porém não se trata, segundo Souza, do jeitinho brasileiro, e sim de uma rede consensual que articula e naturaliza a estrutura de classes.

É apenas este tipo de consenso, como que corporal, pré-reflexivo, e naturalizado, que pode permitir, para além da eficácia jurídica, uma espécie de acordo implícito que sugere, como no exemplo do atropelamento no Brasil, que algumas pessoas e classes estão acima da lei e outras abaixo dela. Existe, como que uma rede invisível que une desde o policial que abre o inquérito até o juiz que decreta a sentença final, passando por advogados, testemunhas, jornalistas, que, por um acordo implícito e jamais verbalizado, terminam por inocentar o atropelador. (SOUZA, 2003, p. 174-175).

O fenômeno da má-fé não é consciente e por este motivo dificilmente tematizado pelos jornais. O modo como as instituições e seus agentes reconhecem algumas pessoas como inferiores, como subcidadãos, está pautada de maneira inconsciente nos fundamentos morais do Ocidente, principalmente nas concepções do trabalho útil como fonte de dignidade e na ideia de interioridade que afasta o ser humano dos impulsos e afetos mais “selvagens”. É através de um reconhecimento social intencional marcado pelo desprezo, como dito antes pré-reflexivo e incorporado no *habitus* que se torna possível este tipo de tratamento jornalístico. Jessé Souza afirma que não se refere à intencionalidade:

Nenhum brasileiro europeizado de classe média confessaria, em sua consciência, que considera seus compatriotas das classes baixas não-europeizadas “subgente”. Grande parte dessas pessoas votam em partidos de esquerda e participam de campanhas contra a fome e coisas do gênero. A dimensão aqui é objetiva, subliminar, implícita e intransparente. Ela é implícita também no sentido de que não precisa ser linguisticamente mediada

ou simbolicamente articulada. Ela implica, como na ideia de habitus em Bourdieu, toda uma visão de mundo e uma hierarquia moral que se sedimenta e se mostra como signo social de forma imperceptível a partir de signos sociais aparentemente sem importância como a inclinação respeitosa e inconsciente do inferior social, quando encontra com um superior, pela tonalidade de voz mais do que pelo que é dito etc. O que existe aqui são acordos e consensos sociais mudos e subliminares, mas, por isso mesmo tanto mais eficazes que articulam, como que por meio de fios invisíveis, solidariedades e preconceitos profundos e invisíveis. (SOUZA, 2003, p. 175).

São as solidariedades e preconceitos, profundos como explicado na citação acima, oriundas das disposições de classe social que articulam uma cobertura jornalística que dá maior visibilidade para a classe média e despreza as classes populares. Solidariedades e preconceitos que fazem com que processos e investigações ocorram com maior ou menor rigor. Menor rigor observado nos grupos 1, 2, 3 e 4. Este tipo de abordagem é incapaz de produzir luto no leitor, pois naturaliza as mortes de determinados grupos, ou melhor, classes sociais. A ausência e o silêncio dos 51 homicídios não noticiados são muito próximos da cobertura protocolar e desinteressada do **grupo 1**, por exemplo, que também não difere significativamente dos **grupos 2, 3 e 4**. A divisão em grupos se deu de acordo com o modo pelo qual o jornal publicou os homicídios. O fôlego narrativo cresce conforme o número de vítimas aumenta em cada episódio, pois nos **grupos 3 e 4** foram necessárias em média seis mortes para que houvesse cobertura dos desdobramentos das investigações e mesmo assim pouco foi informado sobre as vítimas, apenas a cobertura de conflitos que trata de algo que assusta a todos. A escassez de informações sobre cada uma dessas vidas as transporta para um lugar na estrutura social, onde as vidas pouco importam ou não importam. E em alguns casos pessoas convertidas em números, embora sejam de suma importância as estatísticas. Porém, nenhuma vítima de classe média teve no título o número de homicídios no ano, por exemplo, mas o contrário, suas profissões e outras informações que pudessem singularizar o episódio constituam os títulos, os textos e o uso de fotografias. Na maior parte do noticiário são pessoas às vezes sem nome e sem história e às vezes com nome e sem história, pois não sabemos a partir dos textos noticiosos quem eram e porque

estavam onde estavam, no caso dos conflitos entre facções, e quais as motivações que as levaram para circunstâncias onde o risco de morte é provável.

Assim como o insucesso escolar dos sujeitos da ralé estrutural é pensadedo como fracasso individual<sup>62</sup>, os homicídios daqueles que pelas circunstâncias e pelas disposições<sup>63</sup> constituídas desde tenra infância e ao longo da vida são levados ao universo do crime é entendido como destino para delinquentes. Não perceber que se trata de uma classe inteira abandonada pelo conjunto da sociedade é trabalhar pela manutenção do desprezo com essas vidas, é não combater algo próximo do genocídio de parte da população. Quando o fenômeno social dos homicídios ultrapassa as fronteiras, territoriais e simbólicas de classe, atingindo a classe média, a morte choca e ganha visibilidade no noticiário. Quando as mortes estão dentro dos limites de uma população excluída, o tratamento jornalístico protocolar publica notas (**grupos 1 e 2**) e contabiliza números (**grupos 3 e 4**). Sobre o **grupo 3**, identifico que a decisão de dar destaque para estatísticas e contagens são escolhas jornalísticas para informar os leitores da situação do fenômeno social dos homicídios quando se trata das classes populares. Decisão que abarca uma ambiguidade: por um lado a relevância das estatísticas em um fenômeno complexo e grave como os homicídios; e por outro o apagamento e invisibilidade que essas contagens estatísticas produzem sobre as singularidades das vítimas. Essas vidas perdidas convertidas em dados que aumentam ano após ano, tratadas com certa atenção para sua dimensão estatística e vistas com desinteresse sobre essas pessoas, não produzem comoção. Sobre os números intermináveis de vidas perdidas em guerras, Judith Butler provoca:

Quando lemos a respeito de vidas perdidas com frequência nos são dados números, mas essas histórias se repetem todos os dias, e a repetição parece interminável, irremediável. Então, temos de perguntar, o que seria necessário não somente para apreender o caráter precário das vidas perdidas na guerra, mas para fazer com que essa apreensão coincida com uma oposição ética e política às perdas que a guerra acarreta? Entre as perguntas que resultam dessa colocação estão as seguintes: Como a comoção é produzida por essa

---

<sup>62</sup> Tema que discuti no primeiro capítulo.

<sup>63</sup> No capítulo 2 abordo o *habitus* como fator de influência para delinquir.

estrutura do enquadramento? E qual é a relação da comoção com o julgamento e a prática de natureza ética e política? (BUTLER, 2015, p.29-30).

De certa forma, esses questionamentos podem ser transferidos para o jornalismo. Como a cobertura jornalística pode reconhecer toda e qualquer vítima como passível de luto? Como pode produzir comoção? As duas perguntas passam pelo debate sobre o reconhecimento das classes sociais em nosso país, isso sem levar em conta o debate sobre o racismo, que pelos limites da minha abordagem<sup>64</sup> não estão presentes nessa discussão. A relação entre comoção e o julgamento sobre os homicídios noticiados implica pensar sobre a existência da ralé estrutural que é julgada de forma pré-reflexiva como inferior. Se temos subcidadãos em nossa sociedade, como produzir a mesma comoção que recebem as vítimas que gozam do reconhecimento social e são percebidas como cidadãos (a classe média principalmente). O pano de fundo moral não tematizado nos impede de perceber as desigualdades em suas dimensões imateriais, ou seja, as hierarquias morais do mundo ocidental acarretam em hierarquizar vidas. Essa hierarquia, em consequência, determina quem são os sujeitos dignos e produtivos em nossa sociedade.

---

<sup>64</sup> Além de discutir a ralé estrutural como herança da escravidão, Jessé Souza faz algumas discussões sobre raça/etnia que não foram abordadas pelos limites de tempo e decisões de pesquisa nesta dissertação. O tema é de extrema importância e será objeto de futuros estudos.

## Considerações finais

*Senhor de engenho,  
Eu sei bem quem você é,  
Sozinho, cê num guenta,  
Mano Brown (Racionais MC's)*

As disposições de classe social identificadas, descritas e criticadas nesta dissertação fazem parte da construção social da subcidadania que caracteriza a nossa sociedade. O *Diário Catarinense* e as pessoas que nele trabalham estão contidos nesse fenômeno maior que está presente em outras instituições sociais e, em larga medida através do *habitus*, em todos nós. Presumo que a hipótese desta investigação, *de que as disposições de classe social influenciam no tratamento jornalístico dado aos homicídios e reforçam o desprezo para com as classes populares*, está confirmada no capítulo analítico. Embora a pesquisa esteja restrita ao DC, penso que a cobertura destinada para os assassinatos seja semelhante em outros veículos de imprensa hegemônicos, excluindo propostas alternativas fora dos grandes conglomerados midiáticos. Neste estudo, não compreendo o veículo ou seus trabalhadores como os únicos responsáveis por este tipo de tratamento protocolar destinado às vítimas das classes populares. Contudo, suponho que esse modo de operar dos jornais corresponde ao *habitus* de parte significativa da sociedade brasileira, da mesma forma como o fenômeno de desprezo com a ralé estrutural foi percebido nos hospitais, tribunais e escolas do nosso país (COUTINHO, FREITAS, LUNA, SOUZA, 2009).

O poder da estrutura social, na perspectiva que adoto nesta pesquisa, condiciona em grande medida os modos de agir dos sujeitos, apesar de existir certa autonomia relativa das pessoas. Por este motivo não me ocupei de observar o trabalho individual das e dos jornalistas do DC, mas pesquisar o veículo como manifestação da instituição social do jornalismo. Não houve a preocupação de observar, pelas assinaturas das notícias, diferenças entre repórteres. Me interessa nesta pesquisa as classes sociais e as instituições. Compreendo estes profissionais como membros da classe média, classe que de fato exerce o poder das instituições em nossa sociedade, uma vez que nossa elite é composta por poucos indivíduos e para conseguir exercer sua hegemonia necessita dos setores médios da população. A classe média trabalha nos jornais, nas universidades, nas escolas, nos tribunais, nos hospitais. E é a classe

média que poderia promover esforços para enfrentarmos a herança da instituição social da escravidão que singulariza o Brasil.

Nesse sentido, gostaria de discutir duas questões que parecem importantes sobre o fenômeno social dos homicídios e o jornalismo que cobre este fenômeno. A primeira questão, que está por trás das abissais desigualdades de nossa sociedade, é que a escravidão não encarada com a devida gravidade tem influência tanto no fenômeno social dos homicídios quanto na indiferença de amplas camadas da população para com milhares de vítimas assassinadas. A segunda diz respeito ao papel das classes médias na manutenção desta lamentável realidade.

A existência da ralé estrutural como herança da escravidão que singulariza a sociedade brasileira, tal como discutida no capítulo 1, não deve ser perdida de vista nesta discussão. Pois é pelo modo como era o reconhecimento social do escravo, como animalizado e subgente, como simples força muscular, que hoje temos a subcidadania brasileira. Na escravidão, as pessoas escravizadas viviam progressivamente submetidas à destruição de sua autoestima, tiveram suas relações familiares por séculos desestabilizadas, e com o fim do período escravocrata não foram inseridas na nova ordem social, e assim acabaram condenadas a permanecer marginalizadas. Imaginem a situação: sem terras para plantar, pois as fazendas que por séculos foram cultivadas pelos escravos pertenciam aos senhores de terra e gente; e sem fonte de renda, pois a entrada no novo mundo do trabalho, do capitalismo primitivo anterior à era Vargas, estava marcado pela lembrança traumática que o trabalho manual tinha para os libertos do tempo dos açoites e das torturas. Além disso, nos espaços onde existia busca por trabalho assalariado a concorrência com os recém-chegados imigrantes, que tinham no trabalho produtivo a fonte de autoestima e reconhecimento social, era desleal. Nossos processos de desenvolvimento e modernização não contemplaram a ralé estrutural.

Como todo processo de escravidão pressupõe a animalização e humilhação do escravo e a destruição progressiva de sua humanidade, como o direito ao reconhecimento e à autoestima, a possibilidade de ter família, interesses próprios e planejar a própria vida, libertá-lo sem ajuda equivale a uma condenação eterna. E foi exatamente isso que aconteceu entre nós (SOUZA, 2017, p. 74-75).

Sem terras e sem chances de trabalho, preteridos e humilhados constantemente, essa população assistiu os processos de “desenvolvimento” sem nunca fazer parte deles. No período pós-abolição, os imigrantes recebiam lotes de terra para produzir e eram trazidos para o Brasil como política de estado para embranquecer a população. E a população negra, com domínio de técnicas de cultivos<sup>65</sup> que atravessam séculos, nada receberam. Nesse contexto do abandono surgem nossas favelas, que nascem para marcar no espaço urbano o lugar de moradia dos excluídos e onde se pode matar e morrer sem causar repercussão. Nesse momento histórico, do pós-abolição, nada foi feito para enfrentar a nossa pior herança. Perdemos nossa primeira oportunidade de fazer reforma agrária e de ter um projeto de sociedade que incluía todas e todos. A escravidão terminou como modelo produtivo, mas suas implicações nas dimensões materiais e imateriais da vida seguem até os dias de hoje. No período de modernização da era Vargas, chamada por Jessé Souza de modernização seletiva, camadas da classe trabalhadora e da classe média foram em grande medida contempladas com as políticas públicas de desenvolvimento e com a criação das leis trabalhistas. Novamente a ralé estrutural não foi incluída. Getúlio Vargas teve o mérito de incorporar as classes médias e a classe trabalhadora em suas plataformas de governo, mas quem primeiro tocou na ralé, mesmo que de forma muito sutil e insuficiente para pagar nossa dívida histórica, foi o presidente Lula. E como Jessé Souza (2017) discute em *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*, o ódio que amplas frações da população sentem em relação à ralé pode ser um dos motivos do impeachment e toda perseguição policial, judicial e midiática que “os representantes dos excluídos” recebem, uma vez que muitos corruptos seguem em liberdade e sem causar grande mobilização social.

O jornalismo faz parte desse quadro de exclusão. A cobertura da criminalidade e segurança pública quando relacionada às classes populares é marcada pelo desprezo, pois o abandono e o ódio para com essa população nunca foram de fato enfrentados por nós. Segundo o *Atlas da violência*, “o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco” (FBSP; IPEA, 2018, p. 41). E como Jessé Souza salienta, as pessoas reconhecem não apenas pelos modos de agir do *habitus*, mas também pela cor da pele

---

<sup>65</sup> Os nossos quilombos que conseguiram manter algumas tradições de cultivo de variedades de feijão, tubérculos etc comprovam que estariam aptos para produzir se tivessem lotes de terra semelhantes aos dados para os imigrantes.

quem elas imaginam ser membros da ralé, numa mistura de medo e ódio, pois “é o estereótipo do negro, facilmente reconhecível, que identifica de modo fácil o inimigo a ser abatido e explorado” (SOUZA, 2017, p.83). Ainda de acordo com o sociólogo, o negro - ora desprezado e humilhado, ora transformado em perigoso e violento - sofre atualmente os mesmos massacres de quilombolas indefesos de forma continuada e “hoje aplaudido sem pejo, de pobres e negros em favelas e presídios”.

Compreendo que a violência que atinge a ralé estrutural, que muitos denominam com pertinência de genocídio<sup>66</sup>, não é abordada na cobertura jornalística do DC com o relevo que merece. A subcidadania que a ralé herda da escravidão existe em várias esferas da vida. Os açoites, torturas, capturas e todo tipo de crueldade permanecem em nossos dias sob outros nomes e formas. Nossos presídios e o fenômeno social dos homicídios seguem atualmente a lógica de desprezo que nunca enfrentamos. Só a ressignificação do ódio ao escravo para o desprezo de hoje pode explicar que mais de 60 mil assassinatos não constituam uma das principais pautas políticas entre nós. A maioria das vítimas assassinadas pertence aos setores populares da população. “São 60 mil pobres assassinados por ano no Brasil. Existe uma guerra de classes hoje declarada e aberta” (SOUZA, 2017, p.170). E a classe de profissionais que atuam na imprensa segue realizando, dia após dia, o trabalho protocolar de registrar números. E quando morre uma pessoa com a qual eles, mesmo sem conhecer, têm simpatia e solidariedade, a cobertura é atenta e interessada. É um processo inconsciente, mas as solidariedades definidas pela classe - no caso da classe média - asseguram uma indiferença cruel com as classes populares.

Sabemos da autonomia dos sujeitos relativa, mas é preciso refletir que a construção social da subcidadania não é constituída por todos da mesma maneira. Alguns sujeitos, ou melhor, classes sociais, têm papéis distintos na reprodução das desigualdades, na manutenção da má-fé institucional e na preservação e invisibilidade da ralé.

A classe média, mesmo sem intenção, age para assegurar este estado das coisas no seu cotidiano. Na minha interpretação da teoria de Souza (2003, 2009, 2010, 2017), a classe média defende inconscientemente os interesses das elites, uma vez que nossas elites são compostas por poucos indivíduos e para conseguir exercer sua hegemonia necessitam dos setores médios da população. As elites têm responsabilidade maior na atual situação da sociedade brasileira, pois

---

<sup>66</sup> Principalmente integrantes do movimento negro.

podem, com maiores possibilidades, mobilizar recursos materiais e simbólicos para provocar mudanças. Porém, não acredito que seja possível esperar dos antigos donos de terra e gente alguma preocupação com o país, pois como Jessé Souza afirma, nossa elite busca o lucro rápido, a rapina, e não tem projeto de nação. Nesse sentido, é a classe média, que ocupa os postos no serviço público e no mundo do trabalho e que exercem o poder das instituições, a parcela da população que pode promover transformações no quadro de preservação das desigualdades.

São os membros da classe média que estão nos principais postos de trabalho e são, eventualmente, também vítimas do fenômeno social dos homicídios. Em termos gerais a classe média ocupa um espaço intermediário entre a elite e as classes populares. E executa, conforme expressão de Jessé Souza (2017), o papel de “capataz moderno”, numa espécie de analogia aos homens que serviam os grandes proprietários de terra em diversas atividades. Além desta expressão, o autor faz referência ao capitão do mato, este que servia aos senhores de terra e gente no período da escravidão na captura e açoitamento dos homens e mulheres escravizados. Jessé Souza também usa o termo “tropa de choque” para produzir uma metáfora que demonstre a dimensão do papel de setores da classe média nas abissais desigualdades para explicar a proteção da elite e a exploração das classes subalternas. Esses termos e expressões são utilizados para sublinhar que para ter alguma distinção em relação aos setores populares, a classe média inconscientemente defende os interesses da elite.

Para ter o monopólio dos capitais cultural, social e econômico, a classe média explora e assegura que outros setores da população sigam abaixo dela. Um exemplo de exploração discutido por Jessé Souza e seus colegas (2009) é o trabalho doméstico, uma espécie de herança dos trabalhos das escravas nas casas dos grandes proprietários de terra. Ter empregadas domésticas era sinônimo, e talvez ainda seja, de algum poder econômico e simbólico em relação às pessoas que precisam fazer por si mesmas as tarefas de limpar a casa, fazer comida, entre outras atividades. Em resumo, o trabalho doméstico que a classe média terceiriza com baixo custo significa, para além de outras consequências, compra do tempo que pode ser investido em estudo, trabalho valorizado, leituras e uma infinidade de atividades que implica a aquisição de capital cultural e social, que por sua vez se transforma em capital econômico nos postos de trabalho mais bem remunerados e em altos cargos do serviço público. O papel executado pela classe média é, vale lembrar, realizado de maneira inconsciente como abordo durante toda a dissertação, através do *habitus*.

É de maneira inconsciente, ou seja, pré-reflexiva, que temos solidariedade com algumas vítimas em detrimento de outras. As disposições de classe identificadas nos textos conseguem, ao mesmo tempo, nos aproximar da tragédia de uma vida perdida de classe média e desumanizar outras vítimas das classes populares. No episódio da turista Daniela os detalhes do texto que contextualizam seus últimos momentos, a celebração com parentes na entrada do ano novo e suas expectativas de futuro contrastam com outro homicídio de um homem ocorrido na mesma noite – caso que abordei na parte final das análises a respeito do apagamento produzido pela cobertura do primeiro homicídio do ano. Será que esse homem, sem nome e sem história, também não esteve reunido com familiares para celebrar a chegada do ano novo? Como saber se a pequena nota não conta o que essa pessoa fez antes de ser morta, para onde ia, quais seus planos como vimos na cobertura do assassinato de Daniela. As solidariedades definidas pela classe, que permitem o cuidado em contar a história de Daniela, e o desprezo pelas classes subalternas, materializado em notas sobre assassinatos, reproduzem as desigualdades de nosso país.

Esta dissertação não é a primeira a notar desigualdades na cobertura jornalística de homicídios - demonstrando a subordinação à fonte policial e diferenças de tratamento dependendo do lugar na estrutura social vítima. Nesse sentido não há novidades nos resultados. Considero que o objetivo de identificar, descrever e criticar as disposições de classe social presentes na cobertura jornalística de homicídios publicados pelo *Diário Catarinense*, com base no conceito de classe social de Jessé Souza (2003, 2009 e 2010), aponta para o que compreendo como o diferencial da presente pesquisa: trazer para o debate do jornalismo/comunicação uma teoria e estudos empíricos que estudam outras instituições sociais e a nossa população. Desse modo, demonstrar que o jornalismo e jornalistas não são tão diferentes de hospitais e seus profissionais, escolas e professores, e o que caracteriza o Brasil está presente na prática jornalística assim como nas salas de aula, no atendimento médico, na justiça e nas prisões. Considero que o diferencial em relação aos estudos que apresentei no capítulo 2 está em fornecer uma explicação teórica mais adequada para compreendermos os motivos do tratamento desigual na cobertura jornalística de homicídios de acordo com a realidade brasileira.

Saliento algo identificado e descrito na pesquisa que transborda ao objetivo desta dissertação: a força de influência dos movimentos LGBTs na cobertura noticiosa do assassinato de Jennifer, mulher trans. Ressalto que essa espécie de potência dos movimentos LGBTs constitui

uma “descoberta” animadora para a reversão do tratamento jornalístico protocolar e desinteressado, seguindo para uma cobertura mais interessada, atenta e que importa visibilidade do caso, e de suas razões provavelmente de origem transfóbica. Porém, é preciso considerar que o interesse dos profissionais do jornalismo e do próprio jornal para caso também são resultado da construção desses movimentos nos últimos anos, e não apenas de um episódio isolado. Para se obter o interesse jornalístico sobre as causas dessa morte, de suas razões de gênero e dedicar repórteres para cobrir o caso, é necessário que o tema esteja em discussão há um certo tempo.

O momento histórico em que vivemos é de alguma forma resultado da construção dos movimentos LGBTs nos últimos tempos. São perceptíveis dentro e fora dos espaços acadêmicos a inclusão destes debates nas pautas dos jornais de referência e a criação de novos portais - a exemplo dos portais Catarinas<sup>67</sup> e Gênero e número<sup>68</sup> - dedicados exclusivamente à questão. A politização surgida das discussões sobre as opressões de gênero começa a deixar de ser algo pré-flexivo para se tornar preocupação para muitos de nós, também eu incluído aí. Por exemplo, os homens, sem saber o que faziam e o que fazem, descobrem que oprimiam e ainda oprimem mulheres. Talvez seja possível que homens e mulheres de diversas classes descubram que oprimiam e oprimem a ralé estrutural. Nesse sentido, percebo que a potência de provocar reflexões e de construir um caminho de mudança esteja no movimento negro e nos movimentos populares que denunciam o genocídio da juventude pobre e negra.

É possível que o movimento negro e os movimentos populares possam trazer, pelas suas estratégias de militância, o drama da ralé para o jornalismo e assim tornar possível o mesmo tipo de cobertura jornalística que Jennifer recebeu para cada vítima de homicídio das classes populares. Que mostrem que a resolução de conflitos via violência e a entrada para facções não são uma escolha, pois não existem opções viáveis para esses jovens na maior parte das vezes. A baixa expectativa de vida dos jovens que entram para facções<sup>69</sup>, visível nos dados do último *Atlas da violência* (2018) que nos mostra que a

---

<sup>67</sup> Disponível em: <http://catarinas.info/jornalismo-catarinas-reportar-para-desconstruir/>

<sup>68</sup> Disponível em: <http://www.generonumero.media/>

<sup>69</sup> Sugiro que o leitor escute a música Soldado do Morro, de MV Bill, para ter uma dimensão da perspectiva desses jovens sobre seu cotidiano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ia0i-DYU5A>

maior causa de mortalidade da juventude pobre e negra é o homicídio, pode começar a se tornar objeto de preocupação para além de pesquisadores e militantes e se tornar uma das principais pautas dos nossos jornais. Desconfio que dez anos atrás não fosse possível que um assassinato semelhante ao de Jennifer tivesse a mesma repercussão, por isso penso ser viável mudanças nesse sentido.

Contudo, no que tange à pesquisa em jornalismo e o ensino de jornalismo, é preciso incluir e/ou manter esses debates nos espaços onde atuamos. Na área da pesquisa, suponho que estudos que percebam a classe em suas dimensões imateriais como uma categoria de análise possam ser interessantes. Alguns estudos já estão sendo feitos ou foram realizados. Presumo que pensar a classe social em outros tipos de cobertura e editoriais constitui um rico campo para posteriores investigações, como seria também o universo da recepção de notícias - estudar como as pessoas compreendem, por exemplo, esse tipo de cobertura do fenômeno social dos homicídios - e, outra possibilidade, uma reconstrução ou genealogia histórica da cobertura de violência e criminalidade. As pesquisas de Jessé Souza e equipe percebem a permanência de uma série de características na ralé estrutural dos tempos da escravidão para os dias de hoje, e o jornalismo<sup>70</sup> que acompanhou as transformações da sociedade, ainda faz o mesmo no que diz respeito à cobertura de homicídios?

No ensino de jornalismo seria interessante que o debate sobre as classes sociais e o fenômeno social dos homicídios estivessem presentes nas discussões em sala de aula. Algo semelhante nasceu no curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre o tema gênero e atualmente tem uma disciplina própria para o tema, com o nome de Jornalismo e gênero. De certa forma, as desigualdades de gênero, raça/etnia e classe e o debate sobre o reconhecimento social poderiam fazer parte dos currículos e serem considerados em projetos pedagógicos para a formação das e dos futuros jornalistas. Mesmo que a simples inclusão em documentos não signifique qualidade de discussão, faz-se urgente pensar no âmbito do jornalismo as questões de gênero, de racismo e de classe social em suas dimensões imateriais, de modo que a imprensa possa contribuir para a diminuição das desigualdades no país.

---

<sup>70</sup> Um estudo recente de Juremir Machado da Silva, convertido no livro *Raízes do conservadorismo brasileiro*, analisa, dentre outros objetivos, o antes e o depois da abolição da escravidão nos jornais. Esse tipo de estudo pode servir como ponto de partida para pensar trabalhos sobre a cobertura jornalística de homicídios em uma perspectiva histórica.

Enfim, o debate sobre o reconhecimento social poderia ser considerado na formação das e dos futuros jornalistas.



## Referências

- ADORNO, Luís. **Abordagem nos Jardins tem de ser diferente da periferia, diz novo comandante da Rota**. São Paulo: Uol, 24 ago. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da-ota.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 09 set. 2018.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro, RJ: 1ªed Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Temos que pensar o lugar de corpos movendo-se livremente dentro de uma democracia**. São Paulo: Revista Cult, Edição 205. 2015. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/09/temos-que-pensar-o-lugar-de-corpos-movendo-se-livremente-dentro-de-uma-democracia-diz-judith-butler/>
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.
- BRUM, Eliane. **Por quem rosna o Brasil**. El País, Madrid, 3 ago. 2015. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/20/opinion/1437400644\\_460041.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/20/opinion/1437400644_460041.html). Acesso em: 8 ago. 2015.
- \_\_\_\_\_. **O nada e o ódio**. El País, Madrid, 7 Mar. 2017. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/06/opinion/1488822564\\_205808.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/06/opinion/1488822564_205808.html)> Acesso em: 10 dez. 2017.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Classe e Raça**. São Paulo, SP: Bointempo, 2016.
- DEROSA, Cristian. **O discurso das mudanças climáticas no Diário Catarinense**. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2013.

EISNER, Manuel. **Notas de homicídios 1:** Como reduzir os homicídios em 50% nos próximos 30 anos. Instituto Igarapé. Agosto, 2015.

ESCOSTEGUY, A. C. D.; Sifuentes, L. . **As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia:** apontamentos teóricos. E-Compós (Brasília), v. 14, p. 1-13, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação:** um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. Comunicação, mídia e consumo vol. 4. São Paulo, 2007. 21.

FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017.** Ano 11. São Paulo, 2017.

FREIRE FILHO, João. **Comunicação, emoções e moralidade:** a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: 38º Encontro Anual da ANPOCS, 2014, Caxambu, MG. **Anais** do 38º Encontro Anual da Anpocs, 2014. p. 1-33.

FREITAS, Lorena R. T. **A instituição do fracasso: a educação da ralé.** In: Souza, Jessé;. (Org.). A Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. -483.

FORTES, Rafael. **Condenados pela primeira página:** problematizando as relações entre jornalismo, ética e verdade. **E-Compós** (Brasília), v. 13, p. 1-22, 2010.

FULQUIM, F. F. S. **A Guerra Velada (mas nem tanto) a partir de uma leitura crítica da Mídia.** 2015. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GARZÓN-VERGARA, Juan Carlos. **Notas de homicídios 3:** Qual a relação entre o crime organizado e os homicídios na América Latina?. Instituto Igarapé. Junho, 2016.

GUERREIRO NETO, Guilherme. **O jornalismo como instituição social.** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza: Intercom, 2012. Anais.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In: SILVA, Tomas (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-131.

IPEA; FBSP. **Atlas da violência 2018**. Brasília, 2016

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

LUNA, Lara. "**Fazer viver e deixar morrer**": a má-fé da saúde pública no Brasil. In: Jessé Souza. (Org.). A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 305-327.

MÁRQUEZ, Gabriel. **Notícia de um sequestro**. Rio de Janeiro: Recod, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Transformações da experiência urbana. In: **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NASI, Lara. **A violência narrada no jornalismo de proximidade em Ijuí RS**. In: 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2016, Palhoça SC. Anais do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2016, 2016. p. 1-12.

PAIVA, Anabela; RAMOS, Silvia (Org). **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil - Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **A crença no Mérito e a Desigualdade**: a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. São Paulo: CosacNaify, 2015.

SILVA, Juremir Machado. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sullina, 2011.

SILVA, Valéria Sinésio da. **O lugar do crime no jornal**: uma análise da cobertura policial do Jornal da Paraíba. – Joao Pessoa, 2016.

SILVEIRA, Anderson Dias. **Violência urbana, classe social e mídia:** um estudo sobre as notícias da editoria de segurança do jornal Agora/Anderson Dias Silveira; Guilherme Carvalho da Rosa, orientador. Pelotas, 2015.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **A elite do atraso:** da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leeya, 2017.

\_\_\_\_\_. **A construção social da sub-cidadania:** para uma sociologia política da modernização periférica. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira:** quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros:** nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VIANA, A. W. **As Mortes das Mulheres e dos Homens Infames em Zero Hora:** Uma Análise do Silêncio. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017.

VILATA, Carlos J. **Notas de homicídios 2:** tendências e projeções globais sobre homicídios, 2000 a 2030. Instituto Igarapé. Novembro, 2015.

WASELFISZ, Julio. **Notas de homicídios 4:** Homicídios de crianças e adolescentes no Brasil. Instituto Igarapé. Dezembro, 2017.

## Anexos

DIÁRIO CATARINENSE

**DC**

SANTA CATARINA  
ANO 51, Nº 31.145  
DIÁRIO CATARINENSE - 11.12.17  
R\$ 2,50

**SEGUNDA-FEIRA**  
2 DE JANEIRO DE 2017

#2017#Façonovo

**POSSES EM SC**  
**Prefeitos assumem para cumprir o que prometeram**  
Notícias | 8 a 10

**Moacir Pereira:** A força política dos novos gestores para a eleição de 2018 | 14 e 15



# Turista gaúcha é morta no Norte da Capital

**DANIELA SCOTTO FOI atingida por um tiro na cabeça depois de sair de um jantar de Révillon no bairro Vargem Grande**



Polícia realiza operações nas entradas da comunidade de Paquetaira, no Vargem Grande, porém ninguém foi preso

**#SEGURANÇASC**  
**SEJA CASAL SEJA**

**ANDRÉIA SCOTTO**  
 esposa de Daniel Scotto

**ANDRÉIA SCOTTO**  
 esposa de Daniel Scotto

A turista gaúcha Daniela Scotto de Oliveira Soares, 36 anos, terminou 2016 cansada e com planos de ter filhos. Mas foi morta nas primeiras horas do ano ao entrar em uma rua na comunidade de Paquetaira, no bairro Vargem Grande, em Florianópolis. Ainda ontem a Polícia Militar (PM) mostrou um cerco nas três entradas da comunidade. A promessa da corporação é de que policiais vão permanecer no região até prender os autores do crime.

A vítima e marido estavam na casa de jantares no Norte da Ilha de Santa Catarina. Na volta para o Révillon, onde estavam hospedados desde quinta-feira, casal teria sido assaltado o aplicativo Waze, que indicou uma caminhada pela Servidão Itaipava Machado, paralela à rua onde a família jantava. Neste ponto, segundo o PM, Daniela teria observado um rapaz armado e com

com o familiar e com o familiar dentro do veículo. Instantes depois, o tiro entrou pelo lado do passageiro e atingiu a cabeça da professora

O cunhado de Daniela, Rodrigo Fernandes, conta que na tarde de sábado, 31 de dezembro, eles foram juntos para a praia de São Paulo, também no Norte da Ilha. À noite, ela foi com a irmã, o cunhado, os sogros e os sobrinhos para uma festa de Révillon na casa de um familiar na Vargem Grande. Por volta das 2h de outubro, eles saíram do local divididos em dois carros. A vítima foi na Hyundai Tucson preta, com placas de Porto Alegre. Estavam no veículo também a marido, os sogros e um sobrinho, de sete anos. No outro carro, uma Ford Focuspet, foram o cunhado, a irmã e uma sobrinha da professora. Daniela chegou a ser levada à Unidade de Pronto Atendimento (UPA), mas depois ao local sem vida.

O marido dela percebeu logo depois do tiro que não tinha nada a que fazer, mas preferiu não falar nada naquele momento. Foi um desespero para a família.

Uma coisa que a gente não esperava. Uma mulher gente fina, estava planejando ter filhos e se casar de novo. Daniela chegou a ser levada à Unidade de Pronto Atendimento (UPA), mas depois ao local sem vida.

O marido dela percebeu logo depois do tiro que não tinha nada a que fazer, mas preferiu não falar nada naquele momento. Foi um desespero para a família. Uma coisa que a gente não esperava. Uma mulher gente fina, estava planejando ter filhos e se casar de novo. Daniela chegou a ser levada à Unidade de Pronto Atendimento (UPA), mas depois ao local sem vida.

Andréia Scotto, no bairro Estreito, no região central

**COMUNIDADE CRITICA**  
**ATENDIMENTO DE POLICIAIS**

Já na UPA Norte, Rodrigo procurou policiais militares das cinco viaturas que foram até a unidade. Policiante que eles faziam buscas pelas assinaturas no local do crime. A resposta, entretanto, surpreendeu o cunhado de Daniela. “Se negaram a ir, dizendo que eles tinham que ter mais garantido. Disseram que iam esperar. Chegou ao Bópo, porque não queriam ser outra vítima.

**“Fazemos de tudo para controlar, mas o tráfico é realmente forte”**

**ENTREVISTA**

**SIVALDO SANTOS DA SILVEIRA JÚNIOR**

comandante do 12º Batalhão da PM, em Florianópolis

**Qual a avaliação do senhor sobre o homicídio?**

Foi lamentável. Para a Polícia Militar, é frustrante. A gente está fazendo operações diárias no Paquetaira. Em dezembro fazíamos três por dia, o que se convulsiona com uma grande operação há pouco mais de 15 dias que envolvia 105 policiais militares e helicópteros.

Temos dado uma atenção muito forte justamente pela área. Infelizmente, numa noite que costumamos com todo efetivo no controle. Lamentamos. Primeiro, essa é a prova. Porque nossos efetivos estão sendo muito fortes naquele região. Fazemos 10, até apagar a situação, não perdemos os autores desse crime também. Quando o conflito é entre marginal, a sociedade, muito embora não meça, entende. Mas, quando envolve cidadão do bem, fica a sensação de frustração.

**O ponto onde ocorreu a morte é uma área complicada de comunidade?**

São as ruas de acesso para a favelinha que fica lá atrás. Essa é onde houve a morte e um dos principais. Acredito que o GPS pode ter indicado a pessoa a entrar. A princípio, não seria nada grave andar pelo local. O que não se pode aceitar é a situação dos marginais.

**É comum ter pessoas andando armadas na região onde ocorreu o crime?**

Não. Inclusive, há dois dias, prendemos o chefe do tráfico local com outros dois traficantes, de lá para cá, tivemos um reconhecimento de drogas dos marginais. Reforçamos e fazemos as prisões justamente para limpar a área para as festas de final de ano. A gente limita, mas profundamente triste com o cenário. Realmente dependemos de um grande esforço naquele local.

**Por que a comunidade é tão problemática?**

Tráfico de drogas, que se alia ao bôido de pobreza em uma área de vulnerabilidade social. Além disso, a gente não consegue fazer de tudo para controlar, mas realmente o tráfico é muito forte.

**O cunhado da vítima fala que os policiais se recusaram a ir até o local após o crime. Esta situação aconteceu?**

Ele está emocionado. A gente não pode abrir mão do nosso procedimento policial. O relato era de que várias pessoas estavam armadas. Como vou colocar dois policiais em uma região dessas?

Tem que entrar no mínimo com capacidade de reação. Foi uma noite de Révillon, todo efetivo estava empenhado no ocorrência, o que fez com que nossa guarnição tivesse que esperar no local. Como era de se esperar, os marginais tinham fugido.

Não se pode sair à noite procurando em residência. Agora a família está cercada nas três entradas. Vamos manter assim até esse caso ser resolvido.

**O cunhado diz que havia mais viaturas na Unidade de Pronto Atendimento (UPA). O procedimento em casos como este é entrar somente com a ajuda do Bópo?**

Temos nosso Pelotão de Esquadrão Tático (PET) que é a guarnição mais reforçada para fazer esse serviço também, mas ela estava atendida ocorrência também. Não conseguimos disponibilizar, mas a demora não foi tão grande. A pessoa não pediu que os policiais entrassem sozinhos. Saíram imediatamente (UPA), entre a viatura oficial, mas precisava de equipe tátil, com treinamento de locação local.

## Homem invade festa, mata ex-filho e mais 10 pessoas a tiros

MINUTOS ANTES da virada do ano, Sidnei Araújo, 46 anos, que não aceitava fim de relacionamento, entrou em casa de Campinas, em SP

Uma festa de Réveillon terminou em tragédia em Campinas, no interior de São Paulo, ontem. O técnico de laboratório Sidnei Ramo de Araújo, de 46 anos, matou o filho, a ex-mulher e mais 10 pessoas. Depois de atirar nos convidados, ele se matou. O crime, segundo a polícia, ocorreu porque ele não aceitava perder a guarda do filho.

O crime aconteceu na Rua Pompílio Morandi, no Jardim Aurélio, durante a celebração do ano-novo. Morreram a ex-mulher de Araújo, Isamira Piller, de 41 anos, e o filho, João Victor, de 8. Também foram mortos Liliane Ferreira Dosant, de 44; Rafael Piller, de 28; Antonia Dalina Ferreira de Freitas, de 62; Abadia das Graças Ferreira, de 56; Paulo de Almeida, de 61; Ana Luiza Ferreira, de 52; Larineira Ferreira de Almeida, de 24; Carolina de Oliveira Brito, de 26; e Alessandri Ferreira de Freitas, de 40. Luiza Maia Ferreira, de 85, que chegou a ser socorrida, mor-

reu no Hospital das Clínicas. Três pessoas ficaram feridas. O presidente Michel Temer lamentou o episódio na sua conta do Twitter.

Segundo a Polícia Civil, o crime foi premeditado. Em uma gravação de vídeo que pretendia executar as vítimas no Natal, mas não conseguiu, Araújo soube que a ex-mulher ia comemorar a virada de ano na casa de uma das filhas, Liliane, e foi até o imóvel. Pouco antes da meia-noite, ele estacionou o carro, pulou o muro e entrou na casa. Em seguida, começou a atirar.

### JOVENS SE ESCONDEM E SAEM LIBRES DE ATAQUE

Os investigadores apuraram que dois adolescentes, de 15 e de 17 anos, que estavam na festa de Réveillon, trancaram-se nos banheiros da casa ao perceber o ataque. Eles disseram que entraram quando Araújo afirmou que mataria Isamira. "Vou te matar, você tirou meu filho". A frase foi

seguida pelo barulho de disparos. Depois, ouviram João Victor, o filho de 8 anos, questionar o pai: "Por que você matou a mamãe?" Araújo não respondeu. O silêncio foi interrompido por novos tiros. O menino foi o último a morrer antes de Araújo se matar.

Apenas quatro pessoas que estavam na festa não foram atingidas pelos disparos. Segundo os investigadores, o atirador chegou a apontar a arma para uma filha, que tinha um bebê no colo. "Você nunca me fez nada", disse, de acordo com o boletim de ocorrência registrado no 4º Distrito Policial de Campinas.

Confundimos o barulho de tiros com fogos, já que fazíamos quatro a cinco minutos para a meia-noite. Quando saímos para ver o queima de fogos deparamos com uma pessoa ferida na perna, que pensamos ser socialista. Depois, percebemos que era um dos sobrinhos da chacinha — disse um vizinho que não se identifica.

### Latrocínio | Oceanógrafo é assassinado em BC

Um oceanógrafo, morador de Balneário Camboriú, mas natural do Rio Grande do Sul, de 39 anos, morreu em uma tentativa de assalto no madrugada de ontem na cidade de Litoral Norte. A Divisão de Investigação Criminal (DIC) da cidade assumiu a investigação do caso e trabalha com hipótese de latrocínio. Nenhum suspeito foi identificado até o momento. A polícia não informou o nome da vítima.

Conforme informações repassadas à Central de Emergências 190, uma

testemunha viu o homem sendo vítima de uma tentativa de roubo e, após reagir e cair em luta corporal com o criminoso, teria sido atingido por um tiro na região torácica.

O Samu realizou os atendimentos de emergência e encaminhou a vítima para o Hospital Raul Cardoso em vila, porém ele não resistiu aos ferimentos e morreu por volta das 09h30min. A ocorrência foi registrada na Rua 2054, entre as avenidas 3ª e Itaipó, por volta das 0h30min deste domingo.

### Tráfego | Primeiro homicídio é registrado na Capital

Um homem ainda não identificado foi morto a tiros no campo da madrugada de ontem no bairro Monte Cristo, na região continental de Florianópolis. O primeiro homicídio de 2017 na Capital ocorreu por volta de 0h20min, quando a Polícia Militar (PM) foi acionada para atender a ocorrência. Segundo relato de testemunhas, dois homens armados atiraram contra a vítima na comunidade Novo Horizonte, que fica dentro do Monte Cristo. Um dos suspeitos estava com uma espingarda

calibre 12. A PM esteve no local e foi recebida com fogos. O bairro onde ocorreu o crime enfrenta há anos uma disputa pelo controle do tráfego entre líderes da Novo Horizonte e Chico Mendes, ambos dentro do Monte Cristo. Florianópolis teve também uma tentativa de homicídio em Jurei Internacional durante a madrugada de ontem. O fato ocorreu próximo a uma casa isolada. O rapaz baleado foi socorrido pela ambulância do estabelecimento e levado ao hospital.



## O melhor VERÃO tem suas vantagens

# Só quem é assinante do DC aproveita todas as vantagens do maior clube de benefícios de Santa Catarina.

**50% DESCONTO**

**30% DESCONTO**

**APP DO CLUBE**

Aproveite os descontos onde você estiver.

Baixe agora em:



Confira a lista completa dos estabelecimentos em:

[www.clubedoassinantedc.com.br](http://www.clubedoassinantedc.com.br)





LIGUE E COMECE A APROVEITAR

**(48) 3216 3366** **0800 48 1400**

Opções Florianópolis e outras | Outras cidades



SANTA CATARINA  
ANO 31 Nº 11.147  
PREÇO ÚNICO: R\$ 2,50

**QUARTA-FEIRA**

4 DE JANEIRO DE 2017

ECONOMIA

## Agronegócio puxa a retomada das exportações em SC

Após tombo de 15%, Estado sinaliza início de recuperação no comércio exterior ao fechar 2016 com faturamento praticamente igual ao registrado no ano anterior.

Estela Benetti | 15



### PREJUÍZO E SUSTO

Explosão em padaria de São João Batista destrói prédio e deixa uma pessoa ferida. Há suspeita de vazamento de gás.

Notícias | 12

SEU BOLSO

### GRANDE FLORIANÓPOLIS TEM A GASOLINA MAIS CARA DO ESTADO

Diferença entre litro na região e na cidade com valor mais barato chega a R\$ 0,80

Sua Vida | 20

VIOLÊNCIA NA CAPITAL

### JUSTIÇA AUTORIZA APREENSÃO DE MENOR SUSPEITO DE CRIME

Polícia confirma que adolescente é autor do tiro que matou turista no Papaquara

Notícias | 12

SEGURANÇA

### SISTEMA PRISIONAL CATARINENSE EM ALERTA APÓS CHACINA NO AM

Governo admite atenção maior, mas diz que separação de facções ajuda a prevenir

Notícias | 6



Impacto do estouro fez cair a construção e comprometer a estrutura de imóveis vizinhos

## Explosão destrói prédio em São João Batista

**SEGUNDO TÉCNICOS DO** Corpo de Bombeiros, vazamento de gás nas dependências de uma padaria pode ter sido a causa do acidente

**M**oradores de São João Batista, na Grande Florianópolis, acordaram assustados na madrugada de ontem. Uma explosão em uma padaria, no centro da cidade, por volta das 5h, provocou a queda de um prédio e também comprometeu a estrutura de imóveis vizinhos. Segundo o Corpo de Bombeiros, a explosão pode ter sido causada por um vazamento de gás no estabelecimento.

Segundo informações repassadas pela Polícia Militar, a contagem de dois andares, na Praça Deputado Walter Vicente Gomes, veio abaixo logo após um forte barulho. Com a força da explosão, uma farmácia, uma joalheira, uma ótica, três aparelhos, o prédio

da prefeitura e algumas salas comerciais também sofreram danos. - Causou um grande estrago. Um prédio do lado onde funciona uma farmácia, ficou bastante comprometido. Foi ceta de filme mesmo - contou o soldado da PM Rafael Felipe Correa da Luz Ferreira. Apesar do susto, somente uma moradora, dona do prédio e familiar da proprietária da padaria, se feriu. A mulher dormia nos fundos do imóvel quando a explosão aconteceu. Ela precisou levar seis pontos na perna.

Além da PM e do Corpo de Bombeiros, uma equipe de peritos do Instituto Geral de Perícias de Brusque, no Vale do Itajaí, esteve no local ontem à tarde para iniciar o levantamento dos estragos e ou-

vir testemunhas e proprietários dos imóveis danificados. De acordo com Alvaro Augusto Menegueta Hamel, perito que acompanhou os trabalhos, ainda não é possível afirmar a causa do explosão.

Os bombeiros também estão trabalhando no local, removendo vigas e pilares prejudicados ou destruídos. Caso eles encontrem algo no interior, como um equipamento que não deveria estar no local ou que apresente algum defeito, nós iremos periciar também e incluir isso no laudo. Até lá não se pode passar nada preliminarmente - explica ao portar que não há um prazo para concluir o laudo.

\*Colaborou: Dênis Gaboso e Carlos Ireniani

## VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO

“Não tenho mais condições de morar aqui”, diz pai de vítima

**MARCUS BRUNO**  
marcus.bruno@marca.com.br

Assim que o quadro de saúde de Nilandres Lodi, 36 anos, apresentar melhorias, ele será transferido do hospital Celso Ramos, em Florianópolis, para a São Vicente, de Passo Fundo (RS). Ele foi uma das vítimas do acidente com um Camaro na madrugada de Resvillers nos Ingleses e teve as duas pernas amputadas. A esposa dele, Cristiane Flores, mora na cidade.

Quem pediu a transferência foi o pai, Volmir Lodi. Ele viveu no norte da ilha depois que o filho inaugurou a primeira filial da loja RMS Autosom. A família é de Passo Fundo, onde fica a matriz, que é mantida pelo irmão Vagner Lodi. Seu Volmir abriu um quiosque de sorvetes em frente à loja. Recém tinha começado a trabalhar neste verão. Se não bastasse perder a noiva e o filho ter as pernas amputadas, o quiosque dele ficou completamente destruído após o acidente.

- Eu vou processar o cara criminalmente para me pagar todas as despesas que eu tive e ainda vou ter. Agora que eu ia começar a trabalhar, nós vamos voltar para Passo Fundo assim que meu filho puder ser transferido, e o Hospital São Vicente é o melhor do RS. Não tenho mais cabeça para morar aqui e trabalhar no mesmo local onde aconteceu uma tragédia dessas - conta seu Volmir.

**QUADRO DE SAÚDE DE NILANDRES MELHORA**

O pai acredita que em até 20 dias o filho vá para a cidade gaúcha. Outem, ele foi informado que Nilandres está melhorando. Ele já reagiu e por isso será submetido a nova cirurgia,

desta vez em um dos ombros. Mas o quadro dele continua sendo grave. A operação nas pernas já foi concluída e agora está em cicatrização.

Na noite de segunda-feira, amigos se reuniram em frente à RMS para fazer uma oração. Volmir lembra que o filho participou de diversos campeonatos de som automotivo em SC.

Ele já em muitos campeonatos de som automotivo e sempre trazia os primeiros lugares, a maior equipe. Eu já recebi mais de 200 ligações de solidariedade - diz o pai.

Já o estado de Gean Matos, 22, continua o mesmo: o jovem está em coma induzido com traqueostomia craniana.

Na próxima sexta-feira, será realizada uma manifestação em frente à loja pedindo justiça e mais segurança no trânsito do norte da ilha.

No primeiro dia do ano, o Camaro preto com placas de Sapiranga invadiu a calçada em frente à RMS, na rodovia Armando Coll Bulos, por volta das 5h. Cristiano, Lodi e Matos, que tinham passado a madrugada em frente à RMS, na rodovia Armando Coll Bulos, por volta das 5h, ficaram em um veículo, quando foram atingidos pelo carro.

O motorista do Camaro fugiu do local. Aferenno Bueno, 29, dono do veículo, é apontado pela polícia como único suspeito. Ele teve a prisão decretada, não se apresentou ainda e é considerado foragido. Bueno deve responder por homicídio doloso e duas tentativas de homicídio.

Segundo a Polícia Civil de SC, policiais gaúchos estão ajudando nas investigações, já que o condutor deturva as provas a caso que havia alagado em Ingleses depois do acidente e depois ter voltado a Sapiranga. A defesa e a família de Bueno ainda não se manifestaram sobre o caso.

## CRIME NA CAPITAL

### Justiça autoriza apreensão de menor atirador

**STEFANI COLOLA**  
stefani.colola@bravo.com.br

A Polícia Civil fez ainda na segunda-feira a solicitação de mandado de apreensão contra o autor do disparo que atingiu a turista Daniela Scotto de Oliveira Soares, 38 anos, na madrugada de domingo na comunidade do Papageira, no norte da Ilha, em Florianópolis. Outem, o pedida foi arquivado pela Justiça. A Delegacia de Homicídios afirma que o autor é um menor.

De acordo com o diretor de polícia da Grande Florianópolis, Veridônio, três suspeitos foram identificados, mas foi solicitada a prisão somente do que disparou o tiro que atingiu a cabeça de Daniela. Ele não confirma que se trata de um menor para não atrapalhar as investigações.

- O pedida foi feito, já passou pelo crivo do Judiciário. É para uma pessoa, a autor. Todo encaminhamento foi dado de forma bem célere - resume o delegado. Ele alega

que qualquer detalhe sobre a linha de investigação da Polícia Civil pode resultar na fuga do suspeito e difratar a prisão.

Já o delegado de Homicídios da Capital, Enio de Mattos, adianta que o autor do disparo foi um adolescente. Ele também não dá mais detalhes sobre a investigação, mas explica que apesar de haver possivelmente outras pessoas com o menor na cena do crime, somente contra ele foi pedida a prisão por ser o único responsável pelo disparo.



Camaro preto que atingiu vítimas na calçada ficou com a frente destruída



DEBILITADO E ASSIMILADO

DIÁRIO CATARINENSE

**DC**SANTA CATARINA  
ANO 51 Nº 11.152  
QUINTA-FEIRA 10 DE JANEIRO  
R\$ 2,50 - R\$ 17,00**TERÇA-FEIRA**  
10 DE JANEIRO DE 2017

#2017#Façonovo

FINANÇAS PÚBLICAS

**Como está composta a dívida de Florianópolis**

Montante superior a R\$ 1 bilhão inclui déficit, mas também financiamentos de longo prazo

Notícias | 7

**ÁGUA MAIS QUENTE**

Temperatura do mar em Santa Catarina está em média 2°C mais alta. As consequências são mais algas, mais águas-vivas e menos peixe perto da costa

Sua Vida | 18

No Pântano do Sul, em Florianópolis, foi registrada a diferença mais expressiva, de 8°C acima da média

AGRONEGÓCIOS

**SC projeta mais áreas para plantio de milho em 2017**

Estimativa da Epagri é baseada no crescimento de 15% na compra de grãos para a lavoura. Estado é o maior consumidor do país por causa da criação de suínos e aves

Notícias | 6

NORTE DA ILHA

**ADOLESCENTE QUE MATOU TURISTA SE APRESENTA**

Menor de 17 anos alegou que o tiro foi acidental

Notícias | 11





## SD. VINÍCIUS ALEXANDRE

★ 28/06/1985 † 16/09/2016

**Ele e milhares de militares morrem todos os anos pela sua segurança. Mas suas famílias ficarão desamparadas.**

O militar estadual exerce a profissão mais estressante de todas. Vivem 24h por dia em tensão correndo risco de morte no trabalho e até em casa. A probabilidade de serem vítimas de homicídio é 3x maior que qualquer outra pessoa. Pelo estresse do perigo sofrem um risco 50% maior de desenvolver problemas cardiovasculares. No final de 2016, foi aprovada lei estadual que coloca os direitos dos militares em condições incompatíveis com os riscos de suas funções, deixando em situação de vulnerabilidade suas famílias e esposas.

Não é justo que a família, de quem entregou sua vida para garantir a ordem pública e a segurança da comunidade, fique desamparada.

**Apoie quem te protege. Mesmo com o risco da própria vida.**



acoors.org.br

## NOTÍCIAS | SEGURANÇA

# Presos são transferidos para evitar confrontos

**EM ALERTA APÓS** chacinas em presídios no norte do país, autoridades do sistema prisional catarinense enviaram detentos da Capital para Criciúma

### DOCUUNIAS

dojoo@ajg.com.catarinense.com.br

**A**s autoridades do sistema prisional de Santa Catarina decidiram transferir internamente alguns presos nos últimos dias. O objetivo é evitar confrontos nas celas diante do contexto nacional de violência que envolve facções criminosas.

O DC apurou, com fontes do alto escalão do governo, policiais e servidores de presídios, que a medida foi adotada em sigilo pelo Departamento de Administração Prisional (Dcap) e envolveu remoções entre o complexo prisional da Agronômica, em Florianópolis, e a Penitenciária Sul, em Criciúma. Ao menos oito detentos figuraram na lista de transferências até o fim da semana.

Questionado sobre o assunto, o secretário-adjunto da Justiça e Cidadania, Leandro Lima, disse ontem que não iria confirmar a informação, mas que também não negaria. Ele apontou a questão da segurança como motivo.

— O nível continua de atenção em todo o Estado, não estamos

imunes, mas aqui implantamos políticas públicas — diz Lima.

A preocupação maior atinge mais uma vez a Penitenciária de São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, antigo "DC" (quartel general) da facção Primeiro Grupo Catarinense (PGC). Na semana passada, o preso Sebastião Carvalho Willeh, um dos chefes do grupo, foi assassinado por outro detento e fuzilado no hospital.

O preso Gabriel Rodrigues Pereira, o Camêdo, assumiu a autoria do crime e seria um dos transferidos para outra unidade. A reportagem apurou que o Dcap tomou sigilo em presídio federal para ele, mas sem sucesso. Tanto Walter quanto Camêdo já possuem permissão federal pela alta periculosidade.

Para o professor em direito penal da UFPA e especialista em criminologia, Alceu de Oliveira Pinto Jr., a transferência de lideranças é correta, embora no passado já tenha causado revolta entre presos.

— SC já vem separando os presos por grupos criminosos, o que é salutar para evitar as rivais. Mas são precisas outras medidas, como minimizar a entrada de novos de-

tos sem condenação e sem periculosidade nesse momento — diz.

Servidores do sistema ouvidos pela reportagem, que preferem não se identificar, afirmam que o quadro é temeroso. Citam a presença de facções, a precária infraestrutura e baixo efetivo de agentes penitenciários.

Segundo Alceu Pinto, as celas de São Pedro de Alcântara, Florianópolis, Itajaí, Blumenau e Criciúma exigem atenção diante da guerra iniciada por facções pelo país.



### DEU NO DC

Edição de fim de semana mostrou que o sistema prisional de SC estava em alerta após chacinas em Florianópolis e Itajaí.



## HOMICÍDIO DE TURISTA

### Autor chegou a ser detido e liberado após crime

#### ASSASSINATO

assassinato@ajg.com.catarinense.com.br

O adolescente de 17 anos que confessou ter matado a turista Daniela Scotti, 38 anos, no Papagaio, em Florianópolis, na madrugada de 1 de janeiro, havia sido apreendido pela Polícia Militar (PM) por porte de drogas um dia depois do assassinato. Naquele momento, após ser ouvido, foi liberado. Isso ocorreu, segundo a Polícia Civil, porque o rapaz ainda não era suspeito do homicídio.

Com o avanço das investigações, as equipes concluíram que ele foi o responsável pelo tiro que atingiu Daniela. Buscas chegaram

a ser feitas na casa onde ele morava com a mãe antes de se mudar para o Norte da Ilha de SC. Durante o depoimento prestado na delegacia pela posse de drogas, foi questionado pelo investigadores sobre a morte da turista, mas negou envolvimento, segundo o delegado Eduardo Matos, responsável pelo inquérito.

Na última semana, a advogada do adolescente, Charles Jacob Pegariano Kerber, começou os contatos com a Polícia Civil para apresentá-lo. Kerber diz que isso não ocorreria antes por que o suspeito estava "profundamente abalado". Matos, entretanto, diz que o motivo alegado em depoimento foram

alguns ferimentos que o adolescente tinha e precisou se curar.

A polícia, o menor argumenta que não tinha a intenção de matar a turista. Disse, de acordo com o delegado regional da Grande Florianópolis, Verdi Furlanetto, que apontou a arma para o carro por achar que o veículo era de um inimigo. Acidentalmente, sustentou o revolver disparou. Matos não descartou novas detenções.

Kerber pretende pedir a revogação da apreensão nos próximos dias. Em depoimento, o menor pediu para ficar em alta afastada de onde estão os integrantes de uma facção criminosa que atua no Estado por medo de represálias.

**Prezada Sra. Gessica Antunes Oliveira**  
Solicitamos seu comparecimento na empresa **EVELI ADAM**  
**ME, CNPJ 07977385/000190** situada à Rua Ponte Serrada,  
Bairro Bairro Comasa, Joinville, no **prazo de 72 horas** para dar  
tratar o assunto sobre o seu contrato de trabalho.

## IDOSOS

Alzheimer - AVC - Pós-operatório  
Recuperação pós-alta hospitalar  
R. S. Nogueira, 333 - Residência Geriátrica Santa Inês  
www.residenciageriatrica.com.br  
Quarta-Feira, 23 de Novembro de 2016  
Fones: (48) 3025-9500

# Três mortes em um só dia no norte da Ilha

**BRIGA ENTRE FÁÇQUES** seria o motivo do assassinato de três homens durante o fim de semana na Capital

LEONARDO MARQUES  
leomarques@globo.com.br

**A**briga entre fâçques criminosos pelo controle do tráfico de drogas no Norte da Ilha produziu mais duas mortes no fim de semana. Leonardo Marques, 45 anos, e Marcos Antônio da Silva Junior, 20 anos, foram mortos com tiros de pistola 9mm na Rua Leonel Pereira, na Cachoeira do Bom Jesus, em Florianópolis.

No carro das vítimas, um Fiat Siena, também estava Cleiton Sultano da Silva, 22 anos, que não foi atingido pelos disparos. De acordo com a Delegacia de Homicídios da Capital, quatro homens armados saíram do meio de um mutirão e dispararam tiros contra as vítimas. A morte de Leonardo, que não tinha passagem pela polícia, e Marcos, com antecedentes por tráfico de drogas, ocorreu menos de um dia depois de outro homicídio na região do Sítio, comunidade do bairro de Ingleses que sofre com disputas entre traficantes pelo domínio na venda de drogas na região.

Para o delegado Esau Martins, titular da Delegacia de Homicídios,

é certo que o homicídio de Ribbo Menezes, 27 anos, na madrugada de domingo está relacionado ao duplo assassinato de horas depois na Cachoeira do Bom Jesus. Enio afirma que Marcos e Cleiton, o sobrevivente, moravam no Sítio e tinham relação com o tráfico de drogas. Ele era familiar de Fábio, conta o delegado.

— O Marcos e o Cleiton são irmãos, e tinham parentesco com o Fábio — revela Enio.

A família das vítimas teria sido exposta da comunidade neste domingo, pouco depois do assassinato de Fábio após uma troca de tiros durante a madrugada. Cleiton e Marcos, quando foram atacados à tarde, estavam de mudança do Sítio.

A família do Cleiton e do Marcos foi enviada do Sítio hoje (domingo) pela outra fâçca, que foi o Primeiro Comando da Capital (PCC). As vítimas dos homicídios eram do Primeiro Grupo Catariense (PCC) e foram expostas pelo PCC — afirma Enio, que destaca a relação das crimes com as disputas entre fâçques que vem causando mortes em diferentes pontos da cidade do Norte e Nordeste do Brasil.

## CRIME

### Dois corpos com marcas de tiros na cabeça são encontrados em Ilhota

Um homem de 47 anos e uma mulher de 27 foram encontrados mortos em Ilhota na sexta-feira, na Estrada Geral do Baú, na região do Baú Baixo, Mourões da área, que fica perto da antiga balza que cruzava o rio Itajaí-Açu, encontram-se dois corpos e acionaram a Polícia Militar. Ambos foram baleados na

cabeça e estavam mortos desde a madrugada, mas ainda não se sabe em que circunstância o crime ocorreu. A Polícia Civil investiga o caso. As primeiras informações divulgadas relatam que diversos materiais utilizados no consumo de drogas foram localizados perto dos corpos. As duas pessoas não tiveram os nomes divulgados.

### Falsidade | Homem atropelado apresenta carteira falsa de PM e é preso

Um homem de 32 anos foi preso na madrugada de sábado em Blumenau por dirigir alcoolizado e utilizar documentos falsos. De acordo com a Polícia Militar, ele foi detido por volta de 1h30min em uma blitz na Rua São Paulo, sob bairro Victor Konder. De acordo com o relato da PM, o homem inicialmente tentou fugir da blitz, mas foi abordado pelos policiais. Ele entregou os documentos do carro e uma carteira funcional de policial militar. Os agentes checaram os dados e verificaram que o licenciamento do carro estava atrasado e a suposta carteira de policial era falsa. Diante dos fatos, o rapaz foi preso e teve o carro recolhido.

### Homicídio | Cadáver de mulher é localizado às margens da BR-470

O corpo de uma mulher de 31 anos foi encontrado sábado perto de um carro na altura da km 182 da BR-470, em Brusque, no município de Brusque, em Santa Catarina. Ela seria esposa de Paulo, segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF). De acordo com a PRF, os agentes da PRF foram acionados para atender uma ocorrência envolvendo um Camo, com placa de Curitiba/MS, no Oeste. Ao chegar no local, a equipe recebeu indícios de que o veículo havia sido empurrado para uma vala às margens da rodovia. O corpo da mulher estava a cerca de 15 metros de distância do carro. A vítima em dona do veículo e tinha marcas no pescoço semelhantes às de estrangulamento.

## IDOSOS

**Alzheimer - AVC - Pré-operatório**  
Recuperação pós-cirúrgica hospitalar  
Reabilitação em casa  
**Residência Geriátrica**  
**Santa Inês**  
www.santaines.com.br

Av. de Ruyton, 201 - (48) 3025 9500  
Rua Floriano, 100 - (48) 3025 9500

## EXTRAVIADOS DE EQUIPAMENTOS

Foram extraviados 2 impressoras fisicas no **Depósito de Espólios Com. Gênera Alimentícios**, CNPJ 80739170/0003-21, situado na rua Garibaldi viegas 43, com as seguintes características: EDIF-0203 mod. NF 0512000746, cnd 408400057981, e ECF-IF-02-01, NF 05-12001021, credenciamento 408400057290, sendo que os mesmos encontram-se inativos há 10 anos sem possibilidade de uso por terceiros.



Reserve agora e aproveite o verão com sua família no Plaza Caldas da Imperatriz, com programações especiais!



Aproveite as condições especiais para o Carnaval e Páscoa  
PLAZA REVARDO (2) (captação) Sua habitação personalizada  
Reserve no site: [www.plazahotels.com.br](http://www.plazahotels.com.br)  
central@plazahotels.com.br | (0800 70 7592)

<p><b>COM OS BENEFÍCIOS DO CLUBE, SEU DIA A DIA FICA AINDA MAIS DIVERTIDO</b></p> <p><b>50% desconto</b></p> <p><b>CINESPACO</b></p> <p><b>50% desconto</b></p> <p><b>GNC</b></p> <p><b>50% desconto</b></p> <p><b>ARCOPLEX</b></p> <p><b>50% desconto</b></p> <p><b>Cinépolis</b></p> <p><b>50% desconto</b></p> <p><b>Paradiso Cine Arte</b></p>	<p><b>50% desconto</b></p> <p><b>CINESPACO CINEMA - S</b></p> <p>Barral Mar Shopping - Florianópolis - Furg Shopping - Tubarão</p> <p><b>SÓCIO</b></p>	<p><b>50% desconto</b></p> <p><b>GNC CINEMA - S</b></p> <p>Tudo GNC Cinemas SAC - RS</p> <p><b>SÓCIO</b></p>	<p><b>50% desconto</b></p> <p><b>ARCOPLEX CINEMA - S</b></p> <p>Consulte unidades em SC no site do clube</p> <p><b>SÓCIO E ACOMPANHANTE</b></p>	<p><b>50% desconto</b></p> <p><b>CINÉPOLIS</b></p> <p>Compras em Park Shopping - São José</p> <p><b>SÓCIO</b></p>	<p><b>50% desconto</b></p> <p><b>PARADISO CINE ARTE</b></p> <p>Sho Art Arto Lubeiro - Florianópolis</p> <p><b>SÓCIO E ACOMPANHANTE</b></p>
--	--	--	---	---	--

Facebook.com/clubeido Instagram.com/clubeido Twitter.com/clubeido

# DIAS DE TENSÃO NO NORTE DA ILHA

**DISPUTA ENTRE FACÇÕES** deixa quatro mortos em 48 horas no bairro dos Ingleses, em Florianópolis, e espalha medo na comunidade do Siri, que vive ameaças de represálias, e revela avanço da criminalidade na região

**ANDRÉSON SILVA**  
**ROBERTO MACIEL**  
anderson@globo.com.br roberto@globo.com.br  
robertomaciel@larcozinhos.com.br

Casas abandonadas a mando de criminosos, bandos a mãos armadas ameaçando moradores e um silêncio imposto pelo medo de represálias em Florianópolis. Relatos de moradores da comunidade do Siri, nos Ingleses, descrevem um cenário de terror em meio às quatro mortes registradas na região desde o fim de semana, no norte da ilha.

Familiares de Fábio Menezes, assassinado na madrugada de domingo, e de Marcos Antônio da Silva Junior, que era primo de Fábio e foi morto no domingo à tarde, se viram obrigados a deixar a localidade após sofrerem fortes intimidações. Marcos também tentava deixar a comunidade quando foi surpreendido e executado.

Ele estava junto de Leonardo Meeche Garcia, também morto a tiros na mesma ocasião. Relatos repassados à reportagem apontam que pelo menos 21 casas, todas de parentes das vítimas, foram desocupadas no fim de semana. As famílias seriam sendo perseguidas, os mesmos locais já estariam ocupados por outras pessoas.

## GRUPOS RIVALS QUEREM DOMINAR O TRÁFICO

As primeiras ameaças ocorreram ainda durante o velório de Fábio, quando homens armados foram vistos nos arredores da igreja anunciando que seriam integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC). Havia-se pressa para encerrar a cerimônia porque até funcionários da funerária se sentiram ameaçados.

Os relatos reforçam a tese de que se as três mortes ocorreram devido a uma disputa entre facções. De acordo com a Delegacia de Homicídios da Polícia Civil, há uma briga entre o PCC e o Primeiro Grupo Catarinense (PGC). Ambos tentam dominar os pontos de tráfico da região. Na madrugada de ontem, uma troca de tiros em meio ao centro dos Ingleses resultou em mais uma morte no bairro e quatro desde o fim de semana.

Como resposta, a Polícia Militar ocupou ainda no fim de semana as ruas do Siri e pretende seguir no local até que os inimigos se acalmem.



Polícia Militar montou barreira no acesso à comunidade

## “Existe um acerto de contas”

### ENTREVISTA

**VERDI FURLARETTO**  
Diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis

#### O que muda nas investigações de homicídios que envolvem disputas entre grupos rivais?

O caso (das mortes na comunidade do Siri) está bem posto, está bem esclarecido. Existe um acerto de contas. Matam alguém de um grupo, outro vai lá e mata alguém do outro grupo. Infelizmente, acaba gerando uma grande estatística de homicídios. Anualmente, esse acerto de contas era com uma briga. Hoje, acabam matando. A grande questão é solucionar o caso, prender as pessoas para evitar a continuidade desses homicídios.

#### Se as facções estão presentes, o trabalho de investigação tem de ser permanente.

É um trabalho permanente de todos os setores da Polícia Civil. A Delegacia de Homicídios, em específico, com a missão de identificar os autores e prendê-los. É, no âmbito da Dciv, na

#### Delegacia de Repressão ao Crime Organizado, de dar uma resposta às facções criminosas, grupos criminosos.

Falamos em lei do silêncio, dificuldade de colher informações com as comunidades. Como reverter isso? Nós temos alguns casos, denúncia anônima, IBI. O cidadão pode ligar. Existem outros mecanismos legais, como testemunhas protegidas. É um meio de se tomar um depoimento sem que aconteça a exposição da testemunha.

#### Até que ponto os fatos registrados dentro dos presídios podem impactar aqui fora? Há relação entre os casos?

Algumas informações da nossa inteligência são reservadas. Então, a gente deixa de emitir opinião a respeito de determinados assuntos para, inclusive, não amparar. As informações estão circundadas nessa gestão da informação.

TEL: 51 33 21 2904  
E-MAIL: lula@brasil.com.br  
jula.prf@brasil.com.br

TEL: 51 33 21 2910  
E-MAIL: haddad@brasil.com.br  
haddad@brasil.com.br

TEL: 51 33 21 2917  
E-MAIL: kassab@brasil.com.br  
kassab@brasil.com.br

TEL: 51 33 21 2917  
E-MAIL: lula@brasil.com.br  
17 DE ABRIL DE 2017

## Descontrole de facção preocupa autoridades em Santa Catarina

**DIVISÃO**

divisao@brasil.com.br

divisao@brasil.com.br

O descontrole de comando dentro e as disputas internas pelo liderado da facção Primeiro Grupo Catarinense (PGC), além dos conflitos com o Primeiro Comando da Capital (PCC), preocupam ainda mais a segurança pública no contexto de violência que assola comunidades da Grande Florianópolis.

O rastreamento de políticas específicas em investigações do crime organizado. Para eles, atualmente a facção deixa de estar envolvida em confrontos com sequências de mortes, seja em comunidades por causa de tráfico de drogas, seja em crimes de dentro das cadeias, seja em busca da liderança.

As investigações apontam que a escalada de homicídios em Santa Catarina começou nos últimos anos em Joinville, onde justamente deu o início do duelo entre PGC e PCC. Agora, será a vez da Grande Florianópolis ser palco do embate.

Do lado do PGC, o desafio para as autoridades policiais consiste em manter o quebra-cabeças dos atuais líderes do PGC, que figuram em mandados e demandas de violência. Isso porque a facção nos últimos anos está sem comando direto e ficou desestruturada. Líderes Hércules do 1º ministério perderam a força de comando com a desarticulação do bando e as transferências para presídios federais.

Já os integrantes do 2º ministério, com grau de posição inferior no PGC, sentem a falta da vez da sua

divisão dispostos a disputar entre si com os chefes do passado para ganhar força e comando.

O PGC está sem liderança, há brigas entre si e descontrole nos crimes. Há também esse confronto autônomo nos últimos anos do PGC com o PCC, que também preocupa a base em desdobramento.

### EXECUÇÕES SÃO ATOS DE LÍDIOS SOLITÁRIOS

Ordens de assassinatos como o do morte da filha não necessariamente são de conhecimento autorizados por chefes da facção. Assim, fica ainda mais complicado para a polícia identificar e finalizar os envolvidos, além de descobrir os motivos diretos.

No linguajar policial, é como se integrantes do PGC tivessem agindo como lobos solitários a exemplo do que acontece no território. Eles podem posar alguma doutrina para o crime, mas agem autônomos, no momento e no local que julgam convenientes.

A polícia ainda não faz nenhuma ligação da violência no norte da ilha com a morte de dois presos na Penitenciária de São Pedro de Alcântara. Na cadeia da Grande Florianópolis está mais de mil detentos.

A principal suspeita é que os dois líderes da facção, Sebastião Cavalho Walter, e Pulcinha e Vagner Tamas, o Chapeão, tenham sido mortos por divergências pessoais na busca pelo comando da facção PGC, sem relação também com massacre de detentos no Norte do país.

## Em Brasília, SC pedirá apoio em lei

**ANDRISON SILVA**

andersonsilva@brasil.com.br

Santa Catarina será representada na reunião de hoje pelas secretarias de Segurança Pública (SSP), César Grubbia, e de Justiça e Cidadania (SJC), Adalberto Lanza. O representante da SSP não levará nenhuma demanda específica ao Ministério da Justiça, Alexandre de Moraes. Somente após o encontro é que a pauta terá uma avaliação do Plano Nacional de Segurança que será apresentado aos secretários.

Já a SJC, que responde pelo sistema prisional no Estado, pediu ao ministro apoio a um projeto do senador Ayrton Nunes (PSDB-SC) que impede os prefeitos de negarem pedidos dos governos estaduais para construção de presídios em locais afastados. Atualmente, o Estado enfrenta batalha com quatro municípios da Grande Florianópolis e de Sul para erguer unidades prisionais.

A reunião ocorre após uma semana marcada por rebeliões em presídios brasileiros que causaram centenas de mortes em unidades do Amazonas e Roraima. Por meio de nota, o Ministério da Justiça informou que serão discutidas medidas imediatas para a crise do sistema prisional, "a partir dos relatórios que estão sendo produzidos, e a implantação das medidas previstas no Plano Nacional de Segurança". Entre as principais iniciativas está a criação de 27 núcleos de inteligência e o cronograma de evacuação dos recursos federais liberados no final de um presídio.

Ao Amanuês foi autorizada a ajuda da Força Integrada de Atuação no Sistema Penitenciário, que atua no encarceramento de unidades. Já o governo de Roraima pediu mais investimentos para equipar e manter presídios. Ao Mato Grosso, o ministro da Justiça anunciou o envio de equipamentos de segurança para instalação nos presídios.



## Após massacre de 26 presos no fim de semana, líderes são transferidos

Prisioneiros reataram a transferência de líderes do PGC após negociação com a polícia em Natal

Apontados como líderes da rebelião na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, no Rio Grande do Norte, cinco detentos foram transferidos na tarde de ontem após entrada das forças de segurança no presídio. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública e Cidadania (Sejuc), os transferidos pertencem a uma facção rida como a responsável pelo motim no final de semana que culminou com 26 mortes.

Os presos foram levados para a Divisão de Homocídios e de Proteção à Pessoa (DHPP), em Natal, para prestar depoimento. De lá, serão transferidos ligados para outra unidade prisional, a localidade lutada dos presos, não foi informada pela Sejuc com o argumento de que isso ocorreria por meio de segurança.

A transferência dos presos ocorreu após negociação com a polícia, depois que as forças de segurança fizeram buscas nos pavilhões 4 e 5 e identificaram os cinco suspeitos. De acordo com a assessoria da Sejuc, a situação no momen-

to está "tranquila". Os presos receberam água e alimentação. O barulho do boque vai permanecer no local para a manutenção da segurança.

Após a rebelião que resultou em 26 mortes no sábado, na madrugada de ontem, houve um novo motim no Presídio Provisório Professor Raimundo Nuno Fernandes, na zona norte de Natal. Os presidiários afirmam que é uma revanche às mortes de presos na brigas entre facções dentro da Penitenciária Estadual de Alcaçuz, em Nísia Floresta, na região metropolitana de Natal.

Na ocasião, 26 presidiários ligados à organização criminosa Sindicato do Crime do RN foram mortos por presos do Primeiro Comando da Capital (PCC). Os detentos construíram barricadas para impedir a entrada de agentes carcerários e ameaçaram atacar os presos que ficam no Pavilhão 2 da unidade, que são rotineiramente intimidados pelos detentos por auxiliarem nos serviços gerais do presídio.

### VIOLÊNCIA E CRIME ORGANIZADO

#### NO NORTE DA ILHA

Na conformação entre Primeiro Grupo Catarinense (PGC) e Primeiro Comando da Capital (PCC), o método é o mesmo de pontos de tráfico de drogas e o comando do crime em geral. Ambos não diferem economicamente são os alvos dos criminosos, onde fazem a população em geral sofrer violência. Computados como 300 e espalhados são alguns dos pontos de interação entre comissões facionadas. Há outras em problemas de conflito, como Vila União e Morro do Mosquito, na região dos Bornhus.

#### DISPUTAS E CONFLITOS

Nem sempre partem do comando das facções. No caso do PGC, a agenda do dia está em parte desmontada com prisão e os tratamentos de antigas chefes. Disputas internas de membros de segunda geração na hierarquia com criminosos patibos do bando provocam guerra interna, incluindo assassinatos na rua e dentro de presídios.

#### MORTES NA CADEIA

Na Penitenciária de São Pedro de Alcântara, morreram dois presos que figuravam em pedidos de grande liderança no PGC, Sebastião Cavalho Walter, o Pulcinha, e Vagner Tamas, o Chapeão, que foram mortos por próprios integrantes do PGC, em disputa interna em unidade com acusados de detentos em brigas de facções como aconteceu em Manaus e Florianópolis.

#### MASSACRE DE PRESOS

Por enquanto, segundo apólice, o PGC em SC não vive interferência de atuação do PCC de São Paulo em sentido positivo. Segundo ordem direta em integrantes ligados do crime e também do PC do Paraná, houve exclusão de qualquer entendimento que até agora as mortes de detentos em SC não estão ligadas à violência do Norte do país, entre PCC e a facção Família do Norte, embora esta última tenha aliança com o PCC.



## A VOLTA DO FUTEBOL

Após cerimônia marcada pela emoção, Chapecoense mostra, em empate com o Palmeiras, que time reconstruído depois do desastre aéreo tem tido para seguir a trajetória de sucesso em campo

**A VOZ DE HENZEL VOLTA A EMOCIONAR CHAPECÓ**

**O RETORNO À ARENA CONDÁ EM 10 IMAGENS**

**ANÁLISE: PRIMEIRA IMPRESSÃO AGRADA**

Esporte | 22 e 23

DIÁRIO CARAMINESE

# DC

SANTA CATARINA  
ANO 21 Nº 11.265  
DIÁRIO CARAMINESE - R\$ 2,50

**SEGUNDA-FEIRA**  
23 DE JANEIRO DE 2017

**VIOLÊNCIA EM 2017**  
**NORTE DA ILHA TEM SÉTIMA MORTE**

Polícia suspeita que homicídios tenham relação com tráfico

Notícias | 10

**COBRAS E ARANHAS**  
**ÉPOCA É DE CUIDADO EXTRA**

No verão, animais peçonhentos são mais comuns

Sua Vida | 17

**SUPREMO SEM TEORI ZAVASCKI**

## Cármem Lúcia avalia rumos da Lava-Jato

Presidente do STF estuda como homologar delações premiadas da Odebrecht e trabalha com três alternativas para nomear relator que substituirá ministro morto em queda de avião

Notícias | 6



Presidente do STF (C) no velório do colega catarinense em Porto Alegre

## Homens são assassinados no norte de Florianópolis

COM AS DUAS mortes no sábado, região soma sete homicídios neste ano

Com a execução de dois homens na tarde de sábado, subiu para sete o número de pessoas assassinadas este ano no norte da ilha de Santa Catarina. A suspeita é de que os homicídios tenham relação com o tráfico de drogas na região. Em Florianópolis, já são 18 assassinatos em 2017.

A dupla foi executada no Morro do Mosquito, na Vargem do Bom Jesus, por volta das 18h40min. Os corpos estavam dentro de um carro na rua Fabriciano Inácio Monteiro, próximo a uma igreja. O veículo, um Gol vermelho, foi atingido por cerca de 20 tiros.

Elton Pereira e Douglas Henrique de Andrade Faria, 23 anos, eram moradores da região. Segundo a Polícia Militar, eles tinham antecedentes criminais.

A reportagem apurou que a polícia acredita que o duplo homicídio pode estar relacionado à guerra do tráfico de drogas e às facções criminosas no norte da



Automóvel das vítimas recebeu mais de 20 tiros em plena luz do dia

ilha. Após as duas mortes, policiais receberam denúncias de que traficantes ligados a uma facção iriam invadir o Morro do Mosquito e estavam ameaçando famílias para deixarem as casas.

Este ano o norte de Florianópolis já teve onda de violência em outros dois comunidades. Primeiro foi na Papagaio, onde a turista gaúcha Daniela Smith, 38, foi morta ao entrar com o carro da família por engano no local. Depois, houve

matemte no Sítio, nos Ingleses, quando Fábio Meneses, 25, foi assassinado. Uma segunda vítima morreu no hospital. A morte dele foi seguida por outros dois homicídios, de Leonardo Moncho Garcia, 45, e Marcos Antônio da Silva Junior, 26, na Cachoeira do Bom Jesus.

A reportagem apurou que o tráfico estaria alternando os locais dos assassinatos na tentativa de fugir dos cercos policiais montados na região.

### OPERAÇÃO

## Seis são presos por suspeita de troca de tiros em comunidade

DIEGO VARGAS

diego.vargas@brasil.com.br

O comando da Polícia Militar na região do norte de Florianópolis informou que foram presos ontem seis pessoas suspeitas de crimes e tiros na comunidade do Sítio, nos Ingleses. Uma arma calibre 12, uma pistola e um revólver foram apreendidos, além de dois colétes balísticos, um carregador, drogas e munições de uso restrito.

Segundo o tenente-coronel Sivaldo Santos da Silveira Junior, comandante do 2º Batalhão da PM, as prisões foram resultado de uma operação montada pela PM após tiros que foram dis-

parados entre grupos rivais na madrugada. Os disparos foram perto do local em que estavam os policiais militares – a corporação está com uma barreira na entrada do Sítio. Os nomes dos detidos não foram informados.

– Foi uma pronta resposta. A PM estava no encalço deles após os tiros – diz o tenente-coronel.

Indagado pela reportagem sobre a violência no norte da ilha, o comandante garantiu que a corporação está dando respostas.

– A PM aperta de um lado e eles, os criminosos, fogem para outro lado. São grupos distintos e que estão executando o grupo-ri-

val – afirma Sivaldo.

### Afogação | Homem morre na praia da Daniela

Um homem morreu na tarde de ontem após se afogar na praia da Daniela, em Florianópolis. De acordo com a equipe do helicóptero Arcaço, do Corpo de Bombeiros da Capital, que trabalhou no resgate por volta das 17h, testemunhas afirmaram que ele havia ingerido chamuscas e bebida alcoólica momentos antes de entrar na água. A vítima seria Gilvan da Silva Santiago, 35 anos, natural de São Paulo. De acordo com o capitão Atila Medeiros Sarto, do 2º Companhia do 1º Batalhão do Corpo de Bombeiros, a morte provavelmente foi ocasionada por congestão.

## Aparelhos Auditivos Siemens

A qualidade sonora muda a forma de viver a vida

- Aparelhos ultradiscretos
- Sem necessidade de troca de pilhas - 2,5cm
- A prova d'água



AudioDrive

COMUNICAÇÃO

Agende uma experiência sem custo e sem compromisso

[www.comunicacao.com.br](http://www.comunicacao.com.br)

Edifício Cessa Center - Av. Prefeito Osmar Cunha, 183 | Loja 33 - Bloco C

AGENCIAS COM CONSORCIO

4007 2366

0800 001 4050

Capitais e Negócios  
Microempresas  
Demais  
Realização

Na Grande São Paulo: Praça Augusto de Souza Castro, 100 - Morumbi - São Paulo - SP  
Cidade de São Paulo: Rua da Consolação, 1000 - Consolação - São Paulo - SP  
Rio de Janeiro: Rua da Consolação, 1000 - Consolação - São Paulo - SP  
Belo Horizonte: Rua da Consolação, 1000 - Consolação - São Paulo - SP  
Curitiba: Rua da Consolação, 1000 - Consolação - São Paulo - SP  
Porto Alegre: Rua da Consolação, 1000 - Consolação - São Paulo - SP

Mais de 100 pontos de atendimento em todo o Brasil.

www.comunicacao.com.br

Comunicare  
Aparelhos Auditivos  
www.queeroviverbem.com.br

ignio  
Sua voz é o futuro  
SIEMENS

## ● SEGURANÇA

### Polícia monta força-tarefa para coibir crimes no norte da Ilha

DIEGO VARGAS

diego.vargas@atacatemense.com.br

Uma força-tarefa composta por até oito policiais destinadas a investigar especificamente assassinatos e a aposta da Polícia Civil para diminuir o nível de violência que atinge o norte da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis.

A medida foi anunciada na manhã de ontem pelo governador Raimundo Colombo e pela cúpula da segurança pública na formatura de policiais civis. A montagem e a operacionalização da equipe são realizadas pela Diretoria da Grande Florianópolis.

O grupo deverá contar com até oito policiais civis, entre eles o delegado Eduardo Matos, que já está atuando desde a criação da unidade na região. Os agentes serão remanejados de unidades policiais da Capital e terão como base a Delegacia de Homicídios, no Centro, além das delegacias do norte da Ilha.

— O enfoque deverá ser esclarecer os homicídios, pedir a prisão dos envolvidos e coibir essa atividade de enfrentamento dos grupos rivais — disse o diretor da Polícia na Grande Florianópolis, delegado Vendi Purlaneta.

Dois dos assassinatos ocorridos na Capital, oito foram no norte da

Ilha. Na tarde de ontem, um homem foi esfaqueado na Varigom do Bom Jesus. Apesar do ferimento, a vítima sobreviveu. A polícia afirma que conseguiu identificar a autoria em cinco dos sete homicídios.

— É preciso identificar os autores o mais breve possível — reconhece o delegado-geral da Polícia Civil, Artur Nitz.

A polícia tem dificuldades diante da lei do silêncio, comum em regiões dominadas pelo crime organizado, e pede a ajuda da comunidade por meio do disque-denúncia (080), no qual é garantido o anonimato.

A violência em Florianópolis não é exclusiva do norte da Ilha. Policiais afirmam que segue a guerra entre facções no Morumbi do Cristo, região continental. Os confrontos nas duas áreas são comandados pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC) e Primeiro Comando da Capital (PCC), de São Paulo, que busca trocar seu ponto de drogas controladas por criminosos locais.

Nas proximidades da comunidade do Siri, nos Ingleses, a PM mantém barrotas e o policiamento reforçado. A região foi palco de mortes, troca de tiros e há denúncias de que famílias foram expulsas por traficantes.

## ITAJAI

### Defensoria pública analisará processos de 1,7 mil presos

DIEGO VARGAS

diego.vargas@atacatemense.com.br

A Defensoria Pública do Estado começa hoje a analisar processos de 1,7 mil presos condenados que cumprem pena em presões de Itajaí. A expectativa dos defensores é que até 30% desses detentos sejam beneficiados com pedidos à Justiça de progressão de regime, livramento condicional, revisão criminal e até indulto.

A ação voluntária faz parte de uma nova tentativa de desfazer o sistema penitenciário, que enfrenta superlotação com 20,8 mil detentos até a semana passada. A Defensoria escolheu Itajaí pelo número de presos na região e também em razão de processos de familiares que geraram episódios de violência na cidade em outubro de 2016.

Os defensores não irão necessariamente entrar em contato com os presos. O contato com os processos será a partir de acesso digital.

Itajaí concentra 12% dos presos

do Estado, onde é bastante gente presa. Também houve manifestações recentes, então o trabalho buscou regularizar a situação processual que por algum motivo não teve andamento de maneira adequada — diz a defensora Caroline Kohler Teixeira, uma das coordenadoras.

Itajaí é a 4ª Penitenciária Estadual, que desde 2013 foi realizada em Criciúma, Chapicó e Blumenau, onde foram analisados 50 mil processos. Nas experiências anteriores, a defensoria analisou 300 indultos (penas extintas) deferidos pela Justiça em Criciúma e casos em que presos tiveram a movimentação do processo pela pena já ter sido prescrita. Houve ainda outros que tiveram penas reduzidas e processos arquivados.

Em Itajaí, serão analisados até 24 de fevereiro os processos de apenados dos regimes fechado e semiaberto abrangendo as unidades prisionais locais. O material tinha até segunda-feira 28 defensores inscritos entre os 900 advogados do Estado.



Transformando Visão em Atitude. Informe Comercial



Câmara Técnica DEBATE

### Fiscalização será tema de Câmara Técnica DEBATE

O vice-presidente da Fiscalização, Ética e Disciplina do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), contador Luiz Fernando Nóbrega, será o palestrante do primeiro Câmara Técnica DEBATE de 2017, a ser realizado no dia 31 de fevereiro (sexta-feira), a partir das 8h30. O tema será **Fiscalização de organizações e profissionais de Contabilidade pelo Sistema CRC/CRCI: impactos e avanços**. O debatedor será o vice-presidente de Fiscalização do CRCSC, José Márcus Hoffmann, e a coordenação é do vice-presidente da Câmara Técnica, Michele Borsalini.

O evento inicia com a exposição do tema durante aproximadamente uma hora e o mesmo tempo é disponibilizado para debates com os profissionais que comparecerem no local ou virtualmente. Nessa vez o evento será transmitido ao vivo pela internet e os participantes podem enviar questionamentos online. As inscrições devem ser efetuadas pelo site [www.crcsc.org.br](http://www.crcsc.org.br).

Saba mais Postado no Programa de Educação Profissional Contínua para auditores e preparadores de Demonstrações Contábeis, a Câmara Técnica DEBATE iniciará em 2016, terá seis edições até o momento e é coordenado pelo vice-presidente Técnico do CRCSC como objetivo de discutir e dar o melhor do setor através da Câmara Técnica.

Até 31/11: 10% de desconto na Anuidade 2017



Anuidade 2017

O CFC editou em 2016 a Resolução nº 1.514/2016, disciplinando sobre as anuidades devidas aos Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs). A correção das anuidades e demais taxas para o exercício de 2017 é fixada pelo Conselho Federal de Contabilidade que atua como referência o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/IBGE) acumulado de outubro de 2015 a setembro de 2016.

Para os profissionais e as organizações contábeis que efetuaram o pagamento da anuidade do exercício de 2017 em até cinco dias até o dia 31 de janeiro, tem desconto de 10% no valor. Os profissionais e as organizações contábeis que optem para receber a anuidade em fevereiro, o desconto será de 5%. A partir de março as anuidades para os profissionais e organizações contábeis serão com o valor integral sem desconto.

Declaração ao Coaf

Até o dia 31 de janeiro de 2017, a "declaração de não ocorrência" deve ser encaminhada ao Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). O documento poderá ser feito diretamente no sistema desenvolvido pelo Departamento de Informática (DEINF) do Conselho Federal de Contabilidade (CFC). Conforme previsto na Resolução CFC nº 1.445/2013, profissionais e organizações contábeis que prestem, mesmo que eventualmente, serviços de assessoria, consultoria, contabilidade, auditoria, aconselhamento ou assistência que qualquer natureza, devem comunicar ao Coaf a não ocorrência de eventos suscetíveis de lavagem de dinheiro ou financiamento ao terrorismo.

Para auxiliar os profissionais, o CFC elaborou um manual e uma cartilha com as orientações detalhadas sobre o novo sistema. Confira todas as informações e acesse o sistema de preenchimento da declaração no site: [www.cfc.org.br](http://www.cfc.org.br)



COAF

Prazo para comprovar pontuação de Educação Continuada



CFC

Para cumprir a pontuação exigida na NBC PG12 (R1) deve ser entregue relatório de atividades a que se refere o Anexo II, no CRC de jurisdição do registro principal do profissional até o dia 31 de janeiro de ano subsequente ao ano-base.

O relatório deve ser impresso, acompanhado de cópia da documentação comprobatória das atividades, bem como das disciplinas cursadas nos cursos de pós-graduação oferecidos por instituições de ensino registradas na Ministério da Educação. A Educação Profissional Contínua é obrigatória para os profissionais de Contabilidade referidos no Anexo I da NBC PG12 e devem cumprir, no mínimo, 40 (quarenta) pontos por ano-calendário. Confira a Norma na íntegra no site do CRCSC: [www.crcsc.org.br](http://www.crcsc.org.br).



WX CONTESS  
Balneário Camboriú/SC

## Agende-se!

# 20, 21 e 22

## setembro 2017

Infinity Blue Resort & Spa

Inscrições em breve!

CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DE SANTA CATARINA

[www.crcsc.org.br](http://www.crcsc.org.br) | @crcscoficial | @crcscoficial  
Av. General Gaspar Dutra, 1562 - Centro | Florianópolis/SC  
CEP 88019-710 | [cont@crcsc.org.br](mailto:cont@crcsc.org.br) | Fone 48 3007-7000

# Medo e silêncio no norte da Ilha

**PALCO DE OITO HOMICÍDIOS** dos 18 registrados na Capital neste ano, região sofre com a violência que ameaça moradores

**#SEGURANÇA**  
 ESSA CALIÇA É PERIGOSA

**LEONARDO THOMÉ**  
 leonardo.thome@opm.com.br

**A**ndar pelos bairros do norte da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis, onde ocorreram oito dos 18 homicídios registrados na Capital em 26 dias de 2017, e se deparar com a desconfiança e o silêncio de quem mora na região.

Poucos falam sobre a onda de violência que assola localidades de Ingleses, Cachoeira do Bom Jesus e Vargem do Bom Jesus. Têmem pela vida, justificam os moradores. Já quem resolve contar um pouco da rotina de medo que se instalou entre alguns dos praias mais visitadas da cidade prefere não se identificar. O anonimato pode ser diferente entre estar vivo ou morto, dizem.

Ao chegar à comunidade do Siri, onde uma disputa de facções criminosas pelo controle do tráfico de drogas na região provocou ao menos três mortes em apenas um dia – uma no Siri e outras duas na Cachoeira do Bom Jesus quando as vítimas deixaram a localidade que fica em meio às dunas de Ingleses –, em 15 de janeiro, pontos comerciais fechados e para alugar dias o tom do clima na região.

Em uma esquadra na entrada da comunidade, fecharam nos últimos dias um minimercado e um salão de beleza. Os antigos locatários foram embora do Siri por medo. Domi das salas, Ednardo Paço, que mora em Chapeco, sabe que terá dificuldades em achar novos inquilinos. Seus dois telefones estão na porta dos estabelecimentos para possíveis interessados.

– As antigas inquilinas saíram por medo, já que moravam ali na favela. Parece que o pessoal do mercado saiu também. Com certeza vou encontrar dificuldades para alugar ali de novo, mas vou tentar. Não oculto ou tenho coragem alugar para alguém – disse Ednardo, que pede R\$ 12 mil pelo aluguel da sala maior, onde funciona o minimercado e R\$ 500 pelo menor meet.

## SERVAÇÃO DE INSEGURANÇA APÓS POLÍCIA DEIXAR REGIÃO

Na Rua Leonel Pretório, que atravessa a Cachoeira do Bom Jesus, onde em 15 de fevereiro dois homens foram assassinados em uma troca quando fugiram do Siri, quem trabalha no comércio se diz apavorado com a onda de violência. O aumento nas rondas da Polícia Militar (PM) traz a sensação de segurança, mas uma incedor, que prefere não se identificar, afirma que basta passar o trabalho sistemático desses dias que policiais “do ombro” do bairro.

– Aqui a gente evita ficar na rua depois das 22h – diz a mulher.

Na Vargem do Bom Jesus, em frente ao supermercado onde na tarde de terça-feira um homem foi esfaqueado, a reportagem abordou duas pessoas a primeira não quis conversar. A segunda disse que além das três mortes no bairro, casos têm sido incedidos na região.

– Ontem (quarta-feira) colocaram fogo numa casa lá para trás – conta.



Comunidades de Paçoareta e Siri convivem com policiamento ostensivo após aumento da violência

## Polícia Civil prende sete pessoas em operação contra tráfico e assassinatos

**ANDERSON SILVA**  
 anderson.silva@diariocatarinense.com.br

A Polícia Civil deflagrou ontem operação contra o tráfico de drogas e homicídios no norte da Ilha, em Florianópolis. Cerca de 200 policiais cumpriram 15 mandados de prisão temporária e 20 de busca e apreensão.

Além de sete detidos nas ruas, oito detentos tiveram mandados expedidos e foram intimados ainda ontem. Uma quinta pessoa foi presa em flagrante em São José.

Sem dar detalhes sobre a identidade dos detidos, o delegado Omar Carrara, responsável pela Central de Investigações local, informou que a ação é focalizada em grupos criminosos que atuam nos arredores. No entanto, a reportagem apurou que os detidos fazem parte de uma organização criminosa formada em Santa Catarina.

– Esperamos que, com a presença do Estado, a situação melhore na região. Vamos fazer o nosso melhor – destacou Carrara.

Apesar de as apreensões ocorrerem também no Santinho e na cidade de São José, o principal foco da ação foi na comunidade do Siri, que desde o início do ano é cenário de confrontos entre grupos rivais que tentam comandar o tráfico na área. Entre os presos de hoje, há um grupo acusado de expulsar moradores da localidade.

Segundo o delegado Verdi Parteseni, diretor

da Polícia Civil do Grande Florianópolis, foram apreendidas quatro armas (de calibres 38, 32, e R\$ 3,3 mil em dinheiro).

– Estamos em alerta e prontidão. Com esse desmantelamento, outros grupos criminosos podem querer assumir o espaço deixado pelas pessoas presas – afirmou Verdi.

## FORÇA-TAREFA PARA REDUZIR CRIMES NAS COMUNIDADES

Comandada pela Central de Investigação do Norte da Ilha, a operação de ontem contou com o apoio da Diretoria de Polícia da Grande Florianópolis, Departamento de Investigações sobre o Crime Organizado (Dico) e canal São Lourenço. O helicóptero da Polícia Civil também participou da ação.

Na última terça-feira, o governador Raimundo Colombo e a cúpula da segurança pública do Estado anunciaram a composição de uma força-tarefa para tentar diminuir a violência no norte da Ilha. O grupo deverá contar com até oito policiais civis, entre eles o delegado Eduardo Matos, que já está atuando desde o começo do ano na região. Os agentes serão remanejados de unidades policiais da Capital e terão como base a Delegacia de Homicídios, no Centro, além da delegacia do norte da Ilha.

## Casas em área de preservação são demolidas em Florianópolis

**PREFEITURA DERRUBOU 35** construções na comunidade do Sirí, no norte da ilha de SC, ontem. Parte das estruturas seriam utilizadas por facções. OAB-SC diz que ação precisa ter ampla defesa



Policiais militares fazem a segurança de funcionários da prefeitura de Florianópolis durante a demolição de 35 residências na comunidade do Sirí

**#SEGURANÇA SC**  
ISSA CASALTA E BARRACA

**DIOGO VARGAS E LUCIANO THOMÉ**  
RPPG: ANDRÉ ASSIS/AGENCIAMENTO/REDAÇÃO  
RPPG: ANDRÉ ASSIS/AGENCIAMENTO/REDAÇÃO

A prefeitura de Florianópolis pretende terminar em 10 dias a retirada dos entulhos das 35 casas irregulares que estavam vazias e foram derrubadas ontem durante ação na comunidade do Sirí, no norte da Ilha de Santa Catarina. Alguns moradores questionaram a derrubada. A Polícia Militar (PM), que participa da operação, acabou encontrando uma vítima de homicídio enterrada nas dunas ao lado da região.

Fuço de recentes confrontos entre facções criminosas, tiroteio entre bandidas e policiais, além da explosão de munições por traficantes, a comunidade foi alvo da operação pelos recentes episódios de violência. Oficialmente, o critério divulgado pela prefeitura para a demolição é de que as casas foram construídas em Área de Preservação Permanente (APP) e não constavam no cadastro de municípios, portanto consideradas irregulares.

Com maquinário e cerca de 100

pessoas, a força-tarefa transcorreu sem incidentes e terminou às 17h30min. Não havia ordem judicial e a prefeitura utilizou do poder de polícia para agir diante das moradias irregulares. A PM mobilizou equipes especializadas, como Choque e Pelôco de Patrulhamento Tático (PPTT).

O comandante do 2º Batalhão da PM no norte da Ilha, tenente-coronel Sivaldo Santos da Silveira Junior, disse que as construções estavam vazias há três semanas no mínimo e que, com a derrubada, será possível contar a ocupação das lugares por traficantes de outros locais.

— Vamos monitorar se porventura alguma família for desalojada e atuaremos imediatamente. Se detectarmos casas onde traficantes estejam se escondendo, faremos da mesma forma — disse o comandante.

As 35 casas foram sinalizadas pelo poder público antes de serem alvos. Um morador relatou à reportagem da RBS TV que algumas residências demolidas não pertenciam a grupos criminosos e que os antigos habitantes pretendiam voltar.

Porém, segundo o fiscal da Fundação Municipal do Meio Ambiente (Floram) que liderou a intervenção, Walker Hutchow, a operação evita que as casas voltem a ser ocupadas.

— Esta ação coordenada tem por objetivo evitar que estas residências voltem a ser ocupadas de forma irregular — explicou por meio da assessoria.

O secretário do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, Nelson Gomes Martins Junior, afirmou também que essas operações vão ocorrer sistematicamente na atual gestão em cumprimento à legislação.

### OAB AFIRMA QUE É PRECISO PROCESSO ADMINISTRATIVO

Procurado pela reportagem, o presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SC, Sandro Self, afirmou que ações como a que ocorreu no norte da Ilha precisam respeitar o direito de ampla defesa das famílias envolvidas. O entendimento é de que as pessoas que investiram nas residências deveriam poder se manifestar antes da demolição, mesmo que já não ocupassem mais as casas.

Assim, observa o advogado, a previsão legal é de que não há necessidade de mandado judicial quando já houver, pelo menos, processo administrativo na prefeitura com ampla defesa e prazos respeitados.

Se for comprovada a ilegalidade da ação, os ex-moradores podem procurar orientação da Defensoria Pública do Capital.

### Corpo de homem é localizado nas dunas

O corpo de um homem foi encontrado por volta do meio-dia ontem durante a demolição das casas irregulares no Sirí. Ele estava enterrado nas dunas que ficam próximas às moradias.

O delegado titular da Delegacia de Homicídios de Florianópolis, Enio Mirto, esteve no local no início da tarde do mesmo dia e solicitou exames periciais aos Institutos Genil de Perícias (IGP) na tentativa de descobrir a identidade do homem enterrado e as causas da morte.

Enio confirmou se tratar de homicídio, mas ressaltou que agora é preciso descobrir como e o que motivou o assassinato. Sobre o tempo em que o cadáver estava sob as dunas, disse ser recente. Aparentemente, observa, se trata de um homem de meia idade. Ainda não é possível saber se a vítima tinha relação com o tráfico de drogas.

**DIOGO GONCALVES, SILVA FILHO**  
3 DE DEZEMBRO DE 2017

11

### SEMANA VIOLENTA

**“A situação está sob controle”, diz coronel da PM**

**ANDRÉSON SILVA**

Desde o começo desta semana, o clima na região continental de Florianópolis é de tensão. O confronto entre grupos criminosos das comunidades de Novo Horizonte e Chico Mendes se intensificou com trocas de tiros e ataques à Polícia Militar (PM). Ontem, o comandante-geral da corporação em Santa Catarina, coronel Paulo Henrique Hemon, garantiu refreio no policiamento onde ocorreram os conflitos. Ele afirma que o cenário na região está controlado.

— O Estado está dando sua resposta, ora atuando sobre um grupo, ora sobre outro, evitando conflitos maiores. A situação está sob controle.

No entanto, ele admite que novos confrontos podem ocorrer: — Novos embates ocorrerão, mas não serão grandes tragédias.

Desde o início da semana, moradores da região testemunharam vários confrontos. O primeiro, na segunda-feira, foi causado depois que uma das facções instalada na região tentou invadir a área da outra. Fogos de artifício foram arrojados contra o Batalhão da PM existente na região.

Na noite de quarta-feira, outra vez houve confrontos na região continental. O primeiro deles foi às 20h30min na comunidade Ilha Contínente. Segundo a corporação, o Bope fez patrulhamento quando três suspeitos atiraram contra a viatura. Um policial foi atingido de raspão na perna e foi encaminhado ao hospital. Nessa ocorrência, a PM prendeu um suspeito com drogas.

No mesmo dia, por volta das 22h, houve novo tiroteio na Novo Horizonte. Vítimas da Polícia do Patrulhamento Tático (PPTT) foram ao local dar apoio no atendimento da ocorrência e, no retorno à Ilha de SC, teriam sofrido emboscada na Via Expressa da BR-282, em frente ao supermercado Angeloni. Segundo a PM, quatro suspeitos atiraram fogueiras contra os veículos policiais. Os PMs reagiram e um suspeito foi baleado na perna. Três homens foram presos e um encaminhado ao Hospital Regional de São José.



Paulo Hemon

NOTÍCIAS | SEGURANÇA



Secretario adjunto de Justiça, Leandro Lima (1), visita Apac junto da presidente do projeto em SC, Leila Prizata

## Impasse barra alternativa a prisões tradicionais em SC

**PRIMEIRA UNIDADE DA Apac no Estado ficou pronta no início do ano, mas divergências entre Estado e Pastoral Carcerária impedem funcionamento**

### ANÁLISE DA UNIDADE

anderson.alvares@globo.com.br

O prédio da primeira Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (Apac) em Santa Catarina foi concluído no começo deste ano, mas a abertura da unidade esbarra na falta de acordo entre a Pastoral Carcerária e o governo do Estado. Constatada pelo secretário adjunto da Agronomia, em Florianópolis, é uma alternativa às prisões tradicionais. Para a Secretária de Justiça e Cidadania (SJC), que administra as unidades prisionais, a localização não é ideal para a implantação do modelo. O secretário adjunto da pasta, Leandro Lima, esteve no prédio na última quarta-feira e se reuniu com a presidente do projeto em Santa Catarina, Leila Prizata.

Conversas entre Estado e voluntários da Pastoral Carcerária ocorreram desde o ano passado. A alegação da SJC é de que o Complexo da Agronomia já atende presos em outro tipo de regime de cunha, como semiaberto e fechado. Por isso não recomenda a implantação do modelo no local, além de alegar motivos de segurança. Em nota, a pasta afirma que reconhece a Apac como "importante alternativa penal", mas mantém algumas ressalvas com o funcionamento por questões de segurança e de logis-

### COMO FUNCIONA O SISTEMA

**No ano passado, a reportagem visitou a Apac de Barro Preto, no Paraná, constatando estrutura e equipe de modelo.**

- O modelo foi criado na década de 1970 em São Paulo e existe em outras 16 unidades tradicionais. Em Santa Catarina, 193 presos em 10
- Na Apac de Barro Preto, 400 apenados cingiam livremente pela área da unidade prisional. Em vez de presos, são chamados de recuperandos.
- A diferença do sistema penitenciário não fica apenas no nome. Eles acordam a liberdade em conjunto com a justiça e são avaliados diariamente, em visitas às suas famílias e organizações.
- A estrutura é organizada, com banheiro higienizado, chuveiro e privada. No lugar de agentes prisionais, usam-se voluntários, que não é policial, acompanhado de guardas.
- Os carcereiros só visitam o quarto à noite. Um estande de livros e fotografias tem afixado em uma biblioteca de referência, com livros, peças, projetos internos, cartões, fotos e outros.

tica no modo operando do sistema prisional.

### MODELO VAI ABRIGAR 24 DETENTOS NO ESTADO

Por outro lado, a presidente da Apac no Estado diz que depende apenas do aval do Estado para começar a atender no prédio. Em entrevista ao Bom Dia SC, da RBS TV, na sexta-feira, Leila afirmou que o projeto será financiado pela entidade nacional que administra o modelo — a Aben está pronta, falta a liberação do governador. Os voluntários estão prontos, e estudamos há dois anos. É o mesmo sistema que ocorre no Brasil todo e será financiado pela Fundação das Apacs.

Inicialmente, o prédio abrigará

12 detentos, depois subirá para 24. Todos devem ser do regime fechado e precisam pedir para serem transferidos para o local. Diante do pedido, o juiz avalia o comportamento do detento e autoriza ou não a mudança de unidade.

— Depois que tivemos a autorização da governadora, em um mês abrimos a Apac. Precisamos apenas ter um grupo voluntário que ainda não forma totalmente. O Estado afirma que chegou a procurar outro terreno para construir uma sede de fora, mas não o encontrou. Um sítio na Grande Florianópolis foi sondado, mas a diretoria da Fundação das Apacs, de Minas Gerais, afirmou que a primeira unidade fosse na Agronomia.

### IMBITUBA

## Homem que matou criança indígena vai a júri em março

### ANÁLISE DA UNIDADE

anderson.alvares@globo.com.br

Está marcado para 14 de março, na Câmara de Vereadores de Imbituba, o júri popular de Mathheus de Avila Silveira, 34 anos. Há confusão, ele alegou o indizido Kaingang Vitor Pinto, de dois anos. O crime ocorreu em 20 dezembro de 2015, no momento em que o menino estava no solo de mãe, embaixo de uma árvore, próximos da rede de dormir da cabide.

Inicialmente, Mathheus ficou detido na Unidade Prisional Avançada de Imbituba. Depois foi levado para o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, em Florianópolis. Teve diagnóstico de síndrome de Borderline, um transtorno de personalidade, e chegou à polícia ter praticado o crime por questões religiosas. Conforme depoimento do delegado Raphael Cordeiro, de Imbituba, teria sido orientado por uma entidade espiritual a sacrificar uma pessoa com grande repressão.

O processo tramita em segredo de Justiça. Mathheus foi denunciado pelo Ministério Público por homicídio doloso, não qualificado (por motivo torpe e medíocre) e por crime de imputação a defesa da vítima). O assassinato teve repercussão no país, especialmente por entidades que defendem os direitos das indígenas. Jornais com acesso ao Brasil noticiaram o crime para outros países.

A arma do homicídio foi um estilete. Segundo Sônia da Sil-

CIARRO CORRADI/REDAÇÃO GLOBOCOM. 16  
4 E 5 DE FEVEREIRO DE 2017

veira, mãe da criança, ao ver que o homem se aproximava do rosto do menino, pensou que ele iria fazer um carinho no pequeno. Seguindo a tradição, a família Kaingang tinha vindo da aldeia Condá, no Oeste do Estado, para vender artesanato na feira cataramense. Naquela manhã quente, Sônia ficou com o filho dormindo enquanto o pai se afastou para oferecer os produtos de tina em suas prateleiras.

### COMUNIDADE QUESTIONA MOTIVO DO ASSASSINATO

Na aldeia Condá, há muita expectativa com relação ao júri marcado para os 19h30m de 14 de março. Mobilizada, a comunidade quer estar presente em Imbituba durante o julgamento. O Departamento Jurídico do Conselho Indígena Missionário (Cimi) está tomando providências para que de alguma forma isso possa ocorrer.

Apartir dos indícios de que a defesa tentará desconstruir a ideia de que foi crime com motivação étnica, a família e lideranças questionam o motivo da instauração do júri. Segundo Sônia da Silveira, ela não sabe quem matou o filho da vítima, mas a presença dos Kaingang poderá ajudar para que a justiça seja feita. Além disso, ela pretende relatar junto aos seus filhos heranos que as famílias têm o direito de sair das aldeias com suas crianças sem que sejam vítimas de preconceito ou mesmo sacrificadas.

### Capital | Corpo encontrado em dunas é identificado

Um dia depois de acharem o corpo de um homem enterrado nas dunas da comunidade do Sítio, em Imbituba, no Norte da Ilha de SC, a Polícia Civil identificou a vítima como Nelson da Rosa, 43 anos. De acordo com o delegado Fêro Mattos, chefe da Delegacia de Homicídios, ele foi morto

a facadas provavelmente na quarta-feira, Natal de Piraguara, no Paraná. Nelson já morreu há alguns meses no Sítio, onde também reside sua família, e não possui antecedentes criminais. Para o delegado Enia, a morte foi causada por alguma discussão ou desavença com alguém da vizinhança.

### Cataguases | Polícia prende grupo com explosivos

Uma mulher e três homens foram presos com 11 explosivos em um carro em Cataguases, no sul de São Paulo, em 14 de fevereiro. O grupo estava em um veículo com placas de São Paulo, com o motorista identificado como Carlos Roberto de Souza. O grupo estava em um veículo com placas de São Paulo, com o motorista identificado como Carlos Roberto de Souza. O grupo estava em um veículo com placas de São Paulo, com o motorista identificado como Carlos Roberto de Souza.

era originário. Os explosivos eram constituídos de tipo emulso e estavam em um veículo com placas de São Paulo, com o motorista identificado como Carlos Roberto de Souza. O grupo estava em um veículo com placas de São Paulo, com o motorista identificado como Carlos Roberto de Souza.



Na segunda-feira, policiais militares procuravam pelos detentos no entorno do complexo prisional de Blumenau

## Polícia mantém buscas a foragidos de penitenciária

**DIREÇÃO DA UNIDADE** de Blumenau confirma que duas torres estavam sem vigilância no momento da fuga. Um dos preso foi morto pela polícia

**LUCA FARIAS**  
lucas.farias@globo.com.br  
Blumenau

A busca de quatro dos oito detentos que fugiram da Penitenciária Industrial de Blumenau na segunda-feira continua. Três deles que estavam foragidos foram encontrados na madrugada de terça-feira.

Agente da Polícia Militar e do Departamento de Administração Prisional (Dap) os localizaram na região do Belchior Baixo, em Gaspar, na Rua João Deschamps.

José Rodolfo Gonçalves Fernandes, Claudinei Machado e Fernando Mendes de Paulo invadiram a residência de um casal de idosos e roubaram a arma de fogo que pertencia ao dono da casa. Ao

serem encontrados pelos agentes, entraram em confronto e houve troca de tiros. Claudinei e Fernando foram baleados e conduzidos ao Hospital São Antônio com ferimentos. José Rodolfo acabou sendo abalado e morreu no local do confronto.

Com a morte de um e a detenção de dois foragidos, além da captura de Diego Mateus da Silva logo após a fuga na segunda-feira à tarde, ainda são quatro foragidos: Amarildo da Silva, Lucas de Siqueira, Leudson Nunes e Tiago de Jesus Godói. A polícia segue em busca e pede que qualquer informação sobre o paradeiro dos seja repassada pelo telefone 190.

Em entrevista à RBS TV de Blumenau ontem, o diretor da penitenciária, Cleverston Henri-

que Drechsel, admitiu que duas das quatro torres de controle da penitenciária estavam desocupadas. Foi pela lateral de uma delas que os detentos fugiram utilizando uma "teresa", corda feita com peças de roupas e cobertores. A falta de efetivo seria a razão para que nem todos os postos estivessem ocupados.

A Secretária de Justiça e Cidadania (SJC) informou que abriu uma investigação para averiguar as causas da fuga imediatamente, por meio da Corregedoria do órgão, que esteve presente na penitenciária e fez a pericia da cela. Será investigado como os detentos serraram a grade e fugiram sem serem vistos e como a lama diluamida usada dentro do complexo.

### APAC

## Desembargadora apoia decisão do Estado de rejeitar unidade

**ANUNCIOU SUA**  
anuncio@oligodotcom.com.br

Após quase duas horas de debates, a desembargadora do Tribunal de Justiça (TJ) e representantes do Estado decidiram manter posicionamento contra a abertura de uma Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (Apac) no Complexo da Agrônômica, em Florianópolis. Encontro na segunda-feira reuniu voluntários que construíram o prédio da unidade, Juiz de Direito e Secretário de Justiça e Cidadania (SJC).

O governo ficou incômodo de se reunir com a Casa Civil para procurar um terreno à disposição de receber a obra. A desembargadora Cynthia Schaefer Britennesser, que coordenou o encontro, concorda com a tese do Estado, que não aceita o prédio no local por haver naquele espaço outros tipos de custódia.

Também defendendo o mode-

lo da Apac, mas particularmente acreditou que seria mais eficaz se fosse implantado no interior do Estado, na região de Itajaí, onde temos perfil de preso que é diferente do Litoral - analisou a desembargadora.

A Apac é uma alternativa às celas tradicionais. No modelo, não há agentes, armas e grades. A coordenadora do projeto das Apacs em Florianópolis, Leila Pivatto, diz que mesuro, diante da posição contrária dada na reunião, ela não destina de instalar o modelo no Complexo. Ela pretende discutir com o Estado uma forma de melhorar a posição do prédio para habitar de só, que fica ao lado de uma oficina do presídio, o que foi apresentado pelo secretário adjunto da SJC Leandro Lima, como um complicador.

A gente ainda vai tentar. Se não der certo, vamos ocupar o prédio com oficinas, escola para os presos e cursos - diz Leila.

### BRIGA COM VIZINHOS

## Delegado de Piçarras é indiciado pela Polícia Civil

O delegado Rodolfo Farah Vaz, de Riberião Piçarras, Litoral Norte de SC, está sendo indiciado pela própria Polícia Civil.

Ele é suspeito de se envolver em uma briga de vizinhos. Segundo informações da RBS TV, a confusão começou por causa da fumaça de um churrasco em 8 de janeiro.

O relatório da investigação foi encaminhado ao Ministério Público e a corregedoria da Polícia Civil ainda avalia qual será a punição administrativa. A investigação durou quase um mês e a polícia ouvia 12 pessoas até concluir o inquérito. O delegado Farah foi indiciado por lesão corporal grave, com pena prevista de um a cinco anos de prisão.

A polícia informou à RBS TV que a mulher ficou cinco dias in-

terno no hospital e ainda deve retornar para uma avaliação médica. O delegado responsável pelo caso, Wilson Masson, disse que ele e o marido foram atingidos por socos. Farah também registrou boletim de ocorrência contra o casal depois de ter sofrido agressões físicas durante o conflito.

O delegado ainda não está preso, mas por enquanto atua apenas nas funções administrativas da Polícia Civil de Piçarras. A arma dele e o distintivo estão retidos.

A defesa de Farah afirma que vai aguardar a denúncia do Ministério Público e mantém a versão de que ele age como cidadão comum, e não como delegado. A corregedoria da Polícia Civil já abriu sindicância. Ele pode ser suspenso ou demitido.

### Florianópolis | Polícia encontra corpo decapitado

Mais um crime bárbaro é registrado em Florianópolis, desta vez em uma comunidade do Maciço do Morro da Cruz, na área central da cidade. Na tarde de ontem, a PM encontrou um corpo queimado e em pedaços. As informações preliminares são de que ainda não é possível apontar o sexo da vítima e a polícia trabalha para descobrir a identidade. Policiais afirmam que as primeiras suspeitas indicam que a motivação estaria ligada ao tráfico de drogas. Responsável pelo caso, o delegado Elio Martini, titular da Delegacia de Homicídios, diz que o homicídio ocorreu em 2017. Segundo as contas do delegado, responsável por todas as homicídios na Capital neste ano, com o caso a Capital registra 26 homicídios em 88 dias do ano.

### OS PROCURADOS



**Lucas de Siqueira,**  
o capanga

31 anos  
Cumprir 303 dias  
Preso por roubo,  
receptação e  
explosão e caixas



**Tiago de Jesus Godói**

24 anos  
Cumprir 303 dias  
Preso por roubo



**Amarildo da Silva,**  
plataforma

33 anos  
Preso por roubo,  
furto, receptação e  
tráfico de drogas



**Leudson Nunes,**  
o linchador

27 anos  
Cumprir 406 dias  
Preso por roubo,  
furto, receptação e  
tráfico de drogas

## Grupo é suspeito de praticar seis assaltos a bancos em SC e RS

**TRÊS HOMENS FORAM mortos após troca de tiros com policiais na madrugada de sábado**

**DIODO MARIAS**  
diario@vepaulista.com.br

A Polícia Civil suspeita de que ao menos seis ataques a bancos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram cometidos desde 2016 pelo quadrilha que investe time com a Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Diec) em São João Batista, na madrugada de sábado. Na ação, três homens do grupo foram mortos e dois policiais ficaram feridos, entre eles o delegado Anselmo Cruz.

Os detalhes das investigações e da ação dos criminosos serão divulgados pela Diec na manhã de hoje, em Florianópolis. A reportagem aponta que a base do bando seria principalmente no Rio Grande do Sul, mas contaria com conexões e comparsas em SC.

Os policiais da Divisão de Roubos e Antissequestro (Eras) da Diec, entretanto, suspeitam que o recente assalto à Caixa Econômica Federal de Popondava, no Norte do Estado na semana passada, tenha sido antes do crime em São João Batista, também tendo sido cometido pelo mesmo grupo. Os ladres, faziam um que-

rel da Polícia Militar enquanto agiam ao mesmo tempo na agência bancária do município de 18 mil habitantes.

As pistas apuradas pela investigação indicam mais dois assaltos grandes em São João Batista no ano passado, um contra o Supermercado Koch e outro contra a Caixa. No Estado vizinho, os mesmos assaltantes são investigados por outros bancos em Parobe e Nova Hartz.

A quadrilha tinha como marca utilizar diversos homens e dar tiros contra postos policiais com fuzis e metralhadoras. A preferência era por agências da Caixa Econômica. Na fuga, o grupo costuma queimar carros para não deixar pista ou prova.

O delegado da Diec, Anselmo Cruz, ferido com estilhaço de tiro no pescoço, ainda está hospitalizado, mas seu estado de saúde é estável. Além dos três incidentes mortos, um quarto foi baleado e outras duas pessoas foram presas. Os nomes dos envolvidos ainda não foram divulgados e não há informação sobre o paradeiro dos fugitivos. Um carro com explosivos foi encontrado no sábado, em Sobreda, no Sul do Estado.

### ATAQUES INVESTIGADOS

#### 13 DE FEVEREIRO DE 2017 - SÃO JOÃO BATISTA (SC)

Por volta de 05h, seis assaltantes entraram no Banco do Brasil. Eles foram surpreendidos por policiais da Diec que estavam de campanha eleitoral no escondeito na frente da agência em uma rua fronteiriça. Três bandoleiros foram mortos e dois policiais ficaram feridos.

#### 9 DE FEVEREIRO DE 2017 - PALMAREJA (SC)

Em madrugada de 2h15min, bando explodiu o cofre da Caixa Econômica Federal e atiraram de fuzil contra o posto da PM. Estavam em uma caminhonete Hilux, 400cc, em uma rua escura e com placas militares, mas os lados foram o de um caminhão. A quadrilha foi surpreendida por policiais da Diec e PM e fugiu com o veículo abandonado. A PM recuperou R\$ 599 mil dentro do cofre.

#### 22 DE JULHO DE 2017 - NOVA HARTZ, RIO GRANDE DO SUL

Após meses de assaltantes com maior frequência exploraram a agência da Caixa Econômica Federal de 4h.

#### Atiraram contra a Brigada Militar. Na fuga, abandonaram uma Pajero e um Toyota.

#### 31 DE JANEIRO DE 2017 - PAROBÉ, RIO GRANDE DO SUL

Também de madrugada, oito assaltantes exploraram agência do Banco do Brasil e atiraram contra a DfB Militar. Durante portaria armada, grupos e tiros e fuzis a porta da Brigada Militar para impedir reação.

#### 22 DE AGOSTO DE 2016 - SÃO JOÃO BATISTA (SC)

Comissários instalaram de madrugada o supermercado Koch, próximo a SC-410, onde se faz a entrega de café. Os assaltantes roubaram uma joalheria e uma loja de eletrônicos. A quadrilha foi surpreendida por policiais da Diec e PM e fugiu com o veículo abandonado. A PM recuperou R\$ 599 mil dentro do cofre.

#### 19 DE JULHO DE 2016 - SÃO JOÃO BATISTA (SC)

Dois homens explodiram o cofre da agência da Caixa Econômica Federal. Foram seis criminosos com R\$ 400 mil e atiraram contra a base da PM.

### HOMICÍDIO

## Morador de rua é encontrado morto na Capital

Um homem de 50 anos foi encontrado morto, no início da manhã de ontem, em Florianópolis. O funcionário de uma rede de supermercados, no bairro Santa Mônica, achou o corpo, segundo a Polícia Militar, Milton Toledo era morador de rua e tinha um ferimento na cabeça, que pode ter sido provocado por agressões. No site de origem ninguém tinha sido preso.

Responsável pelo caso, o delegado Inno Martos, titular da Delegacia de Homicídios de Capital, diz que a vítima foi espancada por pessoas que costumam andar com ele pelas ruas da Capital. Natural de Nemat, no Rio Grande do Sul, o corpo dele foi reconhecido por familiares no Instituto Médico Legal (IML).

No local, uma testemunha informou à polícia que charante a

madrugada ouviu uma discussão entre a vítima e outro homem próximo ao local do homicídio. O delegado trata o caso como assassinato e busca os autores do crime. Segundo a PM, Milton tinha passagens por tentativa de estupro, briga, lesão corporal e posse de drogas. Com mais este homicídio, Florianópolis registra 27 meses violentos na cidade em pouco mais de 40 dias.

Deixe as preocupações da sua viagem com a gente.

Para você se preocupar só em viajar.

Agencia azulviagens.com.br ou ligar para 4006-1181

Compre o seu Passagem Azul a qualquer hora.

Agência Azul Viagens

Agência Azul Viagens

# Justiça determina internação para jovem que matou turista

**DANIELA SCOTTO FOI** assassinada ao entrar por engano em rua de comunidade do norte da ilha de SC

**ROSEIOM MACIEL**  
roseiomaciel@juriscatarienne.com.br

O adolescente de 17 anos que matou a turista gaúcha Daniela Scotto, 38 anos, na comunidade do Papatuara, no norte da ilha de Santa Catarina, terá de cumprir medida socioeducativa de internação. A sentença, assinada pela juíza Brigitte May, foi publicada no Diário da Justiça ontem.

O prazo de internação não foi determinado, mas a medida privativa de liberdade deverá ser reavaliada a cada seis meses pela Vara da Infância e da Juventude de Florianópolis e não poderá ultrapassar o período de três anos, conforme previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Na decisão, a magistrada atribuiu ao adolescente a prática de conduta análoga ao crime de homicídio mediante recurso que tornou

impossível a defesa da vítima. O jovem não terá direito de recorrer da sentença em liberdade.

"Considerando, assim, a concreta gravidade do ato praticado, do fato de que a vítima pessoa que estava a passeio com seus familiares, e porque necessária a contensão para garantia da ordem pública e para evitar reiteração, já que, como se viu, o adolescente dá indícios de que está inserido no meio ilícito, praticando reiterados atos infracionais", anotou a juíza na sentença.

A representação do Ministério Público aponta que o rapaz foi o responsável pelo tiro que matou a turista. O crime ocorreu na madrugada do dia 1º de janeiro. Daniela foi assassinada quando o automóvel no qual estava em companhia de familiares entrou por engano na via de acesso à co-



Daniela Scotto

munidade do Papatuara, região que sofre com violência causada pelo tráfico de drogas.

Procurado desde o dia em que o crime ocorreu, o adolescente se apresentou à polícia apenas em 9 de janeiro e foi transferido para um Centro de Atendimento Socioeducativo (Cas). Em depoimento, alegou que o tiro foi acidental. Acompanhado pelo advogado de defesa, ele confessou que estava armado na noite do crime e que, como o carro em que Daniela estava era de cor preta, achou que pudesse ser um rival e apontou a arma, mas que o tiro foi acidental.

## ADVOGADO NÃO CONTESTA AUTORIA DO DISPARO

Como o adolescente se apresentou à polícia e assumiu a responsabilidade pelo disparo, o

advogado que o representa no caso, Charles Pegonator Herber, adiantou que não deve recorrer contra a sentença no que diz respeito à autoria. No entanto, de acordo com ele, a defesa deve se manifestar de maneira contrária à classificação do ato infracional (considerado equivalente a homicídio qualificado).

— A internação pela autoria não há esperanças, mas discordamos em relação à capitulação. Ficou constatado nos autos que o tiro foi decorrente de um disparo acidental. O adolescente também apresentou-se de forma voluntária. Diante de todo esse contexto, vamos recorrer da decisão, mas não em relação à autoria — afirmou o advogado.

A expectativa do defensor é de que, antes do prazo máximo de três anos o jovem possa a cumprir medidas de semiliberdade e de liberdade assistida.

## MEDIDA DE INTERNAÇÃO

É a mais severa de todas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente por privar o adolescente de liberdade. Deve ser aplicada somente aos casos mais graves. Attingido o limite máximo de três anos, o jovem será colocado em liberdade, dependendo do caso, deve supletar-se a medida de semiliberdade ou liberdade assistida.

## DEU NO DE

Edição de 2 de janeiro mostrou que a Polícia Militar entrou a comunidade do Papatuara após morte de turista gaúcha na madrugada do dia 1º



**Autêntico, esportivo, versátil e exclusivo.**

**Porsche Macan.**  
A partir de R\$ 319.900,00\*  
\*Macan 2.0i (16V) 17. Preço médio-emprego, inclui nosso estopim (33 unidades). Frete e instalação.

Av. Marquês Max Schramm, 3091  
Florianópolis - SC. Tel: (48) 2102-4070

**Stuttgart Veículos**  
São Paulo (11) 5048-6700  
Campinas (19) 2122-9900  
Rio de Janeiro (21) 3495-9999  
Curitiba (41) 3333-3131  
Florianópolis (48) 2102-4070  
Porto Alegre (51) 3083-6100  
Recife (81) 3112-0950  
stuttgartporsche

## BALNEÁRIO CAMBORIÚ

### Motorista envolvido em confusão em pré-Carnaval será indiciado

**DAGHARA SPURTZ**  
daghara.spurtz@pdsibanco.com.br

O motorista da BMW que invadiu a ciclofaria e a calçada da Avenida Atlântica em Balneário Camboriú, na saída do evento de pré-Carnaval que ocorreu na Barra Sul no último sábado, pode ser indiciado por lesão corporal do 1º ou 2º grau e tentativa de homicídio. A informação é do delegado Alan Pinheiro, responsável pelo caso.

A polícia está ouvindo testemunhas, analisando imagens publicadas nas redes sociais e também as que foram obtidas por meio de câmeras de segurança. Por enquanto, os fatos ainda estão sendo investigados. Pelo menos um jovem foi levado ao Hospital Ruth Cardoso após ter sido atingido pelo automóvel de luxo na ciclofaria.

O relatório da Guarda Municipal, que atendeu a depuração de outro carro, um Voyage, informou que, segundo testemunhas, o veículo também atropelou alguém. Mas nenhuma vítima apareceu, nem há imagens que mostrem o suposto acidente, o que leva a polícia a crer que isso não ocorreu.

— No caso da BMW sabemos que atropelou algumas pessoas, mas ainda não temos como afirmar o número. Em relação ao outro veículo, temos apenas as imagens da depuração e não sabemos os fatos que ocorreram antes — afirma o delegado.

## POLÍCIA ANALISA OUTROS CASOS DE DEPREDAÇÃO

A julgar pelo número de motoristas que apareceu na delegacia esta semana relatando que teve o carro depredado de alguma forma — pedradas no para-brisa, por exemplo — a Polícia Civil acredita que os fatos tenham sido mais graves do que o que veio ao público.

— Foi uma depredação generalizada. Possivelmente mais de 10 carros — destaca Pinheiro.

A polícia recomenda aos motoristas que tiveram problemas a procurarem a delegacia.



● NOTÍCIAS | SEGURANÇA

## Violência deixa quatro mortos em quatro dias em Florianópolis

**APESAR DOS CRIMES** terem sido no período de Carnaval, nenhum dos casos aconteceu em lugares onde aconteciam festas populares



**DODD VARGAS E LEONARDO THOMÉ**  
dodv@uol.com.br | leonardothome@uol.com.br

**A** violência fez mais quatro vítimas em Florianópolis desde a noite da última sexta-feira, em um começo de ano que a Polícia Civil contabiliza 13 homicídios na Capital. Os assassinatos dos últimos dias chamaram a atenção pela características de execução contra os alvos, além de evidências lavares a banalidade das mortes. Um dos corpos estava dentro de uma lufira. Apesar de os crimes terem sido no período do Carnaval, nenhum dos casos aconteceu em lugares onde aconteciam festas populares.

As quatro mortes recentes foram nos bairros Coqueiros, Capoeiras, Rio Vermelho e Saco dos Lânios. Outrem, segundo a Polícia Militar, um homem com várias marcas de tress pelo corpo foi encontrado nas margens da Via Express Sul, perto do terminal de ônibus desativado do Saco dos Lânios e a uma passagem, a polícia ainda não tem a identificação da vítima, que foi encaminhada para o Instituto Médico Legal (IML). Policiais não descartam que o crime possa ter sido em outro local e de-

**33**

é a quantidade de homicídios já registrados na Capital desde o início do janeiro deste ano.

pois o corpo desceado no terreno da Via Express.

Na noite de sábado, por volta das 22h, um homem foi executado a tiros dentro de um bar no Tracessa, no bairro Rio Vermelho, morte da filha de Santa Catarina. Um homem se aproximou de um homem de dentro de uma lufira. Apesar de os crimes terem sido no período do Carnaval, nenhum dos casos aconteceu em lugares onde aconteciam festas populares.

Outro assassinato aconteceu há 100 dias em sexta-feira na frente de uma lanchonete perto da Rua da Fria, em Capoeiras. A vítima é um homem de 40 anos. Os crimes são investigados pela Delegacia de Homicídios da Capital, que está em busca da identificação das vítimas e dos autores. Até o começo da noite de ontem ninguém havia sido preso.

## Briga e tráfico de drogas entre as causas

O delegado Enio Mattos, titular da Delegacia de Homicídios da Capital, afirma que dos quatro assassinatos desde sexta-feira, um que não tinha, dois tiveram briga como motivação. Em outros dois assassinatos, de acordo com o policial, é possível que a causa tenha relação com o tráfico.

No caso do homicídio registrado em Coqueiros, Enio revela que o motivo da morte foi uma briga de família. O delegado ainda não apurou o grau de parentesco entre os envolvidos. Um desmembramento também teria sido a causa do homicídio no Rio Vermelho e a motivação está sendo apurada. Os assassinatos registrados em Capoeiras e no Saco dos Lânios ocorreram nas margens da Via Express Sul, aponta o delegado, sem como motivação o tráfico de drogas em pequenas quantidades. O crime das Saco dos Lânios, avalia ele, especialmente pelas características. O diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, delegado Vêni Parinetto, afirma que o IML homicídio desde o começo de 2017 na Capital e admite a preocupação com o número. O policial assegura que a equipe da Delegacia de Homicídios está bem equipada para investigar.

## POICIAMENTO

### Divulga lista de convocados para formação de novos PMs

**ANDERSON TIHA**

anderson.tiha@uol.com.br

Os nomes dos 1.084 convocados que vão iniciar em 2 de maio deste ano o curso de formação da Polícia Militar (PM) de Santa Catarina foram divulgados pelo governo do Estado. Na lista estão 997 homens e 97 mulheres que participaram do concurso público feito em 2003. Outros 111 candidatos já se formaram e estão nas ruas desde o final de 2008.

A PM também anunciou no edital publicado na última sexta-feira o cronograma das próximas fases. Segundo a programação os novos policiais serão opostos oficialmente até o dia 17 de março sobre a convocação. Depois disso, sairá o chamamento por cidade para se e 7º fase dos concursos, que são a investigação social e o exame toxicológico.

Em 27 de abril, a PM divulgará a classificação final por vaga e local de curso de formação. Os treinamentos devem ocorrer em Florianópolis e mais 11 cidades do Estado de 2 de maio até a primeira quinzena de dezembro, quando a Secretaria de Segurança Pública receberá colar e novo eletivo para atuar na Operação Veraneio 2017/2018.

A convocação de 1.084 novos policiais militares foi feita pelo governador Raimundo Colombo no dia 20 de fevereiro. O reboque no quadro de praças se dá

pela redução de efetivo em milhares anos ao Estado. Atualmente, 10,3 mil policiais fazem parte da corporação, mas menos de 10 mil estão nas ruas das cidades catarinenses.

## IMPACTO SUPERIOR A R\$ 70 MILHÕES

No ato para assinatura da liberação do contrato dos policiais, Colombo detalhou os números da nova convocação. Segundo ele, o impacto financeiro será de R\$ 70 milhões por ano. Mesmo com o crime, Colombo admite que precisa fazer a chamada, diante do agravo do quadro de segurança.

Segundo o secretário da Fazenda, Antonio Grazzoni, os novos servidores representam 0,5% de impacto na folha do Estado.



Na edição dos dias 18 e 19 de fevereiro, na coluna Radar Florianópolis, a Polícia antecipou a convocação.

## BRAÇO DO NORTE

### Padrasto confessa morte de bebê e é preso

**LAURENÇO GOMI**

laurenco.gomi@uol.com.br

Um dia após a morte de Mariana Della Giustina, 21, também foi revelado o padrasto do bebê, foi levado à delegacia ainda durante o velório, que ocorreu na manhã de domingo em Braço do Norte, no Sul do Estado. Após confessar o homicídio, ele foi encaminhado ao Presídio Regional de Tubarão.

No sábado, o jovem de 21 anos ficou responsável pela criança, enquanto o mãe dela trabalhava. Segundo o delegado William Ce-

sar Salles, a mãe da criança, Taryna Della Giustina, 21, também foi levada à delegacia para prestar esclarecimentos, mas não tem envolvimento com a morte do bebê.

O crime aconteceu na manhã de sábado no bairro Lado da União e a criança chegou a ser levada ao Hospital Santa Teresinha em Braço do Norte. O padrasto disse aos incidentes que o bebê teria se afogado com ingenuidade, a partir do IML, apontou que a causa da morte foi asfixia leve.

Em depoimento, o suspeito disse à polícia que se irritou com o choro do bebê e, em um momento de fúria, agitou o pescoço da criança. Ele disse ao dele-

gado que estava cansado e estressado, e que o choro da criança não tinha deixado ele dormir.

A mãe deixou a manuseira para ele dar e saiu para trabalhar. Duas do choro da criança, ele no momento de fúria, perdeu a cabeça e asfixiou a criança com os próprios mãos - rebeta o delegado, a partir do depoimento do suspeito.

O padrasto foi preso por homicídio qualificado, e a Polícia Civil continua as investigações. A intenção é descobrir se a criança já havia sido agredida em outras vezes, pois o laudo do IML também apontou uma fratura de fêmur, além de apresentar hematomas pelo corpo.

## PALHOÇA

### PM prende cinco homens após arrombamento a banco

Cinco homens foram presos pela Polícia Militar (PM) na madrugada de ontem após arrombarem um caixa eletrônico no Centro de Palhoça, na Grande Florianópolis. Quanto deles foram encontrados na mesma rua há agência do Santander, onde eles haviam furtado momentos antes, dentro de um Corsa. Os quinze integrantes estavam prontos.

Segundo a PM, as vítimas chegaram ao local depois que o 190 foi acionado. Como os bandidos não estavam mais dentro da agência, os policiais fizeram buscas na região e encontraram o carro onde eles estavam. Dentro do veículo, a polícia encontrou R\$ 650,00 em dinheiro.

Durante a abordagem, o culuar

de um dos homens começou a tocar. Por isso se equipes conseguiram chegar até o agente integrado que ficou para informar que a PM estava por perto. Parte do grupo preso era de Joinville e a outra parte de Paraná.

No início do mês, três homens nordestinos e outros três ficaram feridos após um assalto a uma agência do Banco do Brasil no centro de São João Batista, na Grande Florianópolis, durante a madrugada de 11 de fevereiro. A Polícia Civil, que tinha informações sobre um possível assalto na região, foi até o local com uma equipe da Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Dicic) e trouxe três com pelo menos oito assaltantes.

DIÁRIO DE ESTIMAR  
DIÁRIO CATARINENSE

# DC

SANTA CATARINA  
ANO 51 Nº 31.396  
ESTRADA GONÇALVES, 1137-00  
R\$ 2,50 - VENDA

QUINTA-FEIRA  
2 DE MARÇO DE 2017

## COMÉRCIO

### Receita com material escolar cai 6% no Estado

Entre as razões está a longa greve dos professores em Florianópolis, que retardou as compras

Estela Benetti | 13

### MARCELO ODEBRECHT DIZ QUE TRATOU DE DOAÇÕES COM TEMER

Notícias | 9

### REENCONTRO APÓS 53 ANOS

Irmãos de Salto Veloso, no Oeste, haviam sido separados quando eram bebês

Sua Vida | 23



## DECEPÇÃO AZÚRRA

Nos pênaltis, Avai é eliminado pelo Liverpool e conhece o primeiro desgosto da temporada até agora vitoriosa

BRUSQUE CAI, MAS DE CABEÇA EM PÉ

JOINVILLE SALVA NOITE DOS CATARINENSES

Esporte | 22 a 24

## RESSOCIALIZAÇÃO

### Número de prisões em SC reacende debate sobre reincidência no crime

Comandante-geral da PM afirma que 80% dos detidos têm registros criminais. No ano passado, forças de segurança prenderam 26,6 mil pessoas no Estado

#SEGURANÇA SC  
ISSUE CATEGORIA ELEGIDA

TIROTEIO DEIXA TRÊS MORTOS E DOIS FERIDOS POR BOLA PERDIDA

Notícias | 6 a 8

# Balas perdidas, dois feridos e três mortes em Florianópolis

UM ADOLESCENTE e um homem foram baleados durante confronto entre policiais e criminosos



DOIS MORTOS

dois jovens foram baleados

Dois jovens inocentes feridos com balas perdidas, três mortos na mesma noite, sendo dois delas em confrontos com policiais militares e uma das principais vítimas fechada para o tráfego de carros como prevenção. A conhecida e preocupante criminalidade causada por facções criminosas e traficantes de drogas se estendeu por mais de oito horas na parte Continental de Florianópolis, entre a noite de terça-feira e a madrugada de ontem.

Assim como DC atrelou em fevereiro na reportagem sobre a Rua da Graça — como está sendo chamada por policiais a rua do bairro Monte Cristo —, pessoas inocentes correm risco com balas perdidas diante da ação de bandalhos. Foi o que aconteceu na Via Esportiva (BR-282), a movimentada via de entrada e saída da Vila de Santa Catarina, quando uma pessoa que estava dentro de um carro que passou a noite pelo local foi atingida.

A vítima, um adolescente de 15 anos, teve a perna ferida com o disparo. Segundo a Polícia Militar, ele não corre risco de morte. O outro episódio semelhante de bala perdida aconteceu momentos antes no Morro da Caixa, também no Continente, na região da Avenida Ivo Silveira (bairro Capoeiras). Um homem



Na Avenida Silveira, bala perdida atingiu motorista

de 54 anos levou um tiro quando estava na sacada de um apartamento observando a ocorrência policial de ataque a tiros de criminosos a uma viatura da Polícia Militar que escoltava um ônibus. Conforme a PM, o homem também não corre risco de morte.

No Morro da Caixa, houve duas mortes em confrontos com a PM. Os perseguidores tentaram convencer a PM a recuar. Uma nota de esclarecimento foi divulgada à tarde, em que afirmou que as pessoas que morreram efetuaram tiros contra policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bospe), portavam armas e drogas.

No mesmo nota, assinada pelo chefe de comunicação da PM, tenente-coronel João Batista Brito, a PM disse que não recuou diante das reações dos criminosos frente às ações preventivas e repressivas ao tráfico de drogas e crimes derivados. A corporação também pediu informações que possam levar à autoria das crises por meio de tipificações no disque denúncia (0800-484717) ou pelo portal da PMSC, no Internet.

## AS HORAS DE TIRO ENTRE TERÇA E QUARTA-FEIRA

**17h30min:** Em oporção ao Morro da Caixa, homem armado tirou disparos contra a PM, que recuou. Tiros de Arma de Arco, munição. Com este tiroteio ocorreram uma prisão, 45,238 cartuchos de casaca, 181 pedras de caco, R\$ 1,2 mil e munição.

**23h30min:** Uma viatura do Pelotão de Patrulhamento Tático (PPT) que escoltava um ônibus (linha São Pedro de Alcântara) foi alvo de tiros na Avenida Silveira, na região do Morro da Caixa. Os PMs reagiram, houve ação e tiro na região. A PM tucou a Via Silveira para a passagem de veículos.

**23h35min:** Um homem de 54 anos do estradão Hospital Financioso, afirmando ter sido atingido enquanto estava na sacada do apartamento próximo à praia do Morro da Caixa. O tiro atingiu o ombro. Ele não corre risco de morte.

**0h:** Na comunidade Nova Intertricolor (bairro Monte Cristo), perto do local dos tiros, houve um tiroteio de Lucas Miguel Mendes, 19 anos, alvo de tiro. Não usava veículo.

**01h30min:** Homens armados invadiram contra um carro que passava pela BR-282, a Via Esportiva, na altura de um supermercado, em Capoeiras. Um dos tiros atingiu um dos passageiros na perna. A vítima e um adolescente, que apesar do ferimento não correu risco de morte.

**23h50min:** Em tenda no Morro da Caixa, o tiroteio se desmancha com dois criminosos feridos e outros dois mortos. Um homem de 34 anos morreu na cabeça. O outro morreu no peito. Um homem de 34 anos morreu na cabeça. O outro morreu no peito. Um homem de 34 anos morreu na cabeça. O outro morreu no peito.

## Entorno de tiroteio abrigará complexo de segurança

A região do Morro da Caixa, na Avenida Ivo Silveira, em que há ações de traficantes e intensos tiroteios com policiais, fica nas proximidades em que foi construída a nova sede da Secretaria de Segurança Pública (SSP) de Santa Catarina.

As três torres construídas num investimento de mais de R\$ 80 milhões abrigarão o complexo da segurança, com representantes das polícias Civil e Militar, além da cúpula da SMP. As obras estão previstas, mas ainda não foram inauguradas

e continuam fechadas — apenas um andar estaria sendo ocupado por policiais do setor de inteligência. A reportagem tentou ouvir a SSP sobre as ações que serão feitas para reverter o quadro de violência. Por meio da assessoria, a secretaria afirmou que com a criação do complexo aumentará bastante a circulação de viaturas e policiais. Além disso, policiais do corpo de militares atuarão no policiamento da área. A obra promete ser linear durante os monitoramentos.

## “Dificuldades de reforço na região”, diz delegado

A Diretoria da Polícia Civil na Grande Florianópolis admitiu que a falta de efetivo está impedindo a montagem imediata de uma força-tarefa para investigar crimes na parte Continental de Florianópolis, conforme havia sido prometido em fevereiro pelo delegado-geral Artur Nitz e pelo secretário da SSP César Zambini.

“Temos dificuldades em tirar policiais de outros locais. Mas reforçar o Continente é prioritário e ao término da andrada, no final de março ou início de abril, alguns policiais serão de-

signados para atuarem na investigação de delitos pontuais no Continente — assegurou o diretor na Grande Florianópolis, delegado Vinícius Paranhos. As duas delegacias do Continente, 3ª DP (Capoeiras) e 4ª DP (Capoeiras), sofrem com a falta de investigadores. O diretor garantiu que há ações de integração para o repasse de informações entre polícia civil e inteligência, delegacia leiga e a Delegacia de Combate às Drogas para ataques coordenados de drogas.

## CAÇADOR

### Homem e mulher são assassinados

Um casal foi encontrado morto em uma residência terça-feira em Capão, Lillian Pontes, de 26 anos, e José Denis Honório, 44, estavam com perfurações de bala pelo corpo. No local, vizinhos contaram as policiais que foram ouvidos gritos da mulher antes do crime. Segundo a Polícia Civil da cidade, uma investigação já em andamento reforça a tese de que o homem teria matado a esposa e depois se matado.

Na residência do casal, localizado no bairro Gioppo, a PM não encontrou marcas de arrombamento ou objetos furtados. Ainda, segundo os familiares de Lillian, os dois estavam em processo de separação e José não aceitava o fim do relacionamento. Conforme o delegado Marcelo Ricardo Coláço, responsável pela ocorrência, todas as informações dão conta que o homicídio foi seguido de suicídio.

Constatando todas as evidências, não adiantou essa linha de raciocínio. Vários testes inflamatórios foram feitos. Os dois estavam muito próximos. Há informações de que José estava deprimido com a separação. Não há arrebatamento e nenhum objeto foi levado — contou Coláço.

No corpo de Lillian, conforme a perícia, dois agulhamentos de faca foram encontrados. O suspeito do homicídio tinha coroa no peito. Conforme a família, a professora

de canto e marcenaria tinham dois filhos, mas ambos não estavam na casa no momento do crime. A Divisão de Investigação Criminal (DIC) investiga o caso.

## Violência | Homem é morto a tiros em Chapeco

Um homem de 33 anos foi morto a tiros na noite de terça-feira na rua João Pedro Sestini, no bairro Lialer, em Chapeco. Marcelo Tavares, de Xanorê, cidade vizinha, estava na via bebendo com outros dois amigos, segundo a Polícia Militar (PM), quando um fox preto passou pelo local e o suspeito abriu contra os três. Marcelo, que era motorista da Agape, morreu no local, enquanto os outros dois jovens, de 21 e 24 anos, tiveram ferimentos e foram levados para o Hospital Regional do Oeste, em Chapeco. Dois pessoas estiveram dentro do carro que passou atirando. Logo depois do crime, a PM encontrou e prendeu um dos suspeitos.

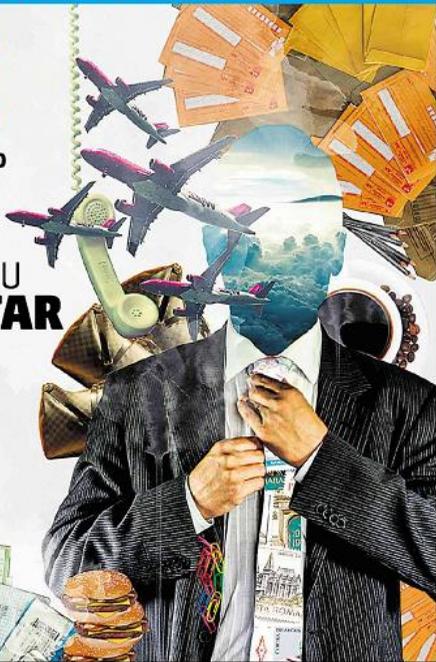
# DC:

diariodocatarinense.com.br
SANTA CATARINA  
ANO 33 Nº 3.339B  
MUNICIPIO: 13.348  
R\$ 4,00 - P/ISSUE
**SÁBADO/DOMINGO**  
4 E 5 DE MARÇO DE 2017

## OS GASTOS DO SEU PARLAMENTAR NO CONGRESSO

Em 2016, deputados e senadores catarinenses usaram R\$ 7,62 milhões para o pagamento de despesas que vão de almoço a passagens aéreas

### NÓS



### MORTE NO CARTÃO-POSTAL

## Crime escancarou a violência urbana em Florianópolis

Polícia suspeita que execução de homem no Mercado Público seja acerto de contas. Outros três homicídios na sexta elevaram para 41 os assassinatos este ano. [Notícias | 6 e 7](#)

**DIOGO VARGAS:** UM DEBOCHÊ ÀS AUTORIDADES

### NÚMERO ANIMADOR

## SC CRIA 11,3 MIL NOVOS EMPREGOS EM JANEIRO

Indústria, agronegócio e serviços lideraram a abertura de vagas segundo o Caged

**Estela Benetti | 17**



## VIOLÊNCIA À LUZ DO DIA MARCA CARTÃO-POSTAL

**VILMAR DE SOUZA Júnior** foi executado com sete tiros ao estacionar no Mercado Público de Florianópolis na manhã de sexta-feira. Capital registrou 41 homicídios em 62 dias

**#SEGURANÇASC**  
DESA CADELA BRESA

ANDRÉAS DE SOUZA E INGO VARRIAS  
andreas@diariocatarinense.com.br  
ingo.vargas@diariocatarinense.com.br

Em 11h30 de sexta-feira, horário em que o Mercado Público, um dos principais cartões-postais de Florianópolis, está lotado de pessoas, milhares de turistas apreciando os últimos dias da temporada. Desta vez, porém, o lazer foi interrompido pelo barulho de tiros. Sete disparos atingiram Vilmar de Souza Júnior, 29 anos, a 38ª vítima de homicídio neste ano na Capital. No mesmo dia, houve outras três mortes, o que elevou o número de assassinatos na cidade para 41 em 62 dias.

Janinho, como era conhecido, estacionou uma caminhonete Frontier quando um Vectra preto o trançou. Um dos dois ocupantes do carro desceu e atirou contra ele, que tentou fugir correndo, mas foi alcançado pelo assassino e levou mais tiros. Os autores dos disparos não foram encontrados pela polícia até o fechamento desta edição, às 22h.

De acordo com parentes, o jovem trabalhava na peixaria Souza, que é da família, e não tinha envolvimento com o tráfico de drogas. O diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, Vercil Parfincetti, esteve na cena do crime e afirmou que esse tipo de ocorrência, em um local movimentado e à luz do dia, é raro.

— A Civil já está empenhada com a equipe de homicídios para prender os autores o quanto antes — diz Parfincetti.

Os disparos ocorreram do lado das mesas do box 22. Alguns atingiram outros automóveis estacionados no local. O Vec-

tra em que o assassino fugiu em alta velocidade passou sobre o caminho central da Avenida Paulo Fontes para atravessar a via e seguiu no sentido Sul da ilha. Na manobra, quase atropelou pedestres. No caso, a polícia localizou o carro usado pelos criminosos abandonado na Costeira. Policiais fazem buscas pela região.

Sobre o caso, o comandante do 4º Batalhão da PM, tenente-coronel Marcelo Paves, assegurou que a região central é a que tem o maior número de policiais da Capital. Porém, diz, é difícil cobrir esse tipo de crime quando envolve deslocação ou é passante.

— Tivemos quase meio milhão de pessoas no Carnaval e não registramos ocorrências de roubo — destaca o o fone.

### POLÍCIA INVESTIGA SUSPEITA DE ACERTOS DE CONTAS

Um acerto de contas que pode estar relacionado a outras mortes e crimes na Costeira do Fritópolis é a hipótese inicial apurada por policiais da Delegacia de Homicídios para a execução. Em 5 de julho de uma passada, a irmã da vítima, a alvo Regênia de Souza, teve o escritório atingido por cinco

tiros em um atentado. Ela já defendeu Tiago Cordeiro, o Calcinha, 26 anos, assassinado a tiros em um posto de combustíveis no mesmo bairro em abril de 2015. Ele era gerente do tráfico de drogas e chefe direto do traficante Sérgio de Souza, o Neném da Costeira, considerado um dos maiores traficantes de Santa Catarina e que está preso em presídio federal.

Janinho já havia recebido ameaça de morte em uma delegacia de polícia de Florianópolis no dia 11 de janeiro deste ano, segundo informou a Polícia Civil. No boletim de ocorrência, ele afirmou que recebeu no celular uma mensagem com a frase *Let's blow you house* (vamos explodir sua casa) seguido de ameaças de bombas.

Ainda segundo a polícia, ele estava em liberdade preventiva desde o dia 10 de novembro de 2016. Vilmar foi preso no dia 30 de setembro de 2016, em Píbilco, por recepção de um carro furado, posse de arma de fogo (pistola 9mm) e munições de uso restrito e subtração de sinal de veículo automotor. À Justiça, alegou na época que andava armado para proteger a família. Nos últimos dias, estaria sendo perseguido por criminosos na Costeira, onde morava.



## Com nova morte, Florianópolis registra 42 homicídios neste ano

UM HOMEM FOI assassinado no bairro Monte Cristo, sábado à noite

Florianópolis registrou na noite de sábado o 42º assassinato na cidade em 2017. Um homem foi morto a tiros no bairro Monte Cristo, na região continental da Capital. O rapaz chegou a ser levado ao hospital, mas não resistiu aos ferimentos.

Responsável pela Delegacia de Homicídios, o delegado Edo de Oliveira Mattos diz que tem poucas informações do caso porque a polícia não foi chamada. Somente com a entrada da vítima no hospital é que as autoridades foram informadas da ocorrência. O pouco que se sabe, segundo ele, é que o rapaz estaria em uma

festa e não houve troca de tiros. A identidade e a idade da vítima também não foram informadas.

Em poucos meses de dois meses, Florianópolis soma mais da metade das mortes violentas registradas no ano passado inteiro — 42 contra 79.

### QUATRO PESSOAS MORTAS NA SEXTA

O homicídio de sábado foi o quinto em dois dias na Capital. Na sexta-feira, quatro pessoas foram assassinadas na cidade. A primeira morte ocorreu pela manhã, em frente ao Mercado Público, no

Centro. Vilmar de Souza Júnior, o Juninho, 29 anos, foi executado por dois homens no final da manhã. Até ontem à tarde, ninguém havia sido preso.

No fim da tarde, um rapaz foi baleado na entrada do estacionamento do Floripa Shopping, no bairro Monte Verde. À noite, outros dois homens foram mortos. Uma das vítimas foi baleada por duas pessoas no bairro Monte Cristo. A outra foi morta no Rancho, no norte da Ilha de Santa Catarina. A vítima tinha 27 anos e foi atingida por disparos quando retornava para a casa da namorada.

### Biguaçu | Cigarro contrabandeado é apreendido

Cerca de 400 mil cartuchos de cigarro contrabandeados do Paraguai foram apreendidos na noite de sábado, na BR-101 em Biguaçu. A apreensão foi uma ação conjunta entre a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e a Receita. A carga de cigarros foi

entregue ao depósito da Receita Federal em São José, onde será destruída.

Segundo a PRF, o motorista que transportava a mercadoria fugiu. A carteira Mercedes-Benz, abandonada após o flagrante, estava com placas clonadas.

### CONVITE PARA MISSA DE 7ª DIA

A família de

## Lusia Virgínia Hulse Salum

está convidada, querida parente e amigo para a Missa de 7ª Dia, quearemos celebrar em homenagem a sua alma, a realizar-se no dia 7 de março, terça-feira, às 19 horas, na Igreja Santa Teresinha, Centro. Agradecemos, na oportunidade, às intervenções das cantoras e conforto espiritual que receber por ocasião de sua falecimento.

\* No convênio, o enterro ocorrerá localmente, nos limites do Brasil, com o enterro efetivo no Rio Francisco, através do arca.



**PROTEJA SUA FAMÍLIA CONTRA UM TIPO BEM ESPECÍFICO DE INSETO: TODOS.**

MAT INSET POSSUI UMA LINHA COMPLETA PARA ACABAR COM TODO TIPO DE INSETO: DO MOSQUITO DO ZIKA E DA DENGUE À BARATA VOADORA.

PROTEÇÃO SEM CHEIRO

PROTEJA SUA FAMÍLIA.

# Transexual havia relatado agressões

JENNIFER CELIA HENRIQUE, morta a pauladas, chegou a registrar B0s em delegacias de Florianópolis por crimes de homofobia

LEONARDO THOMÉ

STEFAN GIOIA  
leostudio@uol.com.br  
stefan.celso@uol.com.br

Encontrada morta na sexta-feira em uma construção no bairro Ingleses, no Norte da Ilha de Santa Catarina, a vendedora Jennifer Célia Henrique, 37 anos, havia registrado dois boletins de ocorrência (B0s) em delegacias de polícia de Florianópolis relatando ter sido vítima de crimes de injúria, homofobia e agressão. A transexual é a 43ª vítima de homicídio na Capital neste ano.

O primeiro caso ocorreu em março de 2016. Ela comunicou à 8ª DP que foi vítima de homofobia ao ser agredida e singada quando caminhava em frente a um hotel em Ingleses. No relato, Jenni, como era conhecida, conta que chegou a desmamar com os agressores.

O outro boletim ocorreu em 2016, por crime de injúria, e foi registrado na Delegacia da Mulher, no bairro Agrômicas. Nesse caso, relatou ter sido agredida por um homem que morava nas proximidades de sua casa, no Santinho.

"O autor costuma frequentar os mesmos lugares que ela, e sempre tenta impedir a entrada da comunicante, singando-a e espalhando-a, sendo que já chegou a agredir-la fisicamente", narra o B0 registrado por ela em 2016.

A advogada Margareth Fernandes, presidente da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/SC, conhece a vítima. Ambas fazem trabalho voluntário na Seret, entidade social com sede no Norte da Ilha. Conforme ela, cerca de duas vezes atrás Jenni a procurou relatando que havia sido vítima de homofobia, ameaça e agressão. Na época, a orientação foi registrar um boletim de ocorrência.

Após a morte da transexual,

Margareth afirma que soube por outra colega que Jenni havia relatado ter sido assediada e agredida recentemente — não há registros na polícia sobre esse caso. A representante da OAB/SC afirma que, pela experiência na área, há chances de o crime ter relação com a homofobia.

## DELEGADO DEICARTA CRIME DE GÊNERO

O delegado Enio Mattos, titular da delegacia de Homicídios de Florianópolis, afirmou poucas horas após o corpo ter sido encontrado que a motivação do assassinato da transexual "foi uma trama mal acertada". Segundo a Polícia Civil, Jennifer teria sido morta a pauladas. Questionado se o assassinato pode ter relação com a orientação de gênero da vítima, ele refuta a hipótese.

— Não tem nada a ver. Se tivesse a ver, não teriam levado para um canto escuro para matar. Mataram dentro de uma construção, com pichada na cabeça. Foi uma trama mal acertada.

O delegado afirmou ainda que não tem suspeitos do crime e não sabe dizer se havia uma ou mais pessoas no local do homicídio. No momento era que falou com a reportagem, ele seguia para fazer o relatório de outro caso.

Questionado sobre a identidade da vítima, Enio se apressou em dizer que "Jennifer é o nome de guerra". Depois, completou: "É um homem, não é mulher. É um homem". A vítima se autodeclarava transexual, era tratada pela família e amigos como Jennifer e envolvida em movimentos que defendem os direitos de homossexuais e transsexuais.

O delegado-geral de Polícia Civil de SC, Arthur Nitz, foi procurado para comentar as declarações de Enio e a rapidez do investigador an-

QUEM ERA A VÍTIMA



Nas redes sociais, onde a morte de Jenni tem enorme repercussão, amigos e familiares da vítima afirmam que o assassinato teve motivações preconceituosas, antirracistas e de transfobia. Ela tinha forte atuação em movimentos de causas de Lúdicar, Gaye, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transtórficos (LGBT), além de ser muito conhecida em Ingleses e Santinho, onde morava com seus pais, sendo trabalhava como recepcionista de uma marcia de comêrvios. Seu corpo foi velado na sexta-feira, na Capela Mortuária do Santinho. O enterro está planejado para acontecer neste sábado às 10h. Um dos principais nomes do movimento LGBT e trans do país, o cartunista Lente Coelha, publicou em sua Facebook sobre a morte de Jenni: "Assassinam. Não assassinam".

## Necropsia do IGP vai determinar causa da morte

Marcos Aurélio Lima, gerente de medicina legal do Instituto Geral de Perícias (IGP), explica que foram feitos exames traumatólogico e uma dosagem de exame toxicológico em Jenni. Ambos vão compor o exame de necropsia, que vai determinar a causa mecânica da morte da vítima. O exame já foi realizado e o resultado sair na semana que vem para ser juntado ao inquérito presidido pelo delegado Enio Mattos.

— A gente faz o exame traumatólogico e solicita ao laboratório um exame toxicológico, com a retirada do sangue e da urina, se ela estiver presente.

chegar a uma conclusão, mas não quis se manifestar sobre o assunto.

De acordo com a advogada Margareth Fernandes, há dificuldade para a polícia caracterizar o crime de homofobia.

— Intelectualmente, o crime de homofobia ou transfobia é muito difícil de provar, por isso a maioria dos policiais opta por não aceitar que esse crime existe — avalia.

MARGARETH HERNANDES  
Advogada da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/SC

Margareth colocará a comissão à disposição da família de Jennifer para acompanhar as investigações. A comunidade do Norte da Ilha fará uma manifestação neste sábado pedindo justiça pela morte.

**O melhor do VERÃO tem suas vantagens**

**Só quem é assinante do DC aproveita todas as vantagens do maior clube de benefícios de Santa Catarina.**

Confira a lista completa dos estabelecimentos em [www.clubedoassinantedc.com.br](http://www.clubedoassinantedc.com.br)

**DC**  
DIÁRIO COMMERCE

**CLUBE**  
DO ASSINANTE DO DC

**SEJA E COMECE A APROVEITAR**

(41) 3216 3366 0800 48 1400

Entre em contato com a central de atendimento

# Manifestantes protestam contra morte de transexual a pauladas

**ASSASSINATO QUE TIROU** a vida de moradora do norte da ilha de SC sexta-feira foi tratado pelas autoridades como um crime sexual, mas moradores pedem investigação e falam em transfobia

**GRÁFICOS DIANTE**

<https://g1.globo.com/brasil/noticias/seguranca/imagens/2017/03/17>

**A** moradora Jennifer Colla Henriques, 37 anos, morta a pauladas nos Ingleses no fim de semana foi sepultada sábado, no norte da ilha de Santa Catarina. Depois do enterro, familiares, amigos e moradores de bairro de Florianópolis seguiram para um protesto na SC-403, em frente ao prédio abandonado onde o corpo da transexual foi encontrado. Além de caracterizarem a transfobia (preconceito contra pessoas trans) como a motivação do assassinato, os cerca de 70 participantes pediram justiça e mais segurança na região.

Joice da Boss Silveira ainda estava inconformada com a morte da amiga. Ela lembra que Jenni, como a vítima era conhecida, era querida por todos. Exatamente por esse motivo, nem mesmo as pessoas mais próximas dela têm suspeito para o crime.

— Não existia pessoa ruim para a Jenni. Ela cumprimentava com beijo todos que via na rua. Então ela não tinha motivo, porque conhecia todo mundo — disse ainda bastante emocionada.

Conforme publicado no Diário Catarinense de fim de semana, Jennifer havia registrado dois boletins de ocorrência, onde relatava ter sido vítima de injúria, humilhação e assédio.

Vulnérica, 23 anos, trans que também participou do protesto, reflexiva e impertinente de tratar o caso como uma morte ocasional por transfobia.

A mesa vivência é sempre desconfortável, desconcertada pelos outros. Nós existimos. Somos pessoas trans, sofremos transfobia e estamos morrendo todos os dias — afirma.

Uma das organizadoras da manifestação, a ativista Solene Light acrescenta que desde o Carnaval oito pessoas trans foram mortas no Brasil. Ela lamenta a desproteção enfrentada pela população de lésbicas, gays, bissexuais, transes, transexuais e transgêneros e comenta com pesar o fato de o delegado responsável pelo caso, especializado em Homicídios, Tatá de Moraes, sequer se referir à Jennifer como mulher, afirmando repetidas vezes em entrevista sobre o crime que a vítima se tratava de um homem.



— O que mais dói é a atitude da Justiça. O delegado falando essas atrocidades (que a motivação do assassinato da transexual "foi uma transa mal sucedida") conforme reportagem do DCI, negando o crime por ser prostituta, transexual ou por estar em local perigoso. É inadmissível que ele justifique o crime. Não estamos desprotegidos, porque a transfobia é marginal em outros crimes e não há punição — denuncia.

**MORADORES TAMBÉM PEDEM MAIS SEGURANÇA**

A Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Ênfase na Sexualidade (Adesh), o LGBT Florianópolis e o Coletivo Margens, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), participaram da manifestação, que também contou com a presença de moradores locais. Vilma Gomes Pinho questiona a situação da construção onde o corpo de Jennifer foi encontrado pela polícia.

— Moro há mais de 13 anos aqui e esse prédio sempre esteve desabitado. Podiam ter construído até uma UPA [Unidade de Pronto Atendimento] ali, mas a insegurança em torno do assunto — relata.



Paralelamente, que estava no momento, inventor é mais uma entre tantas vítimas do preconceito contra pessoas trans.



Jennifer atirada em causas LGBT

## QUEM ERA ENEM

Has redes sociais, onde amigos de Jennifer se reuniram, amigos e familiares do vítima afirmam que a assassinada não tinha motivos preconceituosos, intrínsecos, e que a transfobia era uma forte atuação em movimentos de causa política, gays, bissexuais, transes, transexuais e transgêneros (LGBT), além de ser muito conhecida em registros e artigos, onde entrava com suas intervenções como revedora de uma marca de roupas. Entretanto, como nomes do movimento LGBT e fluminense para a Carolina Leite. Quatro amigos em sua Facebook sobre a morte de Jennifer assassinada, não assassinada.

## Capital 44<sup>o</sup> homicídio em 2017 é registrado

Um homem foi encontrado morto com marca de tiro em um beco da comunidade Novo Horizonte, no região do Monte Cristo, em Florianópolis, sábado. A vítima tinha 26 anos e o crime foi classificado divulgada pela Delegacia de Homicídios da Capital. Segundo o delegado Enzo Mimos, o crime tem relação com o tráfico de drogas na região. A polícia foi acionada por volta das 20 para atender ocorrência no local. Ainda não há suspeito do crime. Este é o 44<sup>o</sup> homicídio no município. A cidade teve um crescimento de 100% no número de crimes contra a vida em sua primeira metade de 2017 em relação ao mesmo período do ano passado. A Delegacia de Homicídios já começou a investigação, mas ainda desconhece as circunstâncias do crime.

## Acidente | Uma pessoa morre e três ficam feridas

Uma pessoa morreu e outras três ficaram feridas em um acidente na SC-166, em Pindamonhango, no Oeste catarinense, no 28 de fevereiro. Segundo o Corpo de Bombeiros de Pindamonhango, o Gol com placa de Passagem das Gaslela bateu em uma árvore, na altura de km 69 e depois capotou na margem de rodovia. No veículo havia quatro ocupantes da cidade de São José. Cláudio Bello, de 35 anos, morreu no local. Outras três pessoas ficaram feridas e foram encaminhadas para o Hospital de Pindamonhango. Por causa da gravidade dos ferimentos, uma das vítimas, um homem de 33 anos, foi transferido para o Hospital Regional do Oeste, em Chapecó.

## Fatalidade | Criança morre premada em muro

Um menino de um ano e nove meses morreu após ser atropelado por um veículo em Schmelzer, no Norte do Estado, na tarde de sábado. Vizinhos da família relataram à Polícia Militar que o pai da criança estava lavando o carro quando o automóvel teria sido acidentalmente pressionado a criança contra uma parede. Os bombeiros voluntários de Jaraguá do Sul foram acionados e constataram que a criança estava inconsciente e com fraturas. O menino foi levado pelo helicóptero da polícia para o Hospital de Jaraguá, mas não resistiu.

## Caso de transexual terá novo delegado

**POLÍCIA CIVIL NÃO** descarta nenhum tipo de motivação para homicídio de Jennifer Henrique



Amigos e familiares pedram justiça em candlelight pelo inglês no sábado

**LEONARDO THOMÉ**

leonardo.thome@globo.com.br

**O** assassinato da transexual Jennifer Celia Henrique, morta a paulistana na madrugada de sexta-feira no bairro Inglêses, em Florianópolis, será investigado pelo delegado Eduardo Matos. Inicialmente, o responsável pelo caso era o titular da Delegacia de Homicídios da Capital, Faio Matos, que, horas após encontrar o corpo, afirmou ao DC que a morte foi motivada por "uma trans mal acuada" e descartou se tratar de crime de homofobia ou transfobia. O comando da Polícia Civil na Região Metropolitana de Florianópolis afirma que a troca ocorreu em função de Eduardo investigar outros assassinatos no município. De acordo com o diretor de polícia Verêri Furlanetto, desde a criação da força-tarefa em janeiro para investigar os homicídios registrados na Capital neste ano — já são 44 mortes violentas —, o delegado ficou responsável pelos casos na região.

— Desde o início do ano, Eduardo está com os casos do norte. Sobre o crime, ainda é prematuro dizer qual a motivação. A Polícia Civil está comprometida em resolver essa situação, mas a gente não descarta nada, nem a questão de gênero, nem passional, motiva tope.

Na manifestação ocorreu às margens da DC-403, próximo a construção abandonada em que o corpo de Jemí, como em comêcia, foi encontrado. Segundo Furlanetto, a fala de Enio sobre o caso não reflete a opinião da Polícia Civil.

## AUDIÊNCIA DE CUSTÓDIA

### Preso liberado é considerado foragido

É considerado foragido o jovem de 20 anos suspeito de ferir quatro pessoas a tiros no bairro Inglêses, em Florianópolis, na última quarta-feira. Cleiton Wultrick Leite da Silva chegou a ser preso em flagrante, mas foi solto no momento.

Na audiência de custódia que definiria a conversão do flagrante em prisão ou liberdade provisória, a juíza Erica Lourenço de Lima Ferreira decidiu libertar

o suspeito. Assim que o caso foi remetido para a Vara do Juri da Capital, no entanto, a situação de Cleiton mudou: o juiz Marcelo Vinícius de Souza decretou a prisão preventiva dele na sexta-feira, seguindo recomendação do Ministério Público.

Conforme alertou a promotoria, trata-se de um crime grave e de repercussão, envolvendo faixas criminosas e pelo menos quatro vítimas.

A libertação dele em audiência de custódia teve grande repercussão nas redes sociais e no meio policial. Isto porque a Polícia Militar informou que Cleiton tem 14 passagens e uma condenação por tráfico de drogas.

Para a magistrada que concedeu a liberdade provisória, o caso se tratava de "acertos de contas entre membros de faixas, o que não coloca em risco a sociedade, já que é fato isolado".

Deixe as preocupações da sua viagem com a gente.

Para você se preocupar só em viajar.

Assessoria: azulviagens.com.br ou ligue para 4003-1181.

Call center 24 horas. Conte com a Azul a qualquer momento.

**Azul viagens**  
Aqui a gente cuida de toda a sua viagem. Operativa de Taramá da AZL.

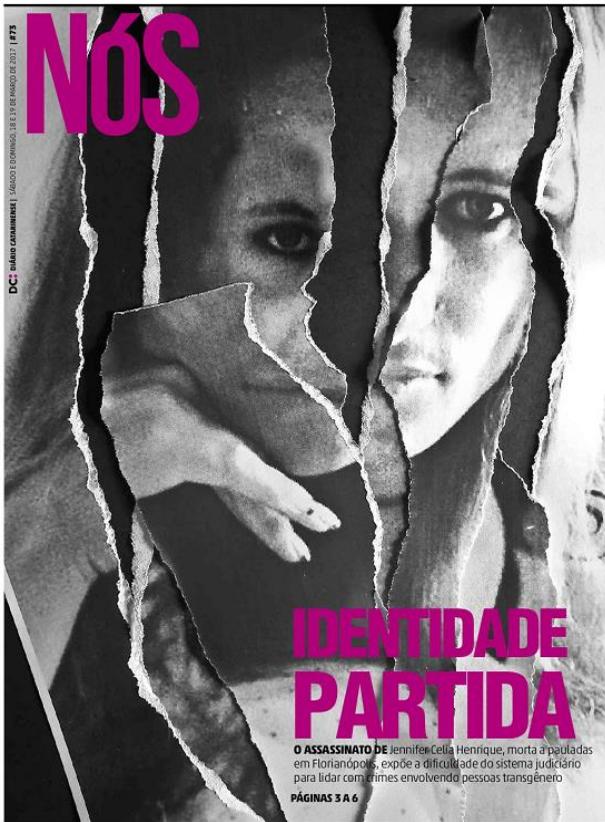
**VERÊRI FURLANETTO**  
Diretor de polícia

posito ao que afirmou Enio Matos ao DC na sexta-feira, quando descartou a possibilidade de o homicídio ter como motivação o gênero da vítima. No dia, ele chegou a ir ao local do crime e falava como o responsável por investigar o caso.

#### GRUPO CRÍTICA DECLARAÇÃO DE RESPONSÁVEL PELO CASO

A declaração, somada a outras como a de que "Jennifer é o nome de guerra", gerou críticas ao delegado no protesto promovido sábado de manhã por amigos, familiares e membros de movimentos de causas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transveste, Transsexuais e Transgêneros (LGBT).

A manifestação ocorreu às margens da DC-403, próximo a construção abandonada em que o corpo de Jemí, como em comêcia, foi encontrado. Segundo Furlanetto, a fala de Enio sobre o caso não reflete a opinião da Polícia Civil.



**NÓS**

DC: **silvius castanheira** | **SAÚDE** | DOMINGO, 18 DE MARÇO DE 2017 | R\$ 7,90

**IDENTIDADE PARTIDA**

**O ASSASSINATO DE** Jennifer Cella Henrique, morta à pauladas em Florianópolis, expõe a dificuldade do sistema judiciário para lidar com crimes envolvendo pessoas transgênero

PÁGINAS 3 A 6

2 NOS DIÁRIO CATARINENSE, SÁBADO E DOMINGO, DIA 27 DE MARÇO DE 2017

## COMO VOCÊ SE ENXERGA?

Entenda alguns termos usados nas questões relativas à sexualidade

**GÊNERO:** é o conjunto de traços (conjunto de características simples – quem tem pênis é do gênero masculino, quem tem vagina é do gênero feminino. Mas, atualmente, há pessoas trans que defende o termo "identidade de gênero". O que define, de fato, é a autoidentificação. Ou seja, a pessoa está ali ligada a como a pessoa se vê, e não aos diálogos.

**TRANSIGÊNERO:** pessoa que não se identifica com as características do gênero designada a ela no nascimento.

**COCIDÊNERO:** pessoa que se identifica com as características do gênero designada a ela no nascimento.

**ORIENTAÇÃO SEXUAL:** uma das variáveis que contribuem a sexualidade de uma pessoa é sua orientação sexual. É aqui que estão as diversas orientações sexuais. Quase todos mudam o termo heterossexual (aquele que sente atração pelo mesmo gênero) e homossexual (aquele que sente atração pelo mesmo gênero), mas há quem especifique mais as possibilidades: bissexual é aquele que se sente atraído pelas pessoas masculino e feminino, essencial é aquele que não tem desejo paramente sexual, parsexual é aquele que tem atração por todos os tipos de pessoas.

**IDENTIDADES NÃO-BINÁRIAS:** todas essas identidades de gênero e orientações sexuais abrangem uma boa gama de pessoas. Mas o quem não se identifica com nenhuma delas também se identifica: não-binárias, que não se sentem confortáveis em uma divisão entre gênero masculino e gênero feminino, talvez não se importem com isso, talvez se sintam atraídos por pessoas independentemente da identidade de gênero, o que for. A isso, costuma-se denominar "identidade não-binária".

Fonte: Núcleo de Pesquisa Sobre Sexualidade e Relações de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina.

# NOS

PROMOÇÃO COLETIVO.

A PRIMEIRA PESSOAL DO PLURAL.

PALAVRA QUE REPRESENTA

DE ALI OUTRAS PESSOAS.

PLURAL QUE REPRESENTA

DIÁRIO CATARINENSE

E SUAS PESSOAS

É TAMBÉM O PLURAL DE NÓS.

LAÇO CARPENTADO DE MARATM

UNDO AQUÍLO E SOMOS.

O HORIZONTALMENTE DA TRAVIA.

NÓS: SANTA CATARINA NO PLURAL

# Por que não bebo uísque



MARCOS PIANGERS  
@piangers

**E**ram ainda os três primeiros meses de adaptação a Porto Alegre e ganhamos uma promoção de uma marca de uísque para um jantar em uma churrasceria com direito a motorista e convidados, a única determinação contratual era que só poderíamos beber uísque da marca que nos premiara – nada de cerveja ou caipirinha, no máximo uma água para acompanhar aquele puro malte que, preciso dizer, não é da melhor qualidade e por isso não citarei nomes. Estávamos eu e minha esposa de um lado da mesa, uma cantora momentaneamente famosa com o namorado no outro lado, e entre nós havia as deliciosas curvas da cantidinha e algumas garrafas daquele uísque nacional de terceira categoria. Começamos os tróbalos.

As bebidas destiladas têm a capacidade de nos transformar em pessoas boas, depois muito boas, e depois boníssimas. Então, como em um *plur* *tró* de um seriado americano, transformamo-nos em pessoas diferentes, algo exuberantes, poaquissimos respeitossos e, quando percebermos, somos as melhores pessoas do ambiente. Fosse a falar alto demais e a jogar charme para todas as pessoas do restaurante, seja a mulher da mesa ao lado ou o garçon que trazia novas doses de uísque. Quando estava irresistível, fago um desenho com minhas subcavalhas, uma se levanta e a outra se abacia, emulando um Francisco Cuoco só que sem a fama nem o dinheiro. A mulher da mesa ao lado me ignorava, é claro, e minha esposa claramente percebeu-me como o galã fracassado que sou, portanto ignorava.

Foi estranhíssimo quando pedi um cigarro para a mulher da mesa ao lado, visto que não fumo nem nunca fumei. Acendi o cigarro e comeci imediatamente a tossir, a ficar vermelho e a imitar um poeta tuberculoso, elegantemente protegendo a boca com o guardanapo de pano do restaurante. Foi quando avistei Luis Fernando Verissimo entrando com sua esposa e amigos no restaurante. Um dos textos que mais admira, um das pessoas mais retidas da

**QUANDO AVISTEI LUIS FERNANDO VERISSIMO, ACHEI POR BEM IR FALAR COM ELE, DEPOIS DE OITO DOSES. TESTEMUNHAS CONTAM QUE FUI UM TANTO INCONVENIENTE, ELOGIANDO SEUS LIVROS ALTO DEMAIS.**

literatura mundial e achei por bem ir falar com ele, depois de oito doses de uísque barato. Testemunhas contam que fui um tanto inconveniente, elogiando seus livros alto demais. Por alguma razão, confundi pai e filho e gritei: "O Tempo e o Vento é maravilhoso! Como foi escrever esta obra?". Lembro do Verissimo falando apenas um "pês e, pês e", enquanto se afastava com amigos.

Foi então que voltei para minha mesa e adormeci. Minha cabeça apoiada no meu braço direito, que servia de travesseiro. Na mão, um cigarro apagado que mal fumei. A noite teve ainda um fim. Foi então, neste momento, que a mulher da mesa ao lado não tinha mais como me ignorar, porque seus sapatos estavam sujos de uísque e limbo de punco. Cheguei em casa de alguma forma, demorei três dias para me recuperar, fui persona non grata na churrasceria por anos, nunca mais fui ganhador nenhuma na vida, jamais aprendi a fumar, nem pretendo. E foi o uísque desde então. Alguns amigos me perguntam o motivo. Está aí a explicação.

NESTA EDIÇÃO:

GABRIEL DUARTE

Reportagem  
gabriel@duarte.com.br

RICARDO WOLFFENBÜTTEL

Editor de Conteúdo  
ricardo@nos.com.br

LEONARDO THOMÉ

Reportagem  
leonardo@thome.com.br

ALINE FIALHO

Editora de Conteúdo  
aline@fialho.com.br

MARCO FAVERO

Reportagem  
marco@favero.com.br

KARINA SILVEIRA

Reportagem  
karina@silveira.com.br

JULIA PITTMAN

Editora  
julia@pittman.com.br

EMERSON GASPARI

Reportagem  
emerson@gaspari.com.br



EDIÇÃO NOSSA VERSÃO DIGITAL  
diarioctarinense.com.br/nos

# QUEBRA-CABEÇA INCOMPLETO

**FAMÍLIA, AMIGOS E ATIVISTAS LGBT**  
cobram respostas para a morte  
de Jenni, transexual assassinada a  
pauladas no Norte da Ilha

**GABRIELE DUARTE E LEONARDO THOMÉ**  
gabrielle.duarte@paulista.terra.com.br e  
leone@terra.com.br

**J**ennifer Celia Henriques, 37 anos, conferia a roupa e a maquiagem no espelho. O relógio ainda não marcava 17h e ela se preparava para sair. As paredes cor-de-rosa do quarto em que vivia no bairro do Santinho, em Florianópolis, ainda testemunharam aquele que seria o último adejo materno.

— Não vi, pelo amor de Deus, meu filho — disse Celia Silva Canteria, 75 anos.

O coração de mãe, mais inquieto do que de costume com os passivos da caçula, deu um alarido. Jenni, como era conhecida, então, tentou acalmá-la. Achou que se ficasse tarde, dormiria na casa da amiga. Naquela quinta-feira, 9 de março, ela havia seguido a rotina. Vendeu produtos de beleza de uma multinacional de cosméticos. Retornou para casa lotérica pagando boletos do trabalho. Ao retornar para casa, contou que uma amiga a chamara para jantar. Isso aconteceu com frequência, confirma Celia, que mesmo assim sentiu que a filha des-sa vez não deveria sair.

Jenni deixou a casa e seguiu a pé pela estrada Ve-reador Otávio Lemos. Vestiu um short azul, uma blusa vermelha e sandálias. Dentro da bolsa, tam-bém vermelha, carregava dinheiro trocado entre R\$ 15 e R\$ 20 e o chave de casa.

O celular, que havia “custado caro”, ficou em ca-sa para evitar roubo. No caminho a pé, houve quem cruzasse com Jenni e reconhecesse, em troca, calmosos cumprimentos, abraços e beijos, além de votos das mães variadas. Gestos característicos da maneirinha que nasceu e se criou no Santinho. Após caminhar um tanto, pegou curvas até o centro de lésbicas. Era fim de tarde quando ela deixou o carro.

Nas primeiras horas da madrugada, a transsexual seria assassinada a pauladas em um prédio em construção no final da Servidão Paraíso dos Ingleses, uma transversal da rodovia SC-403, no mesmo bairro. Isso é tudo o que a família e os amigos sabem sobre os últimos momentos de Jenni. Todos só teriam notícia dela na manhã seguinte, quando o corpo foi localizado. Os primeiros operários que che-garam para o trabalho encontraram a transexual com o rosto desfigurado pelo espasmo tenso.

— Quando dormia na casa de amiga, ela sempre voltava às 8h, 9h. Eu acordava às 6h. Foi no mercado. Fiquei suspensa. Oito e pouco, uma amiga telefo-nou, antes de eu falar eu comecei a chorar. Ali eu sa-bia que tinham matado o meu filho. Por que fizeram isso com o meu filho? — questiona Celia, arreada com a morte do único da prole que ainda vivia de-baixo do mesmo teto que ch.



4 ANOS O MÃO-GUBERNHE  
SARNEY E DOMINGU  
13 DE SETEMBRO DE 2017

Jenni era a mais nova de seis irmãs, filhas de Célia e do pescador aposentado Otávio Alvares Henriques, 75 anos. A casa, ouve-se da família e percebe-se no ambiente, agora ficou vazia. O choro e os soluços de Célia e Otávio interrompem a todo momento. Qualquer coisa é motivo para lembrar da filha. Uma dor, dia a dia, que só vai passar quando os responsáveis pelo assassinato forem identificados.

A Polícia Civil, sob o comando do delegado Eduardo Matos, da 1ª Delegacia de Polícia (DP), mapeou os prováveis últimos contatos que existiram com a vítima viva. Ele diz que várias imagens foram recolhidas e estão em análise em busca de pistas para montar o quebra-cabeça do crime. Uma câmera em uma das casas do entorno pode ser o caminho para o equipe identificar a autoria do assassinato. Esse material já foi recolhido e está em análise.

— Hoje (quarta-feira) ficamos a tarde inteira atrás de imagens. No local fazemos uma análise prévia e se não houver nada, já descartamos. Mesmo assim, em muitos casos, ainda coletamos o material para outra equipe analisar com mais calma. Temos várias imagens. Temos os prováveis últimos contatos. Está andando Daniqi e posso surgir uma informação nova que nos ajude — diz o delegado.

No local do crime, foram encontrados dois pedaços de puu, provavelmente usados para bater na vítima. Para o delegado, a presença dupla da arma é suficiente para garantir que pelo menos duas pessoas agiram no assassinio. As agressões foram na região da cabeça e no pescoço.

Por enquanto, Matos não fala em possíveis suspeitos. Evita tecer comentários mais detalhados sob a justificativa de que podem prejudicar as investigações.

Um vizinho do prédio em construção que foi cenário do homicídio conta que por volta de 04h30min daquela madrugada, enquanto assistia a um filme, ouviu barulhos que teriam vindo do final da rua onde ocorreu o crime. Ele fala em um "grito rápido". O rapaz saiu para ver e o que viu, mas não demora a voltar novamente. Outra incerteza da investigação é sobre como os autores e Jenni chegaram ao cantinho de obra no final da servidão, se caminhando ou em algum tipo de veículo.

Jenni havia registrado dois boletins de ocorrência (BO) em delegacia de Florianópolis com relatos de ameaça, injúria e agressões. Os casos aconteceram em maio de 2015 e novembro de 2016. No mais recente, o registro feito por Jenni tinha como alvo o mesmo homem que formalizou um BO contra ela cerca de 45 dias antes, em outubro de 2016. Os fatos geraram um termo circunstanciado em que as partes formalizaram um acordo de conciliação. Amigos da transação dizem que a vítima sofrendo recentemente ameaças motivadas por preconceito e intolerância.

A Polícia Civil não descarta essa hipótese, mas evita comentar qual a linha de investigação é mais consistente. O fato de a atual responsável pela investigação considerar a possibilidade vai no contramão da afirmação do delegado Edson Matos, titular da Delegacia de Homicídios. Ele afirmou, horas após o corpo de Jenni ter sido encontrado, que a motivação do crime se trata de "uma simples mal-entendido".

A fala do até então responsável pelo caso gerou tanta repercussão que o delegado foi afastado oficialmente no segunda-feira. No lugar dele, assumiu Matos, que já vinha cuidando de outros 20 homicídios no registro. O policial aguarda agora a entrega de laudos periciais produzidos pelo Instituto Geral de Perícias (IGP). O órgão conclui na sexta-feira o laudo de necropsia que vai determinar as causas mecânicas da morte. O documento será encaminhado diretamente para Matos.

Jennifer Célia Henrique era uma mulher com pênis. Desde os oito anos, identificava-se como menina. Mais tarde, para reforçar o gênero feminino, passou a usar saia, salto alto, bolsa e batom. Havia entrado na justiça para alterar o nome João Geraldo Henrique, que ainda constava nos documentos. Também aguardava o processo para fazer a cirurgia de redesignação sexual, mas não viveu para concretizar nenhum dos dois desejos.

Ainda pequena, o cabelo lizo de cachos encaracolados e corpo esguio não se sentia o mesmo que os pais encaravam. Gostava de brincadeiras, tinha modos, maneiros e piros que ligam ao tradicional. A mãe, Célia, revela que desde os primeiros anos na escola, Jenni "sempre foi mais menina do que menino". Quando a pequena completou dois anos, a mãe passou a perceber melhor o gênero de filha.

“  
Ataques  
contra  
mulheres  
e contra  
pessoas  
transgênero vêm se  
intensificando muito.  
Acho que isso revela  
que, nessa crise que  
vivemos no Brasil, não  
há só conflitos entre  
concepções partidárias  
ou entre projetos  
na economia e nas  
políticas sociais; há  
um profundo pânico  
na cultura patriarcal.  
Ela se sente ameaçada,  
reage com truculência  
irracional e encontra  
apoio em segmentos da  
população com sede de  
fascismo. Fico pensando  
que prender e punir os  
indivíduos responsáveis  
fuz muito pouco em  
relação ao sentimento  
de ódio e desumanização  
que está grassando,  
crescendo como uma  
infecção.”



LAERTE COUTINHO,  
JORNALISTA E ATIVISTA LGBT

O começo foi difícil, admite. A septuagena não se conformava em ver seu filho se comportar como menina. Ela justifica essa resistência pela maneira com que foi criada, em outra época. A mãe nunca conseguiu chamá-la de Jenni. Era mãe. Adorava a filha.

— Hoje vezes, na adolescência do menino, que amigos e amigos a procuraram em casa chamando por Jenni. Uma Célia colocava as vitrines para correr e dizia: "Aqui não tem ninguém com esse nome". Com o tempo, porém, o amor de mãe falou mais alto e Célia passou a respeitar as particularidades da filha.

— No colégio, desde pequenininha, ele só brincava com meninas. Sempre se mostrou menina, nunca homem. De começo, eu não aceitava muito, mas depois entendi. Ele ia para o colégio, e as professoras já falavam isso. Em casa, ele também brincava só com meninas. Quando ao não estava, ele usava roupas de menina. Eu não sabia, mas depois outras filhas me contaram. Isso estava dentro dele — relata Célia.

Não érica de estudante, pelo menos para a mãe, ele não ficou preconceito na escola. Depois que Jenni cresceu, isso mudou. Xingamentos eram comuns, mesmo com a indiferença às ofensas. Para a família, ela não contava sobre as vezes em que era vítima de preconceito e intolerância. Pessoas próximas acreditam que fazia isso para não preocupar a família. O pai e Otávio também não chamavam a filha por Jennifer. Com estilo reservado, ele e a caçula eram "simpliciter" em casa. Quando Célia chegou após as facinas de Jenni e levou o doído aos médicos para verificar o trabalho, o pescador chamou a atenção da esposa:

— Não briga que ele deixou tudo limpo — dizia.

A pândica, cujo quantiano ainda vai ser checada pela perícia e encaminhado ao inquérito aberto na 10ª DP de Florianópolis para apurar as circunstâncias da morte de Jennifer, não impediu que ela visse como mulher até 10 de março de 2017. Preconceito, talvez. Essa é a hipótese levantada por pelo menos 70 pessoas, entre amigos e familiares de Jenni que participaram de uma manifestação logo após o sepultamento, no sábado passado.

— Acredito que foi crime de ódio. Primeiro, pela maneira como ela foi assassinada, com requintes de crueldade. Segundo, porque tentar desfigurar é um modo de menosprezar a pessoa. E, por último, o descarte do corpo, demonstrando a pouca importância por Jenni — afirma a amiga Juice da Rosa Silveira, 45 anos.

Ex-presidente do Conselho de Mulheres de Florianópolis, a mulher trans Kelly Vieira, que atualmente é ativista da organização Estrela Guia, atribui a culpa à sociedade, que considerava transfóbica, misógena, patriarcalista e patriarcal.

— Nós somos tratadas como personagens fictícias que não têm direito à vida. Nem a amar, porque o número não é um lugar possível para as trans. O corpo da mulher trans é visto como objeto sexual, plástico, alvo de crimes passionais e dolosos pelo gênero de gênero. A lei não entende a pluralidade de mulheres e nós ficamos expostas. A Jenni era conhecida, e não era a genitália que afirmava quem ela era socialmente — desabafo.

Além do assassinato de Jenni, em Santa Catarina, só neste ano houve dois homicídios contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgênero (LGBT). Dois homens gays foram espancados até a morte: Telmo Vieira de Souza, professor de Camboriú, e Alessandro Luiz Ferreira de Araújo.

Dado o reconhecimento social, principalmente na comunidade do Sumbino, no Norte da Ilha, o presidente da Comissão de Direitos Humanos e Gênero da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Santa Catarina, Margareth Moraes, acredita que Jennifer deveria ser atendida desde o início pela 10ª DP da Capital, especializada na atenção à criança, ao adolescente, ao idoso e à mulher. Na visão da advogada, isso deveria bastar para que ela fosse vista como mulher trans — e não como homem cisgênero — pelos policiais. Portanto, receber proteção e ser investigados os casos relatados em dois BOs, que foram classificados como injúria e difamação. A designação "homo-fobia" — que não contempla a condição de gênero de Jennifer, mas que é a que mais se aproxima — é considerada "fato atípico" pela Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina, comparável a ocorrência como morte acidental, morte aparentemente natural, perda de documentos ou objetos.

— Essa foi a minha orientação. Inclusive em dezembro, quando foi a última vez que vi Jennifer, na Sociedade Esportiva

de Recuperação, Trabalho e Educação (Berto). Ela me disse que tinha alguém que a odiava porque ela era quem ela era. Então, eu insisti que ela deixasse claro no relatório do BO que se sentia vítima de transfobia (preconceito contra pessoas trans). Porque é preciso mostrar todos os serviços para esse segmento (identidade de gênero), inclusive os mais antigos, que devem compreender e registrar essas pessoas e oferecer pelo menos social, e entender a gravidade dessas situações — defende.

Uma das titulares da DP, no entanto, a delegada Juliana Gomes, tem visão diferente. A policial leva em consideração a necessidade de Jennifer ter sexo feminino no registro civil (que seria alterado caso a mudança de nome fosse levada ao fim) para, então, ser contemplada pela delegacia especializada.

— Ela era um homem, não uma mulher. Se o BO, que é o que a gente leva em consideração, era em nome masculino, provavelmente (o BO) foi desqualificado para a DP da área — afirma.

O diretor de Polícia da Grande Florianópolis, Vovêl Pinheiro, por sua vez, leva em consideração a vulnerabilidade da vítima que expressa um gênero oposto ao do momento do nascimento. O delegado ainda diz que a investigação deve ser mais abrangente entre as unidades.

— Não há uma diretriz específica para crime de gênero. Hoje, a princípio, qualquer delegacia deve apurar essa situação. E os BOs servem como orientações para apontar um possível autor — argumenta.

Em 28 de novembro do ano passado, a Secretaria de Segurança Pública publicou no Diário Oficial do Estado a resolução nº 003/2016, que estabelece os compromissos do governo estadual no enfrentamento das causas e das vítimas da violência contra a população LGBT. O texto baseia-se nas diretrizes dos Sistemas de Justiça, Segurança Pública e Combate à Violência, que foram aprovadas na Plenária Final da II Conferência Nacional LGBT. Na proposta, a Coordenadoria das Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher, Criança, Adolescente e Idoso em Santa Catarina passou a denominar-se Coordenadoria das Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher, Criança, Adolescente e Idoso, e de Políticas Públicas voltadas ao Atendimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transvestis e Transsexuais (DPCAMI) após a publicação.

Questionada sobre a competência do órgão que comanda, a coordenadora das delegacias especializadas em Santa Catarina, delegada Patrícia Zimmermann, afirma que a legislação que ampara a população LGBT é pouco específica e que, por esse motivo, o atendimento não necessariamente é uma atribuição das DPCAMIs no Estado.

— Tanto na Academia, na formação dos policiais, quanto nas capacitações, a gente tem insistido com todos os policiais não só da DPCAMI, que instiram a categoria do nome social e quanto à intolerância de gênero, que instiram a homofobia também. Não precisamos desse recurso estatístico urgentemente. Mas com relação ao atendimento, a lei ainda não tem nada muito claro. E a DPCAMI atende às mulheres vítimas, não fala em mulheres trans. Temos discutido isso internamente entre os delegados e tentamos organizar um encontro para conversar mais abertamente sobre isso. Mas como é uma população para quem a legislação é muito branda, elas ficam fragilizadas — reconhece.

A mesma falta de consenso existente nas delegacias em relação à competência dos casos envolvendo a população LGBT repete-se no Judiciário. Sancionada há dois anos, a lei 11.104/2016, que altera o Código Penal para prever o feminicídio como um tipo de homicídio qualificado e, então, incluído no rol das crimes hediondos, não menciona diretamente as mulheres trans. Em compensação, o texto da lei não é inclusivo, se considera a identidade de gênero da pessoa, conforme explica a advogada criminalista Daniela Fekke.

— A caracterização do feminicídio se dá quando a vítima mulher é morta em razão do laço doméstico ou da sua condição de gênero feminino.

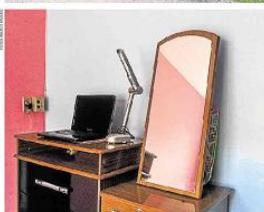
Danieli leva em consideração a misoginia, que é o ódio contra mulheres. A linha ponderada da professora de Direitos Humanos da Geacis e com relação à motivação do crime.

— Se uma transsexual fosse morta por ser mulher, penso que poderia ser enquadrado no feminicídio, mas não coberta se a morte se deu por razões de transfobia.

As vítimas contra a população LGBT, contudo, não são criminalizadas, ainda que o projeto de lei nº 122/2006 tramite há 11 anos no Congresso Nacional. Apesar de entregar na penalização a saída para as famílias dessas pessoas da sociedade, a defensora pública de Santa Catarina, Fernanda Mamberti Ru-



Jennifer em uma fotografia guardada pela família. Ela está de fora do quarto, na casa dos pais. O local presume-se onde o crime ocorreu e na cidade, uma mensagem de protesto gravada por amigos.



#### A CADA

### 21 HORAS

há em todo o mundo segundo o Relatório Nacional Trans Murder Monitor Project.

#### EM 2017

### 25 MULHERES TRANS

já foram mortas no Brasil, sendo a maioria por trans, lésbicas ou equitransexuais, segundo a Rede Trans Brasil.

#### EM 2016

### 343 PESSOAS

são comunitários LGBT foram assassinados no Brasil em 2016, conforme o Grupo de Trabalho.

175 transexuais	(51%)
144 trans	(42%)
10 lésbicas	(3%)
2 travestis	(1%)

#### 6

### deceus 345

mulheres trans foram mortas em Santa Catarina em 2017, já são três casos em cidade. Além do assassinato de Jennifer, há dois homicídios. Os nomes gays foram mencionados até a morte: João Vinícius de Sousa, professor de Geografia, e o jornalista Luiz Ferraes, de Itaipó.

#### EM SANTA

### CATARINA,

### 20 A 30

### PESSOAS TRANS

moram atualmente, estima a União Nacional LGBT.

6 NGS  
 SÉRIE LAMBELEDO,  
 SÁBADO E DOMINGO,  
 18 E 19 DE MARÇO DE 2017

“

*Quando dormia na casa de amigas, ela sempre voltava às 8h, 9h. Eu acordei às 6h. Fui no mercado. Fiquei esperando. Oito e pouco, uma amiga telefonou, antes dela falar, eu comecei a chorar. Ali eu sabia que tinham matado o meu filho. Por que fizeram isso com o meu filho?*

**CELIA SILVA GUATERIO,**  
 mãe do avião

dólx, endossa a ideia de que as mulheres trans devam ser contempladas pela lei do feminicídio. Em justificativa, a especialista em Direito Penal e Processual Penal apoiou-se na lei que leva o nome da coarctada Maria da Penha.

— Embora o texto do Código Penal inicialmente referisse “à mulher por questões do sexo feminino”, logo em seguida tem a especificação, tratando da violência doméstica e familiar, e também do “menosprezo ou discriminação à condição de ser mulher”. Então, não se restringe mais ao sexo feminino, mas à condição de mulher, que pode ser de alguém que já nasceu com o sexo feminino ou alguém do sexo masculino, mas do gênero feminino. Isso já era aplicado em muitos casos para conferir medida protetiva para mulheres trans. Agora só se fez essa transferência para o feminicídio, que poderia ter sido mais clara e ter especificado também as transexuais como vítimas possíveis — afirma.

Em outubro de 2016, a 3ª Vara do Juri do Foro da Capital do Tribunal de Justiça de São Paulo foi pioneira no país ao aceitar denúncia de feminicídio, oferecida pelo Ministério Público (MP-SP), contra Luiz Henrique Macedo dos Santos, acusado de ter estrangulado, esfaqueado até a morte e ocultado em um terreno baldio o cadáver da companheira, citada como Michelle, de nome civil Miguel do Monte, com quem morava há 10 anos.

— Inegavelmente, a vítima se comportava como mulher, até mesmo com nome social de reconhecimento notório, mantendo relação amorosa com um homem, utilizando vestes e cabelos femininos, além de já ter realizado procedimentos cirúrgicos para adequação do corpo, como a manipulação de silicone nos seios (...). Doutrinadores entendem que qualquer pessoa ligada ao gênero feminino, inclusive transexuais, podem ser vítimas de violência de gênero e, portanto, de feminicídio — justifica o promotor Flávio Farinópolis Lanza na denúncia.

O caso criou jurisprudência para contemplar as mulhe-



Orlando e Celia com o retrato de Jenni; a casa ficou vazia depois da morte da filha

res trans na lei do feminicídio, mas o entendimento ainda segue de responsabilidade de cada promotor e de cada juiz.

**N**o quarto onde Jenni dormia na casa dos pais tudo está como naquela quinta-feira, véspera do homicídio. Os urubins de polícia continuam em cima do guarda-roupa. Uma imagem de Padre Reus, sacerdote alemão que viveu e morreu no Rio Grande do Sul, ornamenta a estante. A cama segue impecável, como Jenni gostava de deixar a casa nas faxinas que fazia sob a supervisão atenta da mãe.

— Ele era muito caprichoso — lembra Celia.

Amiga desde que veio morar em Florianópolis, há 21 anos, Alice Silveira é uma das pessoas da comunidade do norte da Ilha que está mobilizada em busca de respostas para o assassinato de Jenni. Ela também está preocupada em preservar a memória da vítima.

Algumas frases que Jenni adorava proferir não saem da lembrança. “A vida é uma festa” e “quem gosta de mim, gosta, quem não gosta, beijinho” eram citadas com frequência pela marceлина.

— Ela era uma figura do Samba, Inglês, Rio Vermelho, norte da Ilha e da cidade. Uma figura carismática. Toda comunidade está revolta com a morte dela. Queremos justiça. Queremos os culpados na cadeia. Porque a Jenni não vai ser esquecida — fala Joice, chocada com a violência dos golpes que atingiram a amiga.

— O intento era desfigurar. E tudo leva a crer que foi feito de um modo premeditado, que queriam pagar ela — opina, ao lado de Celia, e junto de alguns dos 17 netos e oito bisnetos dos pais de Jenni.

E assim a família e os amigos de Jenni aguardam respostas pelo assassinato. Esperam com um sofrimento que grita. Que cobra explicações, que não entende por que nutram com tanta bondade uma pessoa tão alegre.

NS

**FUTEBOL**  
**O MOTOR DA CHAPECOENSE NO ESTADUAL**

Atacante Rossi (foto) é um dos destaques do líder do retorno.

Esporte | 58



**FUTSAL**  
**LIGA NACIONAL ABRE AMANHÃ COM 5 EQUIPES CATARINENSES**







Esporte | 36 e 37

**DC**

DIÁRIO CATARINENSE

SANTA CATARINA  
ANO 52 Nº 11.218  
TERÇA-FEIRA 28 MARÇO 2017  
R\$ 2,50

**TERÇA-FEIRA**  
28 DE MARÇO DE 2017

## SC tem a 2ª maior perda de leitos pediátricos do país

Estado fechou 584 vagas em hospitais públicos e privados em seis anos, o equivalente a 34%. Sergipe lidera ranking negativo

Sua Vida | 22



## VISITA SILENCIOSA

A presidente do STF, ministra Cármen Lúcia, cumpre agenda em Santa Catarina, participa de homenagem a Teori Zavascki (foto) e causa frustração ao não conversar com a imprensa.

Notícias | 12

**CARNE FRACA**  
**FRIGORÍFICO DEMITE 177 FUNCIONÁRIOS EM JARAGUÁ**

Empresa investigada pela Polícia Federal está interditada há 10 dias

Notícias | 8 e 9

**SEGURANÇA PÚBLICA**  
**SUSPEITO DE HOMICÍDIO NO MERCADO PÚBLICO É PRESO**

Investigação indica irmão de Iverson da Costeira como mandante do crime

Notícias | 34

**MEIO AMBIENTE**  
**VALOR DE MUITAS AUMENTA CINCO VEZES NA PESCA DE SC**

Um dos motivos é a nova lista de peixes ameaçados de extinção

Notícias | 6 e 7

## Suspeito de homicídio no Mercado Público de Governador Celso Ramos é preso

**DANILO DE SOUZA**, irmão do traficante Neném da Costeira, teria mandado matar Vilmar de Souza, assassinado no início do mês no Centro da Capital

**DIÁRIO CATARINENSE**  
dso@diariocat.com.br

A Polícia Civil prendeu na tarde de ontem Danilo de Souza, irmão do traficante Sérgio de Souza, o Neném da Costeira. Ele teve a prisão temporária decretada por 30 dias, suspeito de ser o mandante do assassinato de Vilmar de Souza Filho, o Anônimo, 29 anos, morto a tiros na frente do Mercado Público em 3 de março.

A prisão foi confirmada pelo diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, delegado Vovô Parlaento, em razão de investigação da Delegacia de Homicídios. Os investigadores ainda não deram mais detalhes da ação. Danilo foi preso no Itaipava e, em seguida, ouvido na delegacia. Depois foi encaminhado ao presídio.

A reportagem apurou que a morte de Juninho pode estar ligada a um outro assassinato em Florianópolis a execução a tiros de Valdeir de Souza, o Nino, 44, em um posto de combustíveis da Costeira, em outubro de 2016. Nino era irmão de Danilo de Souza e de Neném da Costeira. Segundo polícia civil, Juninho não era investigado pelo crime, e teria apenas uma relação de amizade com um dos suspeitos autores do crime.

O advogado criminalista Francisco Ferreira, que atua na defesa de Danilo, acompanhou o depoimento e disse que o suspeito nega o crime. O defensor estranhou a forma como foi decretada a prisão, pois "não há prova concreta, a não ser o famoso 'umí disse'".

Embora seja apontado pela polícia como mandante, e não o autor dos tiros no local do crime, o advogado explicou que o suspeito estava trabalhando no momento do homicídio como vendedor em uma empresa. Francisco vai entrar com pedido de revogação da prisão na Vara do Juiz da Capital. A prisão foi decretada pelo juiz Marcelo Volpato. A polícia continua a apuração do crime e mais prisões podem ocorrer.

### ACUSADO DE OUTRA MORTE

Daniilo de Souza também é acusado de ser o mandante de outro assassinato em Florianópolis, a morte a tiros de Tiago Cleidson, o Calcinha, na Costeira. Mesmo assim, ele estava em liberdade mediante o cumprimento de medidas cautelares como ficar longe de testemunhas, manter endereço fixo e se apresentar em juízo a cada 15 dias. A vítima foi executada em 2 de abril de 2016 e a polícia

**DIÁRIO CATARINENSE**  
dso@diariocat.com.br

Foto de 4 de março mostrou os detalhes do assassinato de Vilmar de Souza, morto com atirador oculto a tiros de dentro do Mercado Público da Capital.



### Fração já é réu por matar agente é transferido

A Justiça transferiu o julgamento de Rudinei Ribeiro do Prado, sexto acusado da morte do agente penitenciário Dócio Alves em São José, na Grande Florianópolis, matado por bojo, o juri popular foi resguardado para 19 de maio. O réu é o único dos acusados do crime ocorrido em 26 de outubro de 2012 que ainda não foi julgado. Rudinei foi um dos fundadores e líderes do Primeiro Grupo Catarinense.

### MAUS-TRATOS

## Policiais flagram farra do boi em Governador Celso Ramos

A três semanas da Páscoa, a Polícia Militar começa a registrar ocorrências de farra do boi em Governador Celso Ramos, cidade considerada um dos principais redutos de faristas em Santa Catarina. Na madrugada de ontem, policiais encontraram um boi sem brinco de identificação, com sinais de cansaço e agitado.

A farra ocorreu por volta de 10h30min em Itaipava, quando seis policiais foram flagrados cercando o animal. Segundo a corporação, o grupo percebeu a chegada da polícia e fugiu. O animal foi capturado em um posto e recolhido por técnicos da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de SC.

O comandante da 1ª Região do PAM, coronel Araújo Gomes, explica que há dificuldade em prender os faristas porque a prática

ocorre em lugares mais afastados, o comissário pede que a comunidade denuncie pelo número 190 e envie imagens que ajudem na identificação dos envolvidos.

O trabalho educativo contra a farra na cidade conta com palestras e reuniões em escolas. A prevenção também é feita por PMS do setor de inteligência, harinas e operações. O Ióssulo construiu um harinar e um canilão para ajudar na remoção dos bojos que ficam presos.

— A PMS vem atendendo aos chamados com operações e intervenções de madrugada como esta última, mas nem sempre as farras estão sendo realizadas em locais comunitários, o que traz dificuldade, — diz Gomes.

A farra do boi é crime, com pena que vai de três meses a um ano de detenção.

### Criciema | Jovem morre em brincadeira com arma

A 16-sentença Ana Julia Clemente, 15 anos, morreu ferida na tarde de domingo enquanto brincava com um revólver calibre 38 em Criciema. Em depoimento à polícia, um amigo que estava com a vítima disse que ela teria começado a fazer cartuchos de atira contra a própria cabeça. Em uma delas, a arma disparou. Para o delegado Rudinei Russo, é preciso copiar a investigação para saber o causa do crime.



## COMUNICADO DE RECALL FORD EDGE MODELOS 2016 E 2017

Ford Company Brazil Lda, comunica suas consumidoras para atender à presente Campanha de Recall dos veículos Edge modelos 2016 e 2017, com final de chassis abaixo relacionados:

MODELOS	CHASSIS (8 dígitos digitais)	DATA DE PRODUÇÃO
2016	8B800136 e 8B8146293	8 de outubro de 2015 a 10 de fevereiro de 2017
2017	H8800014 e H88140151	

Componente envolvido: air bag frontal de inércia.

Riscos: Mortais: veículos no processo de produção do modelo de air bag frontal da inércia podem apresentar o mal funcionamento do mecanismo.

Riscos: em eventual colisão do veículo, o air bag frontal da inércia pode não inflar totalmente ou se desprender de sua base, aumentando o risco de lesões físicas ao motorista.

Solução: substituição gratuita do sistema de air bag frontal de inércia.

Tempo previsto de reparo: aproximadamente 30 (trinta) minutos, podendo ocorrer variações conforme o fluxo de atendimento do Distribuidor Ford no momento da solicitação do serviço.

Data de início de atendimento: 24 de abril de 2017.

Apresentando: consulte o Centro de Atendimento Ford (CAF) pelo telefone 0800 783 7873 ou um Distribuidor Ford de sua preferência para verificar se seu veículo está envolvido nesta campanha.

Caso confirmado, será garantida a instalação gratuita do reparo.

A Ford destaca a importância do atendimento e esta convocação.

Este anúncio também está disponível no site [www.ford.com.br](http://www.ford.com.br)

Na cidade, somos todos pedestres.



Modelo não aprovado para venda no Brasil

## Justiça nega recurso de jovem que matou estudante na Fields

**LEONARDO PEREIRA RECURREU** da pena de 16 anos pela morte de Diogo Cuiabano de Medeiros na casa noturna do Centro de Florianópolis

O Tribunal de Justiça de Santa Catarina negou ontem o recurso de Leonardo dos Passos Pereira, 21 anos, condenado a 16 anos de prisão pela morte do universitário Diogo Cuiabano de Medeiros após um desentendimento no banheiro da boate Fields, casa noturna localizada no Centro de Florianópolis. Ontem o crime completou dois anos.

A decisão foi unânime dos desembargadores Moacyr de Moraes Lima Filho, Errani Ciochetin de Almeida e Leopoldo Augusto Britagaram.

Além de negar o recurso, eles determinaram que o réu seja intimado para que inicie a execução provisória da pena. Já suspenda o prisão cautelar.

A definição pública de Leonardo, Fernando Mamberti Rudolfo, vai recorrer da decisão. Ela explica que foi pedida a nulidade da sessão que condenou o réu a 16 anos de prisão por uso de provas

indevidas, como vídeos e conversas de WhatsApp.

Fernando também pediu o afastamento dos qualificadores, que são fatores fúteis e recursos que impedem a defesa da vítima. Fernando salienta que não está respondendo a autoria do crime.

Diogo Cuiabano de Medeiros foi atingido com um copo no pescoço no banheiro da boate Fields, em março de 2015. O jovem de 26 anos morreu no local.

Leonardo está preso e continuará cumprindo a pena em regime fechado.

Na sentença, o juiz destacou a conduta repressiva do réu e a embriaguez dele na casa noturna movimentada.

— A gente esperava a condenação, mas não teve vitória. Se ele pagasse cinco, dez, 15, 20 ou prisão perpétua eu já não desistia porque não vai mudar o que aconteceu com a minha família — disse, na época do julgamento, Flávia Cuiabano, mãe de Diogo.



### DEBASCADO

No dia 30 de março de 2015, a 161ª metralha que atacou o almirante português de Diogo com um copo de vinho quebrou-se. Segundo um servidor da casa noturna, os dois bebiam e desentendiado a partir do momento em que se estabeleceram contra o ambiente.



### Florianópolis | Homem é assassinado com 11 tiros

Um homem foi morto com 11 tiros na noite de segunda-feira no Capital. O crime aconteceu no bairro Caloinha, região continental da cidade. Segundo o delegado Enio Martos, o assassinato foi uma execução. A vítima é Rêtor Alexandre dos Santos, 28 anos, natural do Palmital (PR). Os criminosos chegaram em um carro e atiraram no homem, que estava numa posse furtada. De acordo com Martos, o crime "possivelmente tenha envolvido com o tráfico de drogas". Policiais suspeitam que os bandidos estão em uma Duster da cor branca furtada pela manhã no bairro Capoeiras. Foram disparados no local pelo menos 17 tiros de pistola. Ninguém foi preso.

### Piçarras | Casa de delegado é atacada com oito disparos

As menos oito tiros foram disparados contra a fachada da casa do delegado Rodolfo Farias Vakelet Filho em Balneário Piçarras, no Litoral Norte. O atentado aconteceu na noite deste segunda-feira e não deixou feridas. Os policiais civis da região estão em alerta diante da possibilidade de novos ataques. O delegado Farias está afastado de suas atividades desde janeiro desse ano, quando se envolveu em uma briga com vândalos por conta da furtiva de um churrasco. Um homem e uma mulher foram espancados pelo policial e tiveram de ser hospitalizados. O caso ocorreu no dia 8 do primeiro mês do ano.

### Blumenau | Equipamento é furtado de hospital

A ala do Hospital Santo Antônio, em Blumenau, que está em obras, em frente ao pronto-socorro, foi invadida por ladões e furtada na madrugada de ontem. A PM chegou ao crime ao site, quando equipes do hospital comunicaram a invasão. De acordo com a assessoria do Santo Antônio, os ladões passaram pelos tapumes da obra e retiraram as caixas de equipamentos que estão no local aguardando a conclusão do espaço. O hospital notou que estão faltando itens das caixas dos equipamentos de radioterapia da futura ala. Ainda não se sabe exatamente o que foi levado, mas o hospital acredita que são peças de suporte e acessórios. Nenhum dos produtos furtados é radioativo.

PERSONALIDADE DE VENDAS

**ADVB**

SANTA CATARINA

2017 OPERAÇÃO ESPECIAL

# Marketing e Vendas

INDIQUE O NOME DE TRÊS  
PROFISSIONAIS DE MARKETING E  
VENDAS QUE ATUAM EM SC E SE  
DESTACARAM EM 2016.

ETAPA ABERTA AO PÚBLICO  
Receba sua indicação até 02/04/17

advbsc.com.br

Rua Lacerda **ADVB** SC DC  
Bom dia! Boa tarde! Boa noite!

# INVESTIGAÇÃO APONTA LIGAMEN- TOS ENTRE CRIMES EM CRIMES

**DANILO DE SOUZA**, irmão de traficante Neném da Costeira, é acusado pela polícia como mandante de assassinatos em Florianópolis e patrão da venda de drogas no lugar do irmão preso desde 2008



**DOUG VIANAS**  
doug.vianag@diocatarinense.com.br

**A**ssassinatos encenados, atendidos a tiros, ameaças e até uma suposta lista de pessoas marcadas para morrer evidenciam a violência na Costeira do Praiabó. Situada entre o Centro e o aeroporto de Florianópolis, no Sul da Ilha de Santa Catarina, a região apresenta históricos problemas com a violência.

A polícia afirma ter intensificado ações de combate ao crime e, durante a semana, fez prisões importantes. Na sexta-feira, em uma operação da Delegacia de Combate às Drogas (Decod), cinco investigados por tráfico de drogas foram presos e outros seis pessoas que também tiveram prisão decretada são procuradas.

Aparentado como líder do tráfico no bairro, Danilo de Souza, irmão mais novo do traficante Sérgio de Souza, o Neném da Costeira, foi alvo de dois mandados de prisão: um pela investigação do assassinato de Vilmar de Souza Júnior, 29 anos, na frente do Mercado Público, em que figura como mandante do crime, e outro por comandar uma quadrilha de tráfico de drogas no região.

Daniilo está preso desde segunda-feira. Antes disso, respondeu em liberdade por ser apontado pela polícia como mandante de outro assassinato, o de Tiago Cordeiro, o Calorinho, também na Costeira. O advogado de defesa Francisco Ferreira diz que ele nega os crimes e estava trabalhando de carteira assinada no sul da Ilha. Porém, na sexta-feira, o dono da empresa que contrata Daniilo, André Miranda Ferreira, também acabou atrás das grades suspeito de financiar o tráfico de drogas. Por enquanto, a polícia resolve que as investigações sobre os crimes na Costeira estão separadas entre as delegacias de drogas e de homicídios. Os suspeitos ou presos não necessariamente estão envolvidos em mortes ou tráfico ao mesmo tempo. Também não há nenhuma nova

indício que incrimine Neném da Costeira, trancafiado desde 2008, quando foi pegado no Baragani. Boa parte desses anos o criminoso passou em prisão federal e hoje ele está na penitenciária de Porto Velho, em Rondônia.

A defesa de Neném afirma que o preso sofre de uma doença que o fez perder grande parte da visão e que o traficante não deseja mais retornar ao sistema prisional catarinense. O motivo seriam as constantes ameaças de morte de rivais, uma vez que Neném não teria ingressado na facção criminosa que atua no Estado.

## CLIMA DE APREENSÃO RONDA POPULAR

As constantes disputas internas pelo comando das bocas de drogas, o caminho na "lei do crime" e a impiedosa punição em casos de traições permeiam o clima de apreensão no bairro. Denúncias de bandoleiros armados aumentam o medo entre a população. Apenas este ano, dois fuzis foram apreendidos no sul da Ilha.

— Apesar a preocupação também aumenta pela disputa que deve ocorrer pela frente (no comando do tráfico) e as consequências. As pessoas que vivem sob o domínio deles (criminosos) têm medo e não procuram a polícia. Essa realidade é percebida ali desde a época do Neném — explica o delegado Ester Coelho, responsável pela Delegacia de Socos Urukos.

Até sexta-feira, Florianópolis registrou 53 assassinatos neste ano.

## QUE DISSERAM OS PRESOS

O delegado Francisco Ferreira, delegado de Danilo de Souza, afirmou que seu cliente insistiu em ir preso no endereço de prisão, pois detém relacionamento com empresa no ano, não ser amarelo e vínculo de trabalho, e nega envolvimento com o tráfico de drogas.

A advogada de defesa do empresário André, Patrícia Bais (Ingering), disse por telefone que não dará entrevistas sobre o assunto neste primeiro momento. Ela quer se reunir sobre o caso.

A reportagem ainda não conseguiu confirmar os detalhes dos demais presos na lista.

## REDE DE DELITOS

Principal narcotraficante de SC, Neném da Costeira é acusado pela polícia de liderar comércio de drogas na região. Mesmo com ele preso, bairro é marcado por crimes envolvendo a família do traficante

## SÉRGIO DE SOUZA, O NENÉM DA COSTEIRA

**44 anos - Preso**  
Ligado ao traficante Janus Chermes Pinho, Neném tem condenações que somam mais de 40 anos de prisão. Cumpre pena desde 2008, quando foi capturado em Pirajó. Hoje está no presídio federal do Porto Velho (RV). Em 2003, iniciou sua rotina em Florianópolis, que estavam em guerra. Nos 14 meses, foram assassinados cerca de 50 jovens com idades entre 16 e 24 anos.

## DANILO DE SOUZA

**35 anos - Preso**  
Irmão de Neném da Costeira, é acusado de mandar matar Tiago Cordeiro, o Calorinho, e a 3ª filha popular. Responde a esse crime em liberdade até ser preso na segunda-feira suspeito de ordenar a morte de Vilmar de Souza Júnior, o Jurema, 29 anos, sucedido a tiros na frente do Mercado Público da Capital. Em 5 de março, na sexta-feira, a polícia cumpriu um novo mandado de prisão contra ele.

## ASSASSINATO MARCA CARTÃO-POSTAL DE FLORIANÓPOLIS

Edição de 4 de março mostrou o detalhe do homicídio de Vilmar de Souza Júnior, o Jurema. Ele foi atingido por sete tiros ao chegar no Mercado Público de Florianópolis, no meio dia, quando o local recebe centenas de turistas e consumidores. De acordo com a Polícia Civil, a vítima não tinha envolvimento com o tráfico de drogas na Costeira, mas havia registrado balnearios de economia difuminada que sofreu ameaças.



(41) 3216-2904  
Eduardo Lobo Mendes  
julu.fernandes@diariocosta.com.br

(41) 3216-2910  
Fabrício Nardelli  
naldia.kal@diariocosta.com.br

(41) 3216-2917  
Edmar Riquelme  
riquelme@diariocosta.com.br

7  
DÁRIO LAFRANCO,  
SABRÃO CORRÊA,  
31 E 2 DE ABRIL DE 2017

## Apuração durou um ano e quatro meses

A Polícia Civil afirma que os investigados presos na sexta-feira na Costeira são integrantes da principal quadrilha responsável pelo tráfico de drogas no região. De acordo com o delegado Atílio Gualpari Filho, da Decod, além de empresários. Além disso, também foram presos Douglas Coarálho Albino, braço-direito de Danilo, Marcos Antônio Pereira, este no escólio mais abastado que manuseia na internet a droga, e Isonad da Silva, preso em Palhoça.

A investigação durou um ano e quatro meses e é considerada a maior operação contra o tráfico de drogas da Costeira. Seis pessoas estão farragadas. As prisões são temporárias por 30 dias, mas a polícia anunciou em entrevistas coletivas na tarde de sexta que ao final irá pedir a prisão preventiva dos envolvidos.

— A operação buscou desmantelar toda a liderança do tráfico na Costeira. O Danilo, irmão de Neneim, é o número 1, o principal líder — explica o delegado.

A investigação ainda está em andamento e o delegado afirma que o grupo também está envolvido em outros homicídios na Capital.



**IVANIS CHIMENES PRÁDO**

É o responsável dos maiores barões da droga na Região da Sul. Foi preso no Paraguruá em 2010.



**ULLDÉCIO DE SOUZA, O BICHO**

**44 anos - Morto**

Iniciou no leilão da Costeira. Escalado após no mesmo posto durante de Carlos. Logo que tornou matagão de 28 de outubro de 2016.



**TIAGO CORDEIRO, O CALCINAIA**

**26 anos - Morto**

É o gerente do Herdão da Costeira. Morreu após ser ferido em um posto de concessão na Costeira, em 2 de abril de 2015. Em 2010, foi preso com o nome no Paraguruá.



## “Danilo herdou o posto do irmão no tráfico”

### ENTREVISTA

**ATÍLIO GUALPARI FILHO,**  
Delegado

**Quem são os principais presos na sexta?**  
O Danilo é considerado o número 1 do tráfico na Costeira, mas não morre, não toca na droga. A investigação começou em 2015. O Douglas é o braço-direito de Danilo. O Andrei é empresário, tem dinheiro e é um grande fornecedor de drogas, contrata pessoas para fazer mulas, iam para o Mato Grosso e fornecia os carros. No ano passado, conseguimos pagar cerca de 300 quilos de maconha do grupo em Biguaçu. O veículo era do Andrei, que contraxto mais quatro presos.

**Qual a participação do empresário?**  
Ele financiou, colocou o dinheiro com a liqüidez consegue investir e comprar a droga por um preço mais baixo. Ele não precisa disso, ele não trabalha e o princípio não usou a empresa para o tráfico. Ele é amigo do Danilo, que alega que era funcionário da madeireira, tem carteira assinada. Mas a gente já sabe o tem testemania que ele nunca trabalhou lá.

**O que a polícia conseguiu de provas para incriminar os presos?**  
A principal materialização é a apreensão de 300 quilos de maconha e baseis em 2016. Mas temos

a materialização indireta que vinculou as laços entre os envolvidos, mas o contexto está em dúvida ainda. Vamos indicá-los por tráfico de drogas e associação para o tráfico.

**O senhor acredita que essas prisões vão reduzir o número de homicídios registrados em Florianópolis neste ano?**

— Não vou diminuir o tráfico, infelizmente, vai continuar enquanto houver usuários. Certamente outras pessoas já estão na fila querendo entrar para o lugar deles. Os homicídios em Florianópolis estão ligados a guerras de facções. É a Costeira, pelas informações que temos, não é um morro farragado.

**A polícia vai levantar os bens da quadrilha e pedir sequestros?**  
Faremos essa etapa de levantamento. Um dos carros do Andrei já foi sequestrada.

**Como surgiu o comando de Danilo no tráfico e o envolvimento dele nas mortes?**

— Ele assumiu o Herdão depois do irmão Nenim da Costeira, algo natural que acontece no tráfico. Os homicídios estão a cargo da Delegacia de Homicídios, que trabalhará o respeito.

## HOMICÍDIO

### Cabeça de jovem é encontrada dentro de mochila em Joinville

Um crime com toques de crueldade chocou moradores da Vila Cubatã, zona norte de Joinville. Por volta das 23h30 de quinta-feira, uma cabeça foi encontrada em frente ao posto de saúde do bairro. A vítima foi identificada como Alan Santos, de 24 anos.

A parte do corpo estava dentro de uma mochila preta, encontrada por uma senhora e um vigilante. Era camuflado, que, marca na região e preferiu não se identificar. Foi um dos primeiros a chegar ao local, a cena, dia, foi um choque.

— É muita crueldade. Era liqüido horripante quando vi o que estava acontecendo — conta.

O monitor também disse que os policiais encontraram dentro da mochila um bilhete com ameaça de morte a uma organização criminosa. De acordo com o homem, o jovem não era conhecido no bairro. Funcionários do posto de saúde ficaram assustados ao chegarem para trabalhar com a notícia de que a bolsa foi deixada quase em frente ao portão. De acordo com uma funcionária que não quis ter a identidade revelada, o local tem ficado mais perigoso a cada dia e os servidores estão com medo de trabalhar na região.

Este é o terceiro crime que ocorre nos arredores do estabelecimento. No final de janeiro deste ano,

um rapaz foi morto numa praça que fica atrás do prédio. No dia 22 de março, quatro jovens sofreram uma tentativa de homicídio em uma residência a poucos metros do estabelecimento.

— Para o delegado, Eliseu José Bertolini, responsável pelo caso, apesar do bilhete encontrado dentro da mochila, ainda não há como afirmar que a decapitação seja uma situação de confronto entre facções criminosas.

— É possível que uma organização esteja envolvida, mas a situação ainda é muito recente para assegurarmos isso — afirmou.

### CRIME FOI DROGADO NAS REDES SOCIAIS

A Delegacia de Homicídios da Polícia Civil de Joinville solicitou as filmagens do posto de saúde para ajudar nas investigações. Os suspeitos de cometerem o crime gravaram um vídeo registrando o fato e compartilharam nas redes sociais durante esta sexta-feira. O corpo do jovem decapitado ainda não foi localizado.

O crime lembra o homicídio de Israel Melo Júnior, de 16 anos, decapitado no ano passado. A cabeça da vítima foi encontrada em uma bolsa de papelina na rua Teófilo, no bairro Jardim Paraíso. O corpo do jovem não foi localizado.

## ITAJAÍ

### Polícia prende suspeito de enviar suco envenenado pelo Correio

A Polícia Civil de Itajaí cumprida na sexta-feira mandado de busca e apreensão na casa do suspeito de enviar pelo Correio seis caixas de suco envenenadas com pesticidas a uma residência do bairro São Vicente, em Itajaí. O crime ocorreu em setembro do ano passado. Na ocasião, um menino de oito anos morreu e um rapaz, Jefferson Coelho da Silva, foi hospitalizado.

Na época, a empresa Fabricante do suco reduziu a hipótese de ter enviado qualquer bebida ou amostra de seus produtos. Logo após a morte da criança, a polícia desenvolveu que o pacote tinha sido enviado por um homem em uma agência dos Correios de Camboriú. A encomenda era destinada à mãe de Jefferson.

Com a análise das imagens feitas pelas câmeras dos Correios, investigadores chegaram ao suspeito, que não teve o nome identificado. Segundo a Polícia, o homem teria muitas semelhanças físicas com o

autor da postagem, mas caixas de suco com veneno. Além disso, ele registrou boletim de ocorrência contra Jefferson após seu nome invól, também localizado no bairro São Vicente, inavaliado.

No documento, o suspeito acusa a vítima de ter furtado pertences que seriam de um filho já falecido. Diante das evidências, a Divisão de Investigação Criminal cumpriu mandado de busca e apreensão na casa dele e na apreensão de sua sogra. Foram apreendidos aparelhos de celular, um computador e outros materiais que possam colaborar com a análise do caso.

Na casa, também foram encontradas fotografias em que o suspeito aparece com boné e óculos idênticos aos utilizados pelo autor da postagem dos sucos.

O nome do suspeito será providenciado até o conclusão das perícias e a conclusão das investigações, sob responsabilidade do Delegado da DPC de Itajaí, Wesleyson da Silva.

DEBEN ET ASSINATI

**DC**SANTA CATARINA  
ANO 31 Nº 31.226  
PERÍODO SEMANAL: 11.2.2017  
R\$ 2,50 • 2ª edição**QUINTA-FEIRA**  
6 DE ABRIL DE 2017**ONG EXPLICA****SC TEM BAIXO ÍNDICE DE MULHERES NA POLÍTICA**

Participação é inferior à média do país para todos os cargos eletivos

Notícias | 6 e 7

**CONTAS INATIVAS****CAIXA ANTECIPA RESGATE DO FGTS**

Nascidos em março, abril e maio podem sacar a partir de sábado

Sua Vida | 25

**CHACINA NA COSTEIRA**

Tiroteio entre grupos rivais em comunidade marcada pelo tráfico deixa pelo menos três mortos e outros três feridos em Florianópolis

Notícias | 14

**SINAIS POSITIVOS****EXPORTAÇÕES CATARINENSES CRESCERAM 22,44% NOS PRIMEIROS MESES DO ANO**

Percentual foi puxado pela venda de aves, carne suína e soja na comparação com o mesmo período do ano passado, com volume chegando perto dos R\$ 2 bilhões

Estela Benetti | 17

**DC: classificados****Quintas e Domingos**

Para anunciar, ligue

**(48) 3216.3216**

dclassifiedos.com.br



DIÁRIO CATARINENSE  
 EDUARDO B. ASSUNÇÃO

**DC**

SANTA CATARINA  
 ANO 111 Nº 13.227  
 DE FEVEREIRO DE 2017  
 R\$ 2,50

**SEXTA-FEIRA**  
 7 DE ABRIL DE 2017

**APOSENTADORIA**

**Temer aceita flexibilizar reforma da Previdência**

Sem votos necessários para fazer proposta passar no Congresso, presidente admite negociar cinco pontos

Notícias | 13



**ATRAÇÃO GIGANTE**

Com 333 metros de comprimento e quase 6 mil pessoas a bordo, maior transatlântico a fazer escala no Brasil marca estreia de Balneário Camboriú neste setor turístico

Notícias | 15

**Assassinatos batem recorde na Capital**

#SEGURANÇA SC  
 ESCOLA CAROLINA E ASSASSINATO

Florianópolis chega a 63 mortes violentas nos primeiros 96 dias de 2017, mais que o dobro do número registrado no mesmo período do ano passado

FALTA DE PROCEDIMENTOS NO FLAGRANTE FAZ JUSTIÇA SOLTAR DUPLA PRESA APÓS CHACINA

Notícias | 8, 9 e 10

**FLORIANÓPOLIS**

**PROCURADORIA VÊ ELEMENTOS PARA CPI**

Com aval jurídico, a Câmara deve abrir investigação semana que vem

Rafael Martini | 4

**SAÚDE PÚBLICA**

**PRIMEIRA MORTE POR GRIPE A ACENDE ALERTA**

Morador de Lages fazia parte do grupo de risco. Veja como prevenir

Sua Vida | 25



(41) 3216-2956  
Editor: João Pinheiro  
japo.pinh@globo.com.br

(41) 3216-2910  
Editor: Fábio Luiz  
fabio.luz@globo.com.br

(41) 3216-2917  
Editor: Ricardo Vieira  
ricardo.vieira@globo.com.br

DÉBIO CARAMINHO,  
SÉBASTIÃO  
7 DE ABRIL DE 2017

## Comunidade com medo de novos ataques na Costeira

LEONARDO THOMÉ

thome.l@p3globo.com.br

Entre moradores da Costeira, a maior preocupação é com as informações dadas com de que o ataque que matou três homens partiu de uma facção criminosa que tenta ocupar o espaço das lideranças do tráfico na Costeira, historicamente comandado por membros ligados ao traficante Neriem da Costeira. As pessoas temem uma "guerra" pela disputa por pontos de vendas de drogas na comunidade.

A servidão onde ocorreu o ataque é conhecida como a "rua do Neriem", onde funcionam bocas de fumo que servem para vender, embalar, misturar e armazenar drogas. Sobre a manobra como os criminosos fizeram o ataque, o tenente-coronel Marcelo Pontes diz que há dúvidas em relação à estratégia usada pelo bando que atacou os rivais.

Uma das hipóteses é uma emboscada, na qual os criminosos teriam subido para o alto do muro por outra servidão e ataca-

Polícia fazta  
nada na  
muro de  
ortem em  
região onde  
ocorreu a  
chacina de  
três homens



nico. Nos tempos áudios de suspeitos falando de AR (um código para reunião) e pedindo ajuda de criminosos, para que colocassem fogo em veículos ou chamassem a atenção da polícia para eles podermos fugir – explica Pontes.

Minutos após o estropado dos disparos de pistolas e fuzis que causaram a morte de três homens e ferimentos graves em

outros três, na Costeira, seguiu-se uma busca desenfreada de moradores da comunidade atrás de informações sobre as vítimas. Todos tinham medo de que entre os mortos e feridos estivesse um familiar, amigo ou conhecido. E em muitos casos havia.

Enquanto o rabeão do Instituto Médico Legal (IML) se preparava para subir a ladeira

Servidão Maycon Francisco Pereira, por volta das 22h, moradores recebiam nos celulares fotos das vítimas que circulavam em grupos de WhatsApp. O celular passava de mão em mão até que uma jovem de 20 e poucos anos, grávida, interrompeu em choro e gritos desesperado ao ver na tela do telefone o pai de seu filho – baleado e morto. Em um clique, a

mulher foi retirada do local e levada para atendimento médico. O homem que mostrou as fotos foi repellido por moradores.

Por que você foi mostrar pra ela? Tá bôia – dizem alguns. Morreram na chacina Christopher Carlos da Rosa, que não teve a idade divulgada, Igor Maximian Leite Soares, 20 e Samuel Rosa da Silva, 22.

## “O salto dos homicídios é em decorrência dos conflitos entre facções”

VERDI FURLANETTO

Desenhado da Polícia Civil da Grande Florianópolis

Mesmo sendo notório entre delegados que a prisão dos líderes do tráfico na Costeira na semana passada pudesse desencadear consequências na localidade, como as mortes da noite de quarta-feira, o comando da Polícia Civil na Grande Florianópolis avalia que os bandos aproveitaram a oportunidade para agir e tomar o lugar dos que haviam sido presos. É o que afirma o diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, delegado Verdi Furlanetto nesta entrevista.

**Houve mortes na Costeira e carros incendiados em Florianópolis na noite de quarta. O que aconteceu de fato?**

Os carros queimados são para tirar a atenção da polícia, inclusive o caminhão na Via Expressa. A operação do Delegado de Combate às Drogas recebeu os “cabanos” do tráfico (na Costeira), e outra facção se dirigiu até lá para tentar tomar o lugar deles, matar aqueles que estavam ali para dominar o muro. Dois foram presos, e a investigação continua. Nas redes sociais, foi divulgado de onde seriam os autos da chacina, mas não podemos adiantar oficialmente.

**A polícia tinha informação de que outro grupo poderia tomar os pontos de tráfico?**

**Não seria possível evitar essa chacina?**

Na realidade, eles fariam isso no momento em que a Polícia Militar não estivesse ali, porque a PM faz a prevenção. No momento em que a polícia saiu dali, eles agiram.

**Florianópolis tem mais de 60 homicídios neste ano. O que está acontecendo? Vocês estão satisfeitos com o resultado das investigações?**

Em relação à Polícia Civil, estamos satisfeitos com o resultado das investigações, falando sobre o índice de resolução. É um dos mais altos do Brasil.

**Mas esse índice vem caindo bastante nos últimos anos. Ele foi retomado, no ano pas-**

sado, houve uma queda, mas agora tem retomado. Está em 55% dos casos resolvidos. Temos que levar em consideração que o salto dos homicídios é em decorrência dos conflitos entre facções, é uma guerra na declaração que começou lá atrás, no Amazonas, na penitenciária, se refletiu também no Rio Grande do Norte e foi se espalhando para o Brasil. Aqui nada mais é do que um reflexo de algo entre os criminosos. Eles matam uns aos outros e a Polícia Civil está fazendo o trabalho de descobrir a autoria e prender.

**Por que os homicídios não estão cessando, dando trégua ao menos?**

Porque existe essa guerra declarada entre eles.

**Há ordem de lideranças que estão em presídios para que não parem?**

Não tenho como falar isso, não posso. O fato notório é que, até antes, no começo do ano, eu evitava falar em facção criminosa, evitava o termo, usava grupos rivais, mas hoje já está tão notório isso.

**Qual a saída para a Capital voltar a ficar tranquila?**

A saída é a Polícia Civil continuar diariamente acompanhando, por meio da inteligência e das suas próprias investigações, para prender essas pessoas das organizações criminosas. Temos a frente dos responsáveis pelos homicídios, a do tráfico e a de investigar as facções criminosas no Estado.

SEGUIR >

## Detento é morto em penitenciária da Capital

**JEFFERSON CONCEIÇÃO FOI** assassinado durante o banho de sol dos presos na tarde de ontem

LEONARDO NINÉ  
leonor@thomsonbrasil.com.br

O detento Jefferson Conceição, 23 anos, foi assassinado na tarde de ontem no Complexo Penitenciário de Agudos, em Piratunópolis. De acordo com informação da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania (SEJUC), o crime aconteceu durante o banho de sol dos presos, por volta das 14h30min.

Familiares da vítima, que chegaram no complexo para mais um dia de visitas, souberam da morte ainda no portão da unidade prisional. A esposa de Jefferson recebeu de um funcionário do complexo a confirmação do nome do companheiro.

Ainda de acordo com a SEJUC, a autoria do homicídio foi assumida pelo interno Euzébio Carlos dos Santos. As motivações do crime serão investigadas pela Polícia Civil. Não foi informado porque Jefferson estava preso.

A corregedoria geral da secretaria foi acionada a abrir um procedimento interno para apurar as circunstâncias da ocorrência.

# CUSTÓDIA



THOMSON

Familiares saíram em dia morto ao chegar para mais um dia de visitas na unidade da Agudência

É a segunda morte dentro do complexo penitenciário nesta semana. Na terça-feira, Alessandro Oliveira Gonçalves, 43 anos, foi assassinado dentro de uma das celas. Segundo o Deap, ele teria se desentendido com outro detento, Dionis da Silva Amâncio,

29. Em nota oficial, a SEJUC afirma que está investigando o caso. Natural de Curitiba, a vítima cumprira pena por assalto. O homicídio foi cometido durante uma atividade laboral por Amâncio, de Curitiba, que cumprira pena por furto e assalto.

CAIXA CORRENTE,  
LEON NINÉ,  
7 DE ABRIL DE 2017

### Joinville | Corpo é encontrado em mangue

Um corpo em avançado estado de decomposição foi encontrado dentro de um mangue no bairro Jardim Piratuna, na zona Norte de Joinville, ontem. A Polícia Civil suspeita de que a vítima seja um rapaz que estava desaparecido há cerca de 15 dias.

Uma equipe dos bombeiros foi acionada para entrar no local com equipamentos necessários para retirar o corpo. Um cho-fanizador chegou a ser usado durante a operação.

### Pirajó | Rapaz detido tem 82 passagens, diz polícia

A Polícia Militar de Balneário Camboriú prendeu em flagrante na quarta-feira à noite um rapaz de 19 anos que condutora uma motocicleta roubada. Durante a abordagem, o condutor afirmou aos policiais que havia comprado o veículo por R\$ 200.

De acordo com a polícia, o rapaz detido já era conhecido da corporação e tem 82 passagens policiais por crimes como recepção passiva de drogas, cultivo de crack, furto qualificado e furto em comércio.

# SAÚDE FAZ BEM PARA TODO MUNDO.

7 DE ABRIL, DIA MUNDIAL DA SAÚDE.

Inventada na saúde e feita para trabalhadores, empresários, governantes e toda a sociedade, O retorno vem na forma de uma psicologia inovadora, mais acessível forte e mais indicada para competidores. Por isso, sua promoção é um compromisso do Allianz Saúde Competitividade, que nos no SESI e vai mais além patrocina.

www.allianz.org.br

ALIANZ SAÚDE COMPETITIVIDADE

FIESC SESI

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

DC: de 1962 a 1964

SANTA CATARINA  
ANO 53 Nº 31.228  
SÁBADO/DOMINGO  
8 E 9 DE ABRIL DE 2017  
R\$ 4,00

INVISÍVEIS NO  
TRÂNSITO

Número de mortes nas rodovias estaduais e federais leva as policiais a recomendar que ciclistas evitem utilizar SCs e BRs

Notícias | 6 a 10

## EXECUÇÃO EM FLORIANÓPOLIS

## Entenda o prende e solta dos suspeitos de chacina

Juiz libera detidos sob a alegação de que PM não apresentou indícios para justificar flagrante. Colega magistrada aceitou relato de policiais e ordenou prisão. **Notícias | 16**

**MOACIR PEREIRA: SOCIEDADE ESPERA UMA PALAVRA DO SECRETÁRIO DE SEGURANÇA | 12**

## NÓS O papel do Jornalismo na validação dos fatos

## GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

### AUMENTA A TENSÃO ENTRE EUA E RÚSSIA

Ataque americano a base aérea na Síria recebe apoio de aliados, mas Putin fala em violação internacional

**Notícias | 18 e 19**

# Pontos de vistas explicam prende e solta

## ENQUANTO JUÍZA LIBEROU suspeitos de participar de chacina na Capital por falta de provas, outra magistrada mandou prender

VEIO DE BRASÍLIA  
DIOGO MARIN

Interpretações diferentes do mesmo fato e trâmites rotineiros no Poder Judiciário explicam o prende e solta dos suspeitos de participar da chacina que deixou três mortos e três feridos graves na Cozinha de Pinguim, em Florianópolis, na quarta-feira (16). A Justiça expediu novo mandado de prisão contra os dois homens em magistrada de sexta, poucas horas depois que eles foram libertados em audiência de custódia na Capital.

Dois argumentos embasaram a decisão inicial de liberar a dupla, tomada pela juíza Érica Ferreira. A primeira delas foi a avaliação de que não havia indícios de autoria e que faltavam informações básicas de identificação do fôto e autoria enviadas pela Polícia Civil no ato de prisão em flagrante. Além disso, a magistrada também pontuou a inexistência de um representante do Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), o que, no entendimento dela, poderia invalidar a audiência caso houvesse delatado por manter os suspeitos presos.

A interpretação do promotor de Justiça que não compareceu à sessão, porém, é diferente. Conforme a assessoria, para Francisco de Paula Fernandes Neto, da área criminal, o MP não precisa estar pessoalmente representado no encontro, podendo se manifestar por escrito — e foi isso que fez. No documento enviado à juíza, o promotor afirmou que a prisão era legal e foi a favor da conversão de flagrante para preventiva, o que não foi aceito por Érica.

Depois da audiência de custódia, o caso voltou para a promotoria de Justiça da Comarca e houve nova distribuição. O processo caiu para o promotor de plantão, que divergiu da juíza e concordou com o promotor Francisco de Paula. O plantonista então fez um requerimento de prisão e encaminhando à juíza Alexandra Lorenzi, que considerou que havia fato mais importante para justificar a prisão — como manter a ordem pública.

De acordo com a assessoria do MPSC, o promotor tem independência funcional para representar o órgão. Portanto, cabe a ele interpretar a necessidade de presença física na audiência de custódia, neste caso específico, sem estar uma ordenação geral.

Por meio de assessoria, o Tri-

### INTERPRETAÇÕES DIFERENTES

Duas em decisões jurídicas, Alceu Pinto de Oliveira aplica entendimento divergente em decisões sobre o mesmo caso

#### Juíza Érica Ferreira

As informações foram coletadas após a prisão em flagrante de dois suspeitos de participação em chacina em Florianópolis. A juíza Érica Ferreira decidiu liberar os dois homens em audiência de custódia na Capital. Ela considerou que não havia indícios de autoria e que faltavam informações básicas de identificação do fôto e autoria enviadas pela Polícia Civil no ato de prisão em flagrante.

#### Juíza Alexandra Lorenzi

As informações foram coletadas após a prisão em flagrante de dois suspeitos de participação em chacina em Florianópolis. A juíza Alexandra Lorenzi decidiu prender os dois homens em audiência de custódia na Capital. Ela considerou que havia fato mais importante para justificar a prisão — como manter a ordem pública.

#### Juíza Érica Ferreira

As informações foram coletadas após a prisão em flagrante de dois suspeitos de participação em chacina em Florianópolis. A juíza Érica Ferreira decidiu liberar os dois homens em audiência de custódia na Capital. Ela considerou que não havia indícios de autoria e que faltavam informações básicas de identificação do fôto e autoria enviadas pela Polícia Civil no ato de prisão em flagrante.

#### Juíza Alexandra Lorenzi

As informações foram coletadas após a prisão em flagrante de dois suspeitos de participação em chacina em Florianópolis. A juíza Alexandra Lorenzi decidiu prender os dois homens em audiência de custódia na Capital. Ela considerou que havia fato mais importante para justificar a prisão — como manter a ordem pública.

### ENTENDIDO CASO

#### Audiência de custódia

Processos criminais, os dois suspeitos foram levados para a juíza Érica Ferreira desde se colocou a prisão em flagrante ou a transformação preventiva. Ela optou pela prisão.

De acordo com a magistrada, não havia materialidade no flagrante, portanto ele não existia.

#### NOVA DECISÃO

Depois de audiência de custódia, os processos voltaram para o judiciário. Neste caso, o promotor de Justiça pediu prisão preventiva dos presos.

A juíza de plantão Alexandra Lorenzi recebeu o caso e decidiu pela prisão dos envolvidos por entender que há indícios que justificam o pedido.

ibunal de Justiça de SC diz que, de forma semelhante, o juiz tem autonomia e competência para interpretar cada situação, analisando todos os aspectos envolvidos. As divergências e decisões contrárias ao longo do processo são comuns do Judiciário e fazem parte da "regra da jog", de acordo com o tribunal.

#### LACUNAS SOBRE PRESENÇA DE PROMOTOR EM SESSÃO

O próprio Conselho Nacional de Justiça (CNJ) dá margem para entendimentos subjetivos sobre a participação do MP nas audiências de custódia. Quando trata sobre o assunto, o órgão cita apenas "manifestação do Ministério Público" dentro do passo a passo

das audiências, sem detalhar as formas dessa manifestação. A Associação dos Magistrados Catarinenses (AMC) não comentará o caso. As juízas Érica Ferreira e Alexandra Lorenzi também foram procuradas, mas as assessorias das magistradas informaram que elas não se manifestaram fora dos autos.

A Polícia Civil, por meio do delegado Verdi Bufarino, diretor de Polícia da Grande Florianópolis, disse que "toda decisão judicial deve ser cumprida e respeitada, sendo que prevalece a última que decreta a prisão" e que não fará maiores análises sobre o caso. Marcelo Pontes, comandante da Polícia Militar de SC, preferiu não comentar a solução dos suspeitos.

### ENTREVISTA

#### ALCEU PINTO DE OLIVEIRA TORRES

Constituinte judicial

## “É no mínimo inoportuno (esse clima)”

Como o senhor observa esse clima entre Judiciário e polícia de “prende e solta e prende de novo”, em meio a uma onda de homicídios? O que pode refletir para a sociedade?

É, no mínimo inoportuno. Sem tirar as razões que a Juíza [Erica Ferreira] pode ter na disputa com o promotor [Francisco de Paula Fernandes Neto] e a própria finalidade da audiência de custódia, mas isso que pode gerar entre polícia e Judiciário. Já tem uma brigada que quase invadiu o Funcão At. A polícia se sente maltratada, acha que todo mundo que ela prendeu tem que ficar preso. Em alguns casos não precisa ficar preso, mas quando começa a tomar essa decisão dá força para a polícia dizer “é, mas não adianta prender”. Ainda alimentando um discurso que não colabora em nada com a sociedade, só gera mais sensação de impunidade e insegurança.

O senhor acha que poderia haver uma integração entre Judiciário e as Forças Policiais e MP nesse momento?

Não sem necessidade. A atividade do juiz é regulada pelo Código de Processo Penal. Ele não e parte desses conflitos, está acima do conflito entre acusação e defesa ou entre a polícia e o MP ou o interesse do cidadão que está sendo preso. Se promotor integração junto com PM e MP, ele está centralizando suas funções.

O que seria ideal num impasse como esse (entre Judiciário, MP e polícia)?

O ideal seria os poderes, tanto o Judiciário quanto o Ministério Público, fazerem uma integração nas suas ações para que cada um, dentro de sua atribuição, tenha esse tipo de postura. Não para tomar decisões comuns, mas para que essas ações de estar ou não na audiência (o promotor), seja resolvida. Apurar acusações independentemente do mérito da decisão



É falta de guarda-freio mostra a chacinha na Costeira, no Sul da ilha. Os suspeitos foram mortos e outros três ficaram feridos.

Após cinco meses inalterados, o promotor pediu a prisão dos dois suspeitos, seguiu o caminho da prisão preventiva dos presos.





“

Em todas as famílias, em todas as casas, existe um parente, um amigo, um conhecido vítima da guerra. Eu perdi muita gente.

AHMAD HASSAN

**COMERCIANTE SÍRIO QUE VIVE NO ESTADO  
COMENTA O CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO**

Notícias | 10

## TURISMO

**REDE HOTELEIRA  
PREVÊ OCUPAÇÃO  
DE 65% NA PÁSCOA**

Setor espera movimento  
com visitantes do Uruguai

Notícias | 6

## VIOLÊNCIA NA CAPITAL

**MORRE UM  
DOS BALEADOS  
EM CHACINA**

Maico é a quarta vítima  
do tiroteio na Costeira

Notícias | 11

DIÁRIO CATARINENSE

# DC

SANTA CATARINA  
ANO 51 Nº 11.229  
PREÇO CIRCULAR R\$ 2,50

**SEGUNDA-FEIRA**

10 DE ABRIL DE 2017

## DESAFIO NA SAÚDE

## SC atinge apenas 7% da meta de vacinas do HPV

Das 295 cidades do Estado, somente 21 conseguiram  
imunizar meninas na faixa dos 9 anos contra doença que  
está relacionada à incidência do câncer no colo de útero

Sua Vida | 18

**CLÁSSICO  
PEGADO**

Figueirense e Avai criam boas  
chances, mas ficam no 0 a 0 em  
jogo no Orlando Scarpelli

Esporte | 22

## Pelo menos três casos de farras do boi são registrados no Estado

UMA DAS OCORRÊNCIAS foi em Florianópolis e outras duas em Porto Belo

MARCUS BRUNO  
marcusbruno@gaucha.com.br

Ativistas da ONG Fê o Bicho flagram um mangueiro onde teria sido praticada a ferra do boi ontem pela manhã em Florianópolis. A estrutura de cerca de 200 metros quadrados foi montada a menos de um quilômetro do camping da Associação de Cabos, Soldados Policiais e Bombeiros Militares de SC, na Barra da Lagoa. Lixo espalhado pelo chão, roupas rasgadas e chapéu de bobo da corte — usado para provocar o boi — indicavam que a prática havia acontecido há pouco tempo local.

Um homem ferido pode ter antecipado o final da ferra. O Corpo de Bombeiros foi acionado para atender uma vítima que caiu do cavalo e fraturou o fêmur, ontem, exatamente no mesmo lugar.

Conforme uma atropela que parece para não ser identificada com o boi, quando outra ferra foi realizada de repressão, ela flagrou mulheres, crianças e homens na



Após denúncia, polícia encontrou mangueiro e vestígios da prática

feira, que teria terminado após o homem se machucar e precisar do socorro. Ela afirma que após o acidente o animal foi morto.

A tarde, três homens da guarda ambiental do Parque Estadual do Rio Vermelho estiveram no local e desmontaram o mangueiro. A reportagem foi ao lo-

## Dois homens irão responder por maus-tratos

Porto Belo também teve registros da prática. A Polícia Militar contou duas ocorrências na madrugada de ontem. Na primeira, um homem foi abordado enquanto assistava um boi para uma repilha onde, segundo a PM, ocorreu a ferra. Ele responderá um termo circunstanciado pelo crime de maus-tratos aos animais e pode sofrer multas.

O outro caso ocorreu na divisa de Porto Belo e Bombinhas. Segundo informações da PM, a corporação foi avisada de que haveria um boi solto sendo levado para um local em que estava prevista uma ferra. Os policiais encontraram o animal, que foi recolhido por funcionários da Cia-duc. Um vídeo da ação chegou a circular em redes sociais e pessoas que aparecem nas imagens serão investigadas, segundo a PM, podendo vir a responder por maus-tratos.

A PM da cidade diz que tem atualizado com barragem em locais estratégicos. São vítimas em veículos de transporte e sobrevivos do helicóptero Aguiar para manter áreas suspeitas de receberem farras.

## COSTEIRA

### Morre um dos três baleados em chacina

Márcio Ramos, 33 anos, não resistiu aos ferimentos e morreu três dias após o tiroteio no bairro Costeira, em Florianópolis. Ele estava internado na UTI do Hospital Regional de São José e morreu sábado, de acordo com a Polícia Civil. Outros dois homens em estado grave estão hospitalizados no Celso Ramos, na Capital. Márcio é o quarto óbito provocado no tiroteio conhecido como a Chacina da Costeira, na quarta-feira passada. Combatecido como Jamaica, homem tinha ferimentos de bala na cabeça e no abdômen.

No local, morreram ainda Christopher Carlos da Rosa, que tinha o apelido de Felix, Igor Manzoni Leite Soares, 20 anos, e Samuel Rosa da Silva, de 22 anos.

Adalberto da Silva Junior, 23 anos, que tem mandado de prisão em aberto, e Felipe Machado, também com pedido de prisão em vigor, são as vítimas hospitalizadas.

# ExpoGestão 2017

INSPIRE-SE | INOVE | EVOLUA  
09 a 11 de maio

**Oportunidade de estar junto dos profissionais que lideram as transformações**

**RICARDO AMORIM**  
Economista e especialista em programas Meritocracia e Exatidão de Gestão Globalmente.

**Tema:** Economia & Negócios  
**Palavra-chave:** Seguros de tempestade.

**HITENDRA PATEL**  
Diretor executivo de consultoria ITC Center, presente em Cambridge e em mais de 40 países.

**Tema:** Crescimento de negócios  
**Palavra-chave:** Construa uma estratégia para fazer sua empresa ser 10x maior.

**GILBERTO PERALTA**  
Presidente do GE Brasil.

**Sessão:** Futuro e Tendências  
**Palavra-chave:** O novo mundo da Internet Industrial.

**CLOVIO TRAMONTINA**  
Presidente do Conselho de Administração do Grupo Tramontina.

**Sessão:** Inovação empreendedora.  
**Palavra-chave:** Cultura de Gestão e o líder-empresendedor.

**NICOLE FUENTES**  
Professora de Ciências da Psicologia na Universidade de Monterrey (México), palestrante internacional, especialista em psicologia positiva, consultora do The Edge Group.

**Sessão:** Clima de Positividade  
**Palavra-chave:** Personal Fellows, Empresas Produtivas.

Confira toda a programação e inscreva-se em: [expogestao.com.br](http://expogestao.com.br) | FAÇA SUA INSCRIÇÃO: [inscricao@expogestao.com.br](http://inscricao@expogestao.com.br) | 8000 720 0486 | Confira espaços para patrocínio corporativo.

Apoio de Mídia: DCI

Estado de Negócios: FDC

Comunicação On-line: RBC

Patrocínio: SAGE

Patrocínio: OPERA

A ExpoGestão 2017 traz 3 dias repletos de lições. 18 palestras, 4 palestras internacionais, temas relevantes e atualização de conhecimento.

# DOIS ATAQUES E NOVE MORTOS

#SEGURANÇASC  
ESCA-CAMBIA-BARRA

CAROLINE BORGES  
carolineborges@brasilatamanha.com.br

Em 10 de abril, a cúpula da segurança pública do Estado esteve reunida para discutir ações de combate à criminalidade em Florianópolis. Na data, a Capital registrou 66 mortes violentas no ano e recém tinha sido palco de uma chacina no bairro Costeira do Pirajubá, em 5 de abril, quando três homens foram assassinados. Um quarto morreu no hospital. Ontem, o comando voltou a se encontrar pelo mesmo motivo. Na Vila União, no bairro Vargas do Bom Jesus, cinco pessoas foram mortas em um novo ataque.

Nos oito dias que separam a primeira da segunda reunião, nove pessoas foram assassinadas na cidade, mais de um crime por dia, e o número de mortes aumentou para 75. O total de vítimas na Capital nestes quatro meses dobrou na comparação com o mesmo período de 2016 e ultrapassou o acumulado de anos anteriores.

Para conter a onda de crimes, o Estado informou que 25 operações foram realizadas na cidade a partir da ocorrência na Costeira. Em uma semana, foram cumpridos quatro mandados de prisão e realizadas sete detenções. Cinqüenta pedras de crack, 400 gramas de maconha e meio quilo de cocaína foram apreendidas no período.

Sempre tratado como disputa por pontos de vendas entre traficantes, as mortes de ontem na Vila União foram parecidas com as da última chacina. Por volta das 23h30min, a Polícia Militar foi chamada para atender uma ocorrência de perturbação de sossego na comunidade da noite da Ilha. No local, quatro homens já estavam mortos. O Samu foi acionado para socorrer outras duas vítimas, mas uma morreu a caminho do hospital.

Os dois primeiros corpos encontrados pelos policiais militares estavam em um terreno na estrada Anatólio Silveira Santos. Com a chegada de novas informações, os PMs localizaram mais dois mortos dentro de uma casa. Um dos homens, segundo a corporação, estava armado e morreu em confronto com policiais.

Até o fechamento desta edição, foram confirmadas as identidades de três dos

**TREZE DIAS APÓS** a chacina na Costeira, novo atentado em bairro de Florianópolis fez cinco vítimas na madrugada de ontem e deixa Capital com 75 mortes violentas no ano

quatro homens encontrados mortos: Luiz Henrique Camacho dos Santos, 10 anos, Wesley Rocha de Brito, 20, e Adalberto Eduardo de Oliveira Barbosa, 28.

## OUTRO ASSASSINATO NA MESMA REGIÃO

De acordo com o comandante do 20º Batalhão da PM, tenente-coronel Sivalva Santos da Silveira, há crimes teriam ocorrido por um acerto de contas entre grupos rivais que disputam o espaço do tráfico de drogas no norte da Ilha.

O delegado Enio Matos, da Delegacia de Homicídios, assumiu a investigação da chacina, mas não deu detalhes. Dois adolescentes foram detidos e dois homens presos por envolvimento nas mortes. Eles prestaram depoimento ontem.

A noite violenta na Capital teve ainda uma sexta morte confirmada, que também teria relação com a chacina na Vila União. Por volta de 23h30min de segunda-feira, o corpo de Filipe da Silva, 19, foi encontrado com marcas de tiros. Conforme a polícia, a vítima tinha passagens por posse de drogas, tráfico de drogas, recepção e atentado violento ao pudor.

DIÁRIO CATARINENSE,  
QUARTA-FEIRA,  
19 DE ABRIL DE 2017

14

DIOGO MARGAS  
Realiza análises de Segurança  
diogo.margas@brasilatamanha.com.br

“Um recorde negativo que não dá sinais de trégua”

Florianópolis amanheceu com a notícia de mais uma chacina durante a madrugada de terça-feira. Foram ao menos cinco assassinatos em um único ato na Vila União e outro homicídio no Rio Vermelho (na segunda à noite), na mesma região, realizando seis mortes no banho de sangue que se transformou a Capital catarinense. A quantidade de homicídios já passa de 70 em pouco mais de três meses, recorde negativo que não dá sinais de trégua.

As primeiras informações sobre o que ocorreu indicam um ataque de uma facção rival a uma força-tarefa em pontos de drogas. Se houver a confirmação a partir de investigação da Polícia Civil, a cena será parecida com o episódio da Costeira.

Nos últimos meses, a Vila União tem sido ocupada por criminosos ligados à facção de São Paulo, que teria conseguido ampliar no local um grupo rival. O que mais impressiona nesta onda de violência em Florianópolis é que a polícia afirma que a Operação Controle está em pleno andamento, com reforço no policiamento ostensivo em áreas críticas.

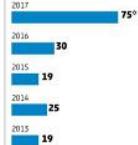
O planejamento da Secretaria de Segurança Pública parece não estar surtindo o efeito esperado. No fim de semana também houve outras duas mortes no norte da Ilha.

Policiais experientes afirmam que a união de esforços precisa ser delegada com autoridades do sistema prisional. No caso, é preciso integrar as equipes da Segurança Pública com a da Secretaria de Justiça e Cidadania, o que já aconteceu em uma força-tarefa para coibir os atentados nos bares, em 2014. Isso porque líderes de facções costumam andar atrás das câmeras.

## MORTES VIOLENTAS DIÁRIAS

Incidências diárias, desde o período seguinte de morte latente e mortes em confronto com a polícia

De janeiro a abril



\*até 13 de abril



Moradores do bairro vivem medo de novo tiroteio

## Sensação de insegurança em comunidade do Norte da Ilha

Moradores da comunidade Vila União ainda se reúnem na manhã de ontem para contar o que viram e ouviram durante a madrugada. Assustados, os vizinhos passaram informações desconfiadas sobre o barão e o local do tiroteio. A única certeza no local era o “melhor cenário”.

A mesma apreensão também fez a pequena creche da comunidade fechar as portas pela manhã. Segundo a direção, as

professoras estavam assustadas com as notícias de violência e liberaram os alunos. Uma das profissionais, que seria moradora da região, chegou a passar mal ao saber das mortes.

“É nos pequenos comércio, a sensação de insegurança era a mesma. O medo dos moradores é de que uma nova trave de tiros atinja “quem não tem nada com isso”.

— Durou uns 20 minutos e a gente acor-

doou assustado. Lá para baixo [local do tiroteio], só vai quem mora ou conhece alguém — disse um morador que pediu sigilo.

Responsável pela segurança da região, o comandante da PM Sivalva Santos da Silveira, Júnior, diz que os órgãos de segurança da cidade organizam uma operação para ocupar a região.

— A nossa principal meta é manter a comunidade segura — diz.

## Grubba: “fazemos segurança para pessoas do bem”

**RELIÇÃO MACIEL**  
rel@diariocaricense.com.br

As mortes ocorridas na madrugada em Florianópolis repercutiram numa nota oficial da Secretaria de Estado da Segurança Pública. O texto aponta que, mesmo não identificados, os mortos pertenciam a uma organização criminosa, e traz uma crítica farta do titular da pasta, César Grubba: “Fazemos segurança para pessoas do bem”.

“Ouvimos pela reportagem, dois profissionais do direito e uma liderança comunitária da Capital reagiram à declaração do secretário.”

A separação entre cidadãos de bem e outros que exigem das autoridades cuidados é feita em volumes, na moral, e que não admitida em nosso direito, em nosso Estado. Quando um secretário se vale dessa classificação, admite isso como critério para legitimar mortes, para dizer que não

vai agir em determinados casos – crítica à defesa pública de Florianópolis, Fernando Mambriani Radak.

No entendimento da advogada, é conveniente para o Estado associar os crimes a facções e apontar as organizações como responsáveis, não são de bem.

### “O ESTADO DEVE DE PROTEGER A TODOS”, DIZ SANDRO SELL

O presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/Sul, Sandro Sell, avalia que as possíveis passagens anteriores pela polícia ou o encaminhamento com tráfico têm sido oportunos para dizer que mortes não são tão importantes para medir a violência no Estado.

“O que me parece um erro: o Estado tem o dever de proteger a todos, prendendo os que devem ser presos, mas jamais se conformar com mortes violentas ocor-

ridas em seu território, seja de quem for. Quando a violência se banaliza entre criminosos, as próximas vítimas serão muito provavelmente esses que se chamam cidadãos de bem, que podem até não empunhar armas ou pontiar dedos, mas que se reçojam quando suspiros são mortos sem maiores explicações – e vítimas.”

Reconhecido pelo trabalho na periferia, o padre Wilson Grob respondeu citando uma carta assinada por quatro paróquias em Itaipava Santa-Ferri Santa. O texto defende políticas públicas voltadas aos jovens e parcerias para inserção ao mercado de trabalho.

Meu posicionamento está na carta, que amplia o que é ser cidadão do bem. Cidadão do bem são todos os jovens que moram nas periferias, que ao longo do tempo optaram por esse caminho, sem dúvida, em função de não termos gerado oportunidades suficientes numa perspectiva de políticas públicas – concluiu.

## Onça de violência repercute na Assembleia

A crise na segurança pública ganhou espaço na sessão de ontem da Assembleia Legislativa. Deputados usaram a tribuna para fazer críticas à atuação do governo estadual, à legislação e ao Judiciário. As ações da Secretaria de Segurança Pública para conter o aumento das mortes violentas, especialmente em Florianópolis e Joinville, também foram alvo de parlamentares.

O aumento de efetivo para as delegacias de homicídios e a operação contenciosa não estão dando conta, o Estado corre o risco de cair no ranking de violência – afirmou João Amaro (PP). Na mesma linha, o deputado estadual Maurício Ekduskiar (PSB), que é delegado aposentado da Polícia Civil, voltou parte das ações da pasta.

“Não adianta fazer bilboes para tirar fotografia em horário de rush, em local onde não está concentrada a criminalidade. É preciso desarticlar as facções criminosas – disse.”

“Estados Unidos também responsabiliza a legislação e a atuação do Judiciário. Disse ser ‘uma vergonha’ que pessoas com ‘20, 30, 40 passagens na polícia’ só sejam alvo de ‘vítimas providenciais’ por parte do Estado depois de cometerem crimes violentos. Botou que o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul chegou a autorizar um traficante a permanecer com a arma.”

Ele alegou que era amarelado e que a arma era uma ‘capitã defesa’, invento do ex-delegado.

Kennedy Nunes (PSD) lembrou que o Estado vive uma guerra entre facções.

### OUTROS CASOS EM FLORIANÓPOLIS

**1 de junho**  
Uma mulher do Rio Grande do Sul é morta com um tiro ao entrar por engano em uma rua da comunidade do Papagaio, no Norte da Ilha, horas após o Réveillon. Carineia Scarfo de Oliveira nasceu em uma ocupação de cativeiro pelo marido. A polícia identifica o adolescente que teria atirado. Atualmente ele sempre recebe visitas susbstitutas.

**3 de março**  
Um homem foi assassinado a tiros em frente ao Mercado Público de Florianópolis, pouco antes do meio-dia. Vímar de Souza Junior relatou

na sua caminhonete quando um veículo preto o torceu. Um dos dois ocupantes do carro desceu e atirou contra a vítima. Ainda em fuga, um suspeito teve prisão temporária decretada.



**10 de março**  
A professora Jennifer Dória Henrique, 46 anos, foi encontrada morta a pauladas dentro de um prédio em construção numa das localidades, a rua, impediu o mandato de prisão temporária contra o homem suspeito de cometer o crime. O suspeito é considerado foragido e não se encontra em Florianópolis.

**5 de abril**  
Conflicto entre facções criminosas terminou com três mortes e três feridos no bairro Coqueiros da Praia. Um grupo de homens armados tora atirado ao local em uma moto com três pessoas a bordo. Os corpos foram levados para o hospital e os feridos encaminhados para o hospital.



### ENTREVISTA

**VERDI FURLANETTO**

Deputado da Polícia Civil da Grande Florianópolis

## “É uma disputa entre as facções criminosas por território”

**DIDO VARRAS**

didov@diariocaricense.com.br

Até ontem, Florianópolis registrou duas chacinas em 11 dias e 26 mortes violentas no ano. Os crimes são apontados como guerra entre facções de crime organizado. Nesta entrevista, o diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis, delegado Verdi Furlanetto, garante que há trabalhos de investigação sendo executados, mas que o sigilo é necessário para não atrapalhar as investigações.

**A polícia já sabe o que motivou esse novo chacina na Capital?**  
A disputa entre as facções criminosas por territórios.

**Há alguma suspeita que indique ligação entre a chacina da Vila União com a do Contorno? Por exemplo, a mesma facção ou os mesmos criminosos?**  
Pode ser a mesma facção criminosa que há via perdido espaço e agora está retomando de volta.

**Se estamos diante de guerra entre facções de crime organizado que atuam em SC, não seria o caso de a Dcic participar da força-tarefa montada?**  
Ratamos diante desta notória guerra de facções criminosas. Quanto à Dcic, elevaria fazendo seu trabalho em outra frente, que ao final se complementarão com as duas direções. Temos resultados da investigação da Delegacia de Homicídios dois

autores já foram identificados do duplo homicídio deste final de semana (no Sítio, norte da Ilha). Três autores dos seis assassinatos da noite (de terça-feira) já foram identificados. No que diz respeito à assosa diretoria (da Grande Florianópolis), os trabalhos vêm sendo executado pela Delegacia de Repressão a Boticões, Delegacia de Combate ao Tráfico, Central de Investigação do Norte da Ilha, Delegacia de Homicídios e Dcic de São José e Balbuça. Vale ressaltar que estamos criando a central de investigação do Contorno para reduzir a investigação destes delitos mais graves no região Contorno.

**Sabemos que é atribuição da Delegacia Geral determinar a ação da Dcic**

nas investigações em Florianópolis, mas, diante da gravidade dos fatos, não caberia fazer o pedido e ter o reforço como mais uma forma de conter os crimes?

O delegado-geral (Arnar Nitz) acompanha de perto todas essas investigações, inclusive a Dcic, atendendo a determinação da delegacia-geral, está trabalhando naquilo que lhe compete, nos dá todo suporte necessário e todos os órgãos da Polícia Civil estão trabalhando em conjunto, usa mais viáveis e outros de forma silenciosa. Os trabalhos de investigação que a Polícia Civil vem executando são desenvolvidos pelas especializadas e não podem ser explicadas para que não atrapalhe as investigações.

DIÁRIO CATARINENSE

# DC

SANTA CATARINA  
ANO 111 Nº 11.238  
A partir de 06/06/2017  
R\$ 2,50

**QUINTA-FEIRA**  
20 DE ABRIL DE 2017

## VIOLÊNCIA NA CAPITAL

### Arsenal é apreendido em local onde houve chacina

Polícia Militar encontrou 13 pistolas, uma submetralhadora e uma espingarda com quatro pessoas que arcabouçaram presas

Notícias | 22



## HORÁRIO POLÊMICO

Para evitar adicional noturno, Secretaria de Educação orientou que aulas do ensino médio à noite comecem às 18h30min. Alunos e professores alegam que entrada é cedo demais

Sua Vida | 56 e 57

## ODEBRECHT

### TCE ALERTOU SOBRE CONTRATO DE SERVIÇOS EM BLUMENAU

Em 2009, auditores apontaram falta de orçamento básico

Notícias | 8 e 9

## REFORMA EM XEQUE

### PLANALTO TERÁ DE CORRER ATRÁS DE VOTOS PARA A PREVIDÊNCIA

Governo está sem apoio suficiente para aprovar projeto

Notícias | 10 e 11

## ALERTA

### FILME E DESAFIO SOBRE SUICÍDIO COLOCAM ASSUNTO EM DEBATE

Centro de Valorização da Vida teve mais procura por ajuda e informações

Sua Vida | 54 e 55

## SETOR ELÉTRICO

# SC terá R\$ 1,5 bilhão de investimentos em energia

Empresas que vencerem leilão da Aneel marcado para segunda-feira terão de construir 484 quilômetros de linhas de transmissão, entre elas uma entre o Planalto Norte e o Sul do Estado

Estela Benetti | 23



# Operação da PM apreende armas em local de chacina

BAIRRO DE FLORIANÓPOLIS foi palco de cinco assassinatos na madrugada da última terça-feira

LAÍSRA MEDRANI

laism@diariocatarinense.com.br

Quatro homens foram presos ontem durante operação policial na Vila União, comunidade de do bairro Vargem do Bom Jesus, em Florianópolis, que foi palco de chacina na madrugada de terça-feira. No local, foram apreendidas 12 pistolas, uma submetralhadora de uso recreativo, uma arma calibre 12, além de coque e maconha.

A ação da Polícia Militar ocorreu um dia depois da assassinato de quatro homens. O crime é investigado como acerto de contas entre grupos rivais que disputam o espaço de tráfico de drogas no norte da ilha. Um quinto homem também foi morto após confronto com polícia que atendia a ocorrência. Até ontem, a Capital registrou 78 mortes violentas no ano, número recorde para o período.

Em coletiva de imprensa na noite da ontem, o comandante do 21º Batalhão da PM, Sivaldo Santos da Oliveira Junior, disse que a regional apreendeu 57 armas neste ano até agora. Ele classificou como excelente o resultado da operação, que não tem data para terminar.

— É uma grande apreensão de armas de fogo, resultado de um trabalho de inteligência. Passamos o dia reunindo informações e chegamos esse dia preciso do local da casa onde estavam as armas onde foram presos.

## ATAQUE FOI PLANEJADO, DIZ COMANDANTE DA PM

O tenente-coronel ainda ponderou que a PM tem feito operações de rotina diariamente no norte da ilha de SC, principalmente na Vila União. Sobre a chacina de terça-feira, afirmou que “a situação fugiu do controle e que a ação dos criminosos foi planejada”.

Só sabemos desses locais quando a situação estiver apaziguada e a comunidade segura.

O comandante ainda detalhou que a apreensão feita nesta quarta-feira faz parte de ação da PM que ainda está em andamento e não tem data para terminar. Participaram da ação soldados Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope).



Batalhão responsável pelo norte da ilha já deteve 57 armas neste ano

## Grubba reafirma declaração sobre segurança para “pessoas do bem”

O Secretário da Segurança Pública de SC, César Grubba, reafirmou ontem que o foco principal da pasta é o “cidade de bem”. Ele foi questionado pelo repórter em nota oficial divulgada na terça-feira.

— Tenho acompanhado (a repercussão) até porque tenho recebido muitas manifestações por WhatsApp, por telefone, por e-mail e pessoalmente de apoio e solidariedade à minha manifestação. E volto a repetir ao Estado, como um todo, está presente para servir e proteger cidadãos de bem. Entre o bem e o mal, escolho sempre o bem — disse.

O secretário ainda garantiu que o policiamento ostensivo permanente, feito pela Polícia Militar em áreas de possível conflito, tem sido intensificado em Florianópolis. Sobre as mortes regionais na madrugada de terça-feira na Vila União, o titular da pasta ponderou que a PM “não pode estar 24 horas em todo o local”.

— No chacina, a polícia chegou logo em seguida. Hoje, inclusive, conforme

resulta na morte de um criminoso — destacou Grubba.

## Vítimas do próprio arsenal

“Terrorizada forte, atolamos a Vila União”. As palavras expressaram o tom de comemoração e resposta de policiais militares responsáveis pela apreensão do arsenal de armas no começo da noite de ontem em Florianópolis. Foi na mesma região de chacina de terça-feira, o que parece solidificado ainda maior de trabalho cumprido pela PM.

— Mesmo que não fosse, e algo de alívio o resultado da operação. É certo que evitamos novo banho de sangue, amedrontamos por moradores da norte da Ilha de Santa Catarina. A parte triste nessa história é o motivo que nos moveu e até alanceamos e até alanceamos a situação de violência “vida longa”. Na verdade, não creio que a falta de atenção de polícia no sentido de crime em dia fizessem os levar à própria morte.

— Isso aconteceu com parcela significativa entre os 78 pessoas que foram mortas este ano na Capital, relatou policiais civis e militares. Boa parte destes jovens tombados a tiro ou com arma ou outro do tráfico. Cidadão de pontos de drogas ou fazedo e chamado “corre”, onde tem contato direto com o crime, evas e cuidam da comercialização.

Um dos mortos na Vila União havia sido preso este ano em 24 pontos de evas e tige ganhos de sua propriedade, pela a quantidade apreendida não era suficiente. Outros também são mortos e não são mais do ciclo criminoso com vida, tornando de dar familiares e amigos.





**LAVA-JATO**  
**PALOCCI DIZ A**  
**MORO QUE PODE**  
**REVELAR NOMES**  
Réu, ex-ministro faz  
oferta enigmática  
**Notícias | 8**



## POLÍCIA FAZ MAIOR OPERAÇÃO CONTRA FACÇÃO CRIMINOSA

Duzentos agentes cumprem 91 de 112 mandados de prisão em sete cidades de SC e fora do Estado. Alvo é grupo com origem em SP, de onde partem ordens de ataques e armamentos. Governo anuncia reforço no efetivo. **Notícias | 6 e 7**

RESPOSTA CIRÚRGICA DA SEGURANÇA PÚBLICA

**Moadir Pereira | 10**

AGORA É A VEZ DO SISTEMA PRISIONAL AGIR

**Diogo Vargas | 7**



**TUDO  
IGUAL**

Figueira e Avai empatam  
pela terceira vez neste  
ano. Resultado elimina o  
Alvinegro da Primeira Liga.

**Esporte | 22**

### SAÚDE

#### CASOS DE SÍFILIS CRESCEM 40% EM SC

Grupo que mais preocupa  
é o de mulheres grávidas

**Sua Vida | 20**

### APOSENTADORIA

#### COMO SERÁ A NOVA REGRA DE TRANSIÇÃO

Planalto tenta viabilizar a  
reforma da Previdência

**Notícias | 11**

### CONFUSÃO

#### INTER DE LAGES DEMITE 4 JOGADORES

Atletas frequentavam bar  
em uma semana decisiva

**Esporte | 24**

# OPERAÇÃO ATINGE FACÇÃO



**CONSIDERADA A MAIOR** ação contra o crime organizado em SC, força-tarefa cumprirá 91 mandados de prisão contra pessoas ligadas a organização de São Paulo que busca espaço no mercado do tráfico de drogas catarinense a partir de outras regiões do país

**ANUNCIOU SUA**

atuação em Florianópolis em março de 2017

**Q**uatro meses após a operação que atingiu liderança da facção criminosa criada no Estado, apontada como responsável por pelo menos quatro mortes de policiais em Santa Catarina, a Polícia Civil delatou ontem sua ação para combater o crime organizado. No começo da manhã, 200 delegados e agentes prenderam temporariamente 91 pessoas e cumpriram 40 mandados de busca e apreensão contra outra organização em SC e outros estados. Desta vez, o alvo foi um grupo criminoso criado em São Paulo, do oeste, segundo investigadores, pariam ordens para crimes e espionagem de aparelhos de celulares em SC. As relações dos catanionenses eram feitas com membros de bandos espalhados pelo país. O crescimento do grupo paulista no Estado trouxe nos últimos anos uma onda de criminalidade pela disputa com a facção de SC, resultando em homicídios. No meio desse conflito, comunidades de Florianópolis e Joinville tornaram-se reféns dessa busca por espaço no mercado do tráfico de drogas. As investigações que resultaram na operação, considerada a maior do Estado pelo número de mandados, começaram em dezembro do ano passado. Segundo o delegado responsável pela Divisão de Repressão ao Crime Organizado, Antônio Claudio Freitas Jara, os criminosos paulistas observaram no Estado um potencial financeiro para a venda de drogas. Percebendo o grupo estava ordena que partiam de uma penitenciária do interior de São Paulo. O resposável pela arma de facção era o ponto de contato com as inteligências catarinenses. Dentro da hierarquia do grupo, os membros de SC se reportavam a um líder no Paraná, que repassava as informações para a liderança paulista,

identificada e que teve o mandato de prisão temporária expedido. – Identificamos que em SC havia 53 integrantes da facção fora dos presídios e 175 dentro. Isso parte dos mandados cumpridos hoje (quinta-feira) foi dentro das cidades – explicou. **ATAQUE AO NORTE E AO OESTE DE FLORIANÓPOLIS**

A Grande Florianópolis e o Norte do Estado são consideradas pela polícia as principais regiões de atuação da organização. Por meio do tráfico de drogas, contabilizam suas ações, que eram impulsionadas com roubo. Dois assassinatos ocorridos em Chapecó e outros dois na Capital também estavam ligados à facção. Dos 226 aspectos de envolvimento na organização, 112 felix tiveram mandados expedidos. Através de mediação e aprovação dos tribunais e paulistas, os integrantes catarinenses conseguiram armas e drogas que vinham do Paraná. – Eles são muito organizados, e como uma empresa – afirmou o delegado em entrevista coletiva ontem. O secretário de Segurança Pública de SC, César Grubba, não descartou que parte dos envolvidos seja transferida para outros estados. Nesse boato, dois foram julgados em outra individual. – O grupo de inteligência vem estudando a necessidade de transferência – disse. – No Estado, ainda não há uma unidade exclusiva para atender preso de alta periculosidade. A ilha construída para esse fim em São Cristóvão do Sul, no Meio-Oeste, não foi inaugurada. Deveria ter sido aberta em 2016, mas até agora, aguarda o contrato de agentes penitenciários. O Departamento de Administração Penitenciária (Depap) diz que também estão sendo feitos estudos finais na estrutura, mas sem previsão para a abertura.



Cópia da operação policial realizada durante o cumprimento de mandados de busca e apreensão

## Expectativa de reduzir crimes

A ação contra a facção paulista é a expectativa sobre o arrefecimento dos homicídios em Florianópolis, ocorridos muitas vezes pela disputa entre o grupo criminoso paulista e a organização catarinense. Para o secretário Grubba, não há como apontar um preso para a redução dos crimes e nem se haverá um reflexo a curto prazo. – Por mais que façamos 100, 200 ou 300 presões, não há como assegurar – diz. A Capital soma hoje aos 78 mortos violentos mais de que do ano em comparação com o mesmo período do ano passado (80) e ultrapassa o acumulado de anos anteriores. Em 11 dias, duas cheias deturcaram nove mortos na cidade. A Polícia Civil traça a expectativa de serem com a maior ação contra organizações criminosas já feita no Estado. Em 2014, foi realizada uma operação focada no grupo catarinense. No dia 16 de fevereiro daquele ano, agentes cumpriram 70 mandados de prisão. O número é quase a metade dos 132 de ontem. Daquela operação, os delegados posteriormente indicaram 98 envolvidos, sendo que parte não havia sido presa. Em primeira e segunda instância, 80 deles foram condenados a penas que, somadas, passam de mil anos.

**EXPOGESTÃO 2017** | INSPIRE-SE | INOVE | EVOLUA 09 a 11 de maio

**Crescimento de negócios**  
 Conheça uma estratégia para fazer sua empresa ser 10X maior

O Prof. Hitendra Patel criou uma metodologia de gestão inovadora capaz de promover o crescimento em 10 vezes, com base em um misto de estratégia, execução e desenvolvimento de capacidades. A proposta da metodologia é permitir às organizações identificar novas

áreas de negócios e levar ideias disruptivas à comercialização, em menos de seis meses. Esse trabalho já foi desenvolvido junto a centenas de empresas de diversos segmentos e geografias, com taxa de sucesso superior a 80%. Resultado em vendas, parcerias estratégicas e alocamento de recursos.



**HITENDRA PATEL** | **PROFESSOR**  
 Diretor Executivo de Consultoria Hit, Centro de Inovação em Estratégia (IM) e primeiro em sua área de países.

(41) 3234-2756  
Teléfono: 340 071111  
julia.pattag@diariocatarinense.com.br

(41) 3234-2950  
Círculo: Notícias  
natália.wa@diariocatarinense.com.br

(41) 3234-2957  
Editor: Raquel Faria  
raquel.faria@diariocatarinense.com.br

DIÁRIO CATARINENSE,  
1909 ANOS  
21 DE ABRIL DE 2017

7

# CRIMINOSA

**112**  
número de mandados de prisão temporária expedidos

**91**  
pessoas foram presas

**40**  
mandados de busca expedidos e cumpridos

**5 meses**  
de investigação antecederam a operação

DIEGO VARELA  
diego.varela@diariocatarinense.com.br

## A resposta policial

Os 112 mandados de prisão obtidos pela Foc no operação contra a facção criminosa oriunda de São Paulo que houve expansão territorial em SC, são dignos de um feito histórico. Foi um golpe duro ao crime organizado em meio ao sangrento conflito travado entre famílias rivais, onde a sociedade assiste e capitula espantada em Florianópolis em 2017.

Até hoje, a principal investida contra uma facção no Estado ocorreu entre 2012 e 2013. Na época, Santa Catarina foi alvo de onda de atentados a ônibus e unidades policiais. A violência só cessou quando os líderes foram transferidos para presídios federais. Em 2014, a Justiça ordenou 80

**FOCO DO CRIME ORGANIZADO**  
Joinville e Grande Florianópolis

**INTEGRANTES DA FACÇÃO NO ESTADO**

**173**  
nos municípios prisionais

**53**  
nas ruas



### CRIMES

Os investigados serão responsabilizados pelo crime de organização criminosa, com pena prevista de três a oito anos de prisão, com possível aumento de um sexto a dois terços. Os envolvidos são suspeitos também de se envolverem em tráfico de drogas, roubo e lavagem de dinheiro.

pessoas denunciadas, cuja penas alcançaram um total de 1.699 anos.

Os alvos de agora talvez não sejam diretamente envolvidos na onda de assassinatos na Capital, mas a iniciativa com a polícia visando apuração completa, indo para a rua e mostrando serviço vem em momento importante em que se cobra resposta policial.

A Dete é considerada a elite da Polícia Civil e nos últimos dias recebeu a carga de pressão até mesmo de colegas policiais civis para desenvolver um trabalho de repercussão. *Morose prioridade e esforço interno na diretoria para longo e imediatamente em busca de provas. O resultado se vê agora a partir do aval do Judiciário ao autorizar as prisões.* A parte lanterna e é mais uma

vez ver a polícia constatar que havia criminosos comandando delitos de dentro das cadeias.

De agora, pessoas atrás das grades que ouso para criar um comunicação aguçam ordenando e tramando delitos ou expandindo associações criminosas.

Assim como a polícia fez a sua parte, chegou a vez do sistema prisional, a partir da Secretaria da Justiça e Cidadania, fortalecer a prioridade ao cerco de facções nas cadeias. A ação agerem policial, poderia começar com uma ampla vistoria no Presídio de Brusque, onde em regime condenado a 39 anos de prisão conseguiu fugir recentemente ao ser resgatado por comparsas em uma unidade de saúde enquanto recebia atendimento médico.

### MAIS POLICIAIS

## Governo anuncia reforços na Civil e IGP

Em meio à onda de homicídios que atinge Florianópolis, o governador Raimundo Colombo anunciou outros reforços para a Polícia Civil e o Instituto Geral de Perícias (IGP). Sem data confirmada, o Estado vai chamar neste ano 25 delegados, 234 policiais e 40 auxiliares criminalísticos. Todos esses fazem parte de concursos realizados desde 2014.

O governo também afirmou que abrirá concursos em 2017 para o Corpo de Bombeiros, IGP e polícia. A convocação desses aprovados, no entanto, deve ocorrer somente em 2018. Os processos seletivos vão contratar 250 soldados dos bombeiros, 194 escrivães e 200 agentes da Polícia Civil, além de 49 peritos oficiais e dois técnicos do IGP. Os salários variam de R\$ 4.845 a R\$ 16.094.

Estamos conscientes do aumento da violência, apesar de armas mais potentes e marginais de outros Estados. Não vamos deixar isso acontecer, essa medida é forte - afirmou Colombo.

No próximo dia 2 de maio, 1.084 aprovados no concurso da PM de 2015 convocam o curso de formação para soldados. A previsão é que em dezembro eles estejam nas ruas. O impacto das novas contratações feitas somente em 2017 somam R\$ 94 milhões.

### CORPORAÇÃO

## Troca na liderança da PM catarinense

DIEGO VARELA  
diego.varela@diariocatarinense.com.br

O coronel Carlos Alberto de Araújo Gomes Almir assumirá neste mês a função de subcomandante-geral da Polícia Militar de Santa Catarina. O posto equivale ao número 2 da hierarquia da corporação. Atual ocupante do cargo, João Henrique Silva completou o tempo máximo de seis anos como coronel e irá para a reserva.

O nome de Araújo Gomes vem com dois meses cogitados, conforme antecipa o DC no dia 20 de fevereiro, quando a PM confirmou que haveria a substituição. O ato de posseagem do posto será em 26 de abril, às 10 horas, no comando-geral, em Florianópolis. Atual comandante da 1ª Região da PM, que abrange municípios da Grande Florianópolis, Gomes tem 50 anos, é natural de Canhotins e radicado na Capital. Cinco anos antes, esteve à frente da comando do 4º Batalhão da PM, que abrangia o Centro, o Sul e o Leste da Ilha de SC.

**ZOO POMERODE**  
Educação e Preservação  
(47) 3387-4260

**Traga a sua família e amigos para viverem momentos inesquecíveis!**

Rua Hermann Weege, 180  
Centro - Pomerode/SC  
Diariamente: das 08h às 18h  
No Verão: das 08h às 19h

[www.zoopomerode.com.br](http://www.zoopomerode.com.br)  
[facebook.com/ZoologicoPomerode](https://facebook.com/ZoologicoPomerode)

# Polícia divulga nome e imagem de suspeito de matar transexual

## JENNIFER HENRIQUE FOI assassinada a pauladas em construção de Florianópolis no mês passado

**MARCUS BRUNO**  
 marcus.bruno@fianca.com.br

**A** Delegacia de Homicídios de Florianópolis divulgou no fim de semana o nome e imagem do suspeito de assassinar a transexual Jennifer Celia Henrique no bairro Ingleses, norte da Ilha de SC. Segundo a polícia, Dêa Cristina Salgado da Silva, 22, é natural de Criciúma e vivia como morador de rua na Capital. Além, como era conhecida, foi morta a pauladas dentro de um prédio em construção em 10 de março. Responsável pelas investigações, o delegado Eduardo Mattos garante ter todos os elementos de autoria para comprovar a participação do suspeito, mas não informou motivo do crime.

— Outros vários testemunhos e batutas com imagens de câmeras de videomonitoramento chegaram ao de-fé.

O delegado não descartou crime de homofobia. No entanto, afirma

**DEU NO DC**  
 Edição do caderno mês de 18 de março contou os detalhes da vida do transexual morto



que a morte não tem relação com os dois boletins de ocorrência que a vítima registrou relatando agressões e ameaças. Grupos usá comprição temporária decretada pela Justiça desde 14 de abril.

Mais detalhes sobre o assassinato serão divulgados hoje em co-

letiva de imprensa. A reportagem tentou encontrar um parente do suspeito ou advogado até o fechamento desta edição, às 22h, mas não conseguiu contato.

Com forte atuação em movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transversos, Transexuais e Transgêneros (LGBT), Jéni também era bastante conhecida no norte da Ilha de SC, sendo morosa com os pais. No fim de semana após o assassinato, amigos, familiares e moradores protestaram na principal avenida do bairro Ingleses. Para eles, o homicídio teve motivações preconceituosas, intolerantes e de transfobia.

A morte da transexual também repercutiu nas redes sociais. Um dos principais nomes do movimento LGBT, o cartunista Laerte Coutinho publicou em sua conta no Facebook sobre a morte da contineuse "Assassinam. No assassinam". Com 37 anos, a vítima tinha em seu RG o nome de João Geraldo Henrique.

**i SERVIÇO DC**

A polícia pede que denúncias sejam feitas pelos telefones (48) 3251-3300 (41) 99233325, (51) 39612323 ou nos números de emergência 190 (PM), 181 (Disque Denúncia) e 191 (PPR)



**A morte de uma transexual é um crime previsto no sistema jurídico para lidar com crimes envolvendo transexuais, lésbicas e gays.**

**LITORAL NORTE**

## PM apreende R\$ 1 milhão em drogas

Seis pessoas foram presas em operação contra o tráfico de drogas no fim de semana em cidades do Litoral Norte. A ação apreendeu R\$ 1 milhão em dinheiro e entorpecentes — 20 quilos de crack, 10 de cocaína e 230 de maconha.

A força-tarefa da Polícia Militar começou na sexta-feira à noite, em Balneário Camboriú, ao abordar um homem que tinha passagens criminais por tráfico. Na casa dele foi encontrada parte da droga apreendida na operação.

Outras denúncias levaram os policiais a Barra Velha. Em uma residência foi encontrado um carregamento de maconha que teria vindo na madrugada anterior, possivelmente do Farangul. No local também foram apreendidos R\$ 20 mil em espécie, 11 telefones celulares e cadernos contendo anotações referentes ao tráfico. Seis pessoas foram detidas e encaminhadas para Joinville. Dentre as presas, um era fôlego.

- Mais de 5 milhões de m<sup>2</sup> projetados
- As 20 maiores construtoras da região como clientes



**Um lugar incrível para trabalhar e ótimo para morar**

Polatto  
Engenharia

## Polícia prende suspeito de assassinar transexual

**HOMEM DE 22 ANOS** confessou que teria matado Jennifer em construção no bairro Ingleses, na Capital, após manter relações sexuais com a vítima

MARCUS BRUNO  
marcusbruno@torres.com.br

A Polícia Civil anunciou ontem a prisão do suspeito de assassinar a transexual Jennifer Célia Henrique em Florianópolis. Dik Greisson Bisolero, de 22 anos, foi preso na noite de domingo. Segundo o delegado Eduardo Matos, o morador de rua confessou que matou a vítima a pauladas depois que os dois tiveram relações sexuais em uma obra no bairro Ingleses, região Norte da Capital.

— Eles tiveram uma discussão breve e ela ameaçou contar (sobre a relação) para os amigos dele. Em razão disso, ele teve a reação de golpeá-la com um pedaço de madeira na região do pescoço — disse o delegado em coletiva de imprensa na manhã de ontem.

Para Matos, pelo fato de os dois terem mantido relações sexuais antes do homicídio, foi descartada a possibilidade de crime de ódio ou transfobia. O suspeito também alega que estava sob forte efeito de crack.

Dik Greisson está detido no presídio da Agromécica, na Capital, e será denunciado por homicídio duplamente qualificado — motivo fútil e que impossibilita a defesa da vítima.

DEU NO CD

Edição do caderno Nô de 16 de março contou a história da transexual Jenni



A Polícia Civil chegou até o suspeito após ouvir outros moradores de rua que costumam ficar próximos ao local do assassinato. Também analisou imagens de videomonitoramento que mostram o rapaz e Jenni entrando na obra no dia do homicídio.

ATIVISTA DIZ QUE FOI TRANSFOBIA

Ontem, entidades do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transvestis, Transsexuais e Trans-

gêneros (LGBT) e de igualdade de gênero criticaram a decisão da polícia de não enquadrar o crime como transfobia. Para Kelly Vieira Meira, presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher em Florianópolis, trata-se de um caso claro de preconceito contra uma pessoa trans.

— No momento em que ele pensou que os amigos iriam começar a zombar, que a família iria condenar, achou justificável matar para não passar vergonha. É transfobia sim e tem uma proximidade muito grande com a misoginia — argumenta Kelly. Para a ativista, é urgente a tipificação desse tipo de crime, já que as leis brasileiras não protegem gays, trans e transexuais vítimas de violência. Por isso a ideia de uma nomenclatura é necessária, Kelly afirma ainda que consideraria apenas crime passionnal e relativizar o preconceito.

Com forte atuação em movimentos LGBT, Jenni tinha 27 anos e trabalhava com a venda de cosméticos. Na época, a morte da transexual repercutiu nas redes sociais e no bairro Ingleses, onde moradores, familiares e amigos protestaram pedindo justiça. Para eles, o crime teve motivações preconceituosas, intolerantes e de transfobia.



Vítima estava dentro de um tonel em matagal na comunidade do Papaquara

FLORIANÓPOLIS

## Corpo é encontrado sem cabeça e carbonizado no Norte da Ilha

ANDERSON SILVA  
anderensilva@diariocarwane.com.br

A Polícia Militar encontrou o corpo de um homem carbonizado dentro de um tonel na mata de canoas na comunidade do Papaquara, região norte de Florianópolis. A vítima estava sem cabeça.

Testemunhas contaram aos policiais que um grupo de homens entrou com um rapaz em um matagal. Nesse meio tempo, tiros foram ouvidos. Os suspeitos saíram minutos depois.

De acordo com o delegado Enio de Matos, a primeira suspeita é de que o caso tenha relação com o tráfico de drogas. Com o homicídio, Florianópolis registra 76 mortes violentas neste ano.

O matagal onde o corpo foi encontrado fica no fim da Servidão Iraluina Machado, a mesma onde a turista gaúcha Daniela Scotti, 28 anos, foi morta logo após o Réveillon. Ela estava com a família na casa de um parente

próximo ao local, mas, ao sair de rua, um adescente atirou pelo vidro traseiro. O disparo atingiu a vítima pela costas.

HISTÓRICO DE MORTES VIOLENTAS

Além dos dois assassinatos, o Papaquara teve outro caso de violência no final do ano passado. Em 15 de novembro, um rapaz foi morto quando envolto a pneus. O ato, na época, foi tratado como um recado de traficantes a rivais.

Nos últimos anos, a comunidade tem sido palco de confrontos entre uma facção paulista e outra catarinense. Ambos disputam o espaço para venda de drogas no norte da Ilha.

Na última semana, durante operação da Polícia Civil em Santa Catarina, foram cumpridos mandados na localidade. Um dos líderes do tráfico na região foi preso. Ele estava ligado ao grupo criminoso de São Paulo.

A PEDIDO



### NOTA À POPULAÇÃO

As Diretorias do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis – SINERGIA, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica do Vale do Itajaí – SINTEVI, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica do Sul do Estado de Santa Catarina – SINTRESC, do Sindicato dos Eletricistas do Norte de Santa Catarina – SINDINORTE, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Lages – SITIEL, e do Sindicato dos Administradores do Estado de Santa Catarina – SADESC, COMUNICAM que os empregados da CELESC DISTRIBUIÇÃO S/A estarão em greve, durante o dia 28 de abril de 2017, a partir das 06h00min., em razão à adesão à GREVE GERAL NACIONAL contra as reformas Previdenciárias e Trabalhista. Entretanto, durante a greve, os eletricitários manterão os serviços essenciais à população, com equipes de voluntários. Serve a presente para os termos da legislação que assegura o exercício do direito de greve.

Florianópolis, 24 de abril de 2016.

INTER-SINDICAL DOS ELETRICITÁRIOS DE SANTA CATARINA - INTERCEL

A PEDIDO



### AVISO À POPULAÇÃO

As Entidades que compõem a INTERSUL – Inter-sindical dos Eletricistas do Sul do Brasil e Mato Grosso do Sul, comunicam à população que os empregados da Eletrosul – Centrais Elétricas S/A, empresa do grupo Eletrobras, reunidos em Assembleias Gerais Extraordinárias, realizadas nos dias 17 a 24 de abril de 2017, nos estados de MS, PR, SC e RS onde a citada empresa possui unidades administrativas/operacionais, deliberaram por participar da GREVE GERAL do dia 28/04/2017, contrários às propostas do governo de acabar com a aposentadoria, tercelizar tudo e acabar com os direitos trabalhistas.

Os Sindicatos que compõem a Intersul avisam ainda que os serviços essenciais à população, conforme Lei 7.783/89 (Lei de Greve), serão mantidos.

INTERSUL

Inter-sindical dos Eletricistas do Sul do Brasil e Mato Grosso do Sul  
SINTRESC, SINERGIA, SITIEL, SINTEVI, SINDINORTE, SINDEL, STEEM, SINERGIA-MS, ARS, APOUS

NOTÍCIAS

**Crime | Identidade de corpo ainda é desconhecida**

O corpo de homem carbonizado encontrado dentro de um tonel na comunidade do Papagaço, no norte de Itanhaém, SP, em última segunda-feira, ainda não foi identificado pela Polícia Civil de Hortolândia. A descoberta e o alto grau de carbonização dificultam a visualização de marcas que poderiam ajudar as investigadores a reconhecê-la. De acordo com o Instituto Médico Legal (IML), os peritos já trabalham com a possibilidade de fazer exame de DNA. Porém, para o procedimento é preciso que algum familiar da vítima se apresente ao Instituto. Genê de Perícias (GCP) para que os materiais genéticos sejam comparados. O crime é investigado pela Delegacia de Homicídios e, de acordo com o delegado Ernio de Mattos, a suspeita é de que o caso tenha relação com o tráfico de drogas.

**Paraguai | Preso suposto líder de mega-assalto**

Um homem de 37 anos preso na manhã de ontem, em Cascavel, no oeste do Paraná, é apontado como líder da quadrilha que roubou cerca de R\$ 14 milhões de transportadores de valores. Preso na segunda-feira, em Ciudad del Este, no Paraguai, segundo a Polícia Federal. O suspeito foi detido pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) na auto-estrada, em um ônibus na linha Rio de Itaipu-Caribina. Natural de São Paulo, ele possui documento de identidade falsos de Itaipu. Segundo porta-voz da PF de Cascavel, Gustavo Koop, as informações colhidas até o momento indicam que ele seria o líder do bando, até ontem. Il pessoas haviam sido presas durante a operação desmontada em conjunto pela Polícia Federal, Rodoviária Federal, Militar e Civil em toda região oeste do Paraná.



Por volta das 22h a 2ª Delegacia de Polícia do bairro Sarcosita (Imagem) foi atingida (fotos). 20 minutos depois da unidade de Choque da PM, na av. Antonina, também foi atingida por tiros.

**XXXIV FEIRA AGROPECUÁRIA DE SANTA CECÍLIA**  
 Data: 30 de abril de 2017  
 Hora: 18h30  
 Parque Melinda Diessen

1000 CUBAÇAS

Desconto Especial para SÓCIO E + 3 ACOMPANHANTES 15%

NOVA CUBAÇA

SHOW NO TÓPO

CHUVA DE AVENTURAS

Clube de Hóspedes

Controle as condições dessa inserção em: [clubedehospedes.com.br](http://clubedehospedes.com.br)

SEGURANÇA

**Capital tem noite de ataques a unidades policiais e tiroteio**

**CRIMES ACONTECERAM NA ILHA e no Continente, e um criminoso foi ferido**

**DOIS VARRAS**

Atropesados por volta das 20h30min, houve dois ataques na ilha. O primeiro aconteceu na unidade do Choque da PM, na Agronomia, ao lado do complexo prisional, quando homens passaram atirando. Em seguida, menos de 20 minutos depois, foi a vez da 2ª Delegacia de Polícia do bairro São dos Limões ser atingida. Eram dois homens em uma moto. Porém, ambos que passaram atirando. Os tiros atingiram a parede da delegacia, atingiram facas feridas - relatos a delegada Ester Goffin.

**MOBILIDADE NA ILHA**

Após os ataques, a Polícia Militar decretou estado de alerta máximo na Capital à noite, conforme relataram policiais à reportagem. A orientação dada foi que os PMs permanecessem com viaturas próximas das bases policiais, não porque havia o risco que mais unidades policiais fossem atingidas. Por volta das 22h30min, houve relato de que criminosos atiraram contra a base da PM no bairro Monte Verde.

**MOBILIDADE NA ILHA FOI NO MONTE VERDE**

Os atentados fizeram a Polícia Militar decretar estado de alerta máximo na Capital à noite, conforme relataram policiais à reportagem. A orientação dada foi que os PMs permanecessem com viaturas próximas das bases policiais, não porque havia o risco que mais unidades policiais fossem atingidas. Por volta das 22h30min, houve relato de que criminosos atiraram contra a base da PM no bairro Monte Verde.

## Vítima de sequestro é resgatada em SP

MULHER DE EMPRESÁRIO foi abordada em Florianópolis e levada por grupo para a capital paulista

Uma mulher de 32 anos que havia sido sequestrada em Florianópolis durante a semana foi resgatada pela Polícia Civil de Santa Catarina na zona Leste de São Paulo, no sábado. Os criminosos chegaram a exigir resgate em Bitcoin, moeda virtual utilizada em transações digitais.

De acordo com o delegado Anselmo Cruz, da Delegacia de Investigações Criminais (Dinc), é a primeira vez que sequestradores pedem resgate nesse tipo de moeda no país. O acesso aos bitcoins se dá, segundo a polícia, pelo marido da vítima, dono de uma empresa que atua no ramo.

— Logo no início da investigação conversei com colegas de todo o Brasil e nunca houve tentativa de sequestro onde fosse exigido esse tipo de pagamento. O grande objetivo era aplicar a transação «explena Cruz, que comandou a operação de resgate.

Em São Paulo, a Dinc encorrou o cativo onde a vítima vivia sendo mantida desde quarta-feira, quando teria sido sequestrada na Lagoa da Conceição após deixar a filha na escola. Na mesma dia ela foi levada

para a capital paulista de carro.

Durante o caminho, o grupo fez o primeiro contato com o empresário. Ele procurou a polícia e seguiu em negociação com os criminosos, no entanto de atrasar o pagamento de R\$ 115 milhões, já que a transação digital é muito difícil de ser rastreada. Enquanto isso, a Dinc identificou o cativo.

— Eles acharam que teriam uma facilidade pelo resgate pago em moeda virtual. A partir daí, houve uma negociação da vítima com os sequestradores e neste intervalo a divisão conseguiu localizar o cativo — disse Cruz.

### POLÍCIA PRENDU SUSPEITO EM CATIVERO

A Polícia Civil acredita que o sequestro foi planejado e que pelo menos seis pessoas estejam envolvidas na ação. Apenas uma foi presa, mas a investigação vai continuar.

— Foi uma operação bastante difícil, mas conseguimos libertar a vítima. Ela passa bem e não está machucada — contou o delegado Raphael Weiring, que também participou da operação.

## Solução em 100% dos casos

DÉBATE VARGAS  
Diário Especial de Segurança  
dgvargas@diariocatalaninho.com.br

Não é pouca coisa o sucesso da Polícia Civil catarinense quando se trata de sequestro. O resultado tem sido para 100% de eficácia nas últimas décadas, como ocorreu neste fim de semana.

Técnicos, inteligência policial, experiência e dedicação exclusiva do início ao fim costumam marcar essas investigações. Nada que não seja necessário, afinal sequestro é delito hediondo e capaz de deixar traumas psicológicos terríveis na vítima e em seus familiares. O dolo com final fútil aos moldes tradicionais teve, desta vez, pulso de resgate de R\$ 115 milhões. Rapidamente a polícia conseguiu rastrear os criminosos e achá-los local em que a vítima estava.

O primeiro sequestro de 2017 em SC marcou a volta do delegado Anselmo Cruz, da

Dinc, há 40 dias afastado por licença médica após ter sido baleado em confronto com assaltantes de banco, em São João Batista — aliás, são essas histórias de cativos eletrônicos a atual prova de criminalidade em cada o país, pois alertaram cidadãos populares. Recuperado, Renato Henrique, o Renatinho, Aguiar e mar de Hélio, que houve mudança em toda a equipe da Dinc e a polícia segue peripatrica e imbuída contra sequestradores.

Janeiro 2014, foram cinco pessoas sequestradas no Estado resgatadas em vida pela polícia: mais vítimas de Ilhote, São João Batista (dois casos), Rio Negro e agora Florianópolis.

## HOMICÍDIO

### Homem é morto a tiros na Capital

Florianópolis registra a 77ª morte violenta do ano na tarde de ontem, no bairro Rio Vermelho, no norte da Ilha. Dois homens em uma moto vermes. Há tríplice atirado contra um casal, ferindo a mulher e matando o acompanhante.

Há relatos de uma terceira pessoa atingida, mas a PM não confirma a ligação com o caso. Seguida a corporação, um homem deu entrada em unidade médica da região com ferimento à bala, mas, assim que foi feito o curativo, fugiu do local. A mulher baleada, por sua vez, foi encaminhada para o Hospital Cely Basso, no Centro, com ferimentos em um dos braços e em uma das pernas.

Os suspeitos do crime ainda não foram identificados, mas uma moto encontrada abandonada perto no local dos disparos poderá auxiliar a investigação da Polícia Civil. Ainda segundo a PM, a mãe da mulher baleada disse que o crime estaria relacionado ao tráfico de drogas.

Incrível-se

Compartilhar

Mais

AS PERGUNTAS: você já compartilhou uma notícia falsa? Tem certeza?

**NUNCA SE PRECISOU TANTO DA IMPRENSA. COMPARTILHE ISSO.**

Boatos inundam as redes sociais. Quantos dados já pagaram você desprezível? Conte com a imprensa para isso não acontecer. 3 de maio. Dia Mundial da Liberdade da Imprensa.



## Facção usaria armas apreendidas na Capital em ataque contra rivais

GRUPO PLANEJAVIA INVADIR região no Norte da ilha que foi palco de chacina em abril, diz delegado

ANDRÉSON SILVA

anderson.silva@diariogovernante.com.br

As armas apreendidas pela Polícia Civil de Florianópolis na comunidade do Papagauro, na quinta-feira, seriam usadas por facção criminosa planejada para invadir a Vila União, também no Norte da Ilha de SC. O grupo planejou atacar os pontos de venda de drogas dominados pela organização rival, revólver na sexta-feira o delegado responsável pelo caso, Antônio Cláudio Sétim Joca.

O armamento havia recém-chegado à Capital. Segundo investigação da polícia, 12 pessoas, entre homens e advogados, foram recrutados para fazer o ataque durante a madrugada de sexta-feira. A tendência, afirma Joca, é de que fossem novos assaltantes como os ocorridos na chacina registrada neste ano.

— Conseguimos evitar a invasão. Entramos na Papagauro e flagra-



ANDRÉSON SILVA

Fuzil recolhido pela polícia chegou a custar R\$ 50 mil no mercado negro.

mos dois suspeitos, sendo um deles com mandado de prisão em aberto. Depois localizamos as armas. Eles irão se reunir no Mercado Moaquito para entrar na Vila União — explicou o delegado.

Cinco armas foram encontradas pela polícia, sendo dois fuzis '56', uma pistola igual a usada pelas forças especiais russas, uma espingarda calibre 12 e uma sub-

metralhadora — esta última fuzil o braço da Polícia Civil do Paraná, de onde teria sido roubada. A estimativa é de que cada um dos fuzis custe em média R\$ 30 mil no mercado negro.

— Suspeitamos que os fuzis e a pistola tenham vindo do Paraguai — afirmou Joca em coletiva de imprensa na manhã de sexta-feira. Um dos presos no Papagauro

foi liberado por não haver provas contra ele. Um terceiro homem foi detido, desta vez na comunidade Norte Florianópolis, na região continental de Florianópolis. A Polícia Civil aponta que ele é um dos líderes da facção criminosa paulista no Estado desde a prisão de Jilão César de Jesus Brito, o Cezinha, em fevereiro passado.

### ESTADO INTERCEPOU CONVERSAS ENTRE PRESOS

A ação de quinta-feira contou com o apoio da área de inteligência da Secretaria de Justiça e Cidadania, que repassou informações sobre as movimentações dentro do sistema prisional. Foram captadas conversas entre membros de facções criminosas detidos no Complexo Penitenciário da Agrolândia, em Florianópolis, sobre a retomada da Vila União. O delegado Adriano Rêis discorreu, porém, que a ordem para o possível ataque tenha vindo de presídios.

## Polícia Civil identifica autores de ataque

A Polícia Civil considerou fechada os assassinatos ocorridos nos dias 16 e 18 de abril na região norte de Florianópolis. A investigação descobriu que 12 pessoas participaram do crime que resultou na morte de duas pessoas na favela do Sítio e seis na Vila União. Outros seis pessoas ficaram feridas. O crime foi motivado por um acordo de contas entre facções rivais.

Das 12 envolvidos, 10 foram identificados. Quatro mandados de prisão foram expedidos e dois foram cumpridos na quinta-feira nos bairros Serraria, em São José, e Monte Cristo, região continental da Capital. Os suspeitos, de 24 e 29 anos, e tinham antecedentes criminais.

— O preso de 24 anos, com passaporte por porte ilegal de arma de fogo, estava usando uma metradora eletrônica no dia do crime. O outro acusado já possui antecedentes por tráfico — destacou o delegado Enio Mattos, que comanda a investigação.

# EXPOGestão

2017

SEMINÁRIO EXCLUSIVO

09 de maio • 9h15

Seminário

### CIDADES QUE SE REINVENTAM

Uma oportunidade única para conhecer estratégias de cidades que transformam problemas em oportunidades e soluções. Aprenda e inspire-se com lições de quem viveu a prática da gestão pública. Do uso de tecnologia para a transformação e do investimento em saúde e qualidade de vida.

Conheça os palestrantes

MARCIO ATALLA

Professor da quadra Médula Certa do Fundação

Autor de: *Repères comparados do investimento em saúde. Qualidade de vida e redução de custos.*

FERNANDO FARIA

Diretor SAP (Soluções de Governo e Educação) do América Latina.

Autor de: *Transformação digital no setor público: aprendizados e aplicações*

JULIANO CORNÉLIO

Administrador de Empresas e Gerente do Sebrae Minas Gerais

Autor de: *Como uma pequena cidade se tornou referência mundial em tecnologia*

ANA CARLA FONSECA

Doutora em TI Business e vencedora do Prêmio Clusius 2013

Autora de: *Como nos conectamos: o conteúdo e as características, um novo paradigma mundial*

Participe! Ideias Inspiradoras podem gerar grandes transformações.

Inscrições pela central de atendimento | 0800 729 0486 | expogestao.com.br

## Motorista é preso após atropelar e matar duas mulheres na Capital

**TESTE DO BAFÔMETRO** detectou que estudante tinha nível de álcool 100% acima do limite

**D**uas mulheres morreram na SC-400, em Florianópolis, após serem atropeladas por um carro na madrugada de sábado. O condutor do veículo foi preso em flagrante. Segundo a Polícia Militar Rodoviária, o teste do bafômetro detectou que ele dirigia com 0,88 miligramas de álcool por litro de ar expelido — acima de 0,34 miligramas já é considerado crime.

O Fiat Uno com placas de Florianópolis atingiu a traseira da Honda Biz 100, com placas de Foz de Iguaçu (PR), ocupada por Solange Daura Pereira, 34 anos, e Rosmyere Maria Mattoli Rodrigues, 37, que morreram no momento da colisão. Elas trabalhavam na Maternidade Carmelo Dutra, no centro da Capital. Testemunhas relataram aos policiais que as vítimas estavam a caminho da unidade quando foram atingidas.

O motorista do automóvel, Pietro Cassin, 25, aceitou fazer bafômetro. Com o resultado indicando embriaguez, o condutor foi encaminhado à Delegacia de Polícia da Capital, na Trindade. Com ele estavam a namorada e um amigo. Os ocupantes do Uno não ficaram feridos.

### AVOUGADO CULPA FALTA DE ILUMINAÇÃO DA VIA

O advogado de Pietro, Marco Paulo Silva dos Santos, diz que o jovem é acadêmico do curso de engenharia de aquicultura da Universidade Federal de Santa Catarina. Segundo o defensor, o local do acidente não tem iluminação pública e o condutor não teria visto a motocicleta.

— Ele ficou no local e prestou assistência. Foi uma fatalidade. E as-



Fiat Uno atingiu motociclista Honda Biz na SC-400, em Florianópolis, na madrugada de sábado

sim que a gente define o ocorrido — defendeu Santos.

Pietro passou por audiência de custódia ainda na tarde de sábado e o juiz plantonista, Marcelo Volpato de Souza, decidiu converter a prisão em flagrante em preventiva. Ele foi encaminhado ontem para o complexo prisional da Agrônômica, em Florianópolis.

Nesse tipo de caso, é comum que o acusado seja levado ao tribunal do júri. Caso isso se confirme, o juiz Marcelo Volpato de Souza, titular da Vara do Júri, também deverá conduzir o julgamento do caso.

O advogado de Pietro diz que aguarda o laudo do acidente para saber como ocorreu a colisão.

— Depois vamos decidir quais os próximos passos adotados pela defesa — acrescenta Santos.

## Rodovias registram outros seis acidentes no fim de semana

Além das duas mortes, outras seis pessoas perderam a vida em rodovias de SC. Ainda no sábado, na BR-282, em Nova Itaberaba, no Oeste de SC, uma moto e um Fiat Uno bateram de frente no km 557 da rodovia. O motociclista de 24 anos morreu no local. O condutor do automóvel não se feriu.

A Polícia Rodoviária Federal registrou outro acidente na rodovia, em Catanduva. Por volta das 12h, um Gol saiu da pista no km 411, matando o condutor de 27 anos.

Durante a tarde de sábado, um motociclista morreu na rodovia Leonardo Bialeck, em Cricúma. De acordo com a Polícia Militar, o motorista que atingiu a vítima tam-

bém estava sob efeito de álcool.

Em Itajaí, na SC-496, uma moto Suzuki, com placa de Pálipoca, um cuminho Volvo, de Brusque, e um ônibus de São José colidiram lateralmente, no mesmo sentido da via. O condutor da motocicleta, de 45 anos, morreu no local. Não há registro sobre outras pessoas feridas.

Na madrugada do domingo, Lucas Caviozi, 21, colidiu com a Honda Biz, no km 714 da BR-476, quando bateu em um Palio com placas de Indaial. Ele morreu no local.

Na manhã de ontem, um jovem de 23 anos foi atropelado na SC-160, em Rio do Oeste, no Vale do Itajaí. O motorista fugiu do local sem prestar socorro.

## Assassinato | Corpo é encontrado na Capital

Um homem de 35 anos foi morto com disparos de arma de fogo na calçada na manhã de sábado, em Ratones, norte da Ilha de Santa Catarina. A vítima estava dentro de um carro quando foi baleada. Com o homicídio, Florianópolis registra 78 mortes violentas em 2017. O corpo da vítima, cujo nome ainda não foi divulgado pela Polícia Civil, foi encontrado por policiais militares no fim da manhã, mas o crime teria ocorrido durante a madrugada.

Responsável pelo caso, a delegada Inês Marianna, que desde abril passou a integrar a Força-Tarefa que cuida dos assassinatos na Capital, não quis dar detalhes da investigação. Disse que o laudo pericial do Instituto Geral de Perícias (IGP) vai determinar quantos tiros a vítima levou. Além disso, a princípio, a morte não tem relação com o tráfico de drogas.

## Joinville | Dois homicídios em menos de sete horas

Dois homens foram mortos a tiros em um intervalo de menos de sete horas em Joinville. O primeiro homicídio ocorreu por volta das 21h30min de sábado, no Jardim Parisão, e o outro foi registrado às 01h30min de ontem no bairro Cabutã, ambos na zona norte da cidade.

Thiago Correr, 27 anos, 64 atingido no meio da rua Segundo a PM, a vítima tem passagens e havia saído do presídio há poucos meses. No segundo assassinato, Célio Fernandes, 53, foi morto dentro de casa enquanto dormia.

Ainda no domingo o corpo de Ricardo Ney Goss, 34, 56 encontrado no bairro Itinga, zona sul. De acordo com a Polícia Civil, ele foi atirado na beira da estrada e tinha ferimentos pelo corpo. A vítima havia descido do prédio de Joinville em 1º de maio.



**Fabians, Marianas, Mários,**

## Trabalhador morre em incêndio

**DEPÓSITO DE MÓVEIS** em Içara ficou destruído pelo fogo na tarde de ontem

**LABIANO GAGLIARI**

labiano.gagliari@diariocapital.com.br

Um trabalhador morreu ontem durante incêndio que destruiu um depósito de móveis da loja De Luca, em Içara, no Sul do Estado. Segundo funcionários, a vítima, que não teve a identidade divulgada, era motorista na empresa e descansava depois do almoço. O fogo começou por volta do meio dia e se espalhou rapidamente.

O resgate do pavilhão também foi atingido pelas chamas e decapitados. Uma das paredes, com acionadores de altura, foi comprometida e o Corpo de Bombeiros tem que desabe e atinja parte da rua Marcos Rovaris, no centro da cidade. De acordo com a Defesa Civil, toda a estrutura corre o risco de ser demolida.

Uma ambulância, que fica ao lado do prédio atingido, foi evacuada na pressa, mas ninguém ficou ferido.

**Homicídio | Mulher é morta a facadas no Centro da Capital na madrugada**

Fotografias registaram um novo homicídio na madrugada de ontem. Carla Elaine Valente de Oliveira, 42 anos, foi esfaqueada por outra mulher no terminal central. De acordo com a Polícia Militar, as duas eram usuárias de drogas. Uma moradora de rua foi presa e confessou o assassinato. Com essa ocorrência, o Capital chega a 10 meses violentos neste ano, incluindo assassinatos, latrocínios (furtos seguidos de morte), lesão corporal seguida de morte e conflitos com a polícia.



Incêndio em depósito de móveis em Içara destruiu o prédio e obrigou a ser demolida a fachada da loja.

na região, os pessoas podem achar que foi íssio. Mas parece que ocorreu mesmo um incêndio. Isso tudo são conjecturas, isso só será confirmado em laudo pericial – explica Souza.

A documentação do prédio e o alvará do Corpo de Bombeiros serão checados.

**Acidente | Motociclista morre após cair e ser atropelado na SC-401, em Florianópolis**

Um motociclista morreu ontem na SC-401, rodovia que liga ao Norte da Ilha de SC. Segundo a Polícia Militar Rodoviária, a vítima, que não teve a identidade revelada, foi atingido por um automóvel após perder o controle da moto e cair na via. O motorista do carro fugiu. E o segundo acidente com vítima na rodovia em dois dias. No sábado, duas mulheres morreram ao serem atropeladas. O motorista foi preso em flagrante após testes de fôlego indicarem a presença de álcool no organismo.

## SEGURANÇA

### Polícia prende dois suspeitos de matar jovem decapitado

**CLAUDIA MOREIRA**

claudia.moreira@diariocapital.com.br

reportagem

Dois garotos de 17 anos foram apreendidos na manhã de ontem suspeitos de participar da morte de Alan Santos, 24 anos, em Joinville. O crime ocorreu na dia 29 mesma data em que a cabeça dele foi encontrada por moradores em uma mochila na rua Nossa Senhora da Fátima, no bairro Vila Cubatão. O corpo estava na Estrada Geral do Itapocu, na cidade vizinha de Araquari.

Como não havia testemunhas nem imagens de câmeras de segurança para orientar o início da diligência, a investigação da Polícia Civil partiu de conversas e pesquisas nas comunidades onde o crime poderia ter ocorrido.

Entre os dois adolescentes apreendidos, apenas um detém passagens criminais por ocorrências como furto de veículos e tráfico de drogas. Segundo o delegado Eliseu Bertolini, da Delegacia de Homicídios, ele

não confessou participação no assassinato, mas policiais afirmam que conseguiu provas que o ligam ao homicídio.

O outro garoto de 17 anos confessou a autoria do crime. Segundo ele, Alan foi até o local em que o assassinato foi cometido, uma casa que funciona como ponto de tráfico de drogas na rua Comendador, no bairro Profpiza, conduzido ao ex-fundado da casa,

onde foi morto por atirada e com quatro facadas no peito. Um vídeo da vítima sendo afixada chegou a ser compartilhado nas redes sociais. O adolescente disse não ter participado da decapitação e não revelou nomes de outros participantes do crime.

**CRIMINOSOS SÃO DE FACÇÃO CRIMINOSA, DIZ POLÍCIA**

Se a participação for confirmada, os dois garotos devem responder por homicídio, violência e ocultação de cadáver. Segundo o delegado Dirceu da Silveira Jr., os adolescentes são integrantes de uma facção criminosa – e mesmo que, no ano passado, foi acusada pela morte e decapitação de Israel Melo Junior, 16 anos, também em Joinville. Esse caso está em fase de julgamento dos seus indicados pelo crime. Como afirma o delegado Fabiano Silveira, a decapitação faz parte da simbologia de um crime inserido na guerra de facções.

A família de Alan contou à reportagem na época do crime que ele fazia bicos como pianer, filho de pais religiosos, havia frequentado a igreja evangélica por muitos anos. Aos 15 anos, começou a se envolver com drogas. O pai, Nori Santos, lembrou que, no dia do homicídio, a vítima recebeu uma ligação por volta das 17h e saiu de casa dizendo que ia ao bairro Ulisses Guimarães, região sul de Joinville.

Feira de

# TERNEIRO E TERNEIRA

## LAGES 2017

Parque de Exposições Conta Dinheiro

**ETAPA II**

**13/05**

SÁBADO • 14h00

**FEIRA DE GADO GERAL**

**13/05**

SÁBADO • 18h00

PRAZO DE PAGAMENTO:

**MACHOS: 45 DIAS / FÊMEAS: 60 DIAS**

FINANCIAMENTO BANCÁRIO, CONSULTE A SUA AGÊNCIA

49 3236 2882

87 9647 2000

# Motorista processa Estado

**JEFFERSON BUENO, ACUSADO** de atropelar e matar três pessoas com um Camaro, irá pedir indenização

**LEONARDO THOMÉ**  
leonardo.thome@thomaz.com.br

A defesa de Jefferson Bueno, acusado de atropelar três pessoas e matar uma delas na madrugada de 7 de janeiro deste ano nos limites de Florianópolis, vai mover uma ação indenizatória contra o Estado de Santa Catarina para ressarcir o motorista do Camaro denunciado à Justiça por homicídio doloso imprudentemente qualificado – com agravamento de motivo fútil, perigo comum e meio que dificultou ou impossibilitou a defesa da vítima – três tentativas de homicídio – com as mesmas três qualificativas – e crime de omissão por fugir do local sem prestar socorro às vítimas.

O advogado Ademir Costa Campa não revela o valor que será pedido, mas adianta que supostos problemas de sinalização no SC-403, onde ocorreram os fatos, permitem a cobrança da indenização.

– Vou aditar uma ação de indenização contra o Estado de SC por que, dois quilômetros antes do local onde ocorreu o acidente, há uma placa de 80 km/h. O que isso pressupõe é que não há supercarro na placa, a velocidade indicada é 80. Mas sempre que há uma lombada, como no local, a lei determina a necessidade de haver placa indicativa de 20 km/h. E não tinha. Então vamos buscar reparos pelo que ocorreu. Assim como mostrar nossa homenagem às vítimas – afirma Campa.



Bueno está no Rio Grande do Sul

## O ATROPELAMENTO

• Por volta de 3h de 7 de janeiro de 2017, Jefferson Bueno atropelou Christiane Flores, 31, que morava no local, e, possivelmente, Milene dos Lodi, 36 anos, que teve as duas pernas amputadas, e o amigo do casal Jean Matos, 22.

• O motorista conduzia um Camaro com placas de Sapiranga (RS). O carro invadiu a calçada em frente à loja RPS Auto Sim, no SC-403. Milene era proprietária do estabelecimento e retornava com a esposa para a casa da família, que fica nos fundos do local. Lá, familiares e os filhos, uma menina de 13 anos com menos de 5, os aguardavam. Antes de atingir as três pessoas, o Camaro bateu em um busto – esculpido por Roberto de Jesus Cordeiro – e numa hilux.

A fiança, estipulada inicialmente em R\$ 140.000, foi diminuída pela metade sob a alegação de que Bueno não teria pago o valor inicial por falta de condições. Campa diz que o valor foi pago, “com muita dificuldade”, pela família do acusado, filha de uma empresa de produção de metais. Bueno, 29 anos, que é conhecido em Sapiranga como um dos donos da empresa, deve voltar ao trabalho em poucos dias, explica o advogado. A reportagem tentou entrevistá-lo, mas o advogado diz que ele “ainda está muito abalado com tudo que ocorreu”.

O laudo técnico do Instituto Geral de Perícias (IGP) sobre o acidente afirma que o Camaro transitava entre 80 e 90 km/h.

## PEDIDO DE PRISÃO POR INDENIZAÇÃO

Mais de quatro meses depois de se envolver na morte de Christiane Flores, 31 anos, e nos ferimentos graves de Milene dos Lodi, 36, e Jean Matos, 22, na última sexta-feira, dia 20, Bueno enfim

se apresentou à Justiça no Capital. Mas ele sabia que não ficaria preso, já que o pedido de prisão foi revogado em 26 de abril. Chegou ao fórum de carro com um amigo vindo de Sapiranga, onde mora, no Rio Grande do Sul. Entregou a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e o cunivo do juiz Marcelo Volpato de Souza as restrições que terá de cumprir como medidas cautelares da sua pena, o que inclui a perda de prisão que havia contra ele.

## PALHOÇA

**Oito de nove réus em crime de advogado estão soltos**

Pouco mais de um ano após a morte do advogado Roberto Luis Cullari, ocorrida em 24 de maio de 2006 durante uma falsa reintegração de posse no Barra do Antil, em Palhoça, apenas um dos nove réus acusados pelo crime está preso, o ex-policial militar Vanderlei Bento da Costa. Ele está atrás das grades por ter sido condenado em segunda instância em outro processo, por tortura. A defesa pediu a revogação da preventiva, mas a Justiça negou o pedido e o manteve preso.

Em 4 de junho ocorrerá o que deve ser a última audiência de instrução e julgamento do processo que julga a morte de Cullari, que tinha 42 anos, antes da sentença em primeiro grau. As defesas dos acusados negam participação na morte.

## Capital | Louren é morto no Rio Vermelho

Florianópolis registra mais uma morte violenta. Paulo José Peter Filho, 38 anos, foi assassinado no bairro do Rio Vermelho, no norte da ilha, por volta de 1h de ontem. Segundo a Polícia Militar, testemunhas disseram que uma motocicleta com dois ocupantes passou pela Serviço Comandos das Orlinhas atirando contra José.



## COMUNICADO DE RECALL

### FORD RANGER MODELOS 2015 A 2017 COM TRANSMISSÃO MANUAL

A Ford Motor Company Brazil Ltda. convoca seus consumidores para atender à presente Campanha de Recall dos veículos Ranger modelo 2015 a 2017, equipados com transmissão manual, com finais de chassis abaixo relacionados:

MODELOS	CHASSIS (8 algarismos)	DATA DE PRODUÇÃO
2015	De FJ200111 até FJ200080	De 13 de maio de 2015 até 6 de julho de 2015
2016	De C00001 até C000199	De 1º de julho de 2015 até 16 de janeiro de 2016
2017	De HJ20017 até HJ200122	De 2 de fevereiro de 2016 até 28 de abril de 2016

**Complemento obrigatório:** cabos seladores de marcha do transmissão e eixo cardão traseiro.

**Razões técnicas:** possibilidade de desprendimento dos cabos seladores de marcha do transmissão de sua posição de fixação e consequente interferência desses cabos com o eixo cardão traseiro, o que pode resultar na quebra do cardã.

**Riscos:** no caso de quebra do cardã, ocorrerá perda de força motriz no eixo traseiro e, em casos extremos, poderá haver danos aos componentes à câmbio e a outro componente próximo à região de ruptura, o que pode resultar em acidente com consequências físicas em caso de colisão e lesões.

**Soluções:** verificação, se necessária, substituição gratuita dos cabos seladores de marcha do transmissão, de sua posição de fixação e do eixo cardã traseiro.

**Atendimento:** contatar o Centro de Atendimento Ford (CAF) pelo telefone 0800 700 3073 ou um Distribuidor Ford de sua preferência para verificar se seu veículo está envolvido neste campanha. Caso confirmado, será agendada a verificação e, se necessário, a substituição gratuita do eixo.

**Tempo previsto do reparo:** aproximadamente 15 (quinze) minutos para verificação e, se necessária a substituição dos componentes, aproximadamente 2 (duas) horas, podendo ocorrer variações conforme o tipo de atendimento do Distribuidor Ford de momento da realização do serviço.

**Data de início do atendimento:** 26 de maio de 2017.

A Ford destaca a importância de lembrar o atendimento a esta convocação. Este anúncio também está disponível no site [www.ford.com.br](http://www.ford.com.br)

Pela vida. Escolha o trânsito seguro.



www.ford.com.br

# Prisão de PMs leva a protesto e batalha de versões nas redes

**APÓS MANIFESTAÇÃO DE FAMILÍAS,** crise entre policiais civil e militar em Balneário Camboriú aumenta

**DIAGRAMA ESPECIAL**

diagrama@brasilatual.com.br

Famílias de policiais militares organizaram um protesto ontem contra a prisão de seis agentes do Polício de Patrulhamento Tático (PPT) de Balneário Camboriú, que teriam torcido um suspeito e atrapalhado investigação da Polícia Civil. Uma passeata e uma caravana seguiram da Rua México, próximo à sede do 12º Batalhão, onde os policiais estão presos, até a Praça Almirante Tamandaré, no Centro.

Os participantes, entre eles estudantes que representam os policiais militares, reclamaram de "espectacularização" das ações que ocorreram na última quinta-feira.

O comando se apressou em informar que a manifestação foi convocada pela comunidade, e não pela instituição. Apesar disso, os líderes ficaram ainda mais alertados no fim de semana, quando as duas polícias protagonizaram uma batalha de versões nas redes sociais.

Em defesa dos policiais militares, a Associação de Oficiais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (Aocem) informou que vai contestar na Justiça a forma como a operação foi conduzida. A entidade emitiu uma nota em que afirmou estar abalado o fato de as suspeitas sobre a conduta dos policiais militares não terem sido levadas à Correição antes da prisão.

— Percebemos que além do cum-



Famílias de policiais presos e entidades que os representam reclamam da espetacularização da ação e excessos

primário das medidas tomadas, uma ação cinematográfica e midiática foi montada com a clara intenção de mascarar a imagem da Polícia Militar e do comando local", diz o texto, que destaca ainda as "velhas" fotos por policiais civis no batalhão — o que foi creditado como provocação pela PM.

## HISTÓRICO DE EMBATE ENTRE INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Em resposta, a Delegacia Regional de Balneário Camboriú publicou um texto em que afirma que as prisões foram decretadas pela Justiça com base legal, classifica as pressões institucionais como "insuficientes" e diz que "passos em outras nas redes sociais não teriam o condão de revogar a prisão dos policiais". Por fim, acrescenta que "a discordância entre as instituições é prejudicial para toda a sociedade".

O advogado Luiz Eduardo Cleto Rigotto, que representa os policiais militares envolvidos na operação, apresentou um pedido de revogação da prisão preventiva, mas o Ministério Público se manifestou contrário. Ele afirma que não houve torturas e diz que a prisão é uma medida extrema.

— A decisão foi com que um criminoso ficasse solto e a sociedade ficasse com duas equipes do PPT a menos nas ruas — diz.

Hoje a defesa dos policiais tentará uma audiência com o juiz responsável pelo caso e deve apresentar um pedido de habeas corpus.

O Impasse deve impactar a Secretaria Municipal de Segurança Pública em Balneário Camboriú. O motivo foi o uso da Guarda Municipal na operação da Polícia Civil que deteve os agentes do PPT — o que é considerado ilegal pela Acom.

## INTENÇÃO DO CASO

O grupo de militares presos, integrantes do PPT, é investigado pela polícia de trânsito fiscal e estratégica para obter a confirmação de um suspeito de homicídio. Segundo a Polícia Civil, os policiais militares abandonaram o homem e o levaram até um local remoto. Os agentes não tinham certeza se o suspeito era o participante em um homicídio no dia 10 de abril e informaram a instância da municipalidade.

A Polícia Civil usou que não se pode aceitar o momento de distração dos militares para agir para o resgate, e a polícia teria feito buscas em dois imóveis no local, pois o homem agiu com violência contra pessoas que estavam ali.

Em nota, a Polícia Civil diz que a operação "termeis e desarmada e de caráter militar" corrigiu erros e apuração do crime de homicídio.

**DIÁRIO CARIMINENSE, FLORIANÓPOLIS, 23 DE MARÇO DE 2017**

12

**DIOGO VARGAS**  
diogo.vargas@brasilatual.com.br

## Prejuízo à população

No último dia do episódio coloco-se em evidência o conflito entre os lados opostos e criamos um clima de enorme animosidade entre as instituições em Santa Catarina. O primeiro foi em Balneário Camboriú quando policiais civis investigam e prendem seis policiais militares por artarem contra o suspeito de um assassinato. Os militares tiveram a prisão preventiva decretada pela Justiça. Os dois da PM assinaram os autos de prisão em flagrante e casaram na ação entendendo que havia crime de provocação depois que dois policiais ficaram em prisão no fim de semana.

Gravando vídeos em suas páginas, as instituições se posicionaram no assunto em Florianópolis. PMs se empenharam em um bombardeio em confronto com um suspeito. Após o fato, a PM assinou a autoridade, levando os policiais, armas e munição das instituições para o quartel, em nota, prontamente assinada pelo PPT de Polícia Civil.

Relatos colados das polícias de ambas as instituições em redes sociais e houve manifestação de insatisfação de uma passeata em apoio aos PMs presos em Balneário Camboriú.

Quase é preciso abelhar diante desse cenário de conflitos entre as polícias, quando acontece em outros anos no Estado de respeito ao papel da Secretaria de Segurança Pública. O secretário de SSP, promotor de Justiça César Grubba, precisa meditar, refletir e dar um basta na situação, expondo as medidas tomadas à população antes que falte graves atentados e casos em que a criminalidade é em que os presos ou agentes policiais ou seja, em um quadro de tensão como esse entre instituições e cidadãos em prol da segurança pública.

*Diálogo de vazio.* Em Florianópolis, por exemplo, há um recorde de homicídios entre os casos pelo menos de mortes em massa a um confronto suscitado de fatos criminosos. As comunidades sofrem com mandatos de organizações criminosas, tráfico e drogas. Se houver irregularidades, crimes em excessos, as organizações das polícias civis e policiais militares não devem e não podem ser o mesmo. O Judiciário e Ministério Público também precisam se envolver e fazer valer a legislação onde há questionamentos e dúvidas sobre o papel da polícia corporativa.

## NORTE DA ILHA

### Morte em confronto com a PM terá investigação militar

**REPORTAGEM**

reportagem@brasilatual.com.br

Uma abordagem da Polícia Militar teve sequência em confronto e terminou em morte de um suspeito na tarde de sábado em Varigoto de Bom Jesus, no Norte da Ilha de Santa Catarina. Segundo informações da PM, uma vítima foi atingida na comunidade Vila União, em uma área conhecida pelo diapas no comando de tráfico de drogas, quando observou a morte e a prisão. Na ação de apreensão da vítima, o suspeito pulou um muro e fugiu para a área de um laridário da região.

Ainda conforme a PM, os policiais seguiram em perseguição ao

homem, que não obedeceu a ordens e sacou uma pistola. Ele foi baleado e morreu no local. A polícia o identificou como Jilso Cesar Lima Marques, 46m de idade, ex-cirurgião ortopédico.

Por decisão do comando do 21º Batalhão da Polícia Militar, que abrange a região Norte da Ilha, o trabalho de apuração das circunstâncias da morte teve início a partir da própria PM. Normalmente, investigações de ocorrências que resultam em morte são lideradas pela Polícia Civil.

— Foi uma atualização do nosso procedimento para aquele caso específico, que na realidade tornou mais prático. Nossa corredeira estava de plantão e

entramos todo o equipamento e as pessoas disponíveis para fazer o trabalho de maneira mais ágil e eficiente — aponta o comandante do 21º BPM, tenente-coronel Silvio Santos de Silveira Almeida.

Segundo o comandante, há previsão legal para que seja aberto um Inquérito Policial Militar porque as características da morte em confronto correspondem a crime militar.

## DELEGACIA DE HOMICÍDIOS TAMBÉM APURARÁ OCORRÊNCIA

A municipal e a pistola da suspensão além das armas dos policiais, foram lacradas por peritos do Instituto Geral de Perícias (IGP) e

aprendidas no batalhão da PM. O material deve ser entregue nesta segunda-feira para análise.

A Delegacia de Homicídios da Polícia Civil em Florianópolis também abriu inquérito para apurar o crime em confronto. O delegado Edson Mattos, titular da DHP, reforçou que a local foi observado por investigadores da delegacia e que a investigação terá sequência normalmente. A avaliação de um Inquérito Policial Militar paralelo, diz Mattos, não interfere.

O delegado, no entanto, disse estar estranhado a decisão do PM de apreender as armas e as munições recolhidas na ocorrência. Na avaliação dele, esta também caberia ao perito do IGP.

**COPA DO BRASIL**

CHAPE ENCARA  
O CRUZEIRO DE  
OLHO EM VAGA

**DE SELEÇÃO**

MAICON SE  
APRESENTA E JÁ  
TREINA NO AVAÍ

**FIGUEIRENSE**

GOLEIRO EXPLICA  
POR QUE DEIXOU  
JOGO NO INTERVALO

**NOVO TÉCNICO**

LUIZ CARLOS WINCK  
ASSUME COMANDO  
DO CRICIUMA



Esporte | 28 a 30

DIÁRIO CATARINENSE

# DC

SANTA CATARINA  
ANO 52 Nº 11.274  
PREÇO FIXADO: R\$ 2,50

**QUINTA-FEIRA**  
1º DE JUNHO DE 2017

**MORTE DE DELEGADOS**

## Discussão deu início a tiroteio, afirma polícia

Federais estavam em casa de prostituição em Florianópolis e trocaram tiros com clientes

Notícias | 6 e 7

**LENIÊNCIA**

MINISTÉRIO  
PÚBLICO E J&F  
FECHAM ACORDO  
DE R\$ 10,3 BI

Notícias | 10 e 11

Rio Uruguai, em São Carlos, chegou a subir 10,3 metros e a sair do leito ontem.

## CHUVA AFETA A POPULAÇÃO DE 66 CIDADES

Com rios cheios e encostas em risco de desabamento, Defesa Civil reforça alerta. Previsão é de que tempo melhore a partir de hoje

**36,5 MIL CRIANÇAS ESTÃO SEM AULA**      **ESTADO TEM 3,1 MIL DESALOJADOS**

Sua Vida | 22 e 23

# MORTE DE DOIS DELEGADOS CASA FLORIANÓPOLIS

**DISCUSSÃO TERIA MOTIVADO** tiroteio em casa de prostituição no bairro Estreito. Investigação vai apurar os motivos da briga

ROSTON MACIEL, DIEGO VERRUGAL,  
CAROLINE RODRIGUES, ANDRÉAZA SILVA  
E LEONARDO THOMÉ

Uma confusão iniciada numa casa de prostituição teve sequência em fim de semana e resultou na morte de dois delegados da Polícia Federal, na madrugada de ontem, em Florianópolis. Os delegados Elias Escobar, 60 anos, e Adriano Antônio Soares, 47 anos, estavam em unidade do Batalhão de Polícia de Jurema, mas participaram de um curso de capacitação interna da PF em Florianópolis e tinham a noite livre.

A investigação aponta que, mesmo de briga, ambos estiveram armados quando chegaram à casa noturna no bairro Estreito. Lá, tiveram um desentendimento com o vendedor de cachorro-quente Nilton César Souza Júnior, 36 anos, que também estava armado e acompanhado de outros dois homens. O grupo teria começado a confusão no andar de cima da boate, dando início a troca de tiros já no corredor de saída.

Marques nos paradas indicam um tiroteio disparado na fachada. Elias morreu na hora, após ser baleado na cabeça e no peito. Adriano chegou a ser levado de táxi para o Hospital Florianópolis, em estado crítico, mas morreu minutos após dar entrada na unidade. O vendedor de cachorro-quente Nilton também foi atingido na troca de tiros. Ele foi levado por um dos homens que o acompanharam para o mesmo hospital.

## DOIS HOMENS AINDA SÃO PROCURADOS PELA POLÍCIA

O homem era funcionário na negócios de cachorro-quente de Nilton e estava foragido após o fechamento desta unidade. O outro cliente envolvido no tiroteio, já identificado, também era procurado. Nilton continua internado ontem à noite, sob a custódia da polícia, e não correu risco de morte.

A investigação do caso é conduzida pela Divisão de Homicídios da Polícia Civil na Capital. Apesar de ainda haver dúvidas sobre as circunstâncias do conflito, a investigação já está definida.

— A motivação foi um desentendimento entre eles — aponta o delegado Venêl Ferreira, diretor de polícia da Polícia Civil na Grande Florianópolis, que acompanha o inquérito.

Segundo o delegado, testemunhas confirmam a versão de que houve um desentendimento dos delegados da Polícia Federal com o grupo de Nilton. Entre as pessoas ouvidas estão os maridos que trabalham na casa noturna. A polícia informou apenas que os depoimentos corroboram a linha de investigação. O diretor da Polícia Civil afirmou a reportagem que o vendedor de cachorro-quente não tinha porte de arma.

Segundo um funcionário do Hospital Florianópolis, que preferiu não ser identificado, quando ele estava sendo atendido, Nilton afirmou que os delegados fizeram ameaça aos dois homens que



Como ocorreu o tiroteio armado por porta-pessoas lateral.

## CONTRABANDO

### O QUE DIZ O ADVOGADO DE NILTON CÉSAR SOUZA JÚNIOR

O advogado Marco Paulo Silva dos Santos é defensor de Nilton no inquérito que apura a morte dos policiais federais. Ele afirma que ainda não conversa com o cliente, pois ele está internado esperando fazer no hospital. Marco Paulo diz que Nilton teve quatro tentativas de recuperação de saúde, mas que suas possibilidades de recuperação são baixas. Sobre a prisão, garante que a arma está registrada e lembra que o empresário praticava irregularidades.

— A arma tinha CR, que é o registro de circulação, e ele praticava tráfico no bairro na 38, em São José. Sobre o ocorrido, tenho informação que o permitido disparou partiu da arma da autoridade policial. Vamos analisar esse caso, discutir quem deu causa, a legitimidade e ver se ocorreram eventos de alguma natureza — afirma o advogado.

o acompanharam no boate.

— As linhas policiais dele é que houve um desentendimento lá em cima e, quando eles desceram, aconteceu o confronto — comenta o funcionário do hospital.

Mas tiros foram registrados no lado de fora do hospital, quando a unidade já havia recebido o delegado e o vendedor de cachorro-quente. Conforme testemunhas, um homem fez disparos na direção de um táxi, mas não acertou o motorista. A polícia ainda apura o caso.

## QUEM SÃO



### ADRIANO ANTÔNIO SOARES

• Investigado da PF desde 1995, era chefe da unidade em Angola das Fiesp, no Rio de Janeiro, há dois anos. Em janeiro deste ano, deu início ao inquérito sobre a morte do ministro do STF Ivan Szusterman em acidente aéreo em Pratybatã.



### ELIAS ESCOBAR

• Elias Escobar era estado na Polícia Federal em Itabira. Antes, atuou em Volta Redonda. Em 2014, uma mega-Operação por ele enviada prendeu três policiais civis acusados de envolvimento com tráfico de drogas e entrada no sul fluminense, em Minas Gerais e em São Paulo.



### NILTON CÉSAR SOUZA JUNIOR

• O suspeito de matar os dois delegados é dono de um trailer de cachorro-quente, chamado Nilton Dog. Há 10 anos, na avenida General Tancredo Neves, no Estreito, tem 30 anos, casado e pai de dois filhos. Tem a ideia de vender o trailer em vendas locais e foi tema de reportagem em rede de conhecimento. Além do trabalho, o empresário tem como hobby a prática de tiro ao alvo. Tem fotos de prática de tiro em redes sociais.

(41) 3216-2956  
 Editora: Ana Petten  
 jupia.petten@diariacapital.com.br

(41) 3216-2959  
 Editor: Natália Lee  
 natalia.lee@diariacapital.com.br

(41) 3216-2957  
 Editor: Roger Viret  
 roger.viret@diariacapital.com.br

DANILO CARVALHO,  
 QUINZA FÉRIAS  
 17 DE JANEIRO DE 2017

#### O QUE SE SABE

• **Por volta de 0h**, os dois delegados da Polícia Federal, Elton Fortes e Adilson Arnonio Soares deixaram um apartamento no sul da área em um taxi.

• **Dois horas depois** foram baleados por Nilton Cesar Sousa Junior, 38 anos, vendedor de cachorro-quente que estava dentro da casa na rua Flávio Adrezi, no Estrelo, após um desentendimento.

• **Meios horas depois** foram os delegados e Nilton, que foi ferido e levado ao Hospital Florianópolis, no Estrelo, seu antigo e funcional endereço que o acompanhava.

• **Enxoval moroso** no crediário que dava acesso à casa noturna e Soares foi ferido e levado ao mesmo hospital em um taxi.

• **Segundo a polícia**, chegando no hospital a vítima que teve o oficial fo alvo de um disparo que teria sido efetuado pelo amigo e funcionário de Nilton que havia arrendado suas políticas na casa noturna. O taxista não foi atingido.

#### O QUE FALTA DESCOBRIR

• **A polícia já tem a identidade** dos dois taxistas que estavam com Nilton no estabelecimento, mas ainda não foi detalhada a participação de cada um no tiroteio.

• **Apesar de três armas** terem sido usadas no tiroteio, somente duas foram recolhidas pela polícia (paralelo do mesmo endereço arma de revólver).

• **Havia uma câmera no lado de fora** da casa noturna e o vídeo que foi gravado e a polícia não confirmou a reprodução se o equipamento registrou imagens que possam ajudar na investigação.

DIOGO MANGALDI  
 @diogomangaldi

## As vidas perdidas simbolizam um ano triste e assustador

Florianópolis chegou a 90 mortes violentas em 2017 com o assassinato dos dois delegados da Polícia Federal. O dado é da Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina.

Desde o começo do ano, foram 79 homicídios, dois latrocínios (roubos seguidos de morte), quatro lesões seguidas de morte e cinco mortes em conformo com a polícia, conforme reportagem feita e divulgada pela própria Secretaria de Segurança.

As vidas perdidas simbolizam um ano triste e assustador na história da Capital catarinense. Em cinco meses de 2017, já representaram quase todas as assassinatos de 2016, quando ocorreram 82 mortes violentas o ano todo. Sem dúvida, o ano é colossismo e caminha para um dos mais

violentos da história de Florianópolis. Os homicídios dos delegados federais se desdobram como um trágico desentendimento que acabou sendo resolvido à bala por rituais. Mas, fatalmente, acabaram trazendo à tona novamente o real aumento da criminalidade e o insegurança que atinge a capital da Estado.

No meio político, o quadro é de extrema preocupação. Afinal, apesar do esboço de políticas linhas de frente, não há conhecimento de um plano de prevenção e atuação abrangente que garanta a diminuição dos crimes. Alheia à guerra entre Jacir e do tráfico de drogas, a certeza é que tem mesmo profundidade da segurança está imune a flirar e é de violência imposta em tempos atuais.

## Estabelecimento era investigado pela Polícia Civil desde ano passado

O endereço 690 da Rua Flávio Adrezi, no Estrelo, bairro da região continental de Florianópolis, é identificado pela Polícia Civil como casa de prostituição em inquérito instaurado em setembro de 2016 pelo delegado Ilson Silva, titular da 9ª DP da Capital. Prestes a concluir a peça e encaminhá-la à Justiça, Ilson afirma que vai indicar pelo menos dois honores – que aparecem como sócios na razão social da empresa criada por eles – e uma mulher – que gerencia o local – por crime de facilitação à prostituição e manutenção de casa de prostituição. A respectiva do delegado é terminar o inquérito no máximo até a próxima semana.

Outros vinte pessoas no inquérito e aparatos crimes de favorecimento à prostituição e manutenção de casa de prostituição. Tudo indica que as pessoas que estão na razão social da empresa e do contrato de aluguel, bem como a gerente, serão indicadas. Tem proprietário da empresa que é de fora do Estado – revela Silva.

A Polícia Civil só tem conhecimento das atividades exercidas no local em junho do ano passado, quando os responsáveis pelo estabelecimento protocolaram pedido de alvará de funcionamento na Gerência de Fogo e Diversões de Florianópolis. O pleito da casa era por um alvará de bar com funcionamento até a madrugada.

O pedido, contudo, foi negado pelo equipe da delegada Michele Alves Corrêa, titular de Fogo e Diversões, que constituiu a prática de prostituição no local.

– Fizemos uma vistoria e vimos que havia quartos e garitas de programa. Foram sete mulheres no dia. Fizemos o levantamento das meninas, jovens, um do Oeste e outro daqui. Apendemos imagens das câmeras de videomonitoramento e materiais que caracterizavam a casa de prostituição como agendadas.

O estabelecimento foi fechado pela Polícia Civil em setembro do ano passado e o

alvará indeferido. Depois, equipes da delegada até fizeram campanha no local, mas nunca mais ficaram funcionando.

Tudo o material foi encaminhado ao delegado Ilson Silva, que agora trabalha na conclusão do inquérito no área criminal, enquanto a delegada Michele trata da questão administrativa.

A delegada ressalta a dificuldade em fazer as investigações no estabelecimento. Segundo ela, quando das incursões policiais, as pessoas que estavam no interior do imóvel acompanhavam a visita dos agentes pelas câmeras de videomonitoramento e, em alguns casos, fugiam pelos fundos do terreno em direção à Avenida Beira-Mar Continental.

A delegada destaca que a ausência de estabelecimento e o acesso restrito ao imóvel também dificultam as ações da polícia.

– Nossa abordagem foi bem difícil porque tinha um segurança que monitora o movimento e avisava as meninas, que corriam os se escondiam. Tive várias situações que monitoramos, mas em uma delas conseguimos entrar de surpresa e caracterizar e materializar os crimes relacionados à prostituição – conta Michele, que confirma a existência de bar no local, porém também em quartos e anexos de quartos e valores relativos ao serviço de prostituição.

#### CASA TRINHA ALVARÁ DE LANCHONETE

A casa onde foram assassinados os delegados da Polícia Federal, Elton Fortes e Adilson Arnonio Soares também era registrada como estabelecimento comercial na prefeitura de Florianópolis. No registro de funcionamento junto Executivo da Capital consta a licença de funcionamento para lanchonete na Rua Flávio Adrezi, número 690. A assessora de imprensa da prefeitura informou que o alvará é válido até julho.

## “Foram mais de 20 disparos”

### ENTREVISTA

VEREDI FURLANETTO  
 Delegado diretor da Polícia Civil na Grande Florianópolis

A linha de investigação do crime é de desentendimento entre os envolvidos?

Sim. Duas pessoas estavam com o Nilton (comerciante), mas um tem participação mais direta. O outro acabou se afastando. A principal eram três pessoas de um lado e os dois delegados do outro.

Os outros dois envolvidos já estão identificados? São considerados foragidos?

Estão identificados fotograficamente, não. É considerado foragido quando existe um mandado de prisão contra a pessoa. Na verdade, estavam foragidos no sentido técnico do foragido. Há flagrante por terem sido disparos de arma de fogo, terem auctuado na fuga. Não há mandado de prisão ainda contra eles porque o procedimento está terminado.

Divisão de Homicídios investiga o caso. Tem apoio da Polícia Federal?

O delegado Ézio Mattos, da Polícia Federal, acompanha os trabalhos da Polícia Civil. Entendemos todos juntos pela manhã, à tarde eles também estiveram lá.

O Nilton, que sobreviveu ao tiroteio, é considerado preso em flagrante?

Nilton está sob custódia e está sob flagrante.

E poderia estar armado?

Estava com uma Glock 380. Ele não tinha porte de arma de fogo, estava irregular.

Quais armas foram recolhidas no local?

Foram mais de 20 disparos. São duas armas dos dois delegados e uma arma com o Nilton. Uma delas não foi encontrada no local.

As mulheres que trabalhavam na casa foram ouvidas também? Todo mundo.

O que as mulheres disseram? São essas informações. A motivação foi um desentendimento entre os envolvidos.

A polícia já esclareceu os disparos ocorridos fora do Hospital Florianópolis?

Algumas informações não podem ser repassadas para não atrapalhar a investigação.

DIÁRIO CATARINENSE

**DC**

SANTA CATARINA  
ANO 52 Nº 11.275  
QUINTA-FEIRA, 02 JUN  
R\$ 2,50 - 1ª edição

**SEXTA-FEIRA**  
2 DE JUNHO DE 2017

**MORTE DE DELEGADOS  
TESTEMUNHAS RELATAM  
A NOITE DE TIROTEIO**

Depoimentos são imprecisos quanto a quem atirou primeiro

Notícias | 14 e 15

**“NÃO SOU  
PRESSIONADO  
A NADA**

TO RIQUEATO JARDIM, dono  
da loja de roupas de luxo de Joinville

Notícias | 12



**PESCA SOB  
AMEAÇA**

Polêmicas na liberação de apenas 11 licenças no Estado marcam o começo da pesca industrial da tainha

Notícias | 13

**ECONOMIA RESPIRA**

**País tem  
PIB positivo  
depois de  
8 trimestres**

Produto Interno Bruto cresceu 1% no início de 2017, mas dados mostram indicadores mais fracos para o restante do ano

**SETORES DA ECONOMIA CATARINENSE  
CELEBRAM, MAS MANTÊM CAUTELA**

Notícias | 6 e 7

**NO CASO DE SANTA CATARINA, O  
PIOR DA CRISE FICOU PARA TRÁS**

Estela Benetti | 19

**COPA DO BRASIL**



**Chapecoense para no  
Cruzeiro e é eliminada**

Verão não consegue furar a barreira dos mineiros, que jogavam por empate, e o 0 a 0 tira vaga nas quartas de final

Esportes | 29



## “Eu estava lá para receber um dinheiro e nem recebi”, diz taxista

LEONARDO TRINIZ  
letrados@terra.com.br

Passo mais de 24 horas depois de presenciarem o tiroteio que resultou na morte de dois delegados da Polícia Federal em Florianópolis, três das cinco testemunhas-chaves do crime ocorrido no endereço 690 da rua Filívio Adulaci, no Estreito, evitaram fornecer detalhes do que viram e ouviram instantes antes do início dos tiros. A reportagem entrou em contato com elas por telefone, identificou-se e ouviu respostas evasivas, pedidas para retornar à ligação mais tarde e avisos de que já haviam falado tudo que sabem ao delegado João Marcos, titular da Delegacia de Homicídios da Capital, que investiga o crime.

Outro taxista, o que estava em frente à casa de prostituição na madrugada da confusão, falou um pouco mais. Con-

firou que o “pordinho” a quem ele se referia em depoimento era Nilson César Souza Junior. Revelou uma informação que não consta no seu depoimento, a de que estava este-fimado em frente ao “portão azul” na tentativa de receber R\$ 60 de alguns clientes que levava no estabelecimento na semana anterior. Comentou “que levava um pessoal ali” e o local não era seu ponto fixo.

— Eu estava lá para receber um dinheiro e nem recebi. Não era de nenhuma das duas que estava lá, é que às vezes eu levo um pessoal lá e a mulher me dá um apito, li-

so era da semana passada. É a mulher me devia R\$ 60. Fazia um tempinho que eu estava lá, porque a mulher alegou que não tinha dinheiro, só cartão — narrou, antes de pedir para desligar porque estava iniciando uma corrida com um cliente. Uma hora depois, a reportagem voltou a telefonar para o taxista, mas ele não queria mais conversar.

pt. TRINIZ, 6 e Assintótico de Nilson por triniz. Escudo azul de um delegado. Foto de TRINIZ/6. Não custa que os dois delegados presentes, há estado a situação, não sabe porque não pode falar e não sabe por que, e não “o” a polícia. Que, neste momento, foram para um cenário que ali estava a rua. Que, em certo momento, o depósito via sua din. Adulaci, e não tinha, não a outro a apelar para a casa do Nilson que estava em sua frente. Que, no ver aquilo, a delegacia não controla e tenta na parte de fora em circunstâncias, que não



## Advogado pede diligências e imagens de câmeras de monitoramento

O advogado Marcos Paulo Silva dos Santos, que representa Nilson no caso, informou ontem que o comerciante ainda estava sedado e possivelmente só poderia conversar com ele na segunda-feira. O advogado planeja trabalhar com a hipótese de legítima defesa. Segundo ele, Nilson tinha registro de porte de arma, mas reconhece que não tinha autorização para andar armado. Ele solicitou ao juiz de direito da Vara do Tribunal do Juri da Capital uma série de novas diligências para seu cliente.

Entre elas estão as imagens das câmeras de segurança pública da rua Filívio Adulaci,

no Estreito, que ficam nas proximidades da Lajá Milliam e que os corpos das vítimas sejam submetidos a exames toxicológico e de sangue para verificar se ambas as vítimas estavam alcoolizadas e sob efeito de drogas.

O advogado quer ainda que se oficie a Polícia Militar para informar se existe registro de porteação de crime das vítimas em diário não autorizado para andar armado. Ele também quer que o comandante do batalhão de milícias da avenida Mauro Romão e que o comandante do batalhão de milícias federais jantarem, forneça as imagens do local e os cópias das notas fiscais do consumidor por eles saqueadas, antes dos crimes.



DESENVOLVIDO

SICOOB

döhler

ENGIE

REALIZADO



MAIS INOVAÇÃO.  
MAIS TRANSFORMAÇÃO.  
MAIS INICIATIVA.  
MAIS RESULTADOS.  
MAIS SANTA CATARINA.

O SC+ reúne o que faz nosso estado único: histórias onde pequenos gestos levaram a mudanças inovadoras. Oportunidades que viraram grandes negócios. Ações que melhoraram vidas. Atitudes que criaram novas posturas.

Confira em nossas plataformas digitais e na nossa programação exemplos inspiradores de gente que não espera: faz acontecer. Acesse [g1.globo.com/sc](http://g1.globo.com/sc)

## Duas testemunhas se apresentam e depõem sobre morte de delegados

**HOMEM QUE** presenciou os crimes contou que empresário não efetuou disparos de arma de fogo e que quem atirou primeiro foi o policial

LEONARDO THOMÉ  
lethom@terra.com.br

Os dois homens que testemunharam a morte dos delegados da Polícia Federal, Adriano Antônio Soares e Elias Escobar, numa casa de prostituição no bairro Estreito, em Florianópolis, se apresentaram na sexta-feira. Eles prestaram depoimento e foram liberados.

Um deles é Thiago Giorgio, 23 anos. Ele contou que o primeiro tiro saiu da arma de Elias e garantiu não ter visto seu pai, o vendedor de cachorro-quente Nilton César de Souza Junior, efetuar disparos com a pistola. 2003.

Giorgio afirmou que os delegados chegaram na casa de prostituição pedindo por três mulheres para saírem dali, mas as mulheres recusaram. Relatou que ele e Nilton também estavam lançando com as garotas, e que os delegados apareceram na peça mede-los estavam sem serem chama-

dos, pois no local "normalmente pessoas estranhas não podem entrar". Ele narra ter notado que o delegado Elias, 60 anos, estava armado. Em seguida, a gerente da casa teria pedido que todos deixassem o local. A testemunha contou que Nilton saiu primeiro, seguido por um taxista e pelo delegado Soares. Thiago diz ter ficado para trás e ter sido empurrado pelo delegado Elias para fora. Depois, as mulheres fecharam a porta, deixando os cinco homens no corredor. Giorgio garante ter visto Soares apontando a arma para as costas de Nilton e falado "agui todo mundo vai morrer". O delegado Elias teria efetuado um disparo ao lado do ouvido de Thiago, que diz ter empurrado o policial e corrido para próximo de Nilton.

Ele afirma que o delegado Adriano estava próximo à porta da saída "entrando para dentro do corredor". afirmou que não viu se Elias efetuou disparos enquanto estava cado. "até porque ele está

va embaçada com o Nilton". A testemunha diz que não viu Nilton dar nenhum tiro. Na sequência, Nilton pediu para Giorgio pegar sua arma e levá-lo ao hospital. Ele então pegou a arma do policial Soares, "até por não conhecer a arma de Nilton e serem as duas parecidas". Quando estava saindo do hospital, Thiago disse ter visto o taxista que socorreu Soares virado em sua direção e que assentou, efetuando dois disparos para o alto para assustá-lo.

O outro homem que estava com Nilton na casa de prostituição prestou depoimento, mas o conteúdo não foi informado pela polícia. Nilton continua internado no Hospital Florianópolis. Na sexta-feira a polícia converteu a prisão em flagrante do vendedor de cachorro quente em prisão preventiva, ainda na quinta-feira o Instituto Geral de Perícias coletou material dos corpos para fazer exames toxicológicos das vítimas. O laudo deve sair em 30 dias.

## JOINVILLE

### Justiça absolve 14 agentes acusados de tortura em presidio

NASSAN FARIAS  
nfarias.sisa@uol.com.br

O juiz Gustavo Henrique Archetti, da 2ª Vara Criminal, absolveu 14 agentes penais que foram denunciados pelo Ministério Público pelo crime de tortura após imagens mostrarem agressões contra detentos no Presídio Regional de Joinville em 2013. O caso ocorreu às vésperas da segunda onda de atentados em Santa Catarina e foi decisivo para que a cidade também sofresse com os ataques, como uma forma de retaliação. Na sentença, o magistrado julgou improcedente a denúncia do MP que já em alegações finais também havia pedido a absolvição dos agentes.

Archetti afirmou que a acusação de que cerca de 32 presos retirados das celas para a realização de uma operação penitenciária foram alvo de tortura não foi provada na investigação. O texto diz que "a acusação devota de proceder à correta apuração, individualização e descrição dos fatos típicos, mas principalmente,

te pela ausência de narrativa ao menos do que tenha consistido a participação de cada qual dos acusados". O magistrado também ressaltou que a prova produzida foi fraca para afirmar que todos os acusados praticaram o delito, principalmente porque o abuso ou lesão corporal considerados isoladamente não bastam para a caracterização de tortura.

## SETE CASOS DE TORTURA

Segundo o juiz, não há narrativas do que consistiram concretamente as "agressões físicas diversas" alegadas na denúncia, o que o impede de avaliar se os presos foram submetidos a intenso sofrimento físico e mental, que é a circunstância principal para a configuração do crime de tortura. Cada um dos acusados respondeu a sete crimes de tortura, entre eles uso de spray de pimenta nos detentos alojados nas celas do pavilhão 4 e o remoção de dentes do local mediante socos e chutes e arremesso de granelas contra um detento.

De 8 a 13 de maio

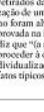


## SEMANA DO MEI

# Uma semana, mil aprendizados.

Cursos, palestras, oficinas e orientações sobre planejamento e educação financeira. Não perca essa oportunidade de aprender e crescer.

**É grátis, participe.**



MEI  
Microempreendedor Individual

Não pode participar?  
Acompanhe a programação online:  
[www.sebrae.com.br/semanadomei](http://www.sebrae.com.br/semanadomei)



SEBRAE  
Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas e Profissionais

Especialistas em pequenas empresas | 0800 070 0800 | sebrae.com.br

## MPSC pede mais 15 diligências sobre a morte de delegados da PF

SEGUNDO PROMOTOR, PROVAS juntadas ao inquérito não esclarecem circunstâncias do tiroteio

EDUARDO DINHEI  
eduardo.dinheir@mpsc.com.br

Dois dias depois do tiroteio que resultou na morte dos delegados federais Adriano Antônio Soares e Elias Escobar, na madrugada de 31 de maio, em Florianópolis, o promotor Luis Fernando Pacheco avalia que as provas juntadas ao inquérito pela Delegacia de Homicídios da Capital ainda não esclarecem se a ocorrência foi criminiosa, caracterizada como dano à honra, ou legítima defesa por parte do comerciante Nilton Cesar Souza Junior.

O vendedor de cachorro-quentão, internado no Hospital Florianópolis desde o dia do tiroteio, tem um mandado de prisão preventiva em aberto e é apontado pela Polícia Civil como responsável pelas mortes. Na visão do promotor, contudo, o único crime comprovado até o momento é o

porte ilegal de arma de fogo por Nilton.

Na tentativa de esclarecer melhor o que aconteceu naquela madrugada, no endereço 690 da rua Félix de Azevedo, no Estreito, região continental da cidade, o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC) pediu 15 novas diligências a diferentes órgãos, como a Polícia Civil e o Instituto Geral de Perícia (IGP), e estabelecimentos comerciais, como o restaurante onde os policiais federais juraram no Sal da Ilha e uma casa noturna do centro da cidade.

Os pedidos, já aceitos pela Justiça, foram oficializados no dia 2 de junho e o prazo de cumprimento é de 10 dias. Alguns deles, como os laudos periciais cadavéricos nas vítimas, já foram concluídos e juntados ao processo. Outros pleitos, a fim de fazer a reconstrução dos fatos, será providenciado assim que Nilton tiver alta do hospital. Imagens de

câmeras de monitoramento de estabelecimentos comerciais do entorno da casa de prostituição onde aconteceram as mortes também foram solicitadas, mas ainda não acrescentadas ao processo.

Em seu despacho solicitando novas diligências, o promotor Pacheco destaca que o auto de prisão em flagrante registrado para apurar as circunstâncias do caso ainda é insuficiente para o oferecimento de denúncia, por exemplo. Além da ausência de comunicação do MPSC, Pacheco disse que no momento não há nem como dizer que haverá denúncia. No auto, ele escreve:

"Observo, no entanto, que os elementos de convicção angariados são ainda insuficientes à declaração da persecução penal e, diante da imprescindibilidade de melhor elucidar o fato sob análise, requeiro o Ministério Público seja oficiado", diz o trecho do pedido de Pacheco que antecede a lista-

gem das diligências solicitadas pelo promotor e autorizadas pelo juiz Marcelo Volpato de Souza.

O magistrado determina que o Hospital Florianópolis responda se foi realizado exame toxicológico de alcoolemia em Nilton. Os mesmos exames também foram feitos nos delegados pelo IGP. A previsão é de que os resultados saiam em até 30 dias.

Desde sua entrada no Hospital Florianópolis, logo após o tiroteio, o comerciante Nilton Cesar Souza Junior, 36 anos, permanece entubado e sedado na UTI da unidade. No boletim médico do paciente, juntado aos autos processuais em 1º de junho, consta que Nilton foi atingido por disparos de arma de fogo no antebraço direito, coxa direita e perfuração abdominal.

Ao final, a médica responsável escreve no boletim que o paciente está "estável" no ponto de vista cirúrgico e hemodinâmico, aos cuidados da UTI".

## CAPITAL

### PM apreende 243 pés de maconha

Uma operação do 4º Batalhão da Polícia Militar apreendeu ontem 243 pés de maconha em uma mansão na Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Três suspeitos foram detidos: Ricardo Casanovich e Gabrielly Ferreira, que estavam na casa, e Frank Benjamin Phillip, conhecido como "Alémão". Segundo o coronel Araújo Gomes, Almeida e apontado como líder no tráfico e na produção de drogas para fora do país.

Segundo os policiais, todos os cômodos da mansão localizada no Canto das Araçás eram utilizados para a produção de drogas. Além dos pés de maconha, foram apreendidos também 113 quilos de maconha pronta para a prensagem, 108 micro-pontos de LSI, 61 gramas de hash e equipamentos de produção. Na noite de terça, a PM também apreendeu 162 pés de maconha em uma casa no Sotúbe, morte da Ilha, junto com equipamento de produção. Um homem foi preso em flagrante.



## TODA LINHA FM ATÉ 15X SEM JUROS

Venha aproveitar com condições da Natuzzi Editions, toda linha com **20% de desconto para vista ou em até 15 vezes sem juros**. Aproveite esta oportunidade de compra e um sofá Natuzzi Editions, referência em termos de conforto e qualidade, totalmente desenhado na Itália e produzido pela Natuzzi desde 1959.

LOJA EXCLUSIVA NATUZZI EDITIONS - 3ª AVENIDA, 1915 - BALNEÁRIO CAMBORIÚ - TEL. (47) 3368 9669

GALERIA NATUZZI EDITIONS - RUA MARCOS ROVATI, 281 - CRIÇÓIA - TEL. (48) 3433 8669

Facebook: NatuzziBrasil Instagram: @NatuzziBrasil Website: natuzzieditions.com.br

**ADDRI**  
DESEJO AMBIENTE

**NATUZZI**  
EDITIONS

## Polícia faz levantamento onde morreram delegados

**ESCÂNER 3D FOI** usado na casa de prostituição, em Florianópolis, em que houve a troca de tiros que resultou na morte de Escobar e Soares

LEONARDO TIGHE  
leonardo.tighe@folha.com.br

Policiais federais, civis e membros do Instituto Geral de Perícias (IGP) passaram a tarde de ontem com um escâner em 3D para levantar informações referentes ao local onde morreram os delegados federais Elias Escobar e Adriano Amâncio Soares na madrugada de 31 de maio, na rua Fábio Adachi, no Estreito, região continental de Florianópolis. O trabalho, feito em conjunto entre as partes, serve como complementação para melhorar a qualidade do material que será produzido no laudo pericial sobre o local do crime.

Diretor do Instituto de Criminalística do IGP, Vladimir Djalma Gomes Junior, explica que o IGP não possui o aparelho de escâner e, por isso, peritos da Polícia Federal participaram do trabalho para operar

o equipamento. Criando em diferentes pontos, a máquina traz imagens captadas com a distância entre pontos e outros detalhes que vão ajudar a investigação e esclarecer melhor a dinâmica dos fatos na madrugada do tráfego no estreito controlado que leva à casa de prostituição onde Escobar e Soares foram mortos. O principal suspeito é o vendedor de cachorro-quente Nilton Cesar Souza Junior, que permanece internado no Hospital Florianópolis.

Na realidade é um escaneamento do local, com o aparelho chamado de escâner de local de crime. Ele é colocado em vários pontos diferentes e depois gera mapas em 3D do local do crime e lugares do entorno. Isso depois será acrescentado ao laudo pericial do IGP — explica Valmir.

Também presente no levantamento de informações, o delegado Eriq Mattos, titular da Delegacia de

Homicídios do Capital e que investiga as mortes, afirma que a investigação é complexa e ainda não é possível precisar quem efetuou o primeiro disparo naquela madrugada.

Algumas questões, no entanto, não serão respondidas sem pela perícia, como, por exemplo, o local onde os projéteis que não estavam nos corpos das vítimas foram parar. Um dos tópicos que presunção depositou ao delegado Enio, e que levou o delegado Soares baleado ao hospital, será intimado para prestar depoimento novamente, já que alegou ter se perdido antes de chegar na unidade hospitalar que fica próxima ao local do tráfego.

— Vamos ter que conversar com ele de novo, para aprofundar o caso. Vamos esclarecer melhor alguns pontos para não colocar nenhum inocente na cadeia — diz Enio, que confirmou a oitiva de outras testemunhas além do taxista, mas não quis dizer quais.



Equipamento foi usado dentro da casa noturna no Estreito, na Capital



Uma história feita de sonhos.

formacco.com.br

No ano de 1972, realizamos nosso primeiro sonho: começar. Desde então, a gente não parou. Dia após dia, trabalhamos intensamente para transformar os sonhos de milhares de pessoas em realidade. Ao longo desses 45 anos, entregamos mais de 7 mil unidades, conquistando a confiança de clientes, parceiros e colaboradores. O que vamos fazer daqui para frente? Sonhar com o futuro.



## Suspeito de matar delegados federais recebe alta na Capital

**COMERCIANTE QUE TERIA** atirado nos agentes Elias Escobar e Adriano Antônio Soares estava internado no Hospital Florianópolis após confusão em casa de prostituição em 31 de maio

LEONARDO THOMÉ  
leonoradotome@pex.br

O suspeito de matar dois delegados da Polícia Federal, Nilson César Souza Júnior, 36 anos, recebeu alta do Hospital Florianópolis na tarde de ontem e foi encaminhado ao Presídio da Agronomia. Uma audiência de custódia no Fórum, marcada para às 14h30min de amanhã, decidirá se o preso preventiva do vendedor de cachorro-quente será manida.

A ocorrência, registrada como homicídio simples na madrugada de 31 de maio em uma casa de prostituição no Estreito, região continental da Capital, resultou na morte dos carteristas Elias Escobar e Adriano Antônio Soares depois de um tiroteio na saída do local. A audiência de custódia, que costuma acontecer assim que

um acusado recebe alta hospitalar, foi marcada para sexta-feira devido ao compromisso do juiz.

Marcos Volpato de Souza com um tribunal de júri háje. Nilson, que estava internado há três semanas após ser abalvado pelos federais, também terá que prestar depoimento ao delegado Rito Martins, titular da Delegacia de Homicídios de Florianópolis, que investiga o caso. Ele deve ser ouvido antes da audiência.

O advogado de defesa do suspeito, Marcos Paulo Silva dos Santos, também entrou com um pedido de revogação da prisão preventiva contra seu cliente. O pleito, contudo, não será objeto da audiência de custódia. Em despacho ontem, o juiz Volpato de Souza pediu a opinião do Ministério Público de Santa Catarina sobre o pedido de revogação da preventiva de Nilson. O magistrado também destaca

que aguarda a conclusão das diligências complementares requisitadas à Polícia Civil, entre elas a reconstrução dos fatos.

**MP AVALIA QUE PROVAS NÃO ESCLARECEM CRIME**

Já o Ministério Público solicitou que sejam ouvidas novamente as testemunhas até o momento listadas no processo, como as duas garotas de programa que estiveram na casa no dia das mortes, duas taxistas que presenciaram a confusão e dois funcionários do suspeito bairro Itaipava. Nilson Dsg, estabelecimento do suspeito bairro Itaipava. O promotor Luiz Fernando Pacheco avalia que as provas juntadas no inquérito pela Delegacia de Homicídios ainda não esclarecem se a ocorrência foi criminosa, caracterizada como duplo homicídio, ou legítima defesa por parte do comerciante.

**DEU NO DC**

Edição de 1º de junho traz os detalhes da briga no bairro Itaipava, região continental da Capital, que teria causado a morte dos dois agentes federais de Rio de Janeiro.



### ACIDENTE

## Descarga elétrica mata três homens na Serra de SC

Três homens morreram e outros dois ficaram feridos após um choque elétrico no interior de Palmeira, na Serra Catarinense, no fim da manhã de ontem. De acordo com o Corpo de Bombeiros da região, eles eram moradores da localidade e estavam tentando fazer uma ligação particular quando um deles encostou na fiação energética.

Segundo a Polícia Militar, o grupo não estava usando equipamentos de segurança. O homem ferido foi encaminhado ao Hospital Santa Clara, em Otacílio Costa. De lá, o helicóptero da PM deslocou a vítima para Lages. Já os corpos dos homens que morreram no local foram levados ao Instituto Geral de Perícias.

A ocorrência foi gerada por volta das 11h30min, próximo à SC-114, no interior do município. Até o fechamento desta edição, às 22h, os nomes das vítimas ainda não tinham sido divulgados.



**almoço-debate** **LIDE**  
SANTA CATARINA

COM:

**CESAR FERREIRA**  
CEO do Grupo Cambiuci – Penalty e Stadium

Temas: "Perspectivas da indústria esportiva"

**27.06.2017 • terça-feira • das 12h00 às 14h30**

Evento exclusivo para convidados. Filie-se e participe.

QUEM LÍDER PARTICIPA:

• LIDE reúne lideranças que acreditam na sua iniciativa e trabalham pelo seu fortalecimento. É um grupo organizado que está presente em 18 países. O LIDE atua em parcerias de desenvolvimento econômico e social e na defesa dos princípios éticos de governança corporativa pública e privada.

Parceiros: ANGEION, GINGKO, FIESC, DC, LIDE

Integrados: Intelbras, Newway, Parabolito, inov@

Fale conosco em Lide SC: (41) 3343-4502 • www.lidebr.com.br • contato@lidebr.com.br

## Suspeito da morte de delegados fala sobre crime

**COMERCIANTE ENVOLVIDO EM** irroteio na Capital, em maio, dá versão sobre os dois assassinatos

LEONARDO THOMÉ  
leonardo.thome@globo.com.br

N o dia em que receber alta hospitalar e deu entrada no Presídio da Agrônômica, quarta-feira, o vendedor de cachorro-quente Nilton César Souza Júnior, 36 anos, afirmou em depoimento à Polícia Civil que só entrou com a pistola calibre 380 depois de ser baleado. Dessa forma, diz ter agido em legítima defesa. Sua versão da confissão e de trechos de tiros em uma casa de prostituição da Capital, que terminou com a morte dos delegados federais Elias Escobar, 60, e Adriano Antônio Soares, 47, contrasta com outros depoimentos.

A principal contradição é que o comerciante relata não ter ouvido os delegados se identificarem como policiais. Todas as cinco principais testemunhas ouvidas em depoimento afirmam que os agentes gritaram "polícia federal" ou ao menos "polícia" na hora do confronto. Os gritos são mencionados pelo vigilante, pelas duas

mulheres e pelos dois taxistas ouvidos. Já o fato de Nilton ser frequentador da casa de prostituição para entregar lanches é confirmado por ele, assim como relatam os garçons de programa e um vigilante.

### SUSPEITO PARTICIPA HOJE DE AUDIÊNCIA DE CUSTÓDIA

O comerciante permanece preso pelo menos até hoje, quando participará de audiência de custódia no Fórum de Florianópolis, às 14h30min, para saber se continua detido preventivamente ou aguarda o julgamento em liberdade. O advogado Marcos Paulo Silva das Serras, que o defende, entrou com um pedido de revogação da prisão preventiva sob o pretexto de que seu cliente ainda não foi denunciado pelo Ministério Público de Santa Catarina. O pedido está em análise.

Letá ao lado trechos do depoimento de Nilton ao delegado Fábio Moraes, titular da Delegacia de Homicídios da Capital, em que suspeito dá versão para o crime.

### TRECHOS DO DEPOIMENTO

**A CHEGADA AO NÚMERO 690**  
Nilton falou que chegou à casa de prostituição em dezembro de 1999 da Rua Júlio e Adulci, no Irlândia, por volta de 21h30min às 22h. Ele não parou para entregar lanches para as duas mulheres que moram e trabalham local.

**CAMPANHA TOCÓU**  
Ao entrar na casa, entregou às mulheres os lanches e o quarto, esperou pagamento, e campanha tocou. Nilton ficou onde estava. Depois, quando não andou no vídeo da porta "até se apressarem os dentes da gente local". Ele conta que foi notado por um dos delegados, o delegado explicou aquilo dois. Ele diz que foi chamado de "bixado", ao que respondeu "buz do boi". "Eu fizêbar e ficou andrindo por cigarros e bebida alcolica.

**PINGOU SE TRATAR DE ASSAULTO**  
Uma das mulheres pediu para Nilton ir embora. Percebeu que o taxista que levava os delegados também os convidava para deixar a casa. Resata que reparou que o delegado que o chamou de "bixado" estava com uma pistola na cintura. Chegou apenas se um assalto, porque ninguém tinha falado que eram policiais.

**A SAÍDA PARA O CORREDOR**  
Ao passar pelo lado dos delegados, ele foi chamado novamente "bixado mesmo". Ele voltou a responder "buz do boi". Ele diz que parou com o celular e ficou ouvindo alguém falar "vôta, vôta". Quando chegou, viu os homens que faziam a saída voltar com uma arma apontada para as costas dele. Nesse momento, percebeu que soube Delegado apontava a arma para o corredor do lado dele, a Thago.

### O IRRÓDIO

Nilton conta ter ouvido do delegado a frase "seja o bicho ou não vá morrer". Do outro lado, que estava próximo a Thago, ouviu a ameaça "tu vai morrer, bixado". Não entendeu de quem era, mas foi direcionado a Thago. Nesse momento, ele tentava um homem no chão e o outro oprimiu o tiro, não sabendo quem atirou. Ao ouvir um segundo tiro, caiu no chão. A essa altura, Nilton chegou na guerra e, deitado, sacou a pistola e efetuou dois disparos em direção ao homem que estava se movendo. Então, ele pôde se atirar. Nilton se jogou fora e começou a cair no rio. Chegou na porta de entrada da casa (aos fundos do corredor) para procurar abrigo, mas foi baleado na mão.

### PANE NA ARMADA

Após o disparo na mão, Nilton afirma que sua arma deu cabo. Ele não tenta disparar e conseguiu realizar alguns disparos em direção à portada da casa, com intenção de fazer cessar os tiros que vinham de lá. Não recorda se efetuou ao todo quatro ou cinco tiros.

### AJUDA NO HOSPITAL

Com o ferimento dos disparos, pediu para o amigo dele, Thago, o levou ao hospital que estava se preparando. No carro, sentiu falta da arma e pediu que Thago a lhe devolvesse. O amigo falou sobre estar preocupado naquele momento apenas com seu estado de saúde. Foi para o hospital Florianópolis e de lá foi para o Irlândia quatro dias, um em que perdeu o depoimento.

### SEMPRE

Nilton não tem parte de arma de fogo. Possui uma arma de brinquedo que permite andar com a arma de casa até o estande de tiro, em São José, onde trabalha. Disse que estava com arma na cabeça da porque preferia trabalhar tiro ao alvo no clube, mas deveria a conformar no comércio de cachorros-quentes, não conseguiria pagar.

## 3ª edição Projeto Mentoria

### Venha fazer parte deste aprendizado!

Aprenda com quem já trilhou o caminho!  
Empresários de destaque e jovens empresários,  
uma parceria de sucesso para o fortalecimento  
das empresas da região!

De julho a novembro de 2017

**Almoço de Lançamento**  
Dia 26 de junho de 2017 às 11:30h  
Local: Outback - Beiramar Shopping




Informações sobre inscrição e regras para participar do projeto nos seguintes contatos:  
consultor2@acif.org.br e (48) 3244.5578

## Suspeito de matar dois delegados é liberado pela Justiça na Capital

**COMERCIANTE VAI RESPONDER** em liberdade a processo pela morte de agentes federais em maio

**LEONARDO THOMÉ**  
leonardo.thome@globo.com.br

O comerciante Nilton César Souza Junior, 36 anos, suspeito de matar dois delegados federais em uma casa de prostituição no Estreito, em 31 de maio, foi solto após audiência de custódia na Fórum da Capital na tarde de sexta-feira. Agora ele vai responder ao processo em liberdade, aguardar a conclusão do inquérito policial - ainda terá uma reconstrução das fatos - e também a posição do Ministério Público de Santa Catarina (MP-SC), que decidirá se oferece ou não denúncia contra o suspeito.

Nilton estava detido no prédio da Agrupadora desde a última quarta-feira, quando recebeu alta do Hospital Florianópolis, onde havia sido internado desde a madrugada do crime.

A audiência começou às 14h30min e teve a participação do comerciante, seu advogado, Marcos Paulo Silva dos Santos, do promotor Luiz Fernando Pacheco e do juiz da Vara do Tribunal do Juri, Marcelo Vulgano de Souza. Nilton chegou ao Fórum em uma viatura do Departamento de Administração Prisional (Deap) cerca de 30 minutos antes, coberto o rosto e com dificuldades para caminhar - ele foi atingido por um tiro na perna durante a confissão aos policiais federais.

A reportagem não pôde acompanhar a audiência, que durou cerca de 90 minutos. O juiz não chegou a ouvir o réu, mas como Nilton preenchia requisitos, como emprego e residência fixa em família constituída e bom antecedentes, foi liberado. Foram



Vendedor de lanchonete passou por audiência de custódia no Fórum de Florianópolis na tarde de sexta-feira

algumas perguntas pontuais, e o vendedor respondeu o que já havia dito em depoimento.

### NILTON TERÁ DE CUMPRIR MEDIDAS CAUTELARES

Foram impostas algumas medidas cautelares, que caso não sejam cumpridas podem resultar em um eventual novo período de prisão preventiva contra Nilton: comparecimento mensal em juízo para informar e justificar atividades, bem como eventual atualização de endereço; proibição de ausentar-se da comarca em que reside por mais de oito dias sem comunicar a Justiça; compromisso de comparecer a todos os atos processuais quando intimado; proibição de acessar e frequentar bares, casas noturnas e

festas de qualquer tipo, recolhimento domiciliar entre as 20h e as 06h, com exceção de seu local de trabalho e respectivo trajeto até sua casa; suspensão da guia de trabalho a arma de fogo e munições do suspeito.

Antes mesmo da audiência de custódia de sexta-feira, o advogado de Nilton entrou com um pedido de revogação da prisão preventiva. O promotor Luiz Fernando Pacheco não pareceu se sentir de que o suspeito aguarde o trâmite do processo em liberdade. Respostas, contudo, que, embora não comprovado que Nilton agiu em legítima defesa, não há como descartar que o investigado tenha contribuído de alguma forma para o homicídio.

Em seguida, destaca Pacheco, o Ministério Público entende que não existem razões para a manutenção da custódia cautelar de Nilton César de Souza Junior, "podendo a prisão ser substituída por medidas cautelares. Isso porque não há indícios de que Nilton iria fugir à aplicação da lei penal, ameaçar a ordem pública ou mesmo a instrução criminal, uma vez que além de não ostentar maus antecedentes, foi escrupulosamente comprovado pela defesa que o investigado é pai de família, possui residência fixa e profissão definida".

Ainda na sexta-feira, Nilton retornou ao Complexo Restritivo da Agrupadora, apresentou o alvará de soltura, recolheu seus pertences e detidos a prisão por onde permaneceu quase 48 horas.

**GRÁFICO CATARINENSE**  
SABÃO E ECONOMIA  
20 A 25 DE JUNHO DE 2017

12

### HOMICÍDIO EM MOTEL

## PM que matou colega planejou flagrar esposa

O policial militar Anderson Deyves David confessou ter matado o soldado Jefferson da Silva Marafan após flagrá-lo em um motel com sua esposa, em Joinville. Os três envolvidos trabalhavam juntos no batalhão da Polícia Militar de Garuva, no Norte do Estado. A confissão está no inquérito da corporação, concluído na tarde de quinta-feira.

A morte de Marafan foi registrada na noite de 31 de maio dentro de um quarto de motel no bairro Pirabeiraba, em Joinville. Segundo a polícia, a vítima levou um tiro no cabeça com uma pistola calibre 40 e não resistiu.

O comandante do 8º Batalhão da PM, Jofrey Santos Silva, diz que, segundo a investigação, Anderson pressionou e perseguiu a esposa até o motel com o auxílio de um aparelho de identificação de localização.

### AUTOS DOS DISPAROS ESTÃO PRISOS EM BATALHÃO

O inquérito aponta ainda que ele agnando do lado de fora enquanto ela e o colega estavam dentro do estabelecimento e, momentos depois, se apresentou como cliente no motel. Ele solicitou um quarto para conseguir invadir a suite em que a mulher e a vítima estavam.

- Ele disse que não sabia que se tratava da colega. Era amigo de trabalho e ele só percebeu que era ele quando entrou no quarto e tirou. Também não houve luta corporal e, após o disparo, ele ligou para o comandante dele e solicitou a emergência - explica Jofrey. Anderson continua preso no 8º Batalhão. Segundo a polícia, o material colhido pelo inquérito segue para a 5ª Vara Criminal da Capital, que vai decidir se ele irá a júri popular ou julgar.



A ATLÂNTIDA AINDA MAIS PERTO DE VOCÊ!

**07 DE JUNHO A 09 DE JUNHO**

ENTRADA GRATUITA

Espaço exclusivo da rádio Atlântida com programação repleta de eventos para você curtir com os amigos!

Piso L1 - Shopping Iguatemi Florianópolis  
Confira a programação completa em [www.estudioatlantidafloripa.com.br](http://www.estudioatlantidafloripa.com.br)



# Capital chega a 96 vítimas

**CORPO ENCONTRADO NO** Norte da Ilha estava enrolado em plástico bolha

Ferrianiópolis chegou à 96ª morte violenta neste ano. A marca foi atingida no sábado à tarde, por volta das 14h30min, após a polícia localizar um corpo envolto em plástico bolha e em um edredom no bairro Vargem Grande, no norte da Ilha. Segundo a Delegacia de Homicídios, a vítima, que seria um homem com cerca de 25 anos, ainda não foi identificada. A polícia também afirma que há sinais de execução e marcas de tiro. O corpo estava na Estrada Geral Cristiano Machado de Campos.

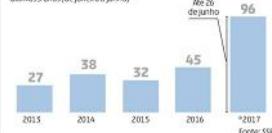
Para o delegado Edno Matos, o crime tem ligação com o tráfico de drogas. Não o fechamento desta edição nenhum suspeito havia sido localizado. Os motivos pelos quais o corpo estava envolto em plástico bolha estão sendo apurados e detalhes não foram repassados.

## DEUPO HOMICÍDIO NA VARGEM GRANDE

Essa foi a terceira morte violenta registrada pela polícia durante o fim de semana na Capital. Na

## MORTES VIOLENTAS EM FLORIANÓPOLIS

ficcionais registradas nos últimos 5 anos, de janeiro a junho



sexta-feira à noite, um duplo homicídio ocorreu na Rua Graçulin Manoel Gomes, no Ingleses, também no norte da Ilha. As vítimas, identificadas como Fabiano Ricardo Pacheco de Oliveira, 32 anos, e Thomas Gonçalves de Macedo, 16, morreram baleadas. Os tiros, conforme a polícia, foram disparados por dois ocupantes que estavam em uma moto.

Conforme o delegado Enio, o crime não tem relação com a

morte da Vargem Grande. Novamente, assim como a ocorrência de sábado, a polícia suspeita que os assassinos tenham ligação com o tráfico de drogas e seriam sidos motivados por um acerto de contas. Somadas aos assassinatos deste fim de semana, o número de mortes violentas no semestre em Florianópolis é o dobro do registrado no mesmo período do ano passado (45) e ultrapassa o total de 2016 (92).

## LITORAL NORTE

### Polícia apura morte de engenheiro

A Polícia Civil investiga o que ocorreu com o engenheiro civil Luiz Piazza Pfeilsticker, encontrado morto na madrugada de sábado na Praia Brava, em Itajaí. Segundo a Polícia Militar, o corpo tinha marcas de facadas e foi encontrado na Rua Pedro José Ferreira por uma moradora da região.

Pfeilsticker estava sem documentos, e foi identificado mais tarde. Ele era bastante conhecido em Itajaí e morava na Praia Brava – coincidentemente, era vizinho do também engenheiro Sérgio Renato Silva, que tam-

ben foi assassinado em fevereiro deste ano.

O caso de Pfeilsticker está sob responsabilidade do delegado Rodrigo Duarte, da Divisão de Investigações Criminais de Itajaí (DICC). A polícia já iniciou os trabalhos

de apuração, mas ainda não divulgou o que já foi levantado. O engenheiro foi enterrado ontem à tarde na Cemitério da Fazenda, em Itajaí. A Associação de Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Itajaí (AACE) emitiu nota lamentando a morte de Pfeilsticker, que era associa-



Luiz Pfeilsticker

### Joinville | Casal é morto com diferença de uma hora

A Delegacia de Homicídios de Joinville investiga o assassinato de um casal. O homem foi morto no bairro Estima, em Joinville, e a mulher, assassinada na cidade vizinha de Aranguá com menos de uma hora de diferença na noite de sexta-feira. O marido Cristiano Gonçalves, 29 anos, foi morto por volta das 21h30. A Polícia Militar foi acionada por pessoas que moram próximo ao local e ouviram os disparos de arma de fogo. Ele tinha passagem pela polícia por tráfico de drogas e porte ilegal de arma. Cristiane Vanessa Lima, 30, mulher de Cristiano, foi atingida por vários disparos, quatro delas na cabeça.

## JEEP RENEGADE. AGORA COM GARANTIA DE RECOMPRA NEXT JEEP

BÔNUS DE R\$ 3.000 NO SEU SEMI NOVO

JEEP RENEGADE MT 1.8 FLEX 2017  
ENTRADA+  
35x DE R\$ 989,53  
+ PARCELA FINAL

**DVA**

Florianópolis: R. Pasteur, Apartado Física, 4900  
(Imaginal) s/A. Barra Mar (Itajaí)  
Agrupadora - (48) 3332-5500  
São José: R. Roberto BR. 101, Km 205  
Bomfim - (48) 3384-1100

Itajaí: Avenida Davido Reis, 2693  
Fazendinha - (47) 3344-5088

Blumenau: Rua 2 de Setembro, 752  
Itaipava Norte - (47) 3334-4333

Renegade MT 1.8 flex, ano modelo ano fabricação 2017/2017, no valor à vista de R\$ 73.990,00 ou financiamento com taxa a partir de 0,39% a.j.m. e 12,25 % a.a., com entrada de R\$ 30.200,00 (33,24%) e parcelas em 36 parcelas, sendo as 30as parcelas no valor de R\$ 989,53 e a 36ª de R\$ 14.664,00, na modalidade Crédito Direto ao Consumidor - CDC, Fiança Física, com 30 dias de carência para pagamento de 1ª parcela, incluindo tarifas, taxas e impostos 0,07% v. valor total do grupo de R\$ 83.200,00. Custo Médio Total (CMT) calculado na data de 14/06/2017 a partir de 1,28% a.j.m. e 13,24% a.a. Todas as propostas estarão sujeitas a aprovação de crédito pelo Banco Bradesco Financiamentos S.A. Validez e prioridade válidas até 30/06/2017 ou término do estoque, whichever o que ocorrer primeiro. Consulte as condições gerais, taxa, taxa de juros, encargos e o Custo Médio Total (CMT) de financiamento antes da contratação em qualquer uma das concessionárias participantes. Os valores as parcelas foram calculados para Santa Catarina, podendo variar conforme o estado RJPE, considerando despesas de registro de contrato.

**Jeep**  
MAKE HISTORY

Para mais informações consulte o site [www.jeep.com.br](http://www.jeep.com.br). Pedestre. Use sua faixa.

# Mortes violentas chegam a 99 na Capital

**Jovem de 21 anos, que já tinha sido detido durante operação policial em abril deste ano, foi morto ontem em confronto na Vila União, norte da Ilha. Ocorreria começou após assalto a loja**

**DIOGO VARGAS**  
Imagem: Reprodução/Agência O Globo



A PM instalou uma barreira na Vila União, onde deve permanecer por tempo indeterminado. A comunidade do local protesta contra a violência

## ASSASSINATO E LUGAR DO CRIME

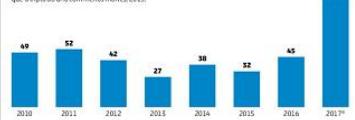
Assassinato em Vila União, bairro da zona norte da capital

Florianópolis registrou no começo da noite de ontem mais uma morte violenta. Um jovem de 21 anos, identificado como Deyvid dos Santos Maranhão, foi morto em confronto com a Polícia Militar na Vila União, no norte da Ilha. A vítima já havia sido detida após uma operação em abril deste, quando um atentado foi planejado no bairro Nargem do Bom Jesus. Na época, após uma decisão judicial, ele foi solto.

De acordo com a PM, o fato começou com um assalto a um comércio na Cachoeira do Bom Jesus. Os suspeitos fugiram para a região, quando se encontraram com uma viatura do Polício de Paratubulação Tático (PPTT). Ainda lá duas pessoas feridas. A partir disso teria começado o tiroteio. O clima na região ficou bastante tenso. O confronto começou no horário de saída de uma creche, por volta das 17h.

## MORTES VIOLENTAS EM FLORIANÓPOLIS (DE JANEIRO A JUNHO)

A quantidade de homicídios registrados na capital em cada mês do período de janeiro a junho de 2015.



\* Até ontem. Fonte: Secretaria de Segurança Pública (SESP) do Departamento de Informações e Inteligência (DII) da Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina.

por isso houve correria. Nenhum policial ficou ferido e três pistolas foram apreendidas. A PM instalou uma barreira na rua Assunção Silveira Santos, onde deve permanecer por tempo indeterminado. Os moradores da comunidade estavam bem revoltados ontem à noite. Segundo Thais Aparecida da Rosa, integrante da associação de moradores da Vila União, a população continua

arri fechando as ruas em protesto. Ela contou que durante uma das manifestações ontem, a polícia efetuou disparos de bolas de borracha. Em outras abordagens, ela lidera comunitária, os policiais agiram desproporcionalmente. Durante a operação da polícia, um ônibus foi incendiado. O coletivo 1299 batia à linha 204 - Interpistas e, conforme nota enviada pela assessoria do

Comôrcio Rênis, "depois de parado pelos bandulos no início da noite desta segunda-feira, o ônibus foi esvaziado antes de atearem fogo". Os ônibus só voltaram a circular pelo bairro após autorização da PM. Informou a assessoria. Nenhum passageiro, motorista ou cobrador se feriu. Todos embarcaram em outro coletivo após caminharem até o bairro Cachoeira do Bom Jesus.

## A falta de ações de impacto em Florianópolis

Desde a morte de turista gaúcho Danilo Scurti, 38 anos, com um tiro na madrugada de Bencollan, Florianópolis chegou à trágica marca de 99 assassinatos em quinze seis meses em 2017. Foram várias exceções de dia e de noite. Tiro até às doze na Ilha; uma na Centro e outra na Vila União. E a ocorrência em plena sexta-feira de manhã no Mercado Público, no dia 3 de março.

O discurso oficial é que a maioria dos homicídios está ligada à guerra de traficantes de drogas e facções criminosas. Isso que parece fazer sentido. Mas omissão por que não se fortalecer a Delegacia de Combate às Drogas (Diced) da Capital, hoje com apenas quatro agentes para investigação, um delegado e um escrivão?

No meio policial, há quem entenda a possibilidade de no máximo mais 50 assassinatos até o final do ano. Família João Chaves, a polícia vai à rua, operações momentâneas serão intensificadas até que outro crime de repercussão seja registrado e a violência fique novamente em evidência. Os pontos críticos são de conhecimento geral: Centro; norte da Ilha e Centro. São áreas com amplo domínio de facções organizadas pelo poder público. Ou seja, um terreno fértil para a violência. Na sexta-feira, bandulos encostaram dois homens na frente de um supermercado nos Ingleses, causando risco a inocentes com balas perdidas.

Nos últimos meses, policiais militares do Interior atuaram como espiões corporativos. Na Polícia Civil e Centrinhe ganhou uma central de investigação e a Delegacia de Identificação, mais policiais. Mesmo assim, as mortes não diminuíram. O Estado e até mesmo a prefeitura, que prometem se envolver no assunto, precisam divulgar a sociedade como planejam reduzir a criminalidade e frisar a mudança histórica na Capital autoritária. O Ministério Público, o Judiciário e as áreas ligadas à educação também precisam se envolver na agenda pela redução da taxa de homicídios.

**CRIME DE ESTIMULO**

Fachada de 2ª Delegacia de Polícia, no bairro Seco das Limaltas, foi alvo de dois homens encapuzados

**SEGURANÇA PÚBLICA**

## DUAS MANCHAS DA VIOLÊNCIA NA CAPITAL

**CIDADE SOMA 101 HOMICÍDIOS ANTES DA METADE DO ANO**      **SETE ATENTADOS SÃO REGISTRADOS EM TRÊS HORAS**

Notícias | 6 e 7

DIÁRIO CATARINENSE

# DC

SANTA CATARINA  
ANO 52 Nº 11.298  
DIÁRIO CATARINENSE

**QUINTA-FEIRA**  
29 DE JUNHO DE 2017

TOP OF MIND

### Noite para premiar as marcas campeãs de SC

23ª edição do evento promovido pelos jornais da RBS SC e Mapa começa às 19h na sede da Fiest

Notícias | 16

**DERROTA NA ÚLTIMA BOLA**

Com um jogador a menos, Chape deixa o empate escapar no fim do jogo de estreia na Sul-americana, na Argentina

**Esporte | 32**

**PROCURADORIA GERAL TEMER ESCOLHE RIVAL DE JANOT**

Raquel Dodge assume PGR em 17 de setembro

Notícias | 10

**SALÁRIO DE PROFESSOR 120 CIDADES FICAM ABAIXO DA MÉDIA**

Jaraguá é o município com melhor remuneração

Sua Vida | 26 e 27



Conteúdo e imagens de arquivo estão sujeitos a alterações sem prévio aviso.

# CAPITAL ATINGE MARCA DE 101 ASSASSINATOS

COM DOIS CORPOS encontrados ontem, Florianópolis somou em seis meses nove mortes a mais do que o ano passado inteiro

#SEGURANÇA SC  
EQUIPE CATARINENSE

REPORTAGEM  
textos: maciel@globo.com; fotos: g. com/rio

Criminalidade crescente nas ruas, guerra entre facções e confrontos entre policiais e bandidos levaram Florianópolis a alcançar uma estatística inédita: a cidade já soma 101 assassinatos desde janeiro. Não há registro de outro período marcado por tamanha violência como os últimos seis meses. A proporção de mortes por noite somente já superou o ano passado inteiro, quando a Capital foi palco de 91 homicídios até dezembro.

As duas últimas ocorrências foram confirmadas ontem à tarde. Policiais descobriram dois corpos enterrados na região da Papagaiva, no Norte da Ilha, após receberem um telefonema anônimo. Uma das vítimas é um homem que teria sido morto por um tiro na noite anterior. A polícia ainda busca detalhes sobre o outro corpo, mas a suspeita é de que a morte tenha ocorrido há mais tempo devido ao estado de decomposição.

Os corpos foram encontrados numa área de vegetação nos fundos da residência Bráulio Machado. Trata-se da mesma localidade onde a marista gabarita Daniela Scomte de Oliveira Soares foi assassinada na noite do Réveillon. Primeira vítima do ano, ela foi atingida por um tiro disparado por um adolescente envolvido com o tráfico de drogas. A morte da marista chocou o Estado e serviu de alerta sobre os novos padrões de violência praticados na Capital.

Na época, a região da Papagaiva virou centro de forte atuação policial, com sucessivas operações de combate ao tráfico e ao porte de armas. A presença do efetivo, no entanto, passou a ser menos notada na medida em que outras regiões de Florianópolis também demandaram maior atenção da polícia.

A Delegacia de Homicídios da Polícia Civil ainda não confirma a distribuição dos inquéritos por região, mas o acompanhamento da reportagem indica que a maioria dos casos se divide entre o Norte da Ilha e o bairro Monte Cidreira, na parte continental. A polícia atribui a onda de mortes ao conflito entre grupos rivais. Assim, o enfrentamento aos crimes tem sido marcado por operações e prisões de bandos armados.

— Sobre Florianópolis, quase na sua totalidade os homicídios têm relação ao consumo e tráfico de drogas. Nunca se agenciou essa tanta droga em relação ao mesmo pe-



Polícia encontrou dois homens enterrados em sepulcro na comunidade Papagaiva, local de morte da marista Daniela Scomte no dia 3º de janeiro

risado dos anos anteriores. Isso demonstra o aumento de tráfico e consumo, onde a rede de comércio armado para estabelecer a venda. Isso também é demonstrado pelo número de armas de fogo que apreendemos diariamente no Estado — afirma o comandante-geral da PM no Estado, coronel Paulo Henrique Hemm.

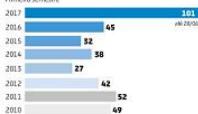
## NÚMERO DE ÓBITOS EM CONFLITO AUMENTA

Além de superar as próprias estatísticas, os mortos nos últimos seis meses em Florianópolis colocaram a cidade à frente de Joinville no ranking da violência. Lembrada pelos recortes negativos dos anos recentes, a cidade do Norte do Estado somou 77 casos até ontem. São, portanto, 24 mortes a menos do que a Capital.

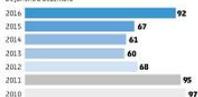
Outros municípios populosos do Estado, como Blumenau e Chapecó, não somam sequer a metade das ocorrências das duas maiores cidades. Uma fonte das estatísticas em Florianópolis também se refere aos confrontos entre policiais militares e suspeitos nos últimos meses. Ao menos oito mortes foram provocadas por policiais militares entre janeiro e junho. Desde 2011, pelo menos, a Capital não tinha tantas ocorrências em confronto em um primeiro semestre.

## MORTES VIOLENTAS

Primeiro semestre



De janeiro a dezembro



Fonte: Secretaria de Estatísticas e Análise Criminal (Sedac) da Secretaria de Polícia (Sedpol) e Inteligência (Sedint) da Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina

Comparação com as maiores cidades

17  
CHAPECÓ

21  
BLUMENAU

77  
JOINVILLE

101  
FLORIANÓPOLIS  
(até 28 de junho)